
intrínseca
Pequenos incêndios por toda parte
Celeste Ng
Autora de
TUDO O QUE NUNCA CONTEI

Pequenos incêndios por toda parte

CELESTE NG

TRADUÇÃO DE
JULIA SOBRAL CAMPOS



Copyright © Celeste Ng, 2017

TÍTULO ORIGINAL
Little Fires Everywhere

REVISÃO
André Marinho
Raphani Margiotta

DESIGN DE CAPA
Jaya Miceli

IMAGEM DE CAPA
Cortesia de Amy Bennett e Galleri Magnus Karlsson, Estocolmo

ADAPTAÇÃO
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK
SBD

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0313-1987

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Epígrafe

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Agradecimentos

Sobre a autora
Conheça outro título da autora
Leia também

Para aqueles que estão por aí, seguindo os próprios caminhos, causando pequenos incêndios

Ao adquirir um terreno no Setor Escolar, amplos acres nas propriedades Shaker Country ou uma das casas oferecidas pela empresa em uma variedade de bairros, você também desfrutará de espaços para jogar golfe e tênis, andar de bicicleta e de barco, encontrará escolas excepcionais, além de proteção eterna contra desvalorização e mudanças indesejadas.

— Anúncio da Van Sweringen Company, os criadores e desenvolvedores de Shaker Village

Porém, de certa forma, as pessoas de Shaker Heights são basicamente iguais às do restante dos Estados Unidos. Podem ter três ou quatro carros em vez de um ou dois e talvez tenham duas televisões em vez de uma, e quando uma moça de Shaker Heights se casa a festa provavelmente vai ser para oitocentas pessoas, com a banda Meyer Davis de Nova York como atração, em vez de uma festa para cem pessoas com uma banda local, mas todas essas são mais diferenças quantitativas do que diferenças fundamentais. "Somos pessoas amigáveis e nos divertimos muito!", disse há pouco tempo uma mulher no clube privado de Shaker Heights, e tinha razão, pois os moradores de Utopia parecem levar uma vida bem feliz.

— "A Vida Boa em Shaker Heights", *Cosmopolitan*, março de 1963

Um

Todo mundo em Shaker Heights só falava de um assunto naquele verão: como Isabelle, a última filha da família Richardson, havia perdido a cabeça e ateado fogo à casa. O boato durante toda a primavera girara em torno da pequena Mirabelle McCullough — ou, dependendo do lado em que a pessoa estava, May Ling Chow —, e agora, enfim, surgia algo novo e sensacional para se debater. Pouco depois do meio-dia daquela manhã de sábado, em maio, os clientes que empurravam seus carrinhos na Heinen's escutaram os motores uivantes dos carros de bombeiros que seguiam depressa em direção ao lago dos patos. Ao meio-dia e quinze, quatro carros de bombeiros já formavam uma fila vermelha e desordenada ao longo da Parkland Drive, onde os seis quartos da casa dos Richardson estavam em chamas, e todos no raio de um quilômetro viam a fumaça que se erguia acima das árvores feito uma nuvem de tempestade negra e densa. Mais tarde as pessoas diriam que tinham notado os sinais: Izzy era um pouco lunática, sempre houvera algo *estranho* na família Richardson, e assim que ouviram as sirenes naquela manhã *souberam* que alguma coisa terrível tinha acontecido. Àquela altura, é claro, Izzy já teria ido embora havia muito tempo, sem deixar ninguém para defendê-la, e as pessoas poderiam dizer o que quisessem… e o fariam. Mas, no instante em que os carros de bombeiros chegaram, e durante um bom tempo depois disso, ninguém sabia o que estava acontecendo. Vizinhos se amontoavam o mais perto possível da barreira improvisada — uma viatura de polícia estacionada transversalmente a algumas centenas de metros de distância — e observavam os bombeiros desenrolarem as mangueiras com as expressões sombrias de homens que reconheciam uma causa perdida. Do outro lado da rua, os gansos mergulhavam as cabeças no lago em busca de algas, nem um pouco comovidos.

A Sra. Richardson estava de pé no gramado, fechando o robe azul-claro. Embora já passasse do meio-dia, ela ainda estava dormindo quando os alarmes de fumaça dispararam. Tinha ido se deitar tarde, e dormira demais de propósito, dizendo a si mesma que merecia isso depois de um dia difícil. Na noite anterior, observara de uma das janelas do segundo andar a hora em que um carro finalmente estacionou diante da casa. A entrada para carros era comprida e circular, um arco profundo em forma de ferradura que ia da rua até a porta da frente e voltava, de um jeito que a rua ficava a cerca de cem metros de distância, longe demais para que ela a enxergasse direito. Além disso, em maio o dia já estava quase escuro às oito da noite. Mas ela reconheceu o pequeno Volkswagen marrom-claro da inquilina, Mia, com os faróis acesos. A porta do carona se abriu e uma pessoa magra saiu, deixando a porta entreaberta: era a filha adolescente de Mia, Pearl. A luz do teto iluminava o interior do carro, que estava cheio de malas. A Sra. Richardson

mal conseguiu distinguir o vago contorno da cabeça de Mia com um coque bagunçado no topo. Pearl se debruçou sobre a caixa de correio, e a Sra. Richardson imaginou o ruído discreto da caixa se abrindo e se fechando em seguida. Então Pearl voltou para o carro e fechou a porta. As luzes de freio vermelhas se acenderam, depois se apagaram, e o carro saiu em direção à noite crescente. Sentindo certo alívio, a Sra. Richardson foi até a caixa de correio e encontrou um molho de chaves preso por uma argola simples, sem qualquer bilhete. Havia planejado dar uma olhada de manhã na casa que alugava na rua Winslow, mesmo sabendo que elas não estariam mais lá.

Por isso tinha se permitido dormir até tarde. Agora era meio-dia e meia, e ela estava de pé no gramado, de robe e um par de tênis que pertencia ao seu filho Trip, observando a casa deles queimar. Ao acordar com o som agudo dos detectores de fumaça, ela correu por todos os quartos procurando por ele, por Lexie, por Moody. Depois se deu conta de que não havia procurado por Izzy, como se já soubesse que a culpa era dela. Todos os quartos estavam vazios, a não ser pelo cheiro de gasolina e por uma pequena fogueira ardendo bem no meio de cada cama, como se uma escoteira desvairada tivesse acampado lá. Quando terminou de olhar a sala de estar, a sala de visitas, a sala de jogos e a cozinha, a fumaça já havia começado a se espalhar, e ela finalmente saiu correndo. Lá fora ouviu as sirenes disparadas pelo sistema de segurança. Na entrada para carros, não encontrou o jipe de Trip, o Explorer de Lexie, a bicicleta de Moody, nem, é claro, o sedã do marido. Ele costumava ir ao escritório no sábado de manhã para adiantar algumas coisas. Alguém teria que ligar para o trabalho dele. Então ela se lembrou de que Lexie, graças a Deus, havia passado a noite na casa de Serena Wong. Onde será que Izzy estaria? E os meninos? E como ela os encontraria para contar o que havia acontecido?

* * *

Quando conseguiram apagar o fogo, apesar dos temores da Sra. Richardson, a casa não tinha virado pó. Todas as janelas haviam sido destruídas, mas a estrutura da casa de alvenaria resistira, úmida, enegrecida e fumegante, assim como a maior parte do telhado, cujas telhas escuras de ardósia brilhavam feito escamas de peixe devido ao banho recente que ganharam. Os Richardson não teriam permissão para entrar na casa enquanto os engenheiros do corpo de bombeiros não testassem cada uma das vigas que haviam sobrado, mas do gramado — o mais próximo que a fita amarela pedindo CUIDADO os deixava chegar — percebiam que havia pouca coisa lá dentro para resgatar.

— Meu Deus — exclamou Lexie.

Ela estava sentada no capô do carro estacionado do outro lado da rua, na grama que beirava o lago dos patos. Ela e Serena ainda dormiam, encolhidas de costas uma para a outra na cama *queen size* de Serena, quando a Dra. Wong sacudiu seu ombro, pouco depois de uma da tarde, sussurrando:

— Lexie. Lexie, querida. Acorde. Sua mãe ligou.

As meninas tinham ficado acordadas até as duas da manhã, conversando — como fizeram durante toda a primavera — sobre a pequena Mirabelle McCullough, debatendo se a decisão do juiz fora acertada ou não, se os novos pais deveriam ter ficado com a guarda ou se a menina deveria ter voltado para a mãe.

"O nome verdadeiro dela nem é Mirabelle McCullough, pelo amor de Deus", dissera Serena, por fim.

As duas ficaram em um silêncio emburrado e incômodo até dormirem.

Agora Lexie observava a fumaça se erguer acima da janela do seu quarto, o quarto da frente com vista para o gramado, e pensava em tudo o que havia lá dentro e fora destruído. Todas as camisetas na cômoda, todas as calças jeans no armário. Todos os bilhetes que Serena lhe escrevera desde o sexto ano, ainda amassados, que ela guardava dentro de uma caixa de sapatos debaixo da cama. A cama, os lençóis e o edredom carbonizados. O corsage de flores que Brian, seu namorado, lhe dera na volta às aulas pendurado para secar na penteadeira, as pétalas escurecidas, a cor que antes fora rubi transformada em vermelho-escuro feito sangue seco. Agora aquilo não passava de cinzas. Usando as roupas que havia levado para a casa de Serena, Lexie percebeu, de repente, que sua situação era melhor que a do restante da família: no banco de trás do carro havia uma malinha com calça jeans, escova de dentes, pijama. Olhou para seus irmãos, sua mãe ainda de robe no gramado de casa, e pensou: *Eles literalmente só têm a roupa do corpo.* "Literalmente" era uma das palavras preferidas de Lexie, e ela a usava mesmo quando a situação era tudo menos literal. Naquele caso, para variar, a palavra era mais ou menos apropriada.

Ao lado dela, Trip passou distraidamente a mão no cabelo. O sol estava a pino acima deles e o suor fazia seus cachos se destacarem de maneira bastante atraente. Estava jogando basquete no centro comunitário quando ouviu a sirene dos carros de bombeiros, mas não deu atenção (estava particularmente nervoso naquela manhã, mas a verdade era que não teria notado, de qualquer forma). Então, à uma da tarde, quando todos ficaram com fome e decidiram encerrar o jogo, ele voltou para casa de carro. Como lhe era tão peculiar, mesmo com as janelas abertas Trip não tinha percebido a imensa nuvem de fumaça vindo em sua direção, e só começou a desconfiar que havia algo errado quando encontrou sua rua fechada por uma viatura da polícia. Após dez minutos argumentando, ele enfim foi autorizado a estacionar o jipe diante de casa, onde Lexie e Moody já aguardavam. Os três estavam sentados em ordem em cima do carro, como em todos os retratos de família que ficavam pendurados na parede ao lado da escada, mas que tinham virado pó. Lexie, Trip, Moody: terceiro, segundo e primeiro ano do ensino médio, respectivamente. Ao lado deles, sentiam o vazio deixado por Izzy, a estudante do nono ano, a ovelha negra, a imprevisível — embora todos ainda tivessem certeza de que o vazio seria passageiro.

— O que deu nela? — resmungou Moody.

— Até *ela* sabe que foi longe demais dessa vez, por isso fugiu — disse Lexie. — Quando

voltar, mamãe vai matar ela.

— Onde vamos ficar? — indagou Trip.

O silêncio se prolongou enquanto contemplavam a situação.

— Vamos para um quarto de hotel ou alguma coisa assim — falou Lexie, por fim. — Acho que foi o que a família de Josh Trammell fez.

Todos conheciam a história: alguns anos antes, Josh Trammell, aluno do segundo ano, tinha dormido com a vela acesa e causado um incêndio na casa dos pais. O boato na escola era de que, na verdade, não tinha sido uma vela, mas um baseado. Contudo, a casa ficara tão destruída que não havia como saber, e Josh se mantivera fiel à história da vela. Todo mundo ainda pensava nele como *o atleta otário que tinha tacado fogo na própria casa*, embora o episódio tivesse acontecido anos atrás e recentemente Josh tivesse se formado com louvor na Universidade Estadual de Ohio. Agora, é claro, o incêndio de Josh Trammell já não seria o mais famoso de Shaker Heights.

— Um quarto de hotel? Para todos nós?

— Sei lá. Dois quartos. Ou podemos ficar no Embassy Suites. Não sei.

Lexie tamborilou os dedos no joelho. Queria um cigarro, mas depois do que acontecera — e bem na frente da mãe e de dez bombeiros — não ousaria acender um.

— Mamãe e papai vão dar um jeito. E tem o seguro.

Embora ela só tivesse uma ideia vaga de como os seguros funcionavam, aquilo parecia plausível. De qualquer maneira, era um problema para os adultos, não para eles.

Os últimos bombeiros tiravam as máscaras do rosto ao saírem da casa. A maior parte da fumaça sumira, mas o ambiente continuava abafado, feito o banheiro depois de um banho quente e demorado. O teto do carro começava a ficar quente, e Trip estendeu as pernas por cima do para-brisas, cutucando os limpadores com a ponta do chinelo. Então, começou a rir.

— Qual é a graça? — perguntou Lexie.

— Estou imaginando Izzy correndo por aí, acendendo fósforos pela casa. — Ele bufou. — Que doida.

Moody tamborilou um dedo no rack do teto do carro.

— Por que todo mundo tem tanta certeza de que foi ela?

— Espera aí. — Trip desceu do carro com um pulo. — É a *Izzy*. E estamos todos aqui. Mamãe está aqui. Papai está a caminho. Quem falta?

— E daí que ela não está aqui? Só por isso é a única que pode ser responsável?

— *Responsável*? — interveio Lexie. — Izzy?

— Papai estava no trabalho — disse Trip. — Lexie, na casa da Serena. Eu estava em Sussex jogando bola. Você?

Moody hesitou.

— Fui de bicicleta para a biblioteca.

— Pronto. Está vendo? — Para Trip, a resposta era óbvia. — As únicas pessoas presentes eram Izzy e mamãe. E mamãe estava dormindo.

— A fiação da casa pode ter entrado em curto-circuito. Ou alguém pode ter deixado o forno ligado.

— Os bombeiros disseram que havia pequenos incêndios por toda parte — afirmou Lexie. — Vários pontos de origem. Possível uso de combustível. Não foi um acidente.

— A gente sabe que ela sempre foi louca— comentou Trip, apoiando as costas na porta do carro.

— Vocês vivem implicando com ela — disse Moody. — Talvez seja por isso que ela age como *louca*.

Do outro lado da rua, os carros de bombeiros começaram a recolher as mangueiras. Os três filhos restantes da família Richardson observaram os bombeiros largarem os machados e tirarem os casacos amarelos enfumaçados.

— Alguém deveria fazer companhia para mamãe — sugeriu Lexie, mas ninguém se mexeu.

Após um minuto, Trip disse:

— Quando mamãe e papai encontrarem Iz, vão interná-la em um hospital psiquiátrico pelo resto da vida.

Ninguém pensou na partida recente de Mia e Pearl da casa na rua Winslow. Enquanto observava o chefe dos bombeiros fazer anotações meticulosas na prancheta, a Sra. Richardson esquecera completamente as antigas inquilinas. Ainda não tinha contado para o marido nem para os filhos. Moody só descobrira a ausência delas naquela manhã, e ainda não sabia o que pensar sobre o assunto. Mais adiante na rua Parkland Drive, o pontinho azul do BMW do pai começava a se aproximar.

— Como você tem tanta certeza de que vão encontrá-la? — perguntou Moody.

Dois

No último mês de junho, quando Mia e Pearl se mudaram para a pequena casa na rua Winslow, nem a Sra. Richardson (que, tecnicamente, era a dona da casa) nem o Sr. Richardson (que entregara as chaves) prestaram muita atenção a elas. Sabiam que não havia um Sr. Warren, e que Mia tinha trinta e seis anos, segundo a carteira de motorista de Michigan que ela havia mostrado. Notaram que não usava aliança na mão esquerda, embora tivesse muitos outros anéis: uma grande ametista no indicador, um anel feito com o cabo de uma colher de prata no mindinho, e outro no polegar, que, para a Sra. Richardson, lembrava muito um anel do humor. Mas ela parecia simpática, assim como a filha, Pearl, uma jovem calada de quinze anos que usava uma escura trança comprida. Mia pagara com uma pilha de notas de vinte dólares o aluguel do primeiro e do último mês, e também o depósito de garantia, então o Volkswagen Rabbit marrom-claro — já em péssimo estado, mesmo naquela época — se afastou ruidosamente pela Parkland Drive, em direção à extremidade sul de Shaker, onde as casas eram mais próximas umas das outras e os jardins, menores.

A rua Winslow era formada por uma longa fileira de casas separadas em dois apartamentos, mas não tinha como saber disso ao olhar da calçada. De fora, só dava para ver a porta de entrada, a luz, a caixa de correio e o número da casa. Talvez fosse possível ver os dois medidores de energia, que — de acordo com a lei municipal — ficavam escondidos nos fundos da casa, na garagem. Só quem entrava via as duas portas internas, uma que levava ao apartamento de cima e outra, ao térreo, além do porão compartilhado. Todas as casas na rua Winslow abrigavam duas famílias, porém, de fora, parecia haver apenas uma. Tinham sido projetadas intencionalmente daquela forma. Isso permitia que os moradores evitassem a vergonha de morar em uma casa com dois apartamentos — de serem inquilinos em vez de proprietários — e que os urbanistas preservassem a aparência da rua, afinal todos sabiam que bairros com casas alugadas eram menos atraentes.

Shaker Heights era assim. Havia regras, muitas regras sobre o que se podia ou não fazer, como Mia e Pearl começaram a descobrir ao se instalarem no novo lar. Aprenderam a escrever seu novo endereço: rua Winslow, 18434, segundo andar. As duas palavrinhas garantiam que a correspondência fosse parar no apartamento delas, e não com o Sr. Yang lá embaixo. Descobriram que a pequena faixa de grama entre a calçada e a rua era chamada de *gramado da árvore* — por causa do jovem bordo da Noruega que enfeitava cada casa — e que não se arrastavam latas de lixo até ali na sexta-feira de manhã; elas eram deixadas nos fundos da casa, para evitar o espetáculo desagradável do lixo se amontoando na rua. Grandes lambretas

pilotadas por homens de uniforme laranja passavam velozes atrás de cada casa para buscar o lixo na privacidade do jardim dos fundos, levando-o até o caminhão que aguardava na rua; durante meses, Mia se lembraria da primeira sexta-feira que passaram na rua Winslow, do medo que sentira quando a lambreta, feito um potente carrinho de golfe cor de fogo, passou a mil diante da cozinha com o motor roncando. Acabaram se acostumando, assim como se acostumaram com a garagem anexa — que ficava nos fundos da casa para, mais uma vez, preservar a vista da rua — e aprenderam a carregar consigo um guarda-chuva para não se molharem ao correrem do carro até a casa em dias chuvosos. Um tempo depois, em julho, quando o Sr. Yang viajou por duas semanas para visitar a mãe em Hong Kong, elas descobriram que um gramado não aparado acarretaria em uma carta educada, porém firme, da prefeitura indicando que a grama delas estava com mais de quinze centímetros de altura e que, se a situação não fosse regularizada, iriam aparar a grama — e cobrar cem dólares — dali a três dias. Havia muitas regras a aprender.

E havia muitas outras regras de que Mia e Pearl só ficariam sabendo bem mais tarde. As regras que ditavam as cores nas quais as casas podiam ser pintadas, por exemplo. Um gráfico muito útil da prefeitura categorizava cada casa como de estilo Tudor, inglês ou francês e indicava as cores adequadas tanto para os arquitetos quanto para os proprietários. Casas "de estilo inglês" só podiam ser pintadas de azul-ardósia, verde-musgo ou com certa tonalidade de marrom-claro, para garantir a harmonia estética em cada rua; casas de estilo Tudor precisavam de um tom de creme específico no gesso e determinado tom de marrom-escuro nas vigas de madeira. Em Shaker Heights existia um plano para tudo. Quando a cidade fora projetada em 1912 — uma das primeiras comunidades planejadas do país —, as escolas haviam sido situadas de forma que todas as crianças pudessem ir a pé sem atravessar nenhuma rua principal. Ruas laterais terminavam em grandes avenidas, com pontos de transporte público estrategicamente localizados para quem fosse pegar a balsa até o centro de Cleveland. Aliás, o lema da cidade era — *literalmente*, diria Lexie — "A maioria das comunidades simplesmente surge; as melhores são planejadas": a filosofia implícita era que tudo podia e devia ser programado, e com isso evitava-se o impróprio, o desagradável e o desastroso.

Mas também havia outras coisas — mais acolhedoras, aliás — a serem descobertas nas primeiras semanas. Enquanto limpavam, pintavam e desfaziam as malas, elas aprenderam os nomes das ruas ao redor: Winchell, Latimore, Lynnfield. Aprenderam a circular pelo supermercado local, o Heinen's, e Mia dizia que as pessoas lá eram tratadas como aristocratas. Em vez de levar o carrinho até o estacionamento, um rapaz usando uma camisa bem passada de popelina pendurava um número no carrinho e lhe entregava um papel vermelho e branco com o mesmo número. Então você colocava o papel na janela do carro e dirigia até a frente do mercado, onde outro rapaz levava suas compras no carrinho até você e as organizava cuidadosamente no porta-malas, recusando-se a aceitar gorjeta.

Descobriram onde era o posto de gasolina mais barato: na esquina das ruas Lomond e Lee, sempre um centavo a menos do que em qualquer outro lugar; onde ficavam as farmácias e quais delas davam cupons duplos. Descobriram que ali perto, em Cleveland Heights, Warrensville e

Beachwood, os moradores deixavam na calçada os pertences que não queriam mais, como pessoas normais faziam, e aprenderam os dias em que o lixo era recolhido em certas ruas. Descobriram onde comprar martelo, chave de fenda, lata de tinta e pincel: podia ser encontrado de tudo na loja de ferragens Shaker Hardware, mas só entre nove e meia da manhã e seis da tarde, horário em que o dono mandava os funcionários para casa jantar.

E, para Pearl, houve a descoberta dos proprietários e dos filhos da família Richardson.

Moody foi o primeiro da família a se aventurar a ir até a casinha na rua Winslow. Ouvira a mãe descrevendo as novas inquilinas para o pai.

"Ela é artista", dissera a Sra. Richardson, e quando o Sr. Richardson perguntou de qual tipo, ela respondeu, brincando: "Do tipo que tem dificuldades financeiras. Mas tudo bem", assegurara ao marido. "Ela me deu um depósito de garantia."

"Isso não quer dizer que vai pagar o aluguel", retrucara o Sr. Richardson.

Mas ambos sabiam que o aluguel, de apenas trezentos dólares por mês para o apartamento de cima, não importava, afinal não precisavam daquele dinheiro para viver.

O Sr. Richardson era advogado de defesa, e sua esposa trabalhava para o jornal local, o *Sun Press*. A casa na rua Winslow era deles, pois os pais da Sra. Richardson a haviam comprado como investimento quando ela era adolescente. O aluguel tinha custeado parte de seus estudos na Universidade de Denison, em seguida se tornou uma "ajuda" mensal — como dizia sua mãe — quando ela começou a trabalhar como repórter. Então, depois que se casou com Bill Richardson e se tornou a Sra. Richardson, o aluguel ajudou a completar o valor que deram de entrada em sua bela casa própria em Shaker, a mesma casa na Parkland que anos depois ela veria queimar. Quando os pais da Sra. Richardson morreram, cinco anos antes e com meses de intervalo entre um e outro, ela herdou a casa da rua Winslow. À época, seus pais estavam morando em um asilo havia algum tempo, e a casa onde ela crescera já tinha sido vendida. Mas eles haviam mantido a casa na rua Winslow, cujo aluguel pagava o asilo, e a Sra. Richardson resolveu não se desfazer dela pelo valor sentimental.

Não, não era o dinheiro que importava. O aluguel — quinhentos dólares, no total — era depositado todo mês no fundo de férias dos Richardson, e, no ano anterior, tinha pagado a viagem a Martha's Vineyard, onde Lexie aperfeiçoara seu nado de costas, Trip encantara todas as moças locais, Moody descascara após se queimar ao sol e Izzy finalmente concordara em ir à praia, mas vestida da cabeça aos pés, com botas Doc Marten, e fuzilando todos com o olhar. Mas a verdade era que, mesmo sem o aluguel, tinham dinheiro de sobra para as férias. Como não *precisavam* daquilo, que importava para a Sra. Richardson era o *tipo* de inquilino. Ela queria sentir que estava fazendo algo de bom com a casa. Seus pais a haviam educado para ser uma pessoa caridosa — eles faziam doações anuais para a Humane Society e para o Unicef e sempre compareciam aos eventos beneficentes locais, inclusive tinham ganhado um urso de pelúcia de um metro de altura no leilão silencioso do Rotary Club. A Sra. Richardson considerava a casa uma espécie de caridade. Mantinha o aluguel barato — os preços imobiliários em Cleveland eram baixos, mas apartamentos em bairros bons, como Shaker, podiam ser bem onerosos — e

só alugava a casa para pessoas que considerava merecedoras, mas que, por algum motivo, não tiveram uma chance justa na vida. Ela ficava feliz em poder equilibrar as coisas.

O Sr. Yang foi o primeiro inquilino que ela aceitou depois de herdar a casa. Ele era um imigrante de Hong Kong que se mudara para os Estados Unidos sem conhecer ninguém e falando um inglês mediano com forte sotaque. O sotaque diminuiu pouco ao longo dos anos e, quando os dois conversavam, muitas vezes a Sra. Richardson se contentava em balançar a cabeça e sorrir. Mas ela sentia que o Sr. Yang era um homem bom; era muito esforçado, trabalhava como motorista do ônibus escolar da Laurel Academy, uma escola particular para meninas ali perto, e também como faz-tudo. Morando sozinho com um salário modesto, nunca poderia viver em um bairro tão agradável como aquele. Teria ido parar em uma quitinete minúscula e cinzenta perto da rua Buckeye, ou, mais provável, no triângulo feio do leste de Cleveland que se passava por Chinatown, onde os aluguéis eram suspeitamente baixos, a metade dos prédios estava abandonada e sirenes soavam pelo menos uma vez a cada noite. Além disso, o Sr. Yang deixava a casa impecável: consertava vazamentos, remendava o concreto da fachada e transformava o minúsculo gramado dos fundos em um jardim exuberante. Todo verão, dava melões chineses para a Sra. Richardson que ele mesmo cultivava, como se fosse o pagamento de um imposto, e, embora ela não tivesse ideia do que fazer com eles — eram verde-esmeralda, rugosos e estranhamente peludos —, reconhecia a consideração. O Sr. Yang era bem o tipo de inquilino que a Sra. Richardson queria: uma pessoa gentil com quem ela também podia ser gentil, e que ficaria grata por essa gentileza.

Contudo, não tivera tanta sorte com o apartamento de cima. Aquele andar tivera um inquilino diferente a cada ano, mais ou menos: uma violoncelista que havia acabado de ser contratada para dar aulas no Instituto de Música; uma divorciada de quarenta e poucos anos; jovens recém-casados que haviam se formado recentemente na Universidade Estadual de Cleveland. Cada um tinha merecido uma pequena ajuda, como ela passara a chamar. Mas nenhum permanecera lá por muito tempo. A violoncelista, não tendo conseguido a vaga principal na Orquestra de Cleveland, saiu amargurada da cidade. A divorciada casou-se outra vez após um romance turbulento de quatro meses e mudou-se com o novo marido para uma mansão novinha em Lakewood. E o jovem casal, que parecera tão genuíno, devotado e apaixonado, tivera uma briga irreparável, e o casamento acabara depois de meros dezoito meses, rompendo o contrato de locação e deixando para trás alguns vasos quebrados e três rachaduras na parede, na altura da cabeça, onde os vasos haviam sido jogados.

Era uma lição, concluíra a Sra. Richardson. Passaria a ser mais cuidadosa. Pediu ao Sr. Yang que remendasse o gesso e demorou a encontrar um novo inquilino, do tipo certo de inquilino. O endereço da rua Winslow, 18434, segundo andar, ficou vazio durante quase seis meses até que Mia Warren e sua filha apareceram. Uma mãe solteira, articulada, artística, criando uma filha bem-educada, bonita e possivelmente brilhante.

— Ouvi dizer que as escolas de Shaker são as melhores de Cleveland — disse Mia quando a Sra. Richardson perguntou por que as duas tinham ido para lá. — Pearl já está estudando

matérias de nível universitário, mas não tenho condições de pagar uma escola particular.

Ela olhou para Pearl, que estava parada em silêncio na sala vazia do apartamento, unindo as mãos na frente do corpo, e a menina deu um sorriso tímido. Algo naquele olhar entre mãe e filha prendeu o coração da Sra. Richardson feito uma rede de caçar borboletas. Ela assegurou Mia que, sim, as escolas de Shaker eram excelentes. Pearl poderia se inscrever em aulas avançadas em todas as matérias; eles tinham laboratórios científicos, um planetário e aulas de cinco idiomas diferentes.

— Lá tem um ótimo programa de teatro, se ela tiver interesse — acrescentou. — No ano passado, minha filha Lexie interpretou Helena em *Sonho de uma noite de verão*.

Ela citou o lema das escolas de Shaker: *Uma comunidade é conhecida pelas escolas que tem*. Os impostos imobiliários em Shaker eram mais altos do que em qualquer outro lugar, no entanto os moradores viam os frutos.

— Mas você está alugando, então vai ter todos os benefícios sem qualquer fardo — acrescentou ela, rindo.

Entregou um formulário para Mia, mas já tinha se decidido. Sentiu uma satisfação imensa ao imaginar a mulher e a filha se instalando no apartamento, Pearl fazendo o dever de casa na mesa da cozinha, Mia talvez pintando ou esculpindo — não tinha mencionado o suporte exato com que trabalhava — na varanda com vista para o jardim.

Quando ouviu a mãe descrever as novas inquilinas, Moody ficou intrigado, não tanto com a artista como quanto com a menção da filha "brilhante" da mesma idade que ele. Alguns dias após a mudança de Mia e Pearl, a curiosidade venceu. Como sempre, pegou a bicicleta, uma velha Schwinn sem marcha que havia sido do seu pai muito tempo atrás, em Indiana. Não se andava de bicicleta em Shaker Heights, assim como não se pegava ônibus: ou a pessoa dirigia ou alguém a levava de carro. Era uma cidade feita para carros e para quem tinha carro. Moody ia de bicicleta. Só faria dezesseis anos no fim do ano, e sempre que possível evitava pedir que Lexie ou Trip o levassem para onde quer que fosse.

Ele saiu e fez a curva da rua Parkland Drive, passou pelo lago dos patos, onde nunca tinha visto um pato, apenas bandos de grandes e atrevidos gansos-do-canadá; atravessou a avenida Van Aken e as pistas de trânsito expressas até a rua Winslow. Não costumava ir até lá — nenhum dos filhos se envolvia muito com a casa alugada —, mas sabia onde era. Algumas vezes, quando era mais novo, ele ficara no carro com o motor ligado, diante da casa, olhando fixamente para o pessegueiro do jardim e trocando as estações de rádio enquanto a mãe entrava correndo para deixar algo lá ou dar uma olhada em alguma coisa. Não acontecia com frequência. Na maioria das vezes, a não ser quando sua mãe estava procurando inquilinos, a casa se administrava sozinha. Ele se deu conta, então, enquanto as rodas da bicicleta passavam sobre as juntas entre as grandes placas de arenito de que eram feitas as calçadas, que nunca havia entrado lá. Não sabia se algum dos irmãos já entrara.

Diante da casa, Pearl arrumava com cuidado as peças de uma cama de madeira no gramado da frente. Moody desacelerou até parar do outro lado da rua, quando viu uma menina magra

com uma saia longa e amassada e uma camiseta larga com dizeres que ele não conseguiu ler. Seu cabelo era comprido e ondulado, e estava preso em uma trança grossa que descia por suas costas, dando a impressão de querer se libertar. Ela deitara a cabeceira da cama junto dos canteiros de flores que rodeavam a casa, com as laterais embaixo e as tábuas em ambos os lados em fileiras ordenadas, feito costelas. Era como se a cama tivesse respirado fundo e depois se deitado graciosamente na grama. Moody observou, meio escondido atrás de uma árvore, Pearl se aproximar do carro com as portas escancaradas e tirar a cabeceira do banco de trás. Ele se perguntou que tipo de Tetris as duas haviam feito para encaixar todas as peças da cama em um carro tão pequeno. Ela atravessava o gramado descalça para colocar a cabeceira no lugar. Então, deixando Moody um pouco confuso, ela entrou no retângulo vazio no meio onde ficaria o colchão e deitou-se de costas.

No segundo andar da casa, uma janela se abriu com um ruído e a cabeça de Mia apareceu.

— Está tudo aí?

— Estão faltando duas tábuas — respondeu Pearl.

— Vamos arranjar outras. Não, espere, fique aí. Não se mexa.

A cabeça de Mia desapareceu outra vez. Um instante depois, ela surgiu outra vez com uma câmera na mão, uma câmera de verdade, com uma lente grossa feito uma lata de alumínio grande. Pearl ficou onde estava, olhando para o céu meio encoberto, e Mia debruçou-se quase até a cintura, em busca da foto perfeita. Moody prendeu a respiração, com medo de que a câmera caísse das mãos dela no rosto confiante da filha virado para cima, ou que ela própria caísse do peitoril e desabasse na grama. Nada disso aconteceu. A cabeça de Mia se inclinava de um lado para outro, enquadrando a cena no visor. A câmera escondia seu rosto, escondia tudo exceto seu cabelo, preso em um coque crespo no alto da cabeça feito um halo escuro. Mais tarde, quando Moody viu o resultado das fotos, a princípio pensou que Pearl parecia um fóssil delicado, algo que passara milênios preso no esqueleto da barriga de alguma criatura pré-histórica. Então percebeu que ela parecia um anjo descansando com as asas abertas. Após um instante, ela simplesmente lhe pareceu uma menina adormecida em uma exuberante cama verde, aguardando que o amante se deitasse ao seu lado.

— Pronto — disse Mia. — Consegui.

Ela voltou para dentro. Pearl se sentou, olhando para o outro lado da rua, diretamente para Moody, e o coração dele acelerou.

— Quer ajudar? — perguntou ela. — Ou vai ficar aí parado?

Depois Moody não se lembraria de ter atravessado a rua e deixado a bicicleta na entrada ou de ter se apresentado. Assim, teria a impressão de que sempre soubera o nome dela e de que ela sempre soubera o dele, como se, de alguma forma, ele e Pearl se conhecessem desde sempre.

Os dois carregaram juntos as peças da cama pela escada estreita. A sala estava vazia, com exceção de uma pilha de caixas no canto e uma grande almofada vermelha no meio do chão.

— Por aqui.

Pearl ergueu mais um pouco as tábuas que carregava e guiou Moody em direção ao quarto

maior, com apenas um colchão de casal desbotado, porém limpo, apoiado na parede.

— Aqui — disse Mia, colocando uma caixa de ferramentas aos pés de Pearl. — Vai precisar disso.

Sorriu para Moody, como se ele fosse um velho amigo.

— Me chamem se precisarem de ajuda.

Então ela saiu pelo corredor, e dali a um instante eles ouviram o barulho abafado de uma caixa sendo rasgada.

Pearl manuseava as ferramentas de maneira experiente, levantando os painéis laterais para colocá-los no lugar certo na cabeceira, sustentando-os com um tornozelo enquanto os aparafusava. Moody ficou sentado do lado da caixa de ferramentas e observou-a com uma admiração crescente. Na casa dele, se algo quebrava, sua mãe chamava alguém para consertar — o fogão, a máquina de lavar, o triturador —, e quase todo o resto era descartado e substituído. A cada três ou quatro anos, ou quando as molas começavam a afrouxar, sua mãe escolhia novos móveis para a sala, enquanto os antigos passavam para a sala de jogos no porão, e o conjunto ainda mais antigo da sala de jogos era doado para o lar de jovens em West Side ou para o abrigo de mulheres no centro da cidade. Seu pai não mexia no carro na garagem; quando ouvia ruídos de peças soltas ou apitando, ele o levava ao Lusty Wrench, onde Luther cuidava de todos os carros que os Richardson tiveram nos últimos vinte anos. Moody se deu conta de que a única vez que usara ferramentas fora no ateliê, no oitavo ano: haviam sido separados em grupos, um que media, um que serrava e outro que lixava, e no fim do semestre todos tinham aparafusado cuidadosamente as peças para montar uma caixinha de balas que liberava três Skittles toda vez que alguém puxava a alavanca. Trip fizera uma idêntica no ateliê do ano anterior, Lexie fizera uma idêntica no seu ano e Izzy faria mais uma no ano seguinte, e, apesar do semestre inteiro dedicado ao ateliê, apesar das quatro caixinhas de bala idênticas guardadas em algum lugar da casa, Moody não tinha ideia se um dos Richardson sabia fazer algo além de usar uma chave de fenda.

— Como você aprendeu a fazer tudo isso? — perguntou, entregando mais uma tábua a Pearl.

A menina encolheu os ombros.

— Com a minha mãe — respondeu, mantendo a tábua no lugar com uma das mãos e pegando um parafuso da pilha no tapete com a outra.

Montada, a cama revelou-se uma peça antiga com entalhes, daquelas em que Cachinhos Dourados dormiria.

— Onde você comprou essa cama?

Moody colocou o colchão no lugar e quicou em cima para testar.

Pearl devolveu a chave de fenda à caixa de ferramentas e a fechou.

— A gente achou.

Ela se sentou na cama, as costas na cabeceira, as pernas estendidas no colchão, olhando para o teto, como se a testasse. Moody sentou-se na beirada da cama, aos pés de Pearl. Havia grama

grudada em seus dedos dos pés, em suas panturrilhas e na barra da saia. A menina tinha cheiro de ar fresco e xampu de menta.

— Este é o *meu quarto* — apresentou Pearl de repente, e Moody ficou de pé outra vez.

— Desculpe — disse ele, as bochechas corando.

Pearl ergueu os olhos, como se por um instante tivesse esquecido que ele estava ali.

— Ah — falou. — Não foi isso que eu quis dizer.

Ela pegou um tufo de grama de entre os dedos do pé e o jogou longe, então os dois o viram cair no carpete. Quando voltou a falar, sua voz tinha um tom de fascínio:

— Eu nunca tive um quarto só para mim.

Moody refletiu sobre aquele comentário.

— Quer dizer que sempre teve que dividir?

Ele tentou imaginar um mundo em que aquilo fosse possível. Tentou se imaginar dividindo um quarto com Trip, que espalhava meias sujas e revistas esportivas no chão, cuja primeira providência ao chegar em casa era ligar o rádio — sempre na estação "Jammin" 92.3 —, como se sem aquela batida inútil do baixo seu coração fosse parar. Quando saíam de férias, os Richardson sempre reservavam três quartos: um para o Sr. e a Sra. Richardson, um para Lexie e Izzy, um para Trip e Moody — e, no café da manhã, Trip caçoava de Moody, porque ele às vezes falava dormindo. Pearl e a mãe já tinham dividido um quarto... Moody mal acreditava que as pessoas pudessem ser tão pobres.

Pearl fez que sim com a cabeça.

— A gente nunca teve uma casa só nossa — disse ela, e Moody controlou o impulso de dizer que aquilo não era uma casa, apenas meia casa.

Ela acompanhou as reentrâncias do colchão com a ponta do dedo, contornando cada botão.

Enquanto a observava, Moody desconhecia muitas das coisas de que ela se lembrava: o fogão problemático em Urbana, que elas tinham de acender com fósforo; o quinto andar sem elevador em Middlebury; o jardim repleto de ervas daninhas em Ocala; o apartamento enfumaçado em Muncie, onde o inquilino anterior deixava o coelho de estimação correr pela sala, portanto havia buracos roídos e diversas manchas duvidosas; a sublocação em Ann Arbor, anos antes, de onde ela mais detestara sair, porque as pessoas que haviam morado lá tinham uma filha apenas um ou dois anos mais velha que ela, e todos os dias durante os seis meses que passou ali com a mãe Pearl brincou com a coleção de cavalinhos da menina sortuda, sentou-se na poltrona infantil, deitou-se na cama de dossel branco-fosco, e, às vezes, no meio da noite, enquanto a mãe dormia, ela acendia a luz da cabeceira e abria o armário para experimentar os vestidos e sapatos, embora tudo ficasse grande demais nela. Havia fotos da garota por toda a casa — na cornija, nas mesas de canto da sala, e na escadaria havia um lindo e grande retrato feito em estúdio da menina com a mão no queixo — e com muita facilidade Pearl fingira que aquela era sua casa, que eram suas coisas, seu quarto, sua vida. Quando o casal e a filha voltaram do ano sabático, Pearl nem conseguiu olhar para a menina magra, bronzeada e agora alta demais para aqueles vestidos no armário. Ela chorara durante todo o caminho até Lafayette, onde mãe e filha

permaneceriam pelos oito meses seguintes, e nem o cavalo Palomino de porcelana que ela roubara da coleção da menina lhe servira de consolo, porque, embora ela tivesse ficado nervosa, nunca recebera qualquer reclamação sobre a perda. E o que podia ser menos prazeroso do que roubar de uma pessoa tão afortunada que nem desse falta do que você tinha roubado? Sua mãe devia ter percebido, porque elas nunca mais sublocaram nada. Pearl também não reclamou, depois de descobrir que preferia um apartamento vazio a um cheio de coisas de outra pessoa.

— A gente se muda muito. Sempre que minha mãe fica agitada.

Ela olhou fixamente para ele, de forma quase raivosa, e Moody notou que seus olhos, que ele acreditara ser cor de mel, eram de um tom escuro de verde-esmeralda. Naquele instante, Moody entendeu o que já tinha acontecido naquela manhã: sua vida havia sido dividida entre antes e depois, e ele sempre compararia as duas fases.

— O que vai fazer amanhã? — perguntou ele.

Três

Para Moody, as semanas seguintes foram uma série de amanhãs. Os dois foram até Fernway, a antiga escola primária dele, onde subiram no escorregador, deslizaram por um mastro e se desequilibraram da passarela, caindo nas tábuas de madeira do chão. Moody levou Pearl ao Draeger's para tomarem sundaes com calda quente. No lago Horseshoe, escalaram árvores feito crianças, jogando pedaços de pão velho para os patos que nadavam. Na Yours Truly, a lanchonete local, sentaram-se nos bancos compridos de madeira de encosto alto e comeram batatas fritas com queijo e bacon, e colocaram moedas no jukebox para ouvir "Great Balls of Fire" e "Hey Jude"..

— Me leve para ver os Shakers, aquele pessoal da seita religiosa — sugeriu Pearl certo dia, e Moody riu.

— Não existem Shakers em Shaker Heights — disse ele. — Todos morreram. Não acreditavam em sexo. Só batizaram a cidade com o nome deles.

Em parte, Moody tinha razão, embora nem ele nem a maioria dos jovens da cidade soubesse muita coisa a respeito da história. Os Shakers tinham de fato deixado a terra que se tornaria Shaker Heights havia muito tempo, e, no verão de 1997, restavam exatamente doze no mundo. Mas Shaker Heights fora fundada, se não com base nos princípios Shaker, ao menos com a ideia de criar uma utopia. A ordem — e a regulação, mãe da ordem — havia sido a chave dos Shakers para a harmonia. Regulavam tudo: a hora certa para acordar de manhã, a cor certa para as cortinas da janela, o comprimento certo de cabelo para os homens, a maneira certa de unir as mãos em oração (polegar direito em cima do esquerdo). Os Shakers acreditavam que se planejassem tudo poderiam criar um paraíso na Terra, um pequeno refúgio, e os fundadores de Shaker Heights pensavam a mesma coisa. Nas propagandas, retratavam Shaker Heights em meio às nuvens, olhando, do alto de uma montanha situada na extremidade de um arco-íris, a cidade suja de Cleveland. Perfeição: este era o objetivo, e talvez os Shakers o tivessem vivido com tanta intensidade que aquilo havia se infiltrado no próprio solo do lugar, alimentando quem crescia ali com uma tendência à superação e uma grande intolerância por defeitos. Até mesmo os adolescentes de Shaker Heights — que só se expunham aos Shakers ao cantar "Simple Gifts" na aula de música — sentiam, ainda no ar, a atração exercida pela perfeição.

À medida que Pearl aprendia sobre sua nova cidade, Moody descobria mais sobre a arte de Mia e as complexidades e os caprichos das finanças da família Warren.

Moody nunca tinha pensado muito em dinheiro, porque nunca havia sido necessário. As luzes se acendiam quando ele ligava o interruptor, a água saía quando ele girava a torneira. Comidas

surgiam na geladeira em intervalos regulares e reapareciam à mesa na forma de refeições prontas. Ele recebia mesada toda semana desde os dez anos, começando com cinco dólares por semana e aumentando regularmente com a inflação e a idade até os vinte dólares atuais. Com isso e os cartões de aniversário que recebia de tias e parentes, cada um com uma nota dobrada, ele tinha o suficiente para comprar um livro usado na Mac's Backs, ou quem sabe um CD, ou novas cordas para o violão, o que precisasse.

Mia e Pearl compravam o máximo possível de coisas usadas — ou, melhor ainda, conseguiam de graça. Em poucas semanas, as duas já sabiam onde ficava cada uma das lojas do Exército da Salvação, de São Vicente de Paula e da Legião da Boa Vontade na grande área de Cleveland. Na semana de sua chegada, Mia tinha conseguido um emprego no Lucky Palace, um restaurante chinês local. Durante várias tardes e noites por semana, ela anotava e empacotava os pedidos de entrega no balcão. As duas logo descobriram que, para jantar fora, todos em Shaker preferiam o Pérola do Oriente, a alguns quarteirões dali, mas o Lucky Palace era bom nas entregas. Além do que Mia ganhava por hora de trabalho, os garçons lhe davam parte das gorjetas, e, quando sobrava comida, ela levava para casa — arroz um pouco velho, restos de porco com molho agridoce, legumes levemente passados —, o que sustentava ela e Pearl durante a maior parte da semana. As duas tinham muito pouco, mas isso não era tão evidente assim: Mia era boa em reutilizar. *Lo mein*, sem o molho, era coberto com ragu numa noite; reaquecido e depois coberto com bife com molho de laranja em outra. Lençóis velhos, que custam vinte e cinco centavos no brechó, viravam cortinas, toalha de mesa ou fronhas. Moody pensou na aula de matemática: uma aplicação prática da análise combinatória. De quantas formas diferentes era possível combinar panquecas *mu shu* e recheios? Quantas combinações diferentes podiam ser feitas com arroz, porco e pimentão?

— Por que sua mãe não arranja um emprego de verdade? — perguntou Moody a Pearl certa tarde. — Aposto que ela conseguiria mais horas por semana. Ou quem sabe até um trabalho em tempo integral no Pérola do Oriente ou em outro lugar.

Ele tinha passado a semana inteira com aquela dúvida, desde que descobrira o que Mia fazia. Se ela trabalhasse mais horas, pensou ele, ganharia o suficiente para que as duas tivessem um sofá de verdade, refeições de verdade, talvez uma TV.

Pearl o encarou com o cenho franzido, como se não entendesse a pergunta.

— Mas ela *tem* um emprego — retrucou a menina. — É artista.

Elas viviam daquela forma havia anos: Mia sempre com um trabalho de meio expediente que pagava o suficiente para as duas sobreviverem. Desde sempre, Pearl entendia a hierarquia: o trabalho verdadeiro da mãe era sua arte, e o que quer que pagasse as contas só existia para tornar a arte possível. Sua mãe passava muitas horas por dia trabalhando — embora, a princípio, Moody não tivesse se tocado que aquilo era um trabalho. Às vezes estava lá embaixo, no laboratório improvisado que tinha criado na lavanderia do porão, revelando rolos de filme ou ampliando fotos. De vez em quando, parecia passar o tempo todo lendo — coisas que obviamente Moody não considerava relevantes, como revistas de culinária dos anos 1960,

manuais de carros ou uma imensa biografia de capa dura de Eleanor Roosevelt, da biblioteca — ou até mesmo olhando fixamente pela janela da sala para a árvore logo ali. Certa manhã, no momento em que Moody chegou, Mia estava mexendo em um barbante, brincando de cama de gato, e quando ele e Pearl voltaram ela continuava lá, trançando tramas cada vez mais complexas entre os dedos e em seguida desfazendo-as e recomeçando do zero.

— Faz parte do processo — informou Pearl quando passaram pela sala, com a postura indiferente de uma nativa impassível diante dos costumes curiosos de sua terra.

Algumas vezes, Mia saía por aí com a câmera, porém na maior parte do tempo ela passava dias, até mesmo semanas, preparando algo para fotografar, enquanto a sessão de fotografia levava apenas algumas horas. Moody enfim entendeu que Mia não se considerava fotógrafa. A essência da fotografia era a documentação, e ele logo percebeu que, para Mia, a foto não passava de uma ferramenta que ela usava da mesma forma que um pintor usaria um pincel ou uma espátula.

Uma fotografia simples podia ser alterada depois: máscaras de carnaval bordadas escondendo o rosto das pessoas nas fotos, ou as próprias figuras sendo cortadas, feito bonecas de papel, e vestidas com roupas tiradas de revistas de moda. Em uma série de fotos, Mia molhou os negativos antes de fazer as ampliações, que ficaram estranhamente distorcidas — respingos de limonada na foto de uma cozinha limpa; água sanitária em uma foto fantasmagórica e deformada de roupas no varal. Em outra série, ela usara a técnica de dupla exposição em cada fotograma, sobrepondo um arranha-céu ao dedo médio de sua mão; sobrepondo um pássaro morto, as asas abertas sobre a calçada, a um céu azul, de forma que o pássaro dava a impressão de estar voando, não fosse pelos olhos fechados.

Ela trabalhava de maneira não convencional, guardando somente as fotos de que gostava e jogando o restante fora. Quando a ideia se esgotava, ficava com uma única ampliação de cada foto e destruía os negativos.

— Não me interesso por distribuição — disse ela a Moody num tom bastante alegre quando ele perguntou por que não fazia várias cópias.

Mia raramente fotografava pessoas. De vez em quando, tirava uma foto de Pearl, como no dia da cama no gramado, mas nunca as utilizava no trabalho. Também nunca usava a si mesma: Pearl contou a Moody que, certa vez, a mãe tinha feito uma série de autorretratos portando diferentes objetos como máscaras — um pedaço de renda preta, folhas de cinco pétalas de castanheiros-da-índia, uma estrela do mar úmida e molenga —, e passado um mês dedicada àquelas fotos, reduzindo-as a uma série de oito. Eram lindas e misteriosas, e até hoje Pearl se lembrava claramente delas: o olho brilhante de sua mãe feito uma pérola espiando entre as pernas da estrela do mar. Porém, no último momento, Mia queimou as imagens e os negativos, por razões que nem mesmo Pearl entendia.

"Você dedicou todo aquele tempo e então puf!", dissera, estalando os dedos.

"As fotos não estavam dando certo", respondera Mia simplesmente.

Mas as fotos que ela guardava e vendia eram assustadoras.

Na sublocação luxuosa das duas em Ann Arbor, Mia desmontou vários móveis dos anfitriões

e transformou as peças — parafusos do tamanho do seu dedo, vigas sem verniz, pés sem estrutura — em animais. Uma grande escrivaninha do século XIX foi transformada em touro, as laterais das gavetas desmontadas formavam as patas musculosas, os puxadores de ferro forjado das gavetas serviam como nariz, olhos e bolas brilhantes do touro, várias canetas que ficavam dentro da mesa foram abertas em leque formando os chifres curvos. Com a ajuda de Pearl, ela levou as peças até o tapete persa creme que, como pano de fundo, lembrava um campo embaçado, então subiu em uma mesa para fotografar de cima antes que as duas desfizessem tudo e remontassem a escrivaninha. Uma velha gaiola chinesa, aberta em uma teia de fios metálicos tortos, foi transformada em águia, e o esqueleto de bronze com as asas abertas parecia prestes a decolar. Um sofá com estofado volumoso se tornou um elefante, a tromba erguida feito um trompete. A série de fotos que resultou deste projeto era intrigante e perturbadora ao mesmo tempo, os animais incrivelmente complexos e realistas, e ao olhar de perto percebia-se do que eram feitos. Mia vendeu várias daquelas fotos por meio da sua amiga Anita, uma galerista de Nova York — alguém que Pearl nunca tinha conhecido em um lugar onde nunca havia estado. Mia odiava Nova York e nunca ia lá, nem mesmo para promover seu trabalho.

"Anita", dissera Mia ao telefone certa vez. "Amo você, mas não posso ir a Nova York para uma exposição. Não, nem mesmo se significasse que eu iria vender cem obras." Houve uma pausa. "Sei disso, mas você sabe que não posso. Está bem. Faça o possível, isso basta para mim."

Ainda assim, Anita tinha conseguido vender meia dúzia de fotos, portanto, em vez de limpar casas, Mia passara os seis meses seguintes trabalhando em um novo projeto.

Era assim que sua mãe trabalhava: um projeto durante quatro ou seis meses, então passava para o seguinte. Trabalhava sem parar, depois montava uma série de fotos, e geralmente Anita conseguia vender pelo menos algumas na galeria. No início, os preços eram tão modestos — algumas centenas de dólares por peça — que Mia às vezes tinha que pegar dois ou até três trabalhos. Mas com o tempo suas obras foram se tornando reconhecidas no meio artístico a ponto de Anita vender mais peças e por um preço mais alto: o suficiente para as necessidades de Mia e Pearl — comida, aluguel, gasolina —, mesmo com a comissão de cinquenta por cento de Anita.

— Dois ou três mil dólares, às vezes — disse Pearl a Moody com orgulho, e ele fez um rápido cálculo mental: se Mia vendesse dez fotos por ano…

Algumas vezes, as fotos não vendiam. O projeto de Mia com esqueletos de folhas vendeu apenas uma foto, e durante vários meses ela fez trabalhos aleatórios: faxina, arranjos de flores, decoração de bolos. Era boa em qualquer trabalho manual e preferia não ter que lidar com clientes e ficar sozinha pensando a trabalhar como garçonete, secretária, vendedora.

— Trabalhei como vendedora uma vez, antes de você nascer — contou ela a Pearl. — Durou um dia. Um. A gerente me explicou mil vezes como pendurar os vestidos nos cabides. Os clientes arrancavam as miçangas das roupas e exigiam descontos. Prefiro esfregar o chão sozinha na casa de alguém do que lidar com isso.

Mas outros projetos vendiam e chamavam atenção. Uma série — que Mia começou depois

de trabalhar um tempo como costureira — as sustentou por quase um ano. Ela ia a brechós e comprava bichinhos de pelúcia velhos — ursinhos desbotados, cachorros maltrapilhos, coelhos puídos —, quanto mais barato melhor. Em casa, ela os descosturava, lavava os tecidos, afofava o enchimento, polia os olhos. Depois os costurava outra vez, do avesso, e os resultados eram misteriosamente lindos. A pelúcia desgrenhada e invertida ganhava o aspecto de um veludo tosquiado. O animal inteiro, com o forro e a costura refeitos, tinha o mesmo formato, porém uma postura diferente, as costas e o pescoço mais eretos, as orelhas mais erguidas, os olhos com um brilho de sabedoria. Era como se o animal tivesse reencarnado mais velho, mais ousado e mais sábio. Pearl tinha adorado ver a mãe trabalhar, debruçada sobre a mesa da cozinha, ocupando-se com a precisão de uma cirurgiã — bisturi, agulha, alfinete — em transformar os brinquedos em arte. Anita vendeu todas as fotos da série. Segundo ela, uma até chegou ao MoMA. Ela implorou que fizesse outra leva, ou reimprimisse as fotos, mas Mia recusou.

— A ideia está esgotada — justificou. — Estou trabalhando em outra coisa agora.

E ela sempre estava. Era sempre algo um pouco diferente, algo que despertara seu interesse. Pearl tinha certeza de que a mãe ficaria famosa algum dia; sua venerada mãe seria um daqueles artistas, como De Kooning, Warhol ou O'Keeffe, cujo nome todo mundo conhecia. Era por isso que parte dela, pelo menos, não se importava com a maneira como sempre viveram, com as roupas de brechó, as camas e cadeiras recuperadas, a precariedade mutante de tudo aquilo. Algum dia, todos reconheceriam a genialidade da sua mãe.

Para Moody, viver daquele jeito era praticamente inimaginável. Observar a vida da família Warren era como assistir a um truque de mágica, tão milagroso quanto transformar uma lata de refrigerante vazia em um jarro de prata, ou tirar uma torta quente de uma cartola de seda. Não, pensou ele, era como ver Robinson Crusoé subsistir a base de nada. Quanto mais tempo ele passava com Mia e Pearl, mais fascinado ficava com as duas.

Ao longo das tardes com Pearl, Moody foi aprendendo aos poucos sobre como era a vida delas na estrada. Viajavam com pouca bagagem: dois pratos, dois copos e alguns talheres diferentes, uma bolsa de roupas para cada, e, é claro, as câmeras de Mia. No verão, elas dirigiam com as janelas abertas, porque o carro não tinha ar-condicionado; no inverno, dirigiam à noite, com o aquecedor no máximo, e durante o dia estacionavam em um local ensolarado, dormindo na aconchegante estufa do carro antes de partirem outra vez ao pôr do sol. À noite, Mia enfiava as bolsas nos espaços para os pés e colocava um cobertor dobrado sobre elas e o banco de trás, formando uma cama do tamanho mínimo necessário para as duas. Para terem privacidade, elas passavam um lençol da porta de trás até o apoio para cabeça nos brancos da frente, criando uma barraquinha. Na hora das refeições, paravam no acostamento e comiam o que tinha nas sacolas de compras que ficavam atrás do banco do motorista: pão com manteiga de amendoim, frutas, às vezes salame ou linguiça, se Mia encontrasse uma promoção. Ou então dirigiam por alguns dias, às vezes, por uma semana, até que Mia encontrasse um lugar que lhe parecesse ideal, então paravam.

Achavam um apartamento para alugar: geralmente um conjugado, às vezes um quarto e sala,

o que pudessem pagar e onde pudessem ter um contrato mensal, pois Mia não gostava de se prender. Arrumavam o novo apartamento como tinham feito em Shaker, com coisas que outras pessoas não queriam mais ou que encontravam em brechós, e as tornavam novas, ou pelo menos toleráveis. Mia matriculava Pearl na escola local e arranjava um trabalho para sustentá-las. Então, Mia começava seu projeto seguinte, trabalhando, desenvolvendo a ideia durante três, quatro ou seis meses, até ter uma série de fotografias para mandar a Anita em Nova York.

Ela montava um laboratório no banheiro assim que Pearl ia dormir. Depois das primeiras mudanças, havia transformado aquilo numa ciência: bandejas para lavar as ampliações na banheira, um varal para secar pendurado na haste da cortina do chuveiro, uma toalha enrolada debaixo da porta para bloquear a luz. Quando terminava, empilhava as bandejas, guardava o ampliador na caixa, escondia os potes de produtos químicos embaixo da pia e esfregava a banheira até deixá-la impecável para que Pearl tomasse banho na manhã seguinte. Abria a janela do banheiro e ia se deitar. Quando Pearl acordava, o cheiro azedo do revelador já tinha passado. Depois que Mia enviava as fotos pelo correio, Pearl já sabia: as duas colocavam as coisas no carro outra vez e todo o processo se repetia. Uma cidade, um projeto, e então era hora de seguir adiante.

Desta vez, porém, deveria ser diferente.

— Vamos ficar por aqui — disse Pearl a Moody, e ele ficou alucinadamente empolgado de repente, sentindo-se nas nuvens. — Minha mãe prometeu. Desta vez, vamos ficar para sempre.

O estilo de vida itinerante e artístico das duas o atraía: Moody era um romântico. Todo semestre era um dos primeiros alunos da turma, mas, desconsiderando as questões práticas, sonhava acordado em largar a escola, viajar pelo país como Jack Kerouac, só que escrevendo músicas em vez de poemas. Na livraria Mac's Backs pegava exemplares surrados de *On the Road* e *Os vagabundos iluminados*, lia poemas de Frank O'Hara, Rainer Maria Rilke e Pablo Neruda. Para sua felicidade, ele descobriu em Pearl outra alma poética. Ela não tinha lido tanto quanto ele, é claro, afinal se mudava com muita frequência, mas havia passado a maior parte da infância em bibliotecas, refugiando-se em meio às prateleiras na sua eterna condição de aluna nova, sorvendo livros como se fossem ar. Inclusive, ela lhe dissera timidamente que queria ser poeta. Ela copiava seus poemas favoritos em um caderno surrado que levava consigo o tempo todo.

— Para que eles estejam sempre perto de mim — disse ela, e quando finalmente deixou Moody ler alguns, ele ficou sem palavras.

Ele queria se enroscar nos pequenos arabescos da letra dela.

— Lindo — disse ele, suspirando, e o rosto de Pearl se iluminou feito uma lanterna.

No dia seguinte, Moody levou seu violão, ensinou-a a tocar três acordes e, mesmo com vergonha, cantou uma de suas músicas, o que nunca tinha feito para ninguém.

Ele logo descobriu que Pearl tinha uma memória fantástica. Lembrava-se de trechos de livros mesmo só tendo os lido uma vez, recordava as datas da Magna Carta, os nomes dos reis da Inglaterra, e cada um dos presidentes na ordem certa. As notas de Moody eram conquistadas com estudo meticuloso e a técnica dos cartões-relâmpago, mas tudo parecia muito natural para

Pearl: ela olhava para um problema de matemática e intuía a resposta, enquanto Moody trabalhava cuidadosamente, uma linha de álgebra por vez ao longo da página; ela lia uma redação e apontava de imediato o argumento mais importante ou o maior erro de lógica. Era como se tivesse olhado para uma pilha de peças de quebra-cabeça e entendido a imagem toda sem ao menos conferir na caixa. Ficou claro para Moody que a mente de Pearl era algo extraordinário, e ele admirava a velocidade e a facilidade com que o cérebro dela funcionava. Era um prazer imenso observá-la encaixar as coisas no lugar.

Quanto mais ficavam juntos, mais Moody tinha a sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Sempre que podia — sempre que conseguia dar um jeito, na verdade — ele estava lá com Pearl, na mesa da lanchonete, em cima de uma árvore, reparando em seus olhos grandes que absorviam tudo ao redor como se ela tivesse uma sede feroz. Ele contava piadas bobas e histórias, citava fatos curiosos, qualquer coisa que a fizesse sorrir. E, ao mesmo tempo, em sua mente, percorria a cidade, buscando desesperadamente o próximo lugar aonde poderia levá-la, a próxima maravilha do subúrbio de Cleveland que poderia exibir, porque, quando não tivesse mais nenhum lugar para lhe mostrar, tinha certeza de que Pearl desapareceria. Já havia começado a achar que ela estava muito quieta enquanto comiam batatas fritas, empurrando o último pedaço de queijo endurecido no prato. Já tinha reparado que o olhar dela vagava pelo lago, para a outra margem, mais distante.

Foi assim que Moody tomou uma decisão que questionaria pelo resto da vida. Até então, ele não tinha dito nada sobre Pearl ou Mia para sua família, protegendo a amizade deles como um dragão protege um tesouro: silenciosa e gananciosamente. No fundo, tinha a sensação de que, de alguma forma, aquilo mudaria tudo, assim como nos contos de fada a magia acabava quando a personagem revelava o segredo. Se ele o houvesse guardado, talvez o futuro fosse outro. Pearl talvez nunca tivesse conhecido sua mãe ou seu pai, ou Lexie, Trip e Izzy, ou, se os tivesse conhecido, poderiam ter se transformado em pessoas que ela só cumprimentava mas não conhecia de verdade. Ela e a mãe talvez tivessem ficado para sempre em Shaker, como haviam planejado; e onze meses depois, talvez a casa dos Richardson ainda estivesse de pé. Mas Moody não se considerava interessante o bastante para continuar recebendo atenção por mérito próprio. Se ele fosse outro Richardson, isso poderia ser diferente; seu irmão e suas irmãs nunca se preocupavam se outras pessoas gostavam deles ou não. Lexie tinha um sorriso de ouro e risada fácil, Trip era bonito e tinha covinhas. Sendo assim, por que as pessoas não gostariam deles, por que precisariam duvidar disso? Para Izzy era ainda mais simples: não ligava para o que os outros pensavam dela. Moody, porém, não tinha a personalidade acolhedora de Lexie, o charme e a malandragem de Trip nem a autoconfiança de Izzy. Ele achava que só tinha a oferecer o que sua família tinha a oferecer, a família em si, e foi isso que o levou a dizer, um dia no fim de julho:

— Aparece lá em casa. Pode conhecer minha família.

Na primeira vez que Pearl entrou na casa dos Richardson, parou com um pé na soleira da porta. É só uma casa, disse a si mesma, Moody mora aqui. Mas até mesmo este pensamento lhe

pareceu um pouco surreal. Na calçada, Moody tinha indicado a casa com a cabeça, quase envergonhado.

— É aqui.

— Você mora *aqui*?

Não era bem o tamanho — era grande, sim, mas todas as casas da rua também eram, e em apenas três semanas em Shaker ela já tinha visto outras maiores. Era o verde do gramado, as linhas nítidas de argamassa branca entre os tijolos, o farfalhar das folhas de bordo na brisa delicada, a própria brisa. Eram os aromas suaves de sabão em pó, comida e grama que se misturavam na entrada, um canto do tapete pesado dobrado feito um topete, como se alguém o tivesse bagunçado e se esquecido de ajeitar. Era como se, em vez de estar entrando em uma casa, ela estivesse adentrando a *ideia* de uma casa, um arquétipo vivo diante dos seus olhos. Algo de que só ouvira falar, mas que nunca tinha visto. Ela escutava sinais de vida nos cômodos distantes — o murmúrio baixo de uma propaganda na televisão, o apito do micro-ondas —, mas remotamente, como que em um sonho.

— Venha — disse Moody quando ela deu o primeiro passo para dentro da casa.

Mais tarde, Pearl teria a impressão de que os Richardson deviam ter montado uma cena por pura diversão, pois com certeza não podiam viver sempre naquela perfeição doméstica. A Sra. Richardson estava na cozinha preparando biscoitos, o que era surpreendente, porque era algo que sua mãe nunca fazia, mas se Pearl implorasse muito às vezes ela comprava um pouco de massa de biscoito envolta em plástico para que fatiassem em rodelas. O Sr. Richardson, uma miniatura no enorme gramado verde, estava jogando habilmente o carvão em uma churrasqueira prateada. Trip estava sentado no sofá modular, lindo demais, com um braço estendido no encosto como se aguardasse que uma jovem sortuda fosse se sentar ao seu lado. E Lexie estava de frente para ele em um canto iluminado pelo sol, então desviou os olhos brilhantes da TV e os fixou em Pearl, que entrava na sala, e disse:

— Ora, ora, quem temos aqui?

Quatro

O único membro da família Richardson que Pearl não viu com frequência naqueles primeiros dias estonteantes foi Izzy — mas, a princípio, ela nem se deu conta. Como poderia, quando os outros Richardson a cumprimentavam com seus abraços envolventes e demorados? Os Richardson a fascinavam com sua confiança fácil, seu sentimento claro de propósito a qualquer hora do dia. A convite de Moody, ela passava horas na casa, chegando logo depois do café da manhã e ficando até o jantar.

De manhã, a Sra. Richardson entrava na cozinha com sapatos de salto alto, as chaves do carro e uma caneca de aço inoxidável na mão, dizendo:

— Pearl, que bom ver você de novo.

Então ela seguia pelo corredor dos fundos com os saltos fazendo clique-claque, e um instante depois o portão da garagem se abria ruidosamente e seu Lexus saía pela ampla entrada, feito um bolsão dourado de frescor no ar quente do verão. O Sr. Richardson, de terno e gravata, já tinha saído muito antes, mas pairava em segundo plano, sólido, imponente e importante, feito uma cadeia de montanhas no horizonte. Quando Pearl perguntou o que seus pais faziam o dia todo, Moody encolheu ombros e respondeu:

— Você sabe. Vão para o trabalho.

Trabalho! Quando sua mãe dizia aquilo, parecia uma chatice: servir mesas, lavar pratos, limpar chão. Mas, no caso dos Richardson, parecia nobre: eles faziam coisas importantes. Toda quinta-feira o entregador de jornal deixava o *Sun Press* na soleira da porta de Mia e Pearl — era gratuito para todos os moradores —, e quando elas o abriam viam o nome da Sra. Richardson na capa, sob as manchetes: PREFEITURA DISCUTE NOVA IMPOSIÇÃO FISCAL; MORADORES REAGEM AO ORÇAMENTO DO PRESIDENTE CLINTON; PREPARATIVOS PARA O "NEGÓCIO BOA PRAÇA" EM ANDAMENTO NA PRAÇA DE SHAKER. Provas tangíveis, preto no branco, de sua diligência.

(— Não é nada de mais, na verdade — disse Moody. — O *Plain Dealer* é que é jornal de verdade. O *Sun Press* só fala sobre assuntos locais: reuniões do conselho municipal, decisões de zoneamento e o vencedor da feira de ciências.

Porém, encarando a assinatura impressa — *Elena Richardson* —, Pearl não acreditava nem se importava.)

Os Richardson conheciam pessoas importantes: o prefeito, o diretor da Clínica de Cleveland, o presidente do time de beisebol Indians. Tinham ingressos de temporada para o Jacobs Field e a arena Gund. (— Os Cavs são péssimos — dizia Moody de forma sucinta.

— Mas talvez os Indians ganhem a bandeira — retrucava Trip.)

Às vezes, o celular do Sr. Richardson — um celular! — tocava e ele puxava a antena ao ir para o hall. Atendia dizendo "Bill Richardson", e a simples declaração do seu nome bastava como cumprimento.

Até mesmo os Richardson mais novos tinham aquela autoconfiança. Nos domingos de manhã, Pearl e Moody estavam sentados na cozinha quando Trip voltava da corrida e se apoiava na bancada para se servir de um copo de suco. Ele era alto, bronzeado e tinha o corpo definido; com um short de ginástica, totalmente à vontade, desestabilizava-a com um sorriso repentino. Lexie sentava-se no balcão, deselegante com calça de moletom e camiseta, o cabelo preso em um coque bagunçado, e tirava sementes de gergelim de um *bagel*. Eles não ligavam se Pearl os visse daquele jeito. Eram naturalmente lindos, mesmo ao sair da cama. De onde vinha aquela segurança? Como podiam ficar tão à vontade, tão seguros, mesmo de pijama? Quando Lexie pedia algo de um cardápio, nunca dizia "Gostaria de pedir… ". Dizia "Eu quero…", com confiança, como se bastasse dizer para que se tornasse realidade. Aquilo perturbava e fascinava Pearl. Lexie descia deslizando do banquinho e atravessava a cozinha com a elegância de uma dançarina, descalça nos azulejos espanhóis. Trip bebia o último gole de suco de laranja e seguia para a escada, em direção ao chuveiro, e Pearl o observava, suas narinas tremendo ao inalar o aroma que ele deixava para trás: suor, sol e calor.

Na casa dos Richardson, os sofás tinham estofados tão macios que você podia afundar neles como se fosse um banho de espuma. Aparadores. Camas pesadas e antigas. Quem tinha uma poltrona imensa daquelas, pensou Pearl, podia simplesmente ficar parado, criar raízes e transformar a poltrona em seu lar. Havia divãs, fotos em porta-retratos e cristaleiras repletas de lembranças, sendo que a própria frivolidade era tranquilizadora. Não se levava para casa uma concha entalhada de Key West, uma miniatura da CN Tower ou uma garrafinha de areia de Martha's Vineyard a menos que se tivesse a intenção de permanecer ali. Na realidade, a família da Sra. Richardson morava em Shaker havia três gerações, quase desde que a cidade fora fundada, como Pearl descobriu. Fincar raízes tão profundas em um único lugar, estar tão imerso que o local se infiltrava em cada fibra do seu ser: ela nem conseguia imaginar como era.

A própria Sra. Richardson era outra fonte de fascínio. Se estivesse na tela da televisão, pareceria tão fictícia quanto uma Sra. Brady ou uma Sra. Keaton. Mas ela estava bem ali diante de Pearl, sempre dizendo gentilezas.

"Que saia bonita, Pearl." "Essa cor combina com você." "Aulas avançadas? Que inteligente!" "Seu cabelo está bonito hoje." "Ah, não seja boba, me chame de Elena, faço questão."

E então, quando persistiu em chamá-la de Sra. Richardson, Pearl teve certeza de que ela ficou secretamente orgulhosa do respeito que a menina tinha. A Sra. Richardson a abraçava sem hesitação — sendo que Pearl era quase uma desconhecida — apenas porque ela era amiga de Moody. Mia era carinhosa, porém jamais efusiva; Pearl nunca tinha visto a mãe abraçar ninguém além dela. Por outro lado, quando a Sra. Richardson voltava para jantar em casa, dava um beijinho na cabeça dos filhos e não deixava Pearl de lado, também beijando seu cabelo sem nem

ao menos hesitar. Era como se ela fosse só mais um dos pintinhos da ninhada.

Mia não deixou de notar o entusiasmo da filha em relação aos Richardson. Algumas vezes, Pearl passava o dia inteiro na casa deles. A princípio, ela ficara feliz ao ver Moody com sua filha solitária, que fora desenraizada tantas vezes e nunca havia sido próxima de alguém de verdade. Passou a entender que, por muito tempo, tinha obrigado a filha a viver à mercê dos seus caprichos: mudando-se toda vez que ela precisava de ideias novas, toda vez que se sentia presa ou inquieta. *Isso acabou*, prometera Mia enquanto dirigiam até Shaker. *De agora em diante, vamos ficar por aqui.* Ela via as semelhanças entre os dois jovens solitários com mais clareza até do que eles próprios: a mesma personalidade sensível escondida dentro de ambos, a mesma sabedoria estudiosa disfarçando uma profunda ingenuidade. Moody ia bem cedo até a casa delas toda manhã, antes mesmo que Pearl já tivesse terminado de tomar café. Ao acordar, Mia abria as cortinas e via a bicicleta de Moody no gramado da frente, então ia até a cozinha e encontrava ele e Pearl à mesa, com restinhos de cereal nas tigelas descombinadas à sua frente. Passavam o dia todo fora, Moody empurrando a bicicleta pelo guidom. Enquanto lavava as tigelas na pia, Mia fez uma anotação mental para procurar uma bicicleta para Pearl. Talvez na loja da rua Lee encontrasse um modelo usado.

Mas à medida que as semanas passavam, Mia começou a ficar preocupada com a influência que os Richardson pareciam exercer sobre Pearl, a maneira como pareciam tê-la incluído em suas vidas ou vice-versa. Durante o jantar, Pearl falava sobre os Richardson como se fossem um programa de TV do qual era fã.

"A Sra. Richardson vai entrevistar Janet Reno quando vier para a cidade na semana que vem", dizia ela. Ou então: "Lexie está certa de que o namorado dela, Brian, vai ser o primeiro presidente negro." Ou, corando de leve: "Trip vai entrar para o time de futebol no outono. Ele acabou de descobrir. "

Mia balançava a cabeça e murmurava em concordância, perguntando-se toda noite se aquilo era sensato, se era normal sua filha se encantar tanto por uma família. Então se lembrava da primavera anterior, quando Pearl tivera uma crise de tosse tão grave que Mia finalmente a levara ao hospital, onde descobriram que a garota estava com pneumonia. Sentada ao lado do leito da filha, no escuro, observando-a dormir e esperando que os antibióticos que o médico tinha lhe dado fizessem efeito, Mia permitira-se imaginar: e se acontecesse o pior, que tipo de vida Pearl teria levado? Nômade, isolada, solitária. *Chega*, disse a si mesma. Quando Pearl se recuperou, as duas foram parar em Shaker Heights, onde Mia prometeu que iriam permanecer. Por isso, ela não dizia nada, e no dia seguinte mais uma tarde se passava com Pearl na casa dos Richardson, voltando ainda mais encantada.

Pearl já tinha mudado várias vezes de escola, até duas ou três vezes por ano, o suficiente para ter perdido o medo, mas desta vez estava muito apreensiva. Entrar para uma escola da qual ela iria embora era uma coisa; não precisava se preocupar com o que os outros pensariam dela, porque em pouco tempo não estaria mais lá. Ela concluía todos os anos dessa forma, sem nunca se dar ao trabalho de conhecer alguém. Entrar numa escola sabendo que iria ver aquelas pessoas

o ano inteiro e no ano seguinte, e no outro, era muito diferente.

Mas, por sorte, ela e Moody faziam quase todas as matérias juntos, de biologia a inglês avançado. Durante as duas primeiras semanas de aula, ele a guiou pelos corredores com a confiança que só um aluno do segundo ano poderia ter, mostrando a ela quais bebedores eram mais gelados, onde ela devia se sentar no refeitório, quais professores a repreenderiam se a flagrassem zanzando pelos corredores depois que o sinal tocasse e quais a deixariam seguir em frente com um sorriso indulgente. Ela começou a circular pela escola guiada pelos murais pintados pelos alunos ao longo dos anos: o dirigível Hindenburg explodindo marcava a ala científica; Jim Morrison matutava ao lado da galeria do auditório; uma menina que fazia bolhas de sabão cor-de-rosa indicava o caminho do lugar misteriosamente chamado de Egress, um corredor cavernoso onde os alunos se sentavam quando o refeitório estava muito cheio. Um *trompe-l'oeil* de vários armários indicava o corredor que levava à Sala Social, uma área para alunos do último ano onde havia um micro-ondas para fazer pipoca durante os intervalos e uma máquina de Coca-Cola, em que cada latinha custava apenas cinquenta centavos em vez de setenta e cinco, como na cantina, além de um grande cubo preto: um jukebox que estava ali desde os anos 1970 e agora tocava Sir Mix-a-Lot, Smashing Pumpkins e Spice Girls. No ano anterior, um aluno fizera uma pintura de si mesmo e mais três amigos, no estilo do grafite de Kilroy, no teto abobadado perto da entrada principal; um deles dava uma piscadela, e toda vez que Pearl passava sob a abóbada, sentia que lhe davam boas-vindas.

Depois da escola, ela ia até a casa dos Richardson e se deitava no sofá modular da sala com os filhos mais velhos do casal para assistir ao programa de Jerry Springer. Era um ritual que os jovens Richardson haviam criado nos anos anteriores, uma das poucas vezes em que concordavam sobre alguma coisa. Aquilo nunca tinha sido planejado ou debatido, mas toda tarde, se Trip não fosse treinar e Lexie não tivesse uma reunião, eles se encontravam na sala e ligavam a televisão no canal 3. Para Moody, era um estudo psicológico fascinante, cada episódio mais um exemplo de como a humanidade podia ser estranha. Para Lexie, era algo parecido com antropologia; as mães dançarinas de striptease, as esposas polígamas e os filhos traficantes de drogas eram uma janela para um mundo tão distante do deles que parecia algo tirado de uma obra de Margaret Mead. E, para Trip, era pura comédia: um glorioso espetáculo burlesco, com interjeições censuradas e muitas cadeiras arremessadas. Seus momentos favoritos eram quando as perucas dos convidados eram arrancadas. Izzy achava tudo absurdamente idiota e se escondia lá em cima, praticando violino.

— É a única coisa que Izzy realmente leva a sério — explicou Lexie.

— Não — retrucou Trip. — Izzy leva tudo muito a sério. Esse é o problema dela.

— O irônico — disse Lexie, certa tarde — é que daqui a dez anos vamos ver Izzy no *Springer*.

— Sete — corrigiu Trip. — Oito, no máximo. "Jerry, me tire da prisão!"

— Ou "Minha família quer me internar" — emendou Lexie, concordando.

Moody se remexeu, incomodado, em seu assento. Lexie e Trip tratavam Izzy como se ela

fosse um cachorro que pudesse ficar raivoso a qualquer instante, mas aqueles dois sempre tinham se dado bem.

— Ela é um pouco impulsiva, só isso — disse ele a Pearl.

— Um pouco impulsiva? — questionou Lexie, rindo. — Você ainda não a conhece direito, Pearl. Vai ver só.

Então as histórias começaram a jorrar aos montes, e Jerry Springer foi temporariamente esquecido.

Aos dez anos, Izzy fora pega de surpresa entrando na organização de proteção aos animais Humane Society, numa tentativa de soltar todos os gatos.

— São como prisioneiros no corredor da morte — dissera ela.

Aos onze, sua mãe — convencida de que Izzy era estabanada ao extremo — a inscrevera em aulas de dança para melhorar sua coordenação motora. O pai insistiu que ela tentasse por pelo menos um semestre antes de desistir. Em todas as aulas, Izzy se sentava no chão e se recusava a se mexer. No dia da apresentação, Izzy escreveu NÃO SOU SUA MARIONETE — com a ajuda de um espelho e uma caneta hidrográfica — na testa e nas bochechas logo antes de subir no palco, onde ficou de pé, completamente imóvel, enquanto os outros, desconcertados, dançavam ao seu redor.

— Achei que mamãe fosse morrer de vergonha — disse Lexie. — E no ano passado? Mamãe achou que ela estava usando muitas roupas pretas, então comprou um monte de vestidinhos bonitos. Izzy os enfiou em uma sacola de compras, pegou o ônibus até o centro da cidade e deu tudo para uma pessoa na rua. Mamãe a colocou de castigo por um mês.

— Ela não é louca — protestou Moody. — Só não pensa.

Lexie bufou e Trip tirou a televisão do "mudo", então voltaram a ouvir Jerry Springer na sala.

O sofá era para oito pessoas, porém, mesmo só com os três Richardson ali, eles sempre faziam algumas manobras para conquistar os lugares com a melhor vista. Agora, com a chegada de Pearl, as manobras tinham ficado ainda mais complicadas. Sempre que conseguia, ela se sentava — discreta e despreocupadamente, assim esperava — ao lado de Trip. Até então Pearl havia mantido todas suas paixonites a distância, pois nunca tivera coragem de falar com nenhum dos meninos que despertavam seu interesse. Mas agora que haviam se instalado de vez em Shaker Heights, agora que Trip estava ali, na casa, no mesmo sofá que ela — bem, era muito natural, dizia a si mesma, que se sentasse ao lado dele de vez em quando; com certeza ninguém iria estranhar aquilo, muito menos Trip. Ao mesmo tempo, Moody achava que merecia o lugar ao lado de Pearl: fora ele quem a apresentara ao grupo, afinal, e se sentia — como a conhecia havia mais tempo — o mais importante. O resultado era que Pearl se acomodava ao lado de Trip, Moody se jogava ao lado dela, prensando-a entre os dois, Lexie se deitava no canto, sorrindo maliciosamente para os três e ligava a televisão, então todos os quatro voltavam a atenção para a tela enquanto permaneciam cientes de tudo o que acontecia no cômodo.

Pearl logo descobriu que os jovens Richardson tinham as discussões mais acaloradas sobre

Jerry Springer.

— Ainda bem que moramos em Shaker — disse Lexie certo dia durante um episódio provocativo intitulado "Pare de trazer moças brancas para jantar na nossa casa!". — Sério, a gente tem sorte. Ninguém liga para cor por aqui.

— Todo mundo liga para cor, Lex — retrucou Moody. — A única diferença é que tem gente que finge não ligar.

— Olhe só para Brian e eu — falou Lexie. — Estamos juntos desde o terceiro ano e ninguém está nem aí que eu sou branca e ele é negro.

— Você acha que os pais dele não prefeririam que ele estivesse namorando uma menina negra? — indagou Moody.

— Sinceramente, acho que não. — Lexie abriu outra latinha de Coca-Cola Diet. — A cor da pele não diz nada sobre quem a pessoa é.

— Shhh — interrompeu Trip. — Voltou.

Foi numa daquelas tardes — durante "Estou grávida do seu marido!" — que Lexie virou-se de repente para Pearl e perguntou:

— Você já pensou em tentar encontrar seu pai?

Pearl lhe lançou um olhar calculadamente inexpressivo. Lexie insistiu mesmo assim:

— Quer dizer, ao menos saber onde ele está. Nunca quis conhecê-lo?

Pearl voltou a olhar para a tela da TV, onde seguranças fortes se atracavam com uma mulher de cabelo laranja, do tamanho de uma poltrona grande, empurrando-a de volta para o lugar.

— Primeiro eu teria que descobrir *quem* ele é — disse ela. — E, bem, veja só como está *tudo* indo bem. Por que eu ia querer saber?

O sarcasmo não era natural para ela, e mesmo aos próprios ouvidos, soava mais lamentosa do que irônica.

— Ele pode ser qualquer um — matutou Lexie. — Um ex-namorado. Talvez tenha ido embora quando sua mãe engravidou. Ou talvez tenha morrido em um acidente antes de você nascer. — Ela tamborilou um dedo no lábio, pensando nas possibilidades. — Pode ter trocado sua mãe por outra mulher. Ou… — Ela se empertigou no sofá, entusiasmada. — Talvez ele a tenha *estuprado*. E aí ela engravidou e ficou com o bebê.

— Lexie — interrompeu Trip de repente. Ele deslizou para o lado no sofá e passou o braço pelos ombros de Pearl. — Cala a boca.

O fato de Trip prestar atenção em uma conversa que não era sobre esportes e ainda por cima considerar os sentimentos de outra pessoa era de uma raridade incrível, e todos sabiam disso.

Lexie revirou os olhos.

— Eu só estava *brincando* — justificou ela. — Pearl sabe disso. Não é, Pearl?

— Claro — respondeu ela, forçando um sorriso. — Dãã.

Sentiu uma repentina umidade nas axilas, seu coração acelerou, e ela não soube se era por causa do braço de Trip em torno de seus ombros, dos comentários de Lexie ou de ambos. Em algum lugar acima deles, Izzy ensaiava Lalo no violino. Na tela, as duas mulheres tinham se

levantado das cadeiras outra vez e puxavam o cabelo uma da outra.

Mas o comentário de Lexie abriu uma ferida. Não era nada que Pearl já não tivesse pensado ao longo dos anos, mas ouvir aquilo em voz alta, de outra pessoa, tornava tudo mais urgente. Volta e meia ela se perguntava aquelas coisas, mas, quando questionara a mãe na infância, recebera respostas brincalhonas.

— Ah, achei você na caixa de pechinchas do brechó — dissera Mia certa vez. Em outra ocasião, ela afirmara: — Uma cegonha trouxe você. Não sabia?

Na adolescência, Pearl finalmente parou de perguntar. Naquela tarde, enquanto ainda revirava a pergunta em sua mente, a menina chegou em casa e encontrou a mãe na sala, pintando por cima da foto de uma bicicleta depenada.

— Mãe — começou ela, então percebeu que não era capaz de repetir as palavras francas de Lexie. Em vez disso, escolheu a pergunta que passava por baixo de todas as outras, como se em sua cabeça tivesse um rio subterrâneo. — Eu fui desejada?

— Como assim "desejada"?

Com uma pincelada cuidadosa, Mia pintou um pneu azul-prussiano no garfo vazio da bicicleta.

— Aqui. Quero dizer, você me quis? Quando eu era bebê.

Mia passou tanto tempo calada que Pearl ficou na dúvida se a mãe tinha escutado. Porém, depois de uma longa pausa, Mia se virou, com o pincel na mão, e, para a surpresa de Pearl, os olhos da mãe estavam lacrimejando. Seria possível que ela estivesse chorando? Sua imperturbável, temível e indomável mãe, que ela nunca tinha visto chorar, nem mesmo quando o carro delas quebrou no acostamento e um homem em uma picape azul parou como se quisesse ajudar, mas, em vez disso, pegou a bolsa de Mia e saiu dirigindo; nem quando ela derrubou uma cabeceira de cama pesada — resgatada em um acostamento qualquer — no dedo mindinho do pé, esmagando-o com tanta força que a unha acabou ficando roxo-escura e caiu depois. Mas ali estava: um brilho nada familiar nos olhos da mãe, como se ela olhasse para marolas na água.

— Se você foi desejada? — repetiu Mia. — Ah, foi. Foi desejada. Muito, muito desejada.

Ela largou o pincel na bandeja e saiu depressa da sala, sem olhar de novo para a filha, deixando Pearl ali, contemplando a bicicleta inacabada, a pergunta que fizera, a poça de tinta que aos poucos formava uma pele sobre as cerdas do pincel.

Cinco

Como se o episódio de Jerry Springer tivesse despertado Lexie para a existência de Pearl, ela desenvolveu um interesse inédito pela amiguinha do irmão — a Pequena Orfã Pearl, como disse a Serena Wong ao telefone certa noite.

— Ela é tão calada — falou Lexie, impressionada. — Parece que tem medo de conversar. E quando você olha para ela, ela fica vermelha, vermelha mesmo, feito um tomate. Literalmente um tomate.

— Ela é muito tímida — disse Serena, que havia encontrado Pearl algumas vezes na casa dos Richardson, mas nunca a ouvira dizer uma palavra. — Não deve saber fazer amigos.

— É mais que isso — sugeriu Lexie. — É como se ela tentasse passar despercebida. Se esconder bem debaixo do nosso nariz.

Pearl, tão tímida, quieta e insegura, fascinava Lexie. E, se tratando de Lexie, ela começou pela superfície.

— A garota é bonitinha — disse a Serena. — Ficaria uma graça com uma daquelas camisetas largas.

Foi assim que, certa tarde, Pearl voltou para casa com uma sacola cheia de roupas novas. Não exatamente novas, como descobriu Mia ao colocá-las para lavar: calças jeans remendadas dos anos 1970 com uma fita na lateral, uma blusa de algodão florida igualmente velha, uma camiseta creme com o rosto de Neil Young estampado.

— Lexie e eu fomos ao brechó — explicou Pearl quando Mia voltou da lavanderia no porão. — Ela queria fazer compras.

Na verdade, primeiro Lexie levara Pearl ao shopping. Tinha a sensação de que era natural que Pearl a procurasse para receber conselhos. Lexie estava acostumada a outras pessoas pedindo sua opinião, a ponto de muitas vezes presumir que a queriam sem que tivessem falado nada. E Pearl era uma menina adorável, isto era evidente: aqueles grandes olhos castanhos, que de alguma forma pareciam ainda maiores e mais escuros sem maquiagem; aquele cabelo comprido e crespo, que, quando solto da trança (como ela convencera Pearl a fazer certa tarde), parecia prestes a engoli-la. A maneira como ela observava tudo na casa deles — tudo em qualquer lugar, na verdade —, como se nunca tivesse visto nada daquilo. Na segunda vez que levara Pearl a casa deles, Moody a deixou no jardim de inverno e foi buscar bebidas, e a menina, em vez de se sentar, ficou andando em círculos lentos, como se estivesse em Oz, não na casa dos Richardson. Lexie, que vinha pelo corredor com a última edição da *Cosmopolitan* e uma Coca-Cola Diet na mão, parou diante da porta, sem ser vista, e a observou. Então Pearl estendeu um dedo

hesitante e tocou o desenho de uma parreira no papel de parede, e Lexie foi tomada de pena por ela, pobrezinha. Nesse instante, Moody voltou da cozinha com duas latinhas de refrigerante.

— Eu não sabia que você estava aqui — disse ele. — A gente ia ver um filme.

— Não me incomodo — soltou Lexie, e percebeu que era mesmo verdade.

Ela se acomodou na poltrona grande no canto, de olho em Pearl, que finalmente se sentou e abriu a latinha. Moody enfiou uma fita de vídeo no aparelho e Lexie abriu a revista. Ocorreu-lhe que poderia fazer uma boa ação.

— Ei, Pearl, posso te dar a revista quando eu terminar — ofereceu, e sentiu aquele agradável bem-estar da generosidade na adolescência.

Assim, naquela tarde do início de outubro, ela decidiu levar Pearl para fazer compras.

— Venha, Pearl — chamou. — Vamos ao shopping.

Quando Lexie disse *shopping*, nem por um instante ela considerou ir ao shopping Randall Park, na esquina da movimentada rua Warrensville, depois de uma loja de pneus, um espaço para alugar e uma creche noturna — alguns jovens chamavam o local de shopping *Randall Crack*. Como moradora de Shaker, ela só pensou no lugar onde fazia todas as suas compras: o Centro Areias Brancas, um centro comercial bem-cuidado afastado da rua, em uma área oval, sustentado pelas lojas Dillard's, Saks e uma Nordstrom nova. Nunca tinha ouvido a expressão *Centro Pessoas Brancas* e teria ficado horrorizada se tivesse. Mas após uma visita a Gap, Express e Body Shop, Pearl só comprou um pretzel e um protetor labial sabor kiwi.

— Você não viu nada de que gostasse? — perguntou Lexie.

Pearl, que só tinha dezessete dólares e sabia que a mesada da semana de Lexie era de vinte, fez uma pausa e respondeu, por fim:

— É tudo igual, sabe? — Fez um gesto vago em direção à lanchonete e ao shopping logo atrás. — Todo mundo vai para a escola parecendo clones. — Ela deu de ombros e olhou com o canto do olho para Lexie, em dúvida se fora convincente. — Gosto de fazer compras em lugares um pouco diferentes. Onde posso descolar uma coisa que ninguém mais vai ter.

Pearl parou de falar, olhando para a sacola azul e branca da Gap pendurada no braço de Lexie, e se perguntou se ela poderia ficar ofendida. Mas era muito raro Lexie ficar ofendida, se é que isso acontecia: insinuações e entrelinhas sutis costumavam bater e voltar na malha fina do seu cérebro. Ela inclinou a cabeça.

— Tipo onde? — perguntou.

Então Pearl guiou Lexie pela rua Northfield, passando pela pista de corrida até o brechó, onde mulheres no intervalo do trabalho na Taco Bell da rua, ou que se aprontavam para o turno da noite, procuravam roupas com elas. Pearl já tinha ido a dezenas de brechós em dezenas de cidades diferentes, e de alguma forma todos tinham exatamente o mesmo cheiro — poeirento e doce — e ela sempre tivera certeza de que as pessoas sentiam aquele cheiro em suas roupas, mesmo após duas lavagens, como se o aroma se infiltrasse em sua pele. Aquele brechó, cujas caixas ela e a mãe haviam vasculhado em busca de velhos lençóis que pudessem usar como cortinas, não era exceção. Mas, ao ouvir o gritinho de prazer de Lexie, Pearl enxergou a loja

com outros olhos: um lugar onde era possível encontrar vestidinhos de festa dos anos 1960 para o baile da escola, uniformes cirúrgicos para ficar em casa ou dormir, uma grande variedade de camisetas velhas de bandas, e, com sorte, calças boca de sino *de verdade*, não aquelas retrô do catálogo da Delia's, mas as verdadeiras, com uma boca bem grande, o tecido fino feito papel nos joelhos graças a décadas de uso.

— *Vintage* — disse Lexie, suspirando e atacando o cabideiro de forma reverente.

Em vez das blusas bufantes e saias hippies que Mia sempre escolhia para ela, Pearl acabou pegando várias camisetas engraçadas, uma saia feita com uma antiga calça Levi's e um casaco azul-marinho com capuz e zíper. Ela mostrou a Lexie como ler as etiquetas de preço — na terça-feira, tudo com etiqueta verde era vendido por metade do valor, na quarta, com etiqueta amarela — e quando Lexie encontrou uma calça jeans que coube nela, Pearl arrancou habilmente a etiqueta laranja e a substituiu pela verde que tirou de um blazer de poliéster feioso dos anos 1980. Com a ajuda de Pearl, a calça custou quatro dólares, e o total das compras foi 13,75 dólares. Lexie ficou tão feliz que passou pelo *drive-through* do Wendy's e comprou sorvetes para as duas.

— Aquela calça jeans foi *feita para você* — disse Pearl, em troca. — Era seu destino ficar com ela.

Lexie deixou uma colherada de sorvete de chocolate derreter na língua.

— Sabe de uma coisa? — perguntou, apertando os olhos como que para focar melhor a vista em Pearl. — Aquela saia ficaria ótima com uma camisa de botão listrada. Eu tenho uma antiga e posso dar para você. — Quando voltaram para a casa dos Richardson, Lexie pegou meia dúzia de blusas no armário. — Está vendo?

Ela ajeitou a gola em torno do pescoço de Pearl e fechou cuidadosamente um único botão entre os seios para conservar o mínimo de decência, como todas as meninas do terceiro ano faziam.

Ela girou Pearl em direção ao espelho e assentiu em sinal de aprovação.

— Pode ficar com essas — disse ela. — Ficaram bonitas em você. Eu tenho roupas demais.

Pearl enfiou as blusas na bolsa. Decidiu que, caso sua mãe percebesse, diria que as comprara no brechó com todo o restante. Não sabia por quê, mas tinha certeza de que sua mãe não aprovaria o fato de ela ficar com as roupas velhas de Lexie, mesmo que a menina não as quisesse mais. Ao colocar as roupas na máquina de lavar, Mia percebeu que as blusas tinham cheiro de sabão e perfume, não de poeira, e que estavam duras, como se tivessem sido engomadas, mas não comentou nada. Na noite seguinte, todas as roupas novas de Pearl estavam em uma pilha perfeita ao pé da cama, e a menina suspirou de alívio.

Alguns dias depois, na cozinha dos Richardson, vestindo uma das blusas de Lexie, notou que Trip não parava de olhar de esguelha para ela, e ajustou a gola da blusa com um sorrisinho presunçoso. O próprio Trip nem sabia por que a olhava, mas não deixou de perceber a pequena parte da pele revelada pela blusa: o triângulo nu emoldurado pelas clavículas; o triângulo nu na barriga, com a delicada concavidade do seu umbigo; e a visão intermitente do seu sutiã azul-

marinho acima e abaixo do único botão fechado.

— Você está bonita hoje — disse ele, como se a notasse pela primeira vez, e até o couro cabeludo de Pearl corou.

Ele também ficou constrangido, como se acabasse de revelar que gostava de um programa de TV nada badalado.

Moody não conseguiu deixar para lá.

— Ela está sempre bonita — disse ele. — Cala a boca, Trip.

Porém, como de costume, Trip não notou a irritação do irmão.

— Eu quis dizer que ela está mais bonita — justificou ele. — Essa blusa fica bem em você. Realça a cor dos seus olhos.

— É da Lexie — confessou Pearl, e Trip sorriu.

— Fica melhor em você — disse ele quase timidamente, e saiu.

No dia seguinte, Moody juntou suas economias e presenteou Pearl com um caderno, um Moleskine preto e fino que se fechava com um elástico.

— Hemingway usava esse caderno — contou a Pearl, e a menina agradeceu, guardando-o na mochila.

Ela iria passar seus poemas para o caderno novo e parar de usar aquele outro velho de espiral, pensou ele, e tranquilizava-o saber — quando ela sorria para Trip ou corava por causa de seus elogios — que lhe dera o caderno que conteria suas palavras e seus pensamentos preferidos.

Na semana seguinte, a Sra. Richardson decidiu que o carpete seria higienizado e todos os filhos deveriam ficar fora de casa até o jantar.

— Se eu vir uma pegada de bota naqueles carpetes, Izzy, ou uma marca de chuteira, Trip, vocês vão ficar um ano sem mesada. Entendido?

Trip ia participar de um jogo de futebol fora de casa e Izzy ia para a aula de violino, mas Lexie, por acaso, não tinha nada para fazer. Serena Wong ia para o treino de corrida e todos os seus outros amigos estavam ocupados com alguma coisa. Depois da última aula, ela foi atrás de Pearl perto dos armários.

— O que está fazendo? — indagou Lexie, entregando um chiclete branco na mão de Pearl. — Nada? Vamos para a sua casa, então.

Em todos os anos anteriores, Pearl relutara em convidar amigos para a sua casa: os apartamentos onde moravam eram sempre abarrotados de coisas e de pessoas, muitas vezes em áreas precárias da cidade, e era provável que Mia estivesse trabalhando em um projeto — o que, aos olhos de um estranho, significava que estaria fazendo algo esquisito e inexplicável. Mas Lexie, ali ao lado dela, pedindo para ir à sua casa, pedindo para passar tempo com ela… Pearl se sentiu como Cinderela olhando a mão estendida do príncipe.

— Está bem — respondeu.

Para a alegria de Pearl — e para a grande irritação de Moody —, os três entraram no Explorer de Lexie e seguiram pela rua Parkland Drive em direção à casa na Winslow, com TLC

soando aos berros pelas janelas abertas. Quando estacionaram diante da casa, Mia, que estava do lado de fora regando as azaleias, conteve uma vontade súbita, porém intensa, de largar a mangueira, correr para dentro de casa e trancar a porta. Da mesma forma que Pearl nunca convidava seus amigos para casa, Mia também nunca chamava pessoas de fora. *Não seja ridícula*, disse a si mesma. *Era isso que você queria, não era? Que Pearl tivesse amigos.* Quando as portas do Explorer se abriram e três adolescentes desceram do carro, ela já tinha desligado a mangueira, e os cumprimentou com um sorriso.

Enquanto fazia pipoca — o lanche preferido de Pearl e o único que havia no armário da cozinha —, Mia se perguntava se a conversa seria prejudicada por sua presença. Talvez ficassem sentados em um silêncio constrangedor, e Lexie nunca mais iria querer voltar. Mas quando os primeiros grãos de milho bateram ruidosamente na tampa da panela, os três adolescentes já haviam conversado sobre o carro novo de Anthony Brecker, um velho fusca Volkswagen pintado de roxo; como Meg Kaufman chegara bêbada à escola na semana anterior; como Anna Lamont ficou mais bonita depois que começou a alisar o cabelo; e se o time dos Indians deveria mudar a logo (— Aquele desenho de um índio — disse Lexie — é descaradamente racista). A conversa só acabou quando surgiu o assunto das inscrições nas universidades. Enquanto sacudia a panela para que a pipoca não queimasse, Mia ouviu Lexie resmungar e então escutou um barulho abafado que podia ser da testa da menina batendo na mesa.

As inscrições ocupavam cada vez mais os pensamentos de Lexie. Shaker levava a faculdade muito a sério: o distrito tinha uma taxa de graduados de noventa e nove por cento e praticamente todos os jovens faziam algum curso universitário. Todo mundo que Lexie conhecia estava se inscrevendo com antecedência, e, como resultado, na sala comunitária só se falava sobre onde cada uma estava tentando estudar. Serena Wong ia se inscrever em Harvard. Brian, disse Lexie, estava decidido a ir para Princeton.

"Como se Cliff e Clair fossem me deixar ir para outro lugar", dissera ele.

Os nomes verdadeiros de seus pais eram John e Deborah Avery, mas, com o pai médico e a mãe advogada, os dois de fato se pareciam com a família Cosby da série de TV: o pai afável sempre de casaco e a mãe sagaz, competente e direta. Haviam se conhecido enquanto estudavam em Princeton, e Brian tinha fotos de si mesmo ainda bebê usando uma roupinha da universidade.

Para Lexie, o precedente não era assim tão claro: sua mãe tinha crescido em Shaker e nunca se afastara muito, fora só até a Denison para a graduação, e voltara logo após terminar o curso. Seu pai vinha de uma pequena cidade de Indiana e, depois de tê-la conhecido na faculdade, acabou ficando por ali e voltando com ela para sua cidade natal, onde se tornou doutor em jurisprudência na Universidade Case Western; no começo como colaborador júnior e depois sócio de uma das maiores empresas da região. Porém, Lexie, como a maioria dos colegas de turma, não tinha vontade alguma de ficar por Cleveland. A cidade se amontoava ao lado de um lago sujo e pacato, alimentado por um rio mais conhecido pelo fato de ter secado. Fora construída sobre um rio cujo próprio nome significava tristeza: Chagrin. Este, por sua vez, dava

nome a tudo, bolsões de sofrimento espalhados pela cidade, enterrados feito veias de desalento: Cataratas Chagrin, Bulevar Chagrin, Reserva Chagrin, Imobiliária Chagrin, Mecânicos Chagrin. O Chagrin se reproduzia e se proliferava, como se um dia fosse se esgotar. O Erro no Lago, como chamavam a cidade às vezes, era para Lexie, assim como para seus irmãos e amigos, um lugar de onde se devia fugir.

Com o prazo das inscrições antecipadas se aproximando, Lexie decidira se inscrever em Yale. Eles tinham um bom programa de teatro, e ela havia conseguido o papel de protagonista no musical do ano anterior, embora ainda estivesse no penúltimo ano da escola. Apesar de sua aparente frivolidade, estava entre os melhores da turma — oficialmente, Shaker não classificava os alunos, para reduzir o sentimento da competitividade, mas ela sabia que estava entre os vinte melhores. Fazia quatro matérias avançadas e trabalhava como secretária do Clube de Francês.

"Não deixe a superficialidade dela enganar você", dissera Moody a Pearl. "Sabe por que ela vê TV a tarde inteira? Porque termina o dever de casa em meia hora, antes de dormir. Assim." Ele estalou os dedos. "Lexie tem uma cabeça boa. Só não a usa sempre na vida real."

Yale parecia uma opção um pouco ambiciosa, mas perfeitamente alcançável, segundo sua orientadora.

"Além disso", acrescentara a Sra. Lieberman, "eles sabem que os alunos de Shaker sempre são bem-sucedidos. Vão dar uma vantagem a você."

Lexie e Brian estavam juntos desde o segundo ano, e ela gostava da possibilidade de ficar a uma curta viagem de trem de distância dele.

"Podemos nos visitar o tempo todo", ressaltara Lexie para ele enquanto imprimia o formulário de inscrição antecipada em Yale. "E podemos até nos encontrar em Nova York."

Foi este último argumento que a convenceu de vez: Nova York, que exercia uma atração glamorosa em sua imaginação desde que tinha lido *Eloise* na infância. Ela não queria que sua faculdade fosse *em* Nova York; sua orientadora sugerira a Columbia, mas Lexie ouvira dizer que a área era *perigosa*. Ainda assim, gostava da ideia de poder passear por lá um dia — uma manhã no Met vendo obras de arte, quem sabe compras na Macy's ou até uma viagem com Brian no fim de semana — e então fugir das multidões, da imundície e do barulho.

Porém, antes que qualquer uma dessas coisas pudesse acontecer, tinha que escrever a redação. Uma boa redação, insistira a Sra. Lieberman, era tudo de que precisava para se destacar.

— Escutem só esse enunciado idiota — reclamou ela aquela tarde na cozinha de Pearl, pegando o formulário impresso na bolsa. — "Reescreva uma história famosa de outro ponto de vista. Por exemplo, reconte *O mágico de Oz* da perspectiva da Bruxa Malvada." Isso é para a inscrição na faculdade, não um curso de escrita criativa. Estou na aula avançada de inglês. Pelo menos me deixem escrever uma redação de verdade.

— Que tal um conto de fadas? — sugeriu Moody. Ele ergueu os olhos do caderno e do livro de álgebra abertos à sua frente. — "Cinderela" do ponto de vista das irmãs postiças. Talvez elas não fossem tão más. Talvez Cinderela fosse uma vaca com elas.

— "Chapeuzinho Vermelho" contado pelo lobo — comentou Pearl.

— Ou "Rumplestiltskin" — considerou Lexie. — Fala sério, ele foi enganado por aquela filha do moleiro. Fiou aquilo tudo para ela, que disse que daria o bebê para ele, mas depois voltou atrás no acordo. Talvez ela seja a vilã da história. — Com uma unha marrom-avermelhada, ela bateu no lacre da lata de Coca-Cola Diet que comprara logo depois da escola, então o abriu. — Quer dizer, ela não devia ter aceitado abrir mão do próprio bebê para início de conversa, se não era o que queria.

— Bem — interveio Mia. Ela deu meia-volta com a tigela de pipoca nas mãos e os três se sobressaltaram, como se um móvel tivesse começado a falar. — Talvez ela tenha demorado a se dar conta do que estava abrindo mão. Talvez tenha mudado de ideia quando viu o bebê. — Mia largou a tigela no meio da mesa. — Não julgue rápido demais, Lexie.

A menina pareceu reprimida por um instante, então revirou os olhos. Moody olhou para Pearl: *Está vendo como ela é superficial?* Mas Pearl não percebeu. Depois que Mia voltou para a sala — constrangida com sua impetuosidade —, ela se virou para Lexie.

— Posso ajudar você — disse ela baixinho para que Mia não ouvisse. Então, um instante depois, porque aquilo não pareceu bastar, acrescentou: — Sou boa em inventar histórias. Posso até escrever para você.

— Jura? — perguntou Lexie, radiante. — Meu Deus, Pearl, vou ficar em dívida com você para sempre.

Ela envolveu Pearl com os braços. Do outro lado da mesa, Moody desistiu do dever de casa e fechou o livro de matemática com violência. Na sala, Mia enfiou o pincel em um jarro de água, comprimindo os lábios enquanto a tinta se soltava das cerdas em um turbilhão cor de terra.

Seis

Pearl, que não dizia coisas da boca para fora, entregou uma redação impressa a Lexie na semana seguinte. Era a história de um sapo príncipe do ponto de vista do sapo. Tanto Mia, que não queria admitir que andara ouvindo atrás das portas, quanto Moody, que não queria parecer certinho demais, ficaram calados, mas ambos estavam cada vez mais incomodados..

Quando Moody chegava de manhã para que fossem caminhando juntos até a escola, Pearl saía do quarto vestindo uma das camisas de botão de Lexie, ou uma blusa de alcinha, ou usando batom vermelho-escuro.

— Foi Lexie quem me deu — explicava ela, um pouco para a mãe e um pouco para Moody, já que ambos a olhavam assustados. — Disse que é escuro demais para ela, mas que ficava bem em mim porque meu cabelo é mais escuro.

Sob a mancha do batom, seus lábios lembravam uma ferida sensível e exposta.

— Limpe a boca — disse Mia pela primeira vez.

Mas, na manhã seguinte, Pearl surgiu com uma das gargantilhas de Lexie, que parecia um machucado de renda preta em torno do pescoço.

— Vejo você na hora do jantar — disse Pearl para a mãe. — Vou fazer compras com Lexie depois da escola.

No fim de outubro, à medida que as inscrições eram feitas, um clima de celebração se instalou entre os alunos do último ano. Lexie tinha feito a sua, e seu humor estava benevolente. Sua redação — graças a Pearl — ficara boa, suas notas nas provas finais tinham sido altas, sua média tinha ficado boa graças às aulas avançadas, e ela já se imaginava no campus de Yale. Sentia que de alguma forma devia recompensar Pearl pela ajuda, e, após pensar um pouco, teve a ideia perfeita: algo que tinha certeza de que Pearl iria adorar, mas que a menina nunca conseguiria sozinha.

— Stacie Perry vai dar uma festa este fim de semana — disse ela. — Quer ir?

Pearl hesitou. Tinha ouvido falar das festas de Stacie Perry, e a oportunidade de ir a uma era tentadora.

— Não sei se minha mãe vai deixar.

— Ah, vamos, Pearl — disse Trip, debruçando-se no braço do sofá. — Eu vou. Vou precisar de alguém para dançar comigo.

Depois disso, Pearl não precisou de mais argumentos persuasivos.

As festas de Stacie Perry criavam lendas na Escola Shaker Heights. O Sr. e a Sra. Perry tinham uma casa grande e viajavam com frequência, e Stacie tirava proveito disso. Livres da

tensão das inscrições antecipadas, e semanas antes das provas finais, os alunos do último ano estavam prontos para se divertir. Durante toda a semana, a festa de Halloween tinha sido o assunto mais comentado: quem iria e quem ficaria de fora?

Moody e Izzy, é claro, não haviam sido convidados; só conheciam Stacie pela reputação, e a lista de convidados era composta na maior parte por alunos do último ano. Apesar do envolvimento com Lexie, Pearl ainda não conhecia quase ninguém além dos Richardson, e Moody era praticamente a única pessoa com quem falava na escola. Porém, tanto Lexie quanto Serena Wong haviam sido convidadas pela própria Stacie, portanto tinham a liberdade de levar uma convidada, mesmo que fosse uma aluna do primeiro ano que ninguém conhecia.

— Achei que a gente ia ver *Carrie* — resmungou Moody. — Você disse que nunca viu.

— No próximo fim de semana — prometeu Pearl. — Afinal, vai ser Halloween. A menos que você queira brincar de doces ou travessuras.

— Somos velhos demais para isso — disse Moody.

Assim como com todo o resto, Shaker Heights tinha regras acerca da tradição dos doces ou travessuras: sirenes soavam às seis e às oito da noite para marcar o início e o fim da brincadeira, e embora não houvesse restrições oficiais de idade, as pessoas costumavam olhar com desconfiança para adolescentes que batiam em suas portas. Na última vez em que participara, Moody tinha onze anos e fora fantasiado de M&M.

No entanto, Stacie estava oferecendo uma festa a fantasia. Brian não iria — tinha postergado sua inscrição em Princeton até o último minuto e, junto com vários procrastinadores, estava se esforçando para terminar antes do prazo —, por isso não o levaram em consideração.

— Vamos de As Panteras — gritou Lexie, subitamente inspirada.

Ela, Serena e Pearl vestiram calças boca de sino, blusas de poliéster e deixaram o cabelo volumoso. Com penteados exagerados, elas posaram, de costas uma para a outra, com os dedos apontados como se fossem revólveres, e se olharam no espelho envoltas em uma nuvem de laquê.

— Perfeito — exclamou Lexie. — Uma de cabelo louro, uma de cabelo castanho e outra de cabelo preto. — Ela apontou para o nariz de Pearl. — Está pronta para a festa, Pearl?

Claro que a resposta era não. Foi a noite mais surreal da vida de Pearl. Durante toda a noite, carros dirigidos por skatistas, animais e Freddy Kruegers estacionavam na extremidade do imenso gramado de Stacie. Ao menos quatro meninos foram com máscaras do filme *Pânico*; dois usavam uniformes de futebol americano e capacetes; alguns criativos vestiram casacos compridos, chapéus Fedora, óculos escuros e boás de penas. ("Cafetões", explicou Lexie.) A maioria das meninas usava vestidinhos indecentes e chapéus ou orelhas de animais — embora uma tivesse se transformado na Princesa Leia; outra, vestida de ginoide, estava de braços dados com um Austin Powers. A própria Stacie estava fantasiada de anjo, com um vestido prateado e curto de alcinha, asas brilhantes, meia-calça arrastão e uma auréola na faixa de cabeça.

Quando Lexie, Serena e Pearl chegaram, às nove e meia, todos já estavam bêbados. O ar estava denso com suor e com o cheiro forte e azedo de cerveja, e casais se pegavam em cantos

escuros. O chão da cozinha estava grudento por causa das bebidas derramadas e havia uma garota deitada na mesa em meio a garrafas pela metade, fumando um baseado e rindo enquanto um garoto sugava rum do seu umbigo. Lexie e Serena serviram-se de bebidas e foram para a pista de dança improvisada na sala de estar. Sozinha, Pearl ficou parada no canto da cozinha, com um copo de plástico vermelho cheio de vodca com Coca-Cola, procurando Trip.

Meia hora depois, ela o avistou na varanda, fantasiado de diabo, com um paletó vermelho de brechó e um par de chifres.

— Nem sabia que ele conhecia Stacie — gritou ela ao ouvido de Serena quando a menina voltou para encher o copo.

Serena deu de ombros.

— Stacie o viu sem camisa depois do treino de futebol e achou ele um *gato*. Disse que ele era tudo de bom, palavras dela. — Serena tomou um gole da bebida e riu. Pearl notou que ela estava corada. — Não conte para Lexie, ok? Ela ficaria com nojinho.

Serena voltou para a sala, cambaleando um pouco nos saltos plataforma, e pela porta corrediça de vidro Pearl observou Trip cutucar uma menina ruiva entre as omoplatas com seu tridente de plástico. Pearl ajeitou o cabelo e traçou um plano. Em pouco tempo o copo de Trip ficaria vazio. Ele entraria na casa e a veria. *E aí, Pearl?*, diria. E então ela falaria alguma coisa interessante. Tentou pensar em algo. O que Lexie diria ao garoto de quem gostava?

Mas, enquanto vasculhava sua mente em busca de algo sensual e espirituoso, percebeu que Trip havia sumido da varanda. Será que tinha entrado ou fora embora? Ela abriu caminho em direção à sala de estar, erguendo o copo, mas era impossível ver quem quer que fosse. Puff Daddy e Mase jorravam do aparelho de som, o volume do baixo tão alto que ela sentia reverberar na garganta, depois deram lugar a Notorious B.I.G. As únicas luzes vinham de algumas velas acesas, e ela só enxergava os contornos das pessoas se remexendo e se esfregando de forma decididamente indecente. Avançou com dificuldade até o jardim, onde um grupo de garotos bebia cerveja e discutia sobre as chances do time de futebol de chegar às finais.

— Se a gente ganhar do Ignatius — gritou um deles — e o U.S. ganhar do Mentor…

Enquanto isso, Lexie vivia uma noite decisiva. Adorava dançar. Ela, Serena e as amigas sempre iam ao centro da cidade quando havia uma noite para adolescentes em alguma boate — ou sempre que achavam que seus documentos falsos, que as identificavam como universitárias, enganariam o segurança. Certa vez, as duas tinham conseguido entrar em uma rave em um depósito abandonado na área industrial e dançaram até as três da manhã, com tiras de néon nos pulsos e em torno do pescoço. Várias vezes dançavam juntas, com a tranquilidade de duas meninas que se conheciam por mais de metade da vida, quadril com quadril ou pélvis com pélvis, Lexie indo de costas sacudir a bunda na de Serena. Naquela noite, estavam dançando juntas quando Lexie sentiu alguém pressionar o corpo às suas costas. Era Brian, e Serena deu um sorriso cúmplice para ela antes de se afastar.

— Você nem está fantasiado — protestou Lexie, dando um tapa em seu ombro.

— Estou, sim — insistiu Brian. — Sou um cara que acabou de enviar o formulário de

inscrição para Princeton.

Ele envolveu a cintura de Lexie com os braços e levou a boca ao seu pescoço.

Meia hora depois, a dança, a bebida e a animação doce e empolgante de ter dezoito anos deixaram os dois febrilmente acalorados. Desde que haviam começado a namorar, tinham feito algumas coisas, como Lexie dissera com timidez a Serena, mas *a* coisa, *a* coisa principal estava estagnada entre eles há um tempo, feito uma piscina funda na qual só haviam molhado os dedos dos pés. Então, seu corpo contra o de Brian, relaxada pelo rum com Coca-Cola, a música pulsando dentro dela feito um batimento cardíaco compartilhado, Lexie foi tomada pelo desejo súbito e intenso de mergulhar naquela piscina e afundar. Quando era mais nova e menos experiente, imaginava como seria sua primeira vez. Planejara tudo: velas, flores, Boyz II Men tocando no aparelho de som. No mínimo, um quarto e uma cama. Não no banco de trás do carro, como algumas de suas amigas haviam feito; com certeza não na escadaria da escola, como o boato que circulava sobre Kendra Solomon. Mas ela percebeu que não ligava mais para isso.

— Quer dar uma volta de carro? — perguntou.

Ambos sabiam o que ela estava sugerindo.

Sem falar mais nada, correram até o meio-fio, onde estava o carro de Lexie.

Quando Lexie e Brian saíram, Pearl já estava de volta ao seu canto na cozinha, esperando Trip reaparecer. Mas isso não aconteceu, nem às dez e meia, nem às onze. A cada hora que passava, a cada garrafa esvaziada, as coisas ficavam mais barulhentas e soltas. Pouco depois da meia-noite, a própria Stacie Perry, que tentava se servir de um copo de água, vomitou no filtro, e Pearl decidiu que era hora de voltar para casa. Porém, não viu sinal de Lexie, mesmo quando abriu caminho pela massa pulsante de corpos na sala de estar. Espiou lá fora, mas não conseguiu ver se o Explorer dela continuava estacionado na fileira torta de carros.

— Você viu Lexie? — perguntava a qualquer pessoa que parecesse remotamente sóbria. — Ou Serena?

A maioria encarava Pearl, como se tentasse lembrar de onde a conhecia.

— Lexie? — diziam. — Ah, Lexie Richardson? Você veio com ela?

Por fim, uma garota, deitada no colo de um jogador de futebol americano na poltrona grande, disse:

— Acho que ela foi embora com o namorado. Não foi, Kev?

Kev, em troca, levou as mãos grandes ao rosto da menina e puxou sua boca em direção à dele, e Pearl desviou o olhar.

Ela não sabia direito onde estava e a vodca ofuscava seu mapa mental já confuso de Shaker. Será que dava para ir a pé para casa dali? Quanto tempo levaria? Em que rua ficava a casa de Stacie? Por um instante, Pearl se permitiu fantasiar. Talvez Trip entrasse pela porta corrediça de vidro e viesse até a cozinha acompanhado de uma lufada de ar frio. *Quer uma carona para casa?*, perguntaria.

Mas é claro que isso não aconteceu, e Pearl finalmente pegou o telefone sem fio na bancada da cozinha, se escondeu lá fora, perto da garagem, onde o barulho era menor, e ligou para

Moody.

Vinte minutos depois, um carro parou diante da casa de Stacie. A janela do lado do carona se abriu, e, do alto dos degraus da entrada, Pearl viu a expressão carrancuda de Moody.

— Entre — disse ele, apenas.

O interior do carro era de couro liso, macio como a pele da parte posterior das coxas.

— De quem é este carro? — perguntou ela tolamente, quando se afastaram da calçada.

— Da minha mãe — respondeu Moody. — E antes que você me pergunte, ela está dormindo, então não vamos perder tempo aqui.

— Mas você ainda não tem carteira.

— Ter permissão para fazer algo e saber fazer algo são coisas diferentes. — Moody avançou com o carro até a esquina e virou no Bulevar Shaker. — Então, quão bêbada você está?

— Só tomei um drinque. Não estou bêbada. — Mesmo enquanto dizia aquilo, Pearl não sabia se era verdade, afinal havia muita vodca naquele copo. Sua cabeça rodava, e ela fechou os olhos. — Eu só não sabia como voltar para casa.

— O carro do Trip ainda está aí, sabia? Passamos por ele saindo. Por que não pediu carona a ele?

— Não o encontrei. Não consegui encontrar ninguém.

— Ele deve estar lá em cima com alguma garota.

Os dois ficaram em silêncio por um tempo, enquanto Pearl revirava as palavras na mente: *lá em cima com alguma garota*. Ela tentou visualizar o que acontecia naqueles quartos escuros, imaginou o corpo de Trip encostado no seu e foi tomada por uma onda de calor. Segundo o relógio no painel do carro, já era quase uma da manhã.

— Está vendo agora como eles são? — perguntou Moody. Quando se aproximaram do quarteirão de Mia e Pearl, ele apagou o farol e parou o carro junto do meio-fio. — Sua mãe vai ficar fula da vida.

— Falei para ela que ia sair com Lexie, e ela me disse que eu podia ficar na rua até meia-noite. Só estou um pouco atrasada. — Pearl olhou para a janela iluminada da cozinha. — Estou fedendo?

Moody se aproximou dela.

— Está com cheiro de cigarro. Mas não de bebida. Tome.

Ele pegou um pacote de Trident no bolso.

Segundo os relatos, a festa de Halloween duraria até as três e quinze, e terminaria com vários adolescentes dormindo no tapete oriental da sala dos Perry. Lexie chegaria em casa sem fazer barulho às duas e meia, Trip às três, e no dia seguinte os dois dormiriam até depois do meio-dia. Mais tarde, Lexie pediria desculpas a Pearl e sussurraria uma confissão: ela e Brian estavam pensando naquilo havia um tempo, e aquela noite tinha lhe parecido o momento certo e... enfim, só queria contar a alguém, nem diria a Serena ainda. Ela parecia diferente? Para Pearl ela *pareceria* diferente — mais magra, mais maliciosa, o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo, restos de rímel e purpurina ainda presentes nos cantos dos olhos; ela podia ver pela ruga

discreta entre as sobrancelhas de Lexie qual seria sua aparência dali a vinte anos: bem parecida com a da mãe. Dali em diante, Pearl teria a impressão de que tudo o que Lexie fazia tinha a ver com sexo, certa sabedoria em sua risada, nos olhares de esguelha, na maneira descontraída como tocava todo mundo, no ombro, na mão, no joelho. Você ficou mais solta, mais leve, pensaria ela.

— E você? — indagaria Lexie, finalmente, segurando o braço de Pearl. — Conseguiu voltar para casa direito? Se divertiu?

E Pearl, com a cautela dos recém-feridos, apenas confirmaria com a cabeça.

Então tirou o papel do chiclete e o colocou entre os lábios, sentindo a menta na língua.

— Obrigada.

* * *

Apesar da insistência de Pearl de que sua mãe não iria se importar, Mia se importou muito com o atraso. Quando a filha finalmente subiu — com cheiro de cigarro, álcool e algo que Mia tinha quase certeza de que era maconha —, ela não soube o que dizer.

— Vá para a cama — conseguiu falar, por fim. — Conversamos sobre isso amanhã de manhã.

Quando a manhã chegou, Pearl ainda dormia. E mesmo quando se levantou perto do meio-dia, descabelada e com os olhos sonolentos, Mia não soube o que dizer. Lembrou a si mesma que queria que Pearl tivesse uma vida normal… Bem, era isso que os adolescentes faziam. Por um lado, sentia que devia se envolver mais — precisava saber o que Pearl estava fazendo, o que Lexie estava fazendo, o que todos eles estavam fazendo —, mas como? Juntar-se a eles nas festas e nos jogos de hóquei? Proibir Pearl de sair? Acabara não dizendo nada, e Pearl comera uma tigela de cereal em silêncio antes de voltar para a cama.

Contudo, pouco depois surgiu uma oportunidade. Na terça-feira seguinte à festa de Halloween, a Sra. Richardson foi até o duplex da rua Winslow.

— Para ver se vocês estavam precisando de alguma coisa, agora que já estão acomodadas — disse ela, mas Mia observou seu olhar percorrer a cozinha e a sala de estar.

Ela estava acostumada com aquelas visitas, apesar de os contratos mencionarem *direitos de entrada limitados*, e deu um passo atrás para que a Sra. Richardson tivesse uma visão melhor. Após quase quatro meses, ainda havia poucos móveis. Na cozinha, duas cadeiras diferentes e uma mesa extensível com um tampo faltando, tudo resgatado em calçadas; no quarto de Pearl, a cama de casal e uma cômoda com três gavetas; o quarto de Mia continha só um colchão no chão e pilhas de roupas no armário. Uma fileira de almofadas no chão da sala, forradas com uma toalha de mesa de flores com cores vivas. Mas o piso da cozinha estava limpo, o fogão e a geladeira também, o carpete estava impecável e o colchão de Mia, forrado com lençóis listrados frescos. Apesar da falta de móveis, o apartamento não parecia vazio.

"Podemos pintar?", perguntara Mia quando as duas se mudaram.

A Sra. Richardson tinha hesitado antes de dizer:

"Contanto que não seja com uma cor muito escura."

Na ocasião, ela quisera dizer nada de preto, azul-marinho ou vinho. Mas, no dia seguinte, ocorreu-lhe que talvez Mia estivesse falando de um mural — era uma artista, afinal de contas — e ela poderia se deparar com um Diego Rivera ou alguns grafites. Mas não havia mural algum. Cada cômodo fora pintado de uma cor diferente — a cozinha, de amarelo-ovo; a sala, de laranja tipo melão-cantalupo; os quartos, de um pêssego acolhedor — e o efeito geral era de que você entrara numa caixa de luz, mesmo em um dia nublado. Havia fotografias penduradas por todo o apartamento, sem moldura e presas com massa adesiva, mas ainda assim eram impressionantes.

Havia estudos de sombras em uma parede de tijolos desbotada, fotos de penas amontoadas na margem do rio Shaker, experimentos que Mia fazia com fotos impressas em diversas superfícies: velino, papel-alumínio, jornais. Uma série ocupava toda a extensão de uma parede, fotografias tiradas a cada semana de um canteiro de obras ali perto. No começo, não havia nada além de um morro escuro diante de um terreno escuro. Aos poucos, quadro a quadro, o morro se tornava verde, com ervas daninhas, mato, moitas, e, por fim, um pequeno arbusto alcançando o cume. Atrás, uma casa marrom-clara se erguia aos poucos, feito uma grande fera selvagem brotando da terra. Escavadeiras e caminhões entravam e saíam da cena feito fantasmas pegos de surpresa. Na última foto, um trator arrancava a terra para aplanar o terreno, achatando a paisagem como se fosse uma bolha estourada.

— Minha nossa — disse a Sra. Richardson. — São todas suas?

— Às vezes preciso vê-las na parede por um tempo, antes de saber se estou chegando perto de algum resultado. Antes de decidir de quais eu gosto.

Mia olhou para as fotos ao redor, como se fossem velhas amigas e ela estivesse se lembrando de seus rostos.

A Sra. Richardson olhou com atenção para a foto de uma menina emburrada vestindo uma roupa de vaqueira. Mia tirara a foto durante um desfile pelo qual passaram a caminho de Ohio.

— Você tem um dom incrível para o retrato — comentou a Sra. Richardson. — Olhe só como você captou essa menininha. Quase dá para ver a alma dela.

Mia ficou calada, mas assentiu de um jeito que a Sra. Richardson classificou como modesto.

— Você deveria pensar em tirar retratos profissionais — sugeriu ela. Em seguida, fez uma pausa. — Não que já não seja uma profissional, é claro. Mas fotos em estúdio, talvez. Ou de casamentos e noivados. Teria grande procura.

A Sra. Richardson fez um gesto com a mão para as fotografias na parede, como se mostrassem o que ela queria dizer.

— Na verdade, você poderia tirar fotos da nossa família. Eu pagaria, é claro.

— Talvez — respondeu Mia. — A questão com retratos é que você tem que mostrar as pessoas como elas querem ser vistas. E prefiro mostrar as pessoas como *eu* as vejo. Então, no fim das contas, provavelmente eu acabaria deixando nós duas frustradas.

Ela deu um sorriso plácido, e a Sra. Richardson buscou uma resposta.

— Seu trabalho está à venda? — indagou.

— Uma amiga de Nova York tem uma galeria e já vendeu algumas fotos minhas.

Mia passou o dedo em uma foto, acompanhando a curva da ponte enferrujada.

— Bem, eu adoraria comprar uma — disse a Sra. Richardson. — Aliás, eu insisto. Se não apoiarmos nossos artistas, como eles vão criar trabalhos de qualidade?

— É muita generosidade sua.

Os olhos de Mia desviaram-se brevemente para a janela, e a Sra. Richardson sentiu uma pontada de irritação diante da indiferença em relação à sua filantropia.

— Você vende o bastante para se sustentar? — perguntou.

Mia interpretou aquilo, de forma correta, como uma pergunta sobre o aluguel e sua condição de pagar em dia.

— Sempre damos um jeito — disse ela —, de uma forma ou de outra.

— Mas com certeza há momentos em que fotografias não vendem. Não por culpa sua, é claro. E por quanto se vende uma foto, geralmente?

— Sempre damos um jeito — repetiu Mia. — Arrumo outros trabalhos quando preciso. Faço faxina ou cozinho. Coisas desse tipo. Estou trabalhando meio período no Lucky Palace, aquele restaurante chinês em Warrensville. Nunca deixei de quitar nenhuma dívida.

— Ah, mas eu não estava insinuando isso — protestou a Sra. Richardson.

Ela voltou a atenção para a imagem maior, sozinha acima do console da lareira. Era a fotografia de uma mulher dançando de costas para a câmera. O filme a captara em um movimento turvo — braços por toda parte, esticados para cima, para os lados, curvados perto da cintura —, um emaranhado de membros que, como a Sra. Richardson percebeu com surpresa, a fazia lembrar uma aranha enorme, cercada por uma névoa de teia. Aquilo a perturbou e a deixou perplexa, mas não conseguia desviar os olhos da imagem.

— Nunca pensei em transformar uma mulher em aranha — disse com sinceridade.

Lembrou a si mesma que artistas não pensavam como pessoas normais e, por fim, virou-se para Mia, cheia de curiosidade. Nunca tinha conhecido alguém como ela.

Desde sempre, a Sra. Richardson tivera uma vida ordenada e regimentada. Pesava-se uma vez por semana e, embora seu peso não oscilasse mais do que um quilo e meio, o que o médico garantia que era normal, ela se esforçava para se manter nele. Toda manhã, media exatamente meia xícara de cereal, a porção indicada na caixa, usando o copo medidor de plástico florido que ganhara da Higbee's quando recém-casada. Toda noite, na hora do jantar, ela se permitia beber uma taça de vinho — tinto, já que os jornais diziam que era o melhor para a saúde — e um discreto arranhão na taça marcava o nível certo para servir. Três vezes por semana, tinha aula de aeróbica, durante a qual olhava o monitor cardíaco para conferir se seus batimentos ultrapassavam cento e vinte por minuto. Fora criada para seguir regras, para acreditar que o bom funcionamento do mundo dependia de sua obediência, e era isso que fazia: seguia e acreditava. Tinha um plano, desde a infância, e o seguira à risca: escola, faculdade, namorado,

casamento, trabalho, hipoteca, filhos. Um sedã com airbags e cintos de segurança automáticos. Um cortador de grama e um soprador de neve. Máquina de lavar e secar. Basicamente, fizera tudo certo e construíra uma vida boa, a vida que queria, que todos queriam. Mas lá estava aquela Mia, um tipo totalmente diferente de mulher levando uma vida bem distinta, que parecia criar as próprias regras sem culpa. Assim como a fotografia da dançarina-aranha, a Sra. Richardson achava aquilo perturbador, mas estranhamente cativante. Por um lado, queria estudar Mia feito uma antropóloga, para entender por que — e como — ela fazia aquilo. Por outro — embora só tivesse uma vaga consciência, até então —, ela se sentia incomodada, queria vigiar Mia, da forma como vigiamos uma fera perigosa.

— Você deixa tudo tão limpo… — disse ela, por fim, passando o dedo pelo console da lareira. — Eu deveria contratar você lá em casa.

Ela riu, e Mia ecoou a risada por educação, mas notou a semente de uma ideia surgindo e germinando na mente da Sra. Richardson.

— Não seria perfeito? — disse a Sra. Richardson. — Você poderia passar apenas algumas horas por dia e fazer uma faxina leve. Eu pagaria, é claro. Então você teria o resto do dia para tirar fotos.

Mia começou a procurar as palavras certas e delicadas para desenraizar aquela ideia, porém já era tarde demais. A Sra. Richardson se agarrara a ela com vigor.

— Olha, é sério. Por que não vai trabalhar lá em casa? A gente tinha uma mulher que fazia faxina e preparava parte do jantar com antecedência, mas ela voltou para Atlanta na primavera, e eu gostaria muito de uma ajuda. Você me faria um favor, na verdade. — Ela se virou para encarar Mia. — Aliás, eu insisto. Você precisa ter tempo para sua arte.

Mia percebeu que não adiantava protestar. Isso, inclusive, só pioraria as coisas e levaria à ousadia. Tinha aprendido que quando as pessoas estavam decididas a fazer algo que acreditavam ser uma boa ação, em geral era impossível dissuadi-las. Com desânimo, pensou nos Richardson, na casa grande e brilhante deles, na expressão de Pearl quando sua mãe ousasse pôr os pés naquele terreno precioso. Então imaginou-se instalada com segurança no reino dos Richardson, meio escondida no segundo plano, vigiando a filha. Reafirmando sua presença na vida dela.

— Obrigada — falou. — É muito generoso da sua parte oferecer. Como eu poderia recusar?

A Sra. Richardson ficou radiante.

Sete

Os detalhes foram logo combinados: em troca de trezentos dólares por mês, Mia passaria aspirador de pó, espanaria e arrumaria a casa dos Richardson três vezes por semana e prepararia o jantar toda noite. Parecia um excelente negócio — apenas algumas horas de trabalho por dia pelo equivalente ao aluguel —, mas Pearl não gostou.

— Por que ela pediu para *você*? — indagou ela com um grunhido.

Mia mordeu a língua, lembrando a si mesma que a filha, afinal de contas, tinha quinze anos.

— Porque está tentando ser gentil com a gente — retrucou, e, por sorte, Pearl não insistiu no assunto.

Porém, no fundo, a menina estava furiosa com a ideia de Mia invadir o que ela considerava *seu* espaço: a casa dos Richardson. Sua mãe estaria a poucos metros de distância, na cozinha, ouvindo e observando tudo. As tardes no sofá, as brincadeiras das quais sentia fazer parte, até mesmo o ritual ridículo de assistir ao programa de Jerry Springer... estaria tudo arruinado. Dias antes, ela tomara coragem de dar um tapa na mão de Trip quando ele fizera uma brincadeira sobre sua calça: *Por que tantos bolsos?*, questionara ele. *O que está escondendo aí dentro?* Primeiro, ele revistara os bolsos ao lado dos joelhos dela, depois os do quadril, e, quando tentara tocar os de trás, ela batera nas mãos dele, e, para sua alegria de apaixonada, ele dissera: "Não fique brava, você sabe que eu te amo", e passara o braço em torno dos seus ombros. Com sua mãe ali, porém, ela nunca ousaria fazer uma coisa dessas e suspeitava que Trip também não.

O Sr. Richardson também estranhou o novo combinado. Para ele, uma coisa era contratar uma empregada; outra era contratar alguém que já conheciam, a mãe de uma das amigas dos seus filhos. Mas ele notou que a Sra. Richardson acreditava se tratar de um gesto de generosidade, por isso, em vez de discutir, fez questão de falar com Mia na primeira manhã dela na casa da família.

— Agradecemos muito pela sua ajuda — disse ele, enquanto ela pegava o balde com produtos de limpeza embaixo da pia. — É uma grande ajuda.

Mia sorriu ao pegar um frasco de limpa-vidro e continuou calada, então o Sr. Richardson pensou em algo mais para dizer.

— Está gostando de Shaker?

— É um lugar e tanto. — Mia borrifou a bancada e limpou com a esponja, jogando as migalhas na pia. — Você também cresceu aqui?

— Não, só Elena. — O Sr. Richardson fez que não com a cabeça. — Eu nunca tinha ouvido falar em Shaker Heights antes de conhecê-la.

Durante sua primeira semana na Denison, ele se apaixonara pela jovem entusiasta que recolhia assinaturas no campus para encerrar o recrutamento. Quando se formaram, ele também se apaixonou por Shaker Heights, pela forma como Elena descrevia o lugar: a primeira comunidade planejada, a comunidade mais progressiva, o lugar perfeito para jovens idealistas. Em sua cidade natal, as pessoas desconfiavam de ideias: ele crescera cercado por um ceticismo resignado, por mais que tivesse certeza de que o mundo poderia ser melhor. Por isso tinha tanta vontade de ir embora, e se apaixonara por Elena logo que se conheceram. Sua primeira opção havia sido a Northwestern, mas não fora aceito, e se conformara com a única faculdade que possibilitava que ele deixasse o estado. Porém, depois que conheceu Elena, teve a sensação de que fora uma interferência do destino. Elena estava decidida a voltar à sua cidade natal ao concluir a faculdade, e quanto mais ela falava sobre o lugar, mais disposto a acompanhá-la ele ficava. Parecia perfeitamente natural que aquela cidade tivesse formado sua noiva cheia de princípios, sempre em busca da perfeição. Portanto, ele a seguiu com alegria até Shaker Heights após a formatura.

Agora, quase duas décadas depois, já estabelecidos na carreira, na família, na vida, enquanto ele enchia o tanque do BMW com gasolina premium, limpava os tacos de golfe, ou assinava uma autorização para que os filhos fossem esquiar, a época da faculdade parecia turva e distante como uma velha polaroid. Elena também tinha amadurecido: claro que ainda fazia doações para a caridade e votava nos Democratas, mas tantos anos levando uma vida confortável no subúrbio haviam mudado os dois. Nenhum deles nunca fora radical — mesmo nos tempos de protestos, ocupações, manifestações, motins —, mas agora tinham duas casas, quatro carros e um barquinho que deixavam atracado na marina do centro da cidade. Tinham alguém para limpar a neve no inverno e cortar a grama no verão. E claro que dispunham de empregadas havia anos, várias delas, e lá estava a última, aquela jovem na cozinha aguardando que ele fosse embora para limpar a casa.

Ele se recompôs, sorriu timidamente e pegou a pasta. Mas parou na soleira da porta que dava para a garagem.

— Se seu trabalho aqui parar de atender a suas necessidades, por favor, me avise. Não haverá ressentimentos, prometo.

Mia logo estabeleceu uma rotina: chegava de manhã, às oito e meia, logo depois de todos terem saído para o trabalho ou para a escola, e terminava às dez. Então ia para casa, para sua câmera, e retornava às cinco da tarde para cozinhar.

— Não há necessidade de vir duas vezes — assinalara a Sra. Richardson.

Mas Mia insistiu que o meio do dia era o melhor horário para tirar fotos.

A verdade era que ela queria estudar a casa dos Richardson quando eles estavam presentes e quando não estavam. A cada dia, Pearl parecia assimilar algo novo da família: uma expressão ("Eu estava *literalmente* morrendo"), um gesto (um tique com o cabelo, um revirar de olhos). Ela é adolescente, repetia Mia para si mesma, então está experimentando novas peles, como qualquer adolescente. Mas, no fundo, ficava desconfiada com as mudanças que via. Todas as

tardes, estaria lá para dar uma olhada em Pearl, para observar os Richardson que tanto fascinavam sua filha. Todas as manhãs, ela estaria livre para investigar sozinha.

Enquanto faxinava, Mia passou a observar cuidadosamente. Sabia que Trip havia tirado nota baixa na prova de matemática quando achava pedaços de papel rasgado no lixo, e sabia que Moody tinha escrito músicas ao encontrar folhas amassadas na lixeira dele. Sabia que ninguém na família Richardson comia borda de pizza ou bananas machucadas, que Lexie tinha uma queda por revistas de fofoca e — de acordo com sua estante de livros — por Charles Dickens, que o Sr. Richardson gostava de comer sacos inteiros daquelas balas de caramelo com recheio de creme enquanto trabalhava no escritório à noite. Quando ela terminava de arrumar a casa, uma hora e meia depois, tinha bastante noção do que cada membro da família estava fazendo.

Foi assim que, uma semana depois do início de suas novas tarefas, Mia estava na cozinha dos Richardson quando Izzy desceu a escada às nove e meia da manhã.

No dia anterior, Izzy havia assustado, mas não surpreendido, a família ao ser suspensa da escola. Segundo o jovem vice-diretor, no meio da aula da orquestra a menina tinha quebrado o arco da professora no joelho e jogado as peças na cara dela. Apesar de diversos interrogatórios e broncas tanto na escola quanto em casa, ela havia se recusado a explicar o que desencadeara aquele acesso de raiva. Nas palavras de Lexie, era a versão vintage de Izzy: ela pirava sem motivo, fazia alguma loucura e não aprendia nada com aquilo. Consequentemente, depois de uma reunião às pressas entre a mãe, o diretor e a professora ofendida da orquestra, ela fora suspensa da escola por três dias. Mia estava limpando o fogão quando Izzy entrou — fazendo tanto barulho com os pés descalços quanto fazia com os sapatos Doc Martens — e parou.

— Ah — disse a menina. — É você. A aprendiz de doméstica. Digo, a inquilina-barra-faxineira.

Mia soubera da versão da história por Pearl no dia anterior.

— Eu me chamo Mia — disse ela. — Imagino que você seja Izzy.

Izzy sentou-se em um dos banquinhos altos e acrescentou:

— A louca.

Mia limpou cuidadosamente a bancada.

— Ninguém falou nada assim para mim.

Enxaguou a esponja e colocou-a no lugar para secar.

Izzy ficou calada e Mia começou a limpar a pia. Quando terminou, ligou a grelha. Então pegou um pedaço de pão, cobriu-o de manteiga e salpicou açúcar generosamente, colocando tudo no forno até o açúcar derreter, formando um caramelo borbulhante e dourado. Pôs outra fatia de pão por cima, cortou o sanduíche ao meio e colocou o prato diante de Izzy; era uma sugestão, não uma ordem. Algo que às vezes fazia para Pearl, quando a menina estava tendo o que Mia chamava de "um dia daqueles". Izzy, que ficou observando em silêncio ainda que com interesse, não disse nada mas puxou o prato. Pela sua experiência, quando alguém tentava fazer algo para ela, era por dó ou desconfiança, mas aquele gesto simples pareceu ser apenas o que era: uma pequena gentileza sem compromissos. Quando ela comeu o último pedaço do

sanduíche, lambeu a manteiga dos dedos e ergueu os olhos.

— Então, quer saber o que aconteceu? — indagou, e a história toda veio à tona.

* * *

Ninguém gostava da professora da orquestra, a Sra. Peters. Era uma mulher alta e dolorosamente magra, com o cabelo curto pintado de um louro artificial que lembrava Dorothy Hamill. Segundo Izzy, ela era uma *maestrina inútil*, e todos sabiam que deviam observar Kerri Schulman, a primeira violinista, para verificar o tempo. Um boato persistente — que depois de alguns anos se tornara um fato — insistia que a Sra. Peters tinha problema com bebida. Izzy não acreditava muito nisso, até que certa manhã a Sra. Peters pegou seu violino emprestado para demonstrar uma arcada. E, quando o devolveu, o apoio para queixo estava úmido de suor e tinha o cheiro inconfundível de uísque. As pessoas diziam que quando a Sra. Peters trazia sua grande garrafa térmica de café, era porque tinha bebido demais na noite anterior. Além disso, muitas vezes ela era de um sarcasmo mordaz, sobretudo com os segundos violinistas, *ainda mais* os que — como dizia um dos violoncelistas com frieza — eram "pigmentalmente abençoados". Histórias sobre ela haviam chegado aos ouvidos de Izzy ainda no ensino fundamental.

Izzy, que tocava violino desde os quatro anos e fora nomeada segunda violinista mesmo estando no primeiro ano, não deveria ter nada a temer.

"Você não vai ter problemas", dissera o violoncelista, observando o cabelo louro e crespo de Izzy.

Era seu dente-de-leão afro, como chamava Lexie. Se Izzy tivesse ficado de cabeça baixa, provavelmente a Sra. Peters a teria ignorado. Mas ela não era do tipo que mantinha a cabeça baixa.

Na manhã da suspensão, Izzy estava no seu lugar, treinando um dedilhado na corda Mi para a peça de Saint-Saëns que vinha estudando nas aulas particulares. Em torno dela, o murmúrio de violas e violoncelos sendo afinados parou quando a Sra. Peters entrou feito um furacão com sua garrafa térmica. Ficou evidente desde o início que ela estava especialmente de mau humor. Irritou-se com Shanita Grimes, mandando-a cuspir o chiclete. Gritou com Jessie Leibovitz, que tinha acabado de arrebentar a corda Lá e procurava uma substituta no estojo.

— Ressaca — murmurou Kerri Schulman para Izzy, que concordou com a cabeça, séria.

Ela só tinha uma noção vaga do que aquilo significava — algumas vezes Trip voltava para casa depois de uma festa do time de hóquei e, na opinião dela, parecia mais devagar e sonolento pela manhã, até mesmo para Trip —, mas sabia que envolvia dores de cabeça e mau humor. Então bateu a ponta do seu arco nas próprias botas.

Junto ao púlpito, a Sra. Peters bebeu um grande gole de sua caneca de café.

— Offenbach — soltou, erguendo a mão direita.

Pela sala, os estudantes folhearam as partituras.

Após o décimo segundo compasso de *Orfeu*, a Sra. Peters balançou os braços.

— Alguém está errando. — Ela apontou o arco para Deja Johnson, que estava no fundo, atrás dos segundos violinistas. — Deja. Comece do sexto compasso.

A menina, que como todos sabiam era terrivelmente tímida, ergueu os olhos parecendo uma coelha assustada. Começou a tocar, e todos ouviram o leve tremor de sua mão nervosa. A Sra. Peters balançou a cabeça e bateu com o arco no seu suporte para partitura.

— Arcada errada. Baixo, cima, cima, baixo, cima.

Deja se atrapalhou outra vez com o trecho. O cômodo já fervia com ressentimento, mas ninguém se manifestou.

A Sra. Peters tomou um grande gole de café.

— Fique de pé, Deja. Bem alto agora, para que todos ouçam o que *não* devem fazer.

Os cantos da boca de Deja vacilaram, como se ela fosse chorar, mas a menina levou o arco à corda e recomeçou. A Sra. Peters balançou outra vez a cabeça, sua voz aguda mais alta que o som do único violino:

— Deja. Baixo, cima, cima, baixo, cima. Não entendeu o que eu disse? Precisa que eu fale em dialeto negro?

Foi nesse instante que Izzy se levantou com um pulo do seu lugar e agarrou o arco da Sra. Peters.

Ela não soube explicar, mesmo ao contar a história para Mia, por que havia reagido com tanta veemência. Em parte, era porque Deja Johnson sempre exibia a expressão angustiada de alguém que esperava o pior. Todos sabiam que sua mãe era enfermeira; inclusive, ela trabalhava com a mãe de Serena Wong na Clínica de Cleveland e seu pai administrava um depósito em West Side. Porém, não havia muitas crianças negras na orquestra, e quando os pais dela iam assistir aos concertos, sentavam-se na última fileira, sozinhos. Nunca conversavam com os outros pais sobre esqui, as reformas em casa ou os planos para as próximas férias. Durante toda a vida de Deja, eles haviam morado em uma casinha confortável na extremidade sul de Shaker, e a menina passara do jardim de infância até o ensino médio — como as pessoas diziam, de brincadeira — sem dizer mais de dez palavras por ano.

Porém, ao contrário dos outros violinistas — que tinham raiva de Izzy por ela ter virado segunda violinista já no primeiro ano —, Deja nunca fazia comentários maldosos ou a chamava de "novata". Na primeira semana de aula, Deja, ao saírem da sala de orquestra, tinha se debruçado para fechar o zíper aberto na mochila de Izzy, escondendo suas roupas de ginástica. Algumas semanas depois, Izzy estava vasculhando sua bolsa, procurando desesperadamente um absorvente, quando Deja inclinou-se de forma discreta e estendeu a mão fechada.

"Aqui", dissera ela.

Izzy soube o que era antes mesmo de sentir a textura do invólucro de plástico na palma da mão.

Ver a Sra. Peters azucrinando Deja na frente de todos fora como ver alguém arrastar um gatinho até a rua e golpeá-lo com um tijolo, e algo dentro de Izzy disparou. Antes que se desse

conta do que estava fazendo, tinha quebrado o arco da Sra. Peters no joelho e jogado as peças em cima dela. A Sra. Peters dera um gritinho repentino quando os pedaços partidos do arco — ainda com a crina — atingiram seu rosto e um ganido estridente quando a caneca de café quente derramou nela. A sala toda irrompeu em risos abafados, gritos e vaias, e a Sra. Peters, com o café escorrendo pelo pescoço, segurou Izzy pelo cotovelo e a levou para fora. Na sala do diretor, aguardando a mãe chegar, Izzy se perguntou se Deja tinha ficado contente ou constrangida, e desejou ter tido a oportunidade de olhar para ela.

Embora Izzy tivesse certeza de que Mia compreenderia, não sabia como colocar tudo o que sentia em palavras. Por isso, disse apenas:

— A Sra. Peters é uma vaca. Não tinha o direito de dizer aquilo para Deja.

— E aí? — perguntou Mia. — O que vai fazer com relação a isso?

Era uma pergunta que nunca tinham feito a Izzy. Até então sua vida não passara de uma fúria silenciosa e inútil. Na primeira semana de aula, depois de ler T. S. Eliot, ela pendurara cartazes em todos os quadros de aviso: MEDI MINHA VIDA EM COLHERINHAS DE CAFÉ, OUSAREI COMER UM PÊSSEGO? e *OUSAREI PERTURBAR O UNIVERSO*? O poema a fazia pensar em sua mãe, distribuindo creme em uma colher de chá bem precisa, enlouquecendo por causa de pesticidas quando Izzy mordia uma maçã sem lavar antes, estabelecendo restrições rígidas a cada passo que dava. Também a fazia pensar em seus irmãos mais velhos, em Lexie, Trip e todos que eram como eles, que para ela parecia ser todo mundo. Preocupavam-se tanto em vestir as roupas certas, dizer as coisas certas, ter os amigos certos. Ela fantasiara com os alunos sussurrando nos corredores — *Aqueles cartazes? Quem os colocou lá? O que querem dizer?* —, avistando-os, pensando neles, *acordando*, pelo amor de Deus. Mas na correria que antecedia o primeiro tempo de aula todos passaram reto por eles, subindo e descendo escadas, ocupados demais trocando bilhetinhos e estudando para as provas para olhar os quadros de aviso, e depois do segundo tempo ela viu que algum segurança bravo havia arrancado os cartazes, sem dúvida perplexo com as mensagens, deixando apenas panfletos para Jovens Acabando com a Fome, Modelo ONU, e Clube de Francês. Na segunda semana de aula, quando a Srta. Bellamy pediu que memorizassem um poema e o recitassem para a turma, Izzy escolheu "Este seja o poema", que ela acreditava — com base em seus quatorze anos e meio — resumir a vida com bastante precisão. Ela não passara do verso "Teu pai e mãe fodem contigo" quando a Srta. Bellamy ordenou que ela se sentasse e lhe deu zero.

O que ela ia fazer em relação àquilo? A simples ideia de que *podia* fazer algo a deixava perplexa.

Naquele instante, o carro de Lexie estacionou, e a jovem entrou, a mochila pendurada no ombro, cheirando a cigarro e Calvin Klein One.

— Graças a Deus, aí está — disse ela, pegando sua carteira na beira da bancada.

A Sra. Richardson gostava de dizer que Lexie só não esquecia a cabeça em casa porque estava grudada no pescoço.

— Está se divertindo no seu dia de folga? — perguntou Lexie, e Mia viu um brilho em Izzy

se apagar.

— Obrigada pelo sanduíche — disse ela, e desceu do banco, subindo a escada.

— Meu Deus — disse Lexie, revirando os olhos. — Nunca vou entender essa menina.

Olhou para Mia, aguardando um aceno empático, mas não o recebeu.

— Dirija com cuidado — falou Mia.

Lexie saiu com a carteira na mão. Dali a um instante, seu Explorer acelerou lá fora.

Izzy tinha o coração de uma radical, mas a experiência de uma menina de quatorze anos que mora em um subúrbio do centro-oeste. Isso significava que ela andava por aí em busca de ideias de vingança — ovos em janelas, sacos de cocô de cachorro em chamas — e escolhia a melhor opção em seu limitado repertório.

Três dias depois, Pearl e Moody estavam na sala assistindo a Ricki Lake quando viram Izzy atravessar calmamente o corredor com seis rolos de papel higiênico debaixo de cada braço. Trocaram um único e breve olhar e, sem discutir, correram atrás dela.

— Você é uma idiota da porra — xingou Moody ao interceptar Izzy no hall de entrada e prendê-la com segurança na cozinha.

Ao longo dos anos, ele já salvara Izzy de sua própria estupidez — que era como ele enxergava o comportamento da irmã — inúmeras vezes, mas aquilo, na sua opinião, era um novo recorde.

— Cobrir a casa dela com papel higiênico?

— É uma chatice para limpar — disse Izzy. — Ela vai ficar fula da vida. E merece ficar.

— Mas vai saber que foi você. A menina que ela acabou de suspender. — Moody chutou o papel higiênico para debaixo da mesa. — Isso se você não fosse flagrada, o que provavelmente aconteceria.

Izzy fez uma careta.

— Tem uma ideia melhor?

— Você não pode tornar a Sra. Peters um alvo — afirmou Mia.

Os três jovens ergueram os olhos, perplexos. Tinham se esquecido, por um instante, de que Mia estava ali, picando um pimentão para o jantar e dizendo coisas que nenhuma outra mãe que conheciam diria. Pearl corou e olhou para a mãe. O que dera nela para se meter na conversa daquele jeito, sobretudo *naquela* conversa? Mia, porém, estava pensando em sua adolescência, nas memórias muito bem guardadas na gaveta havia muito tempo e que agora ela desdobrava e tirava a poeira.

— Conheço alguém que já colou a fechadura da porta da professora de história — disse ela. — Ele tinha chegado atrasado e a professora lhe dera uma detenção. Com isso perdeu um jogo de futebol importante. No dia seguinte, ele colocou um tubo inteiro de supercola na fechadura. Tiveram que arrombar a porta. — Um sorriso longínquo surgiu nos lábios de Mia. — Mas só fez isso com a porta dela, então não tiveram dúvidas de que tinha sido ele. Foi punido por um mês.

— Mãe! — repreendeu Pearl, com o rosto em chamas. — Obrigada, mas podemos cuidar

disso.

Rapidamente, ela guiou Izzy e Moody para fora da cozinha até onde Mia não pudesse mais escutá-los. Agora iriam achar que sua mãe era uma louca varrida, pensou, mal conseguindo olhar para eles. Porém, se Pearl tivesse olhado para as expressões dos dois naquele momento, não teria visto escárnio, mas admiração. Pelo brilho nos olhos de Mia, tanto Moody quanto Izzy perceberam que ela era muito mais experiente — e bem mais interessante — do que haviam imaginado. Perceberiam mais tarde que esse foi o primeiro indício de que havia outro lado de sua personalidade.

Izzy passou a noite inteira revirando a história de Mia e sua pergunta: *O que vai fazer em relação a isso?* Sentia naquelas palavras a permissão de fazer o que sempre a haviam proibido: resolver as coisas por conta própria, criar confusão. Àquela altura, a raiva de Izzy aumentara, deixando de ser direcionada exclusivamente à Sra. Peters e se estendendo também ao diretor que a tinha contratado, ao vice-diretor que entregara a suspensão, e a todos os professores — todos os adultos — que já haviam ofendido algum aluno com um poder arbitrário e desmerecido. No dia seguinte, ela encurralou Moody e Pearl e contou seu plano.

— Ela vai ficar fula da vida — disse Izzy. — Todos vão.

— Você vai se meter em confusão — protestou Moody, mas Izzy fez que não com a cabeça.

— Vou fazer isso — afirmou ela. — Só vou me meter em confusão se você *não* me ajudar.

* * *

Um palito de dentes, se inserido em uma fechadura padrão e quebrado em seguida, pode ser uma coisa maravilhosa. Não causa nenhum dano à fechadura, porém ainda assim impede que a chave entre, de forma que a porta não possa ser aberta. Não é fácil tirá-lo sem o uso de pinças bem finas, ferramenta não muito comum, que pode demorar até ser encontrada. Quanto mais impaciente for a pessoa que está tentando abrir a porta, quanto mais firme e insistentemente a chave for inserida na fechadura, mais tenaz será a fixação do palito lá dentro, e mais ele vai demorar para ser extraído, mesmo com as ferramentas adequadas. Um adolescente razoavelmente competente, trabalhando com rapidez, consegue enfiar um palito de dentes em uma fechadura, quebrá-lo e se afastar em cerca de três segundos. Três adolescentes, trabalhando juntos, conseguem imobilizar uma escola inteira com suas cento e vinte e seis portas em menos de dez minutos, rápido o bastante para não serem vistos e para voltarem às suas posições habituais no corredor e observar o que acontece em seguida.

Quando os primeiros professores perceberam que as portas estavam emperradas, já eram 7h27. Às 7h40, quando a maioria dos professores chegou à sala de aula e foi impedida de entrar, o Sr. Wrigley, o zelador, estava lá em cima, na ala científica, tentando arrancar com a ponta do canivete o primeiro pedaço de palito de dente da fechadura do laboratório de química. Às 7h45, quando o Sr. Wrigley voltou para sua sala para procurar a caixa de ferramentas e a pinça que

havia lá dentro, encontrou uma multidão de professores reunida ali fora, reclamando das fechaduras emperradas. Na confusão, alguém moveu o peso que mantinha a porta do Sr. Wrigley aberta e deixou que ela se fechasse, então o zelador finalmente descobriu o palito que a própria Izzy havia inserido com cautela na sua fechadura mais cedo, quando ele fora buscar café.

Durante todo esse tempo, os alunos chegavam à escola, primeiro os madrugadores, que apareciam às 7h15 para conseguir uma vaga no estacionamento que cercava a escola, e depois os alunos que eram levados pelos pais ou iam a pé. Quando os últimos chegaram, às 7h52, e o sinal do primeiro tempo tocou, os corredores estavam abarrotados de alunos satisfeitos, secretários confusos e professores furiosos.

Só dali a vinte minutos o Sr. Wrigley voltaria do seu jipe, tendo vasculhado a caixa de ferramentas no porta-malas e enfim, para seu grande alívio, encontrado outra pinça. Mais dez minutos se passaram até que ele conseguisse tirar o primeiro palito da primeira sala de aula e o professor de química pudesse finalmente chegar à sua mesa. Os anúncios matinais foram adiados e substituídos por instruções rígidas nos alto-falantes — para que todos os alunos formassem filas diante das salas onde seriam suas primeiras aulas —, que ninguém ouviu. Em todos os corredores o clima era de uma festa-surpresa sem um anfitrião evidente, e todos, de alguma forma, sentiam-se convidados surpresos e maravilhados. Alguém tirou uma caixa de som de um dos armários, com pilhas e tudo. Andre Williams, jogador do time de futebol americano, esticou a antena, colocou o aparelho no ombro e girou o sintonizador até a rádio WMMS — "Buzzard Radio" —, então começou uma festa com dança improvisada ao som de Mighty Mighty Bosstones, até que a Sra. Allerton, professora de história dos Estados Unidos, aproximou-se dele e disse para desligar o som. O Sr. Wrigley continuou trabalhando pelo corredor, uma porta de cada vez, puxando farpas de madeira das fechaduras e juntando-as em sua mão calejada.

Na ala de artes, a Sra. Peters, com uma garrafa térmica imensa e uma forte dor de cabeça, começou a se remexer. A sala de orquestra ficava distante da ala científica, onde o Sr. Wrigley progredia lentamente. Naquele ritmo, a dela seria uma das últimas portas, senão a última, a ser consertada. Tinha perguntado diversas vezes ao Sr. Wrigley se ele não podia acelerar, se não podia parar um instante e abrir a porta dela primeiro, e na terceira vez ele se virou para ela, erguendo um pedaço de palito na pinça.

— Estou indo o mais rápido possível, Sra. Peters — disse ele. — O mais rápido possível. Todo mundo tem que esperar a sua vez.

Voltou-se para a fechadura diante dele, na qual o Sr. Desanti, professor de matemática do nono ano, tentara enfiar a chave à força, estilhaçando o palito para dentro dos cilindros.

— Todos querem ser os primeiros — resmungou ele alto o bastante para garantir que a Sra. Peters ouvisse. — Todos querem ser importantes. Bem. O cara com a pinça está dizendo que todos têm que esperar a sua vez.

Ele enfiou outra vez a pinça na fechadura, e a Sra. Peters se afastou.

Isso acontecera meia hora antes, e ela suspeitava, com razão, que o Sr. Wrigley estava deixando sua sala por último, para puni-la. Tudo bem, pensou a Sra. Peters. Mas ele não podia

ao menos abrir a sala dos professores? Ela já conferira três vezes, e a porta continuava trancada. A cada minuto que passava, ela sentia os efeitos da garrafa térmica de café — quase um bule inteiro — que esvaziara enquanto aguardava. O banheiro das meninas tinha portas vaivém e não podia ser trancado. Ela certamente não precisaria entrar lá com as alunas, pensou, pois ele abriria a sala dos professores em breve e ela poderia usar o banheiro lá dentro, reservado aos funcionários. A cada minuto que passava, sua impaciência com o Sr. Wrigley aumentava e afetava o diretor e o resto do mundo. Não podiam planejar? Não podiam priorizar? Não podiam levar em consideração as necessidades humanas básicas? Ela deixou seu posto na sala de orquestra e ficou esperando na frente da sala dos professores, empunhando a bolsa diante da barriga feito um escudo. Cinco xícaras de café desciam lentamente até sua bexiga. Por alguns instantes, ela considerou pegar o carro e ir embora. Chegaria em casa em vinte e cinco minutos. Porém, quanto mais tempo ficava ali parada, mais demorados os vinte e cinco minutos pareciam, e mais certeza tinha de que o ato de sentar-se, em qualquer contexto, provocaria um desastre.

— Dr. Schwab — disse ela quando o diretor passou. — Pode pedir ao Sr. Wrigley para abrir a sala dos professores, por favor?

O Dr. Schwab tivera uma manhã difícil. Eram 9h40 e metade das salas ainda estava trancada. Por mais que tivesse pedido aos professores que levassem os alunos para dentro das salas e os mantivessem lá até que todas as portas fossem abertas, ainda havia oitocentos alunos soltos pelos corredores. Alguns ocupavam os degraus; grupos haviam formado círculos no gramado, rindo e chutando bolas de meia, e até mesmo, em alguns casos, fumando bem ali no terreno da escola. Ele esfregou a têmpora com os nós dos dedos. Abaixo da gola da camisa, seu pescoço estava irritado, e ele afrouxou a gravata.

— Helen — chamou com a maior paciência possível —, o Sr. Wrigley está indo o mais rápido que pode. Enquanto isso, o banheiro das meninas fica bem no fim do corredor. Acho que pode usá-lo só desta vez.

Ele se afastou, fazendo rápidos cálculos mentais. Se todos estivessem de volta às salas de aula às 10h30 — uma previsão otimista —, poderiam reduzir o cronograma, cada aula durando trinta e quatro minutos em vez de cinquenta…

A Sra. Peters aguardou mais quinze minutos, então não conseguiu mais esperar. Segurou com força as alças da bolsa, como se isso fosse ajudar, e marchou pelo corredor em direção ao banheiro das meninas. Era o banheiro principal, que ficava onde o corredor principal encontrava a escadaria principal, e até em um dia comum ficava cheio. Naquele, então, estava lotado. Havia um grupo de meninos em pé do lado de fora formando um círculo. Esmagavam as maçãs do almoço na própria testa e desafiavam uns aos outros com rugidos guturais. Um grupo de meninas se amontoava em torno do bebedouro, metade fingindo não notar a presença dos garotos, a outra flertando descaradamente com eles. Acima, o tubarão no mural os observava com a boca aberta. A Sra. Peters sentiu uma breve pontada de irritação com tanta jovialidade, frivolidade e bem-estar. Em um dia comum, teria dito para se retirarem, ou exigido autorizações de cada um para estar fora de sala, mas naquele dia ela não tinha condições de se

importar.

Abriu caminho em meio à multidão.

— Com licença. Com licença. Meninos. Meninas. Uma professora precisa passar.

Lá dentro, o banheiro estava abarrotado de garotas. Garotas fofocando, garotas ajeitando o cabelo, garotas se arrumando. A Sra. Peters passou por elas com uma urgência cada vez maior.

— Com licença. Meninas. Com licença, meninas.

Todas as meninas no banheiro ergueram os olhos arregalados diante daquela intrusão.

— Oi, Sra. Peters — cumprimentou Lexie. — Eu não sabia que os professores usavam este banheiro.

— A sala dos professores continua trancada — explicou a Sra. Peters em um tom que esperava ser respeitável.

Ela percebeu que todas as garotas ao redor haviam se calado. Em circunstâncias normais, teria aprovado esse sinal de respeito, mas naquele dia teria preferido ser ignorada. Virou-se e foi até a cabine mais distante, perto da janela, mas, ao chegar lá, percebeu que não havia porta.

— O que aconteceu com a porta? — perguntou estupidamente.

— Está quebrada há séculos — respondeu Lexie. — Desde a primeira semana de aula. Eles realmente tinham que consertar. Só dá para usar três cabines, então a gente acaba se atrasando para a aula.

A Sra. Peters não se deu ao trabalho de ouvir o restante do discurso de Lexie. Abriu a porta da cabine ao lado e fechou-a ao entrar. Com as mãos trêmulas, puxou a trava da porta e começou a tirar a saia. Porém, ao ver aquele vaso de porcelana branca, seu corpo — que aguardava havia quase duas horas e meia — não resistiu mais. Com um jorro trêmulo, sua bexiga cedeu, e a Sra. Peters sentiu algo quente e molhado escorrer por suas pernas, em seguida uma poça crescente percorreu os azulejos e saiu da cabine.

Por trás da fina divisória, a Sra. Peters ouviu alguém dizer: "Ai. Meu. Deus." Então houve um silêncio absoluto de choque. Ela ficou imóvel, como se — pensou, irracionalmente — as meninas do lado de fora pudessem esquecer sua presença. O silêncio pareceu se esticar feito um caramelo. A parte molhada de sua saia e sua meia-calça encharcada tornaram-se frias, até que as risadinhas começaram, ainda mais óbvias porque tentavam reprimi-las. Mochilas foram rapidamente fechadas. Passos saíram apressados em direção ao corredor. A Sra. Peters ouviu a porta se abrir e se fechar e, alguns instantes depois, escutou gargalhadas lá do lado de fora. Ela ficou na cabine por muito tempo, até ouvir a voz do Dr. Schwab nos alto-falantes informando que todas as portas estavam destrancadas e os alunos deveriam estar em sala de aula ou corriam o risco de ser punidos. Quando saiu, o banheiro estava vazio, e ela se retirou, escondendo a saia manchada com a bolsa, recusando-se a encarar a poça que avançava lentamente para além das pias, em direção ao ralo no canto.

Se durante o ensaio de orquestra no segundo tempo de aula alguém notou que a Sra. Peters usava roupas diferentes, essa pessoa não se manifestou. Ensaiaram Offenbach e Barber, além da Vigésima Quinta de Mozart, com expressões neutras. Mas a notícia já havia se espalhado. Só dias

depois, parada diante da sala de aula, ouviria alguém se referir a ela como "Sra. Mijers", e só anos mais tarde — bem depois de ter se aposentado — o apelido e a história, passados de uma turma para outra, seriam esquecidos.

O incidente do palito de dente também teria um efeito duradouro na escola. Não havia câmeras nos corredores e ninguém parecia ter visto os vândalos, quem quer que eles fossem. Chegaram a comentar sobre instaurar um sistema de segurança melhor — diversos professores mencionaram a escola Euclid, ali perto, que fazia pouco tinha aparecido na imprensa ao instalar detectores de metal em cada entrada —, mas o sentimento geral era de que Shaker Heights, ao contrário da Euclid, não deveria *precisar* de tanta segurança, e a administração decidiu reduzir o incidente a uma brincadeira sem importância. Porém, na mente dos alunos de Shaker, o Dia do Palito ia ganhar status de lenda e, nos anos futuros, durante a Semana da Brincadeira do Terceiro Ano, palitos de dentes seriam banidos da escola sob ameaça de detenção.

No dia seguinte ao Dia do Palito, Izzy encontrou o olhar de Deja Johnson e sorriu, e Deja — embora não tivesse a menor ideia de que aquilo tudo tinha sido organizado em nome dela, e menos ainda de que Izzy Richardson estava por trás — retribuiu o sorriso. Elas não se tornariam exatamente amigas, mas Izzy sentiria um elo entre as duas e todos os dias, na orquestra, faria questão de sorrir para Deja Johnson, contente em perceber que a Sra. Peters resolvera deixá-la em paz.

Porém, o efeito mais duradouro dos palitos de dente acabou sobrando para a própria Izzy. Não parava de pensar no sorriso de Mia aquele dia na cozinha, a capacidade que ela viu ali de se deleitar com travessuras, com o desrespeito às regras. Sua mãe teria ficado horrorizada. Izzy reconheceu uma alma semelhante à sua, uma centelha subversiva parecida com a que sentia se acender dentro dela várias vezes. Em vez de passar a tarde inteira no quarto, Izzy começou a descer quando Mia chegava e a ficar na cozinha enquanto ela preparava o jantar, para diversão de seus irmãos. Izzy os ignorava. Estava fascinada demais com Mia para se importar. E então, alguns dias depois, Mia abriu a porta da casinha na rua Winslow e deparou com Izzy do lado de fora.

— Quero ser sua assistente — disparou Izzy.

— Não preciso de assistente — disse Mia. — E não sei se sua mãe iria gostar.

— Não ligo. — Izzy levou a mão ao batente, como se tivesse medo de que Mia fechasse a porta na sua cara. — Só quero aprender sobre o que você faz. Posso misturar seus produtos químicos, ou organizar seus papéis, tanto faz. Qualquer coisa.

Mia hesitou.

— Não posso bancar uma assistente.

— Você não precisa me pagar. Faço de graça. Por favor. — Izzy não costumava pedir favores, mas algo em sua voz indicou a Mia que aquilo era mais uma necessidade do que um desejo. — O que quer que precise ser feito, eu faço. Por favor.

Mia olhou para Izzy, aquela menina rebelde, louca e impetuosa subitamente tímida, enfraquecida e desesperada. Ela a fazia lembrar-se, por mais estranho que fosse, de si mesma naquela idade, andando pelo bairro, escalando cercas e muros em busca da foto certa, gastando

o dinheiro da mãe com filmes de forma desafiadora e com uma determinação quase excessiva. Algo dentro de Izzy alcançou qualquer coisa dentro dela e pegou fogo.

— Está bem — disse Mia, abrindo mais a porta para deixar que Izzy entrasse.

Oito

O recém-descoberto fascínio de Izzy por Mia mostrou-se duradouro. Em vez de isolar-se no quarto com o violino, ela percorria a pé os dois quilômetros e meio até a casa na rua Winslow depois da escola, onde encontrava Mia trabalhando assiduamente. Observando-a, Izzy aprendia a enquadrar uma foto, revelar filmes, fazer uma ampliação. Enquanto isso, Pearl fazia exatamente o oposto, e ia com Moody até a casa dele, deitava-se no jardim de inverno com os três filhos mais velhos da família Richardson. No fundo, ficava feliz por Izzy distrair sua mãe: por muitos anos haviam sido só as duas, e agora, no grande sofá dos Richardson, ela esticava as pernas com uma satisfação luxuosa. Às cinco da tarde, Izzy sentava-se no banco do carona do Rabbit, e Mia a levava até a casa dos Richardson, onde Izzy sentava-se na beirada do balcão da cozinha e Mia preparava o jantar, ouvindo atentamente sua filha e os outros no cômodo ao lado. Só quando Mia ia para casa — desta vez com Pearl no banco do carona — é que Izzy se juntava aos irmãos e deitava-se no sofá ao lado deles.

— Alguém está apaixonada por Mia — disse Lexie, cantarolando, então Izzy revirou os olhos e subiu a escada.

Mas talvez *paixão* fosse o termo certo. Izzy prestava atenção em cada palavra de Mia, pedia e confiava em sua opinião sobre tudo. Além de noções básicas de fotografia, começou a assimilar a estética e a sensibilidade de Mia. Quando perguntou a ela como sabia quais imagens reunir, Mia balançou a cabeça e respondeu:

— Não sei. É… É assim que descubro o que eu penso.

Balançou a mão na direção do estilete em cima da mesa e começou a recortar com cuidado a foto de uma série de carros avançando rápido pela ponte Lorain-Carnegie sob os olhos vigilantes de duas imensas estátuas entalhadas nos pilares da ponte. Ela cortou meticulosamente cada um dos carros, deixando apenas as sombras.

— Sinto dizer que não tenho um plano — falou, erguendo o estilete. — Mas na verdade ninguém tem, não importa o que diga.

— Minha mãe tem. Ela acha que tem um plano para tudo.

— Imagino que isso a faça se sentir melhor.

— Ela me odeia.

— Ah, Izzy. Tenho certeza de que isso não é verdade.

— Não, é verdade, sim. Ela me odeia. Por isso implica comigo e não com os outros.

Desde que tinha começado a trabalhar na casa dos Richardson, Mia havia reparado na dinâmica peculiar entre Izzy e o restante da família, sobretudo sua mãe. Era verdade que a mãe

era mais rígida com Izzy: sempre criticando seu comportamento, sempre menos paciente com seus erros e suas falhas. Parecia colocar Izzy em um patamar acima dos outros filhos, exigir mais dela, porém ao mesmo tempo ignorava seus sucessos em prol dos seus defeitos. Mia percebeu que Izzy costumava reagir irritando ainda mais a mãe, provocando-a com a habilidade que só uma criança tem.

— Izzy — falou ela, então —, deixe eu contar um segredo para você. Muitas vezes, pais e mães não são as melhores pessoas quando se trata de ver os filhos com clareza. Há várias coisas maravilhosas em você.

Ela apertou de leve o cotovelo de Izzy, jogando pedaços de papel no lixo, e a menina ficou radiante. Durante aquelas tardes, quando estavam só as duas, era fácil para Izzy fingir que Mia era sua mãe, que o quarto no fim do corredor era seu e que quando anoitecesse ela entraria lá para dormir, acordando na manhã seguinte. Que Pearl — a dois quilômetros e meio dali, vendo televisão com seus irmãos — não existia, que aquela vida era dela, Izzy, e só dela. À noite, de volta à sua casa, com o jazz tocando no quarto de Moody, Alanis Morissette gemendo no de Lexie, e um fluxo rítmico de baixo soando no rádio de Trip, Izzy se imaginava na casa da rua Winslow: deitada na cama lendo, talvez, ou quem sabe escrevendo um poema, Mia trabalhando na sala até tarde da noite. Muitos caminhos complexos levavam àquela fantasia: ela e Pearl haviam sido acidentalmente trocadas na maternidade anos antes; ela fora levada para casa pelos pais, que pelo visto não eram seus pais, por isso ninguém da família parecia compreendê-la, e ela se sentia tão diferente de todos eles. Então, em seus sonhos cuidadosamente concebidos, ela reencontrava sua mãe verdadeira. *Eu sabia que acharia você um dia*, dizia Mia.

Todos os membros da família Richardson perceberam a melhora no comportamento de Izzy.

— Ela é quase *simpática* com você por perto — disse Lexie a Mia certo dia.

A adoração de Izzy por Mia, como tudo o que fazia, não vinha pela metade: não havia nada que Izzy não faria por ela. E a menina logo encontrou algo que tinha certeza de que Mia queria de verdade.

Em meados de novembro, Pearl e Moody, junto com o restante da turma de história da Europa moderna, foram até o museu de arte observar os quadros. O guia que acompanhava a turma era idoso, magro e parecia ter tido a alma sugada por um canudo enfiado entre seus lábios contraídos. Não gostava de grupos de alunos do ensino médio: adolescentes não ouviam. Adolescentes não prestavam atenção em nada a não ser na sexualidade que emanava deles feito vapor. Velázquez, pensou ele, algumas naturezas-mortas, talvez alguns Caravaggio. Certamente nenhum nu. Ele os guiou pelo caminho mais longo até a ala italiana, passando pelo saguão central com tapeçarias e armaduras em caixas de vidro.

Os alunos prestavam pouca atenção na arte, como sempre acontece nessas excursões. Andy Keen cutucava Jessica Kleinman entre as escápulas e toda vez fingia que não tinha sido ele. Clayton Booth e David Shearn conversavam sobre futebol americano, as chances do Raiders contra o St. Ignatius no jogo que se aproximava. Jennie Levi e Tanisha McDowell ignoravam com afinco Jason Graham e Dante Samuels, que conferiam e avaliavam os seios nus das pinturas

pelas quais o guia passava depressa. Moody, que adorava arte, observava Pearl e desejava — não pela primeira vez — ser fotógrafo, para captar a maneira como a luz do teto de vidro fosco da galeria tocava seu rosto erguido, fazendo-o brilhar.

Embora Pearl tentasse se concentrar na fala desanimada do guia, percebeu que estava dispersa. Entrou na galeria ao lado, uma exposição de curadoria especial sobre Madona e Filho. Do outro lado da sala, Moody, que fazia anotações diligentemente sobre um Caravaggio, observou-a se afastar. Como não voltou depois de três, quatro, cinco minutos, ele enfiou o lápis na espiral do caderno e foi atrás dela.

Era uma sala pequena, com apenas algumas dezenas de obras nas paredes, todas da Virgem com Jesus no colo. Algumas eram pinturas medievais em molduras douradas pouco maiores do que uma capa de CD; outras, esboços grosseiros a lápis de estátuas do Renascimento; e ainda imensas pinturas a óleo. Havia uma colagem pós-moderna de revistas de fofocas sobre celebridades: a Virgem tinha a cabeça de Julia Roberts; Jesus, a de Brad Pitt. Mas a obra que hipnotizara Pearl era uma fotografia: uma ampliação em preto e branco, de vinte por vinte e cinco centímetros, de uma mulher em um sofá olhando radiante para o bebê recém-nascido no colo. Sem dúvidas, era Mia.

— Mas como… — começou Moody.

— Não sei.

Os dois ficaram algum tempo observando a foto, em silêncio. Moody, sempre prático, começou a coletar informações. O título da obra, segundo as informações ao lado, era *Virgem e Filho #1 (1982)*; a artista era Pauline Hawthorne. Ele anotou aquilo no caderno, abaixo das observações abandonadas sobre Caravaggio. Não havia qualquer comentário de curadoria a não ser pela nota indicando que a foto fora emprestada à exposição pela Galeria Ellsworth de Los Angeles.

Pearl, por outro lado, concentrou-se na fotografia em si. Lá estava sua mãe, parecendo um pouco mais jovem, um pouco mais magra, mas com o mesmo corpo fino, as mesmas maçãs do rosto protuberantes e o queixo pontudo. Lá estava o minúsculo sinal logo abaixo do olho, a cicatriz que atravessava sua sobrancelha esquerda parecendo um fio branco. Lá estavam os braços esguios de sua mãe, que pareciam frágeis e finos, como se pudessem se quebrar sob um peso muito grande, mas que eram capazes de carregar mais peso do que qualquer mulher que Pearl já tinha visto. Até seu cabelo era igual: preso no mesmo coque bagunçado bem no topo da cabeça. A beleza se derramava dela em ondas, feito calor, e sua imagem na foto parecia brilhar. Não estava olhando para a câmera; estava concentrada, total e absolutamente enlevada pelo bebê diante dela. *Por mim*, pensou Pearl. Tinha certeza de que era ela na foto. Que outro bebê sua mãe estaria segurando? Não havia fotos dela bebê, mas se reconhecia naquela criança, no ângulo do nariz, nos cantos dos olhos, nos minúsculos punhos cerrados que ela continuara fechando durante a infância e depois. E, concentrada, cerrava o punho sem perceber naquele exato instante. De onde viera aquela foto? O sofá em tons de cinza onde sua mãe estava sentada podia ser creme, azul-claro ou até mesmo amarelo-canário; a janela atrás dava para uma vista turva de

prédios altos. A pessoa que havia tirado a foto estava a pouco mais de um metro, como se estivesse sentada em uma poltrona ao lado do sofá. Quem teria sido?

— Srta. Warren — chamou a Sra. Jacoby atrás dela. — Sr. Richardson.

Pearl e Moody se viraram, os rostos quentes.

— Se estiverem prontos para seguir em frente, a turma toda está aguardando.

E, de fato, a turma inteira estava parada ali fora, os cadernos fechados, devidamente acompanhada pelo guia, rindo e sussurrando, quando Moody e Pearl surgiram.

No ônibus a caminho de casa, começaram a circular piadas sobre o que Moody e Pearl estavam fazendo. O rosto de Moody ficou vermelho e ele se curvou no banco, fingindo não ouvir. Pearl olhava pela janela, distraída. Não disse nada até que o ônibus chegou à escola e os alunos começaram a descer, em fila.

— Quero voltar — disse ela para Moody ao saírem do ônibus.

E foi o que fizeram: naquela tarde, depois da escola, convenceram Lexie a levá-los de carro, porque não havia outro meio apropriado de chegar lá. Deixaram Izzy ir também, porque no instante em que ela ouviu *Mia* e *fotografia* insistiu em se juntar a eles. Moody, o autor da persuasão, não contara a Lexie o que queriam ver, e quando entraram na galeria ela ficou boquiaberta.

— Uau — exclamou ela. — Pearl… é a sua mãe.

Os quatro analisaram a foto: Lexie no meio da sala, como se a distância a ajudasse a ver melhor; Moody quase encostando o nariz na foto, como se pudesse encontrar a resposta entre os pixels, e ele se aproximou tanto que fez o alarme de advertência disparar. Pearl só olhava fixamente. Izzy ficou parada, hipnotizada pela imagem de Mia. Na foto, ela estava tão brilhante quanto a lua cheia em uma noite de céu limpo. *Virgem e Filho #1*, leu ela, e por um instante imaginou que aquele bebê nos braços de Mia era ela.

— Que loucura — falou Lexie, finalmente. — Nossa, é muito louco. O que sua mãe está fazendo na foto de um *museu de arte*? Por acaso ela é famosa?

— Quem sai nas fotos não é famoso — interferiu Moody. — As pessoas que tiram as fotos é que são.

— Talvez ela fosse a musa de algum artista famoso. Como Patti Smith e Robert Mapplethorpe. Ou Edie Sedgwick e Andy Warhol. — No verão anterior, Lexie tinha feito um curso de história da arte no museu. Ela se empertigou e acrescentou: — Bem, vamos perguntar para ela. É só perguntar.

E fizeram isso assim que chegaram em casa, entrando juntos na cozinha dos Richardson, onde Mia tinha acabado de temperar o frango para o jantar.

— Onde vocês estavam? — indagou ela quando entraram. — Cheguei aqui às cinco e não tinha ninguém em casa.

— Fomos ao museu — começou Pearl, e então hesitou.

Alguma coisa naquilo não lhe parecia certo. Tinha a mesma sensação de desconforto de quando se pisa em um degrau bambo logo antes de ele ceder sob o nosso pé. Moody, Izzy e

Lexie se amontoavam em torno dela, e Pearl se deu conta do aspecto que deviam ter para sua mãe: corados, de olhos arregalados e curiosos.

Lexie cutucou suas costas.

— Pergunte a ela.

— Me perguntar o quê?

Mia colocou o frango em uma caçarola e foi até a pia lavar as mãos. Pearl, com a sensação de estar pulando de um trampolim muito alto, foi em frente.

— Tem uma foto sua — começou ela — no museu. Uma foto de você em um sofá com um bebê no colo.

Mia ainda estava de costas para eles, a água caindo em suas mãos, porém os quatro viram o leve enrijecer de sua postura, como se uma corda tivesse sido esticada. Ela não se virou, continuou apenas esfregando os espaços entre os dedos.

— Uma foto minha, Pearl? Em um museu? — questionou ela. — De alguém que se parece comigo, você quer dizer.

— Era você — afirmou Lexie. — Com certeza era você. Tinha o sinalzinho debaixo do olho, a cicatriz na sobrancelha e tudo o mais.

Mia levou a mão à sobrancelha, como se tivesse se esquecido da cicatriz, e uma gota de água com espuma e quente escorreu por sua têmpora. Então balançou as mãos e fechou a torneira.

— Imagino que possa ter sido eu — disse ela.

Ela se virou e começou a secar as mãos bruscamente no pano de prato. Para a tristeza de Pearl, o rosto da mãe ficou rígido e fechado de repente. Era desorientador, como ver uma porta que sempre estivera aberta se fechar de repente. Por um momento, Mia não se pareceu em nada com sua mãe.

— Sabe, fotógrafos estão sempre em busca de modelos. Vários alunos de arte faziam isso.

— Mas você lembraria — insistiu Lexie. — Estava sentada no sofá de um apartamento bonito. Com Pearl no seu colo. A fotógrafa era… — Ela se virou para Moody. — Qual é o nome dela?

— Hawthorne. Pauline Hawthorne.

— Pauline Hawthorne — repetiu Lexie, como se Mia não tivesse escutado. — Você deve lembrar.

Mia sacudiu o pano de prato com um movimento abrupto do pulso.

— Lexie, não tenho como me lembrar de cada bico que fiz — disse ela. — Sabe, quando a pessoa não tem grana, ela faz muitas coisas para conseguir pagar as contas. Tem ideia de como é isso?

Ela se voltou para a pia e pendurou o pano de prato para secar, então Pearl se deu conta de que a tinha abordado da maneira errada. Nunca deveria ter perguntado aquilo para a mãe daquele jeito, na cozinha daquela casa, com bancadas de granito, geladeira de aço inoxidável e piso de terracota italiana, na frente dos filhos da família Richardson com seus casacos grossos e brilhantes da marca North Face, principalmente na frente de Lexie, que segurava a chave do seu

Explorer. Se ela tivesse esperado que ficassem sozinhas, à meia-luz da cozinha pequena de sua meia casa na rua Winslow, sentadas nas cadeiras diferentes diante da mesa desfalcada que pegaram na rua, talvez sua mãe tivesse lhe contado. Identificou seu erro: era um assunto privado, algo que deveria ter ficado entre as duas, e ao incluir os Richardson ela havia ultrapassado uma barreira que não deveria. Então, olhando para o maxilar tenso e os olhos inexpressivos da mãe, ela soube que não tinha sentido fazer mais perguntas.

Lexie, por outro lado, ficou satisfeita com a explicação de Mia.

— Irônico, não é? — comentou quando saíram da cozinha, dando de ombros.

Pearl não respondeu, porque não quis se dar ao trabalho de dizer a ela que o significado de *irônico* não era aquele.

Ficou feliz em poder deixar o assunto de lado. No carro, a caminho de casa, e pelo resto da noite, sua mãe ficou estranhamente quieta, e a garota se arrependeu de ter mencionado aquele assunto. Pearl sempre fora consciente em relação a dinheiro — nas circunstâncias das duas, como não poderia ser? —, mas nunca parara para pensar como deve ter sido a experiência da mãe com um bebê recém-nascido, tentando sobreviver. O que mais sua mãe havia feito para que ambas — mãe e filha — pudessem sobreviver naqueles primeiros anos? Nunca, em toda sua vida, tinha ido dormir sem que Mia lhe desse um beijo, mas naquela noite isso aconteceu, e Mia ficou sentada na sala, sob um feixe luz, de cara fechada, perdida em pensamentos.

Na manhã seguinte, Pearl sentiu-se aliviada ao entrar na cozinha e encontrar Mia fazendo torrada como de costume e falando como se o dia anterior não tivesse acontecido. Mas o mistério da fotografia pairava no ar feito um cheiro desagradável, e Pearl guardou suas perguntas no fundo da mente, decidindo não tocar mais no assunto, pelo menos por enquanto.

— Posso fazer um chá? — perguntou.

* * *

Izzy, no entanto, estava decidida a encontrar respostas. Estava claro que aquela fotografia guardava algum segredo de Mia, e ela prometeu a si mesma que iria desvendá-lo. Como aluna do primeiro ano, não tinha tempo livre, mas dedicava diversos horários de almoço a pesquisas na biblioteca. Pesquisou o nome Pauline Hawthorne no catálogo e encontrou alguns livros de história da arte. Aparentemente, era bem famosa. "Uma pioneira da fotografia moderna estadunidense", dizia um livro. Outro a chamava de "Cindy Sherman antes que Cindy Sherman fosse Cindy Sherman" (então Izzy fez um breve desvio para pesquisar sobre Cindy Sherman e passou tanto tempo olhando suas fotografias que quase se atrasou para a aula).

Ela descobriu que o trabalho de Pauline Hawthorne era conhecido por seu imediatismo e sua intimidade, por questionar imagens da feminilidade e identidade. "Pauline Hawthorne abriu o caminho para mim e para outras fotógrafas", dizia a própria Cindy Sherman em uma entrevista. Izzy debruçou-se sobre as reproduções das fotografias dela: sua preferida era a foto de uma dona

de casa com a filha no balanço, a menina chutando as pernas com tanta força que as correntes formavam um arco, desafiando a lei da gravidade. Os braços da mulher estavam estendidos como que para empurrar a filha para longe ou desesperados para puxá-la de volta. As fotos evocavam sentimentos que ela não conseguia colocar em palavras, e concluiu que aquilo devia significar que eram verdadeiras obras de arte.

Ela percorreu cada ocorrência do nome Pauline Hawthorne que encontrou no catálogo até reunir os fatos básicos de sua vida: nascida em 1947 em Nova Jersey, tinha frequentado a escola Garden State, exposto seus primeiros trabalhos em Nova York em 1970, feito sua primeira mostra individual em 1972. Izzy ficou sabendo que suas fotografias estiveram entre as mais disputadas dos anos 1970. O verbete da enciclopédia continha uma foto da própria Pauline Hawthorne, uma mulher magra com grandes olhos pretos e cabelo grisalho com um corte Chanel sem frescuras. Parecia uma professora de matemática.

Ela descobriu que Pauline Hawthorne havia morrido de tumor cerebral em 1982. Izzy sentou-se diante de um dos dois computadores da biblioteca, aguardou a conexão do modem e digitou o nome de Pauline no AltaVista. Encontrou mais fotos — o Getty tinha uma, o MoMA, três; alguns artigos analisando seu trabalho; um obituário do *New York Times*. Mais nada. Tentou a biblioteca pública, ambas as divisões, encontrou mais alguns livros de fotografia e diversos artigos em microficha, mas não acrescentavam nada novo. Qual era a ligação entre Pauline Hawthorne e Mia? Talvez Mia tivesse sido simplesmente sua modelo, como disse; talvez só tivesse posado para Pauline Hawthorne. Porém, aquilo não satisfazia Izzy, que considerava uma coincidência improvável.

Por fim, ela recorreu à única fonte que tinha: a mãe. Sua mãe era jornalista, pelo menos era o que dizia. Era verdade que cobria sobretudo histórias pequenas, mas jornalistas descobriam as coisas. Tinham conexões, maneiras de pesquisar que não eram acessíveis a qualquer um. Desde a infância, Izzy sempre fora feroz e teimosamente independente; recusava-se a pedir ajuda com o que quer que fosse. Só sua avidez em desvendar aquela fotografia misteriosa poderia convencê-la a abordar a mãe.

— Mãe — falou, certa noite, depois de vários dias de pesquisas infrutíferas. — Pode me ajudar com uma coisa?

A Sra. Richardson ouviu, como sempre fazia com Izzy, com apenas metade de sua atenção. Um prazo urgente se aproximava para uma matéria sobre a venda anual de plantas do Centro da Natureza.

— Izzy, essa foto não deve nem ser da mãe de Pearl. Pode ser de qualquer pessoa. Alguém que se parece com ela. Tenho certeza de que é só uma coincidência.

— Não é — insistiu Izzy. — Pearl sabe que é a mãe dela e eu também vi. Pode só pesquisar? Ligar para o museu ou alguma coisa assim. Ver o que consegue descobrir. Por favor.

Bajulação nunca havia sido seu forte — Izzy sempre achara que era uma forma de mentir —, mas ela queria muito saber.

— Tenho certeza de que vai descobrir. Você é *repórter*.

A Sra. Richardson cedeu:

— Está bem. Vou ver o que posso fazer. Mas vai ter que esperar até depois do meu prazo de entrega. Tenho que mandar a matéria amanhã. E aposto que não vai ser nada — acrescentou ela enquanto Izzy ia dançando em direção à porta, sem conseguir disfarçar a alegria.

As palavras de Izzy — *Você é repórter* — haviam atingido o orgulho da mãe feito um dedo cutucando uma velha ferida. A Sra. Richardson desde sempre quisera ser jornalista, desde muito antes dos testes de aptidão feitos pela orientadora da escola.

— Jornalistas — explicou ela durante um discurso na aula de educação cívica sobre as carreiras dos sonhos das pessoas — são cronistas do cotidiano. Revelam verdades e informações que o público merece saber e fornecem um registro para a posteridade, de forma que as gerações futuras possam aprender com nossos erros e aperfeiçoar nossas conquistas.

Desde sempre, sua mãe vivia ocupada com algum comitê, pedindo mais financiamento escolar, mais igualdade, mais justiça, e levando a filha pequena junto.

— Mudanças não acontecem sozinhas — repetia a mãe com frequência, ecoando o lema de Shaker. — Elas têm que ser planejadas.

Na aula de história, quando a jovem Elena aprendeu a expressão *noblesse oblige*, ela entendeu de imediato. Para a Sra. Richardson, o jornalismo era uma causa muito nobre, que permitia fazer o bem sem burlar o sistema, e em sua mente ela imaginava uma mistura de Nellie Bly com Lois Lane. Depois de trabalhar na redação do jornal escolar durante quatro anos — e conquistar o cargo de corredatora-chefe —, aquilo não parecia apenas possível como inevitável.

Elena se formou em segundo lugar e teve várias opções de faculdade: uma bolsa integral na Oberlin, uma bolsa parcial na Denison, aceitações em todo o estado, de Kenyon a Kent State e Wooster. Sua mãe era a favor de Oberlin e implorou que ela se inscrevesse logo, mas quando Elena visitou o campus sentiu-se deslocada no mesmo instante.

Os dormitórios mistos a perturbavam, aqueles homens todos de cueca, as meninas de roupão, o fato de que a qualquer momento um rapaz poderia entrar no seu quarto ou, pior, no banheiro. Nos degraus de um dos prédios havia três alunos sentados. Eles tinham cabelo comprido, vestiam túnicas africanas e tocavam flauta; do outro lado do gramado, estudantes erguiam cartazes em um protesto silencioso: USEM ÁCIDO, NÃO BOMBAS. NÃO ESTOU NEM AÍ PARA O PRESIDENTE. BOMBARDEAR PELA PAZ É COMO TREPAR PELA VIRGINDADE. Elena tinha a sensação de estar em um país estrangeiro onde as regras não valiam. Conteve a vontade de se remexer, como se o campus fosse um casaco que pinicava.

Então ela foi para a Denison no outono seguinte, com um futuro ambicioso e ilustre planejado para si mesma. No segundo dia de aula, conheceu Billy Richardson, alto e bonito fazendo a linha Clark Kent, e no fim daquele mês os dois estavam namorando. Fizeram planos castos para o futuro: depois da formatura, teriam um casamento tradicional em Cleveland, uma casa em Shaker, muitos filhos, faculdade de direito para ele, um trabalho de repórter iniciante para ela, e seguiram meticulosamente o plano. Pouco depois de se casarem e se acomodarem em um duplex alugado em Shaker, o Sr. Richardson começou a faculdade de direito e a Sra.

Richardson recebeu uma proposta para trabalhar como repórter júnior no *Sun Press*. Era um jornal pequeno, focado em notícias locais, e o pagamento era proporcionalmente baixo. Ainda assim, ela decidiu que era um lugar promissor para começar a carreira. Talvez com o tempo pudesse pular para o *Plain Dealer*, o jornal "de verdade" de Cleveland, embora, é claro, nunca fosse querer sair de Shaker, afinal não imaginava criar uma família em outro lugar.

Ela cobriu obedientemente todas as coletivas de imprensa locais, a política da cidade, os efeitos regionais causados pelas novas regulações, de pontes à plantação de árvores, dividindo suas responsabilidades com o outro repórter iniciante, Dwight, um ano mais novo que ela. Era um bom ambiente de trabalho, que lhe permitiu tirar seis semanas de licença-maternidade depois do parto de Lexie e então de Trip e de Moody. Porém, quando Izzy chegou, a Sra. Richardson ainda estava no *Sun Press*. Era repórter sênior, mas ainda relegada à cobertura de pequenas histórias, pequenas notícias. Enquanto isso, Dwight tinha se mudado para Chicago, onde iria trabalhar no *Tribune*. Seria por causa do tempo que passara afastada ou pelo fato de que — como ela começava a perceber — não tinha vontade alguma de lidar com histórias difíceis e tragédias amargas? Ela nunca teria certeza absoluta. Contudo, quanto mais tempo passava, menos probabilidade ela teria de se mudar para outro local, e a questão se tornou semelhante à do ovo ou da galinha. Ninguém no *Plain Dealer*, ou em qualquer outro lugar, na verdade, parecia interessado em contratar uma repórter de quase quarenta anos, com quatro filhos e todas as obrigações que vinham junto, que nunca havia feito a cobertura de uma história relevante, e não importava se isso era o ovo ou a galinha.

Então ela ficou lá. Concentrou-se nas histórias amenas, nos relatos elogiosos dos progressos: a nova iniciativa de reciclagem, a reforma da biblioteca, a cerimônia de inauguração do novo parque infantil logo atrás. Fez a cobertura da posse do novo administrador regional ("solene") e do desfile de Halloween ("animado"), da inauguração da livraria Livros Pela Metade do Preço no Centro Van Aken ("um acréscimo necessário ao centro comercial de Shaker"), do debate sobre a dedetização das mariposas-ciganas ("acalorado, de ambos os lados"). Fez uma crítica sobre a produção de *Grease* na Igreja Unitária e de *Guys and Dolls* na escola: "Jovial", escreveu sobre uma; "Sentem-se. Eles estão balançando o barco!", escreveu sobre a outra. Ficou conhecida por ser responsável e entregar textos prontos, sem erros, ainda que — embora ninguém dissesse isso em voz alta — rotineiros, bastante triviais e terrivelmente *gentis*. Shaker Heights era sempre segura, e as notícias, portanto, eram tediosas. No mundo lá fora, vulcões entravam em erupção, governos eram criados, ruíam e trocavam reféns, foguetes explodiam, muros desabavam. Mas em Shaker Heights as coisas eram pacatas, e motins, bombas e terremotos eram baques discretos, abafados pela distância. Sua casa era grande, seus filhos eram felizes, educados e estavam em segurança. Aquilo era, dizia a si mesma, a ideia geral do que havia planejado tantos anos antes.

Contudo, o pedido de Izzy trouxe algo novo à tona. Algo intrigante, ou pelo menos interessante. Finalmente algo que talvez valesse a pena investigar.

* * *

Fiel à sua promessa, a Sra. Richardson terminou a matéria e voltou a atenção para a fotografia misteriosa. No intervalo de almoço do dia seguinte, passou no museu para ver com os próprios olhos. Até então, tinha certeza de que Izzy estava imaginando coisas, mas a menina estava certa: era mesmo Mia. Em uma foto de Pauline Hawthorne! Já ouvira falar de Pauline Hawthorne, é claro. Qual era a história por trás daquilo?, perguntou a Sra. Richardson a si mesma enquanto deixava uma nota de cinco dobrada na caixa de doação do museu. Então voltou para o carro, genuinamente intrigada.

Seu primeiro passo foi ligar para a galeria de arte que havia emprestado a fotografia para a exposição. Sim, disse-lhe o dono, a haviam comprado em 1982, de um negociante em Nova York. Aconteceu pouco depois da morte de Pauline, e houve uma grande agitação no mundo da arte quando aquela foto até então desconhecida foi colocada à venda. Um leilão disputadíssimo havia sido organizado e eles tiveram a satisfação de comprar a foto por cinquenta mil: uma grande pechincha. Sim, a foto fora definitivamente atribuída a Pauline Hawthorne: o negociante já tinha vendido diversos trabalhos de Pauline ao longo dos anos, e no verso da foto — a única cópia, pelo que disseram — havia a assinatura da própria. Não, o dono da foto era anônimo, mas ficariam felizes em dar o nome do negociante para a Sra. Richardson.

A Sra. Richardson anotou o nome — uma tal de Anita Rees — e, após um rápido telefonema para o setor de informação da cidade de Nova York, conseguiu o número da Galeria Rees em Manhattan. Quando Anita Rees atendeu, mostrou-se uma verdadeira nova-iorquina: ríspida, de fala rápida, e imperturbável.

— Uma foto de Pauline Hawthorne? Sim, com certeza. Representei Pauline Hawthorne durante anos.

A Sra. Richards ouviu pelo telefone o barulho distante de uma sirene passando e depois sumindo ao longe. Em sua mente, esse era o barulho de Nova York: buzinas, caminhões, sirenes. Só fora uma vez para lá, durante a faculdade, na época em que era preciso segurar a bolsa com força e não se ousava tocar em nada no metrô, nem mesmo nas barras. Era assim que a cidade ficara gravada em sua memória.

— Mas essa foto — falou a Sra. Richardson — foi vendida após a morte de Pauline. Por outra pessoa. É a foto de uma mulher com um bebê. O título é *Virgem e Filho #1*.

A linha ficou completamente muda de repente, e a Sra. Richardson achou que a ligação tinha caído. Mas depois de um instante Anita Rees voltou a falar:

— Sim, me lembro dessa.

— Eu só queria saber — continuou a Sra. Richardson — se você pode me dar o nome da pessoa que vendeu a foto.

Um tom novo surgiu na voz de Anita: desconfiança.

— De onde mesmo você disse que estava ligando?

— Meu nome é Elena Richardson. — Ela hesitou por um instante antes de continuar. —

Sou repórter do *Sun Press*, em Cleveland, Ohio. A pergunta tem relação com uma matéria que estou escrevendo.

— Sei. — Outra pausa. — Sinto muito, mas o dono original da foto quis permanecer anônimo. Por motivos pessoais. Não tenho autorização para divulgar o nome do vendedor.

A Sra. Richardson amassou o canto do caderno, irritada.

— Entendo. Bem, na verdade estou interessada na pessoa fotografada. Por acaso tem alguma informação sobre quem ela é?

Desta vez, não houve dúvida: um silêncio decididamente desconfiado, e quando Anita Rees voltou a falar, seu tom de voz estava frio.

— Sinto muito, mas não posso dizer nada sobre isso. Boa sorte com a matéria.

A linha ficou muda depois de um clique discreto.

A Sra. Richardson desligou o telefone. Por ser jornalista, estava acostumada a telefonemas interrompidos de forma abrupta, mas aquele a irritou mais do que a maioria. Talvez houvesse algo ali, algum mistério estranho aguardando para ser desvendado. Ela olhou para o monitor, no qual um artigo parcialmente redigido — "Gore deve concorrer à presidência? Moradores locais dão sua opinião" — lhe esperava.

Colecionadores de arte eram muitas vezes reclusos, pensou ela. Ainda mais quando havia dinheiro envolvido. Talvez aquela Anita Rees não soubesse nada sobre a foto além do valor da comissão que ganhara. E quem a fizera se meter naquilo, afinal? Izzy. Sua filha desatenta e descontrolada, que reagia com exagero a tudo e tinha crises de indignação furiosa por nada.

Isso era um sinal de que estava entrando em um buraco sem fundo, pensou ela. Folheou o caderno até encontrar a página sobre o vice-presidente e começou a digitar.

Nove

A Sra. Richardson ficou irritada com Izzy durante a semana inteira, embora na realidade ela sempre estivesse irritada com Izzy por algum motivo. As raízes de sua irritação eram longas, ramificadas e profundas. Não era — como a própria Izzy suspeitava, e Lexie, em momentos maldosos, insinuava — porque ela havia sido um acidente, ou porque não a quisessem. Na verdade, era o oposto..

A Sra. Richardson sempre quisera ter uma família grande. Por ser filha única, crescera desejando ter irmãos e irmãs, invejando as amigas como Maureen O'Shaughnessy que nunca encontravam a casa vazia e sempre tinham com quem conversar.

— Não é tão bom — assegurara-lhe Maureen —, especialmente se você tem irmãos.

Maureen era a mais velha, com quinze anos; sua irmã Katie era a mais nova, com dois, e entre as duas havia seis meninos. Mas a Sra. Richardson estava convencida de que até mesmo ter seis irmãos era melhor do que crescer sozinha.

— Muitos filhos — dissera ela ao Sr. Richardson quando se casaram —, pelo menos três ou quatro. E com um intervalo pequeno entre eles — acrescentou, pensando mais uma vez na família O'Shaughnessy, e em como era raro ter alguma turma na escola sem um membro da família.

Todos os conheciam. Eram uma dinastia em Shaker Heights, um clã imenso, vivaz e incrivelmente atraente que sempre parecia bronzeado e exposto ao ar livre, feito os Kennedy. O Sr. Richardson, que tinha dois irmãos, concordou.

Assim, tiveram Lexie primeiro, em 1980, então Trip no ano seguinte, Moody no ano depois deste, e no fundo a Sra. Richardson ficou orgulhosa de como seu corpo se mostrara fértil e resistente. Ela empurrava Moody no carrinho enquanto Lexie e Trip vinham junto, atrás dela, cada um agarrando uma barra da sua saia, feito elefantinhos seguindo a mãe, e as pessoas na rua paravam para olhar: não era possível que aquela mulher esbelta tivesse gerado três filhos!

— Só mais um — dissera ela ao marido.

Haviam concordado em ter os filhos cedo para que a Sra. Richardson pudesse voltar ao trabalho depois. Por um lado, ela queria ficar em casa, cuidando dos filhos, mas sua própria mãe sempre havia desprezado mulheres que não trabalhavam.

— Desperdiçando seu potencial — resmungava ela. — Você tem uma cabeça boa, Elena. Não vai ficar em casa tricotando, não é?

Ela sempre insinuava que uma mulher moderna era capaz — ou melhor, era obrigada — a *ter tudo*. Portanto, após cada parto, a Sra. Richardson voltava para o trabalho, redigia as histórias

agradáveis e comportadas que seu redator pedia, voltava para casa para bajular os pequenos e esperar a chegada do bebê seguinte.

Só com Izzy a série encantada de filhos terminou. No início, a Sra. Richardson teve enjoos matinais terríveis, acessos de tontura e vômito que não passaram com o fim do primeiro trimestre, mas persistiram — aliás, ainda mais fortes — à medida que as semanas passavam. Lexie estava com quase três anos, Trip, com dois, Moody, só um. Com três filhos pequenos em casa e a Sra. Richardson incapacitada, a família julgou necessário contratar uma empregada; um luxo com o qual se acostumariam e que manteriam até a adolescência dos filhos, com o surgimento de Mia.

— É sinal de uma gravidez saudável — asseguraram os médicos à Sra. Richardson.

Porém, algumas semanas depois de terem contratado a empregada, Elena começou a sangrar e teve que ficar de repouso absoluto. Apesar dessas precauções, Izzy chegou precipitadamente, logo em seguida, fazendo sua aparição — onze semanas antes do esperado — uma hora após a chegada da mãe ao hospital.

A única lembrança que a Sra. Richardson teria dos meses seguintes seria uma névoa vaga e aterrorizante. Lembrava-se pouco dos detalhes de logística. Lembrava-se de Izzy encolhida em uma caixa de vidro, uma rede de veias roxas sob a pele salmão. Lembrava-se de observar a filha mais nova pelos buracos da incubadora, quase encostando o nariz no vidro para ter certeza de que Izzy continuava respirando. Lembrava-se das idas e vindas entre a casa e o hospital, sempre que podia deixar os três mais velhos nas mãos habilidosas da empregada — no horário da soneca durante o dia, no almoço, uma hora aqui e outra ali — e, quando as enfermeiras permitiram, de segurar Izzy: primeiro com as mãos em concha, então na concavidade entre os seios, e finalmente — quando Izzy ficou mais forte, ganhou peso e ficou mais parecida com um bebê — em seus braços.

Pois Izzy de fato cresceu: apesar de ter nascido prematura, mostrou uma tenacidade sobre a qual até os médicos comentavam. Puxava a agulha do soro intravenoso e arrancava o tubo de alimentação. Quando as enfermeiras iam trocar sua fralda, ela chutava os pés do tamanho de um polegar e berrava tão alto que acordava os outros bebês, que em seguida se juntavam a ela.

— Não há nada de errado com os pulmões dela — diziam os médicos aos Richardson.

Mas os avisaram de uma série de problemas que poderiam surgir: icterícia, anemia, problemas de visão, perda da audição, retardo mental, problemas cardíacos, convulsões, paralisia cerebral.

Quando Izzy enfim foi para casa — duas semanas após a data prevista do parto — aquela lista seria uma das poucas coisas de que a Sra. Richardson se lembraria sobre seu tempo no hospital. Uma lista de coisas que a faria vigiar Izzy durante toda a década seguinte. A menina simplesmente não percebia as coisas ou estava ficando cega? Ignorava a mãe por teimosia ou estava ficando surda? Sua pele estava um pouco amarelada? Um pouco pálida? Se a mão de Izzy se atrapalhava na hora de acrescentar uma argola ao brinquedo, a Sra. Richardson agarrava os braços da cadeira. Seria um tremor ou apenas uma criança aprendendo a difícil tarefa de

controlar os dedos?

Tudo o que a Sra. Richardson afastara dos pensamentos a respeito da temporada no hospital — tudo o que acreditava ter esquecido — as células do seu corpo sentiam: a onda de ansiedade, o medo que permeava seus pensamentos sobre Izzy. O foco microscópico que dedicava a tudo que Izzy fazia, analisando todas as coisas sem parar, investigando tudo em busca de sinais de fraqueza ou desastre. Ela era apenas ruim em ortografia ou seria um sinal de deficiência mental? Sua letra era apenas feia, ela era só ruim em aritmética, suas birras eram normais ou seria algo pior? À medida que o tempo passava, a preocupação se desfez do medo e ganhou vida própria. Ela havia aprendido com o nascimento de Izzy que a vida podia estar seguindo seu caminhozinho seguro e então, sem qualquer aviso, descarrilhar de forma impressionante. Sempre que a Sra. Richardson olhava para Izzy, surgia aquele sentimento de que as coisas estavam fugindo do seu controle, feito um músculo que ela não sabia como relaxar.

— Izzy, sente-se direito — dizia ela à mesa do jantar, pensando: *escoliose. Paralisia cerebral.* — Izzy, acalme-se.

Embora ela nunca colocasse exatamente desta forma, o ressentimento passou a revestir sua preocupação. A RAIVA É O GUARDA-COSTAS DO MEDO, dizia um cartaz no hospital, mas a Sra. Richardson nunca tinha prestado atenção, pois estava ocupada demais pensando: *Não era para ser desse jeito*.

— Depois de todos os problemas que você já causou… — começava ela às vezes, quando Izzy aprontava.

Nunca terminava a frase, nem mesmo mentalmente, mas a velha angústia circulava por suas veias. A própria Izzy só se lembrava da mãe dizendo: *Não, não, Izzy, por que não me escuta, Izzy, comporte-se, Izzy, pelo amor de Deus, não, está maluca?* Desenhando os limites que Izzy ousava ultrapassar.

Se Izzy fosse outro tipo de criança, talvez aquilo a tivesse feito tornar-se cautelosa, enfezada ou paranoica. Contudo, Izzy tinha nascido para provocar, e quanto mais crescia — com excelente visão e audição, nenhum sinal de convulsões ou paralisia, e uma mente visivelmente ágil —, mais sua mãe a vigiava e mais ela se irritava com toda a atenção que recebia. Quando iam à piscina, Lexie, Trip e Moody podiam brincar na parte rasa, mas Izzy — então com quatro anos — tinha que ficar sentada em uma toalha, cheia de protetor solar e à sombra de uma barraca. Depois de uma semana deste jeito, ela pulou de cabeça na parte funda da piscina e teve que ser resgatada por um salva-vidas. No inverno seguinte, quando foram andar de trenó, Lexie, Trip e Moody gritavam ao escorregar pela colina, de costas, de barriga, os três juntos, e, em uma das vezes, Trip desceu de pé feito um surfista. No alto da colina, a Sra. Richardson aplaudia e os encorajava. Então Izzy desceu uma vez, capotou na metade do caminho e a Sra. Richardson se recusou a deixar que ela subisse no trenó de novo. Naquela noite, depois que todos tinham ido dormir, Izzy arrastou pela rua o trenó de Moody e desceu quatro vezes o barranco do lago até chegar à água congelada antes que um vizinho a visse e ligasse para seus pais. Aos dez anos, quando a mãe ficou preocupada com sua alimentação seletiva, na dúvida se ela estava anêmica,

Izzy declarou-se vegetariana. Após ser proibida de dormir na casa das amigas — "Se você não se comporta em casa, Izzy, acreditamos que não vai se comportar na casa dos outros" —, Izzy passou a fugir do quarto à noite e voltar com pinhas, algumas maçãs silvestres ou castanhas-da-índia para colocar sobre a bancada da cozinha.

— Não faço ideia de onde isso pode ter vindo — dizia ela pela manhã, enquanto a mãe observava sua mais recente oferenda.

Todos os filhos — incluindo Izzy — tinham a sensação de que ela era uma decepção particular para a mãe, e que, por razões que desconheciam, a mãe guardava ressentimentos em relação a ela. É claro que quanto mais Izzy provocava, mais raiva surgia para proteger a velha angústia da mãe, feito uma concha escondendo um caracol.

— Meu Deus, Izzy — repetia a Sra. Richardson sem parar —, qual é o seu *problema*?

O Sr. Richardson era mais tolerante com Izzy. A Sra. Richardson fora quem a segurara nos braços, quem ouvira todos os prognósticos dos médicos, os avisos terríveis sobre o que poderia acontecer com ela. Recém-formado na faculdade de direito, o Sr. Richardson estava ocupado montando o próprio escritório, trabalhando até tarde para tentar virar sócio. Para ele, Izzy parecia um pouco teimosa, mas ficava feliz em vê-la tão destemida depois de um início de vida aterrorizante. Ele se deleitava com sua inteligência, com seu espírito. Na verdade, achava que ela lembrava a mãe quando mais nova: sentira-se atraído por aquela faísca, aquela certeza de propósito, pela maneira como ela sempre sabia o que pensar e tinha um plano, pela grande preocupação com o certo e o errado — o lado mais fogoso dela, que parecia, depois de tantos anos em segurança no subúrbio, ter esfriado, reduzindo-se a uma brasa.

— Está tudo bem, Elena — dizia ele à Sra. Richardson. — Ela está bem. Deixe-a quieta.

No entanto, a Sra. Richardson não podia deixar Izzy quieta, e a sensação se espalhou por todos eles: Izzy provocando, a mãe reprimindo, então, depois de um tempo, ninguém mais se lembrava de como a dinâmica começara, só sabiam que existia desde sempre.

* * *

No fim de semana após o incidente com a fotografia, enquanto a Sra. Richardson ainda estava irritada com Izzy, os Richardson deviam comparecer a uma festa de aniversário organizada por velhos amigos da família.

— Pearl pode ir também? — indagou Moody. — Os McCullough não vão se importar. Convidaram todo mundo que eles conhecem para essa festa.

— Além disso, ela vai ser mais uma pessoa para ficar admirando o bebê — falou Izzy. — E você sabe que é esse o propósito da festa.

A Sra. Richardson suspirou.

— Izzy, algumas vezes é adequado convidar uma amiga, mas outras vezes eventos são só para a família — disse ela. — Este é um evento para a família. Pearl não faz parte da família. — Ela

fechou a bolsa com um estalo e a pendurou no ombro. — Você precisa aprender a distinguir. Vamos, estamos atrasados.

Portanto, só os Richardson foram até a casa dos McCullough no fim de semana depois do Dia de Ação de Graças. Lexie, Trip e Moody foram em um carro, o Sr. e a Sra. Richardson foram em outro, com Izzy fuzilando-os com o olhar no banco de trás. Ninguém deixaria de notar a casa, pois carros ocupavam ambos os lados da rua — os McCullough haviam suspendido de antemão as restrições de estacionamento junto à delegacia de polícia de Shaker Heights — e seguiam pelo Bulevar South Woodland ali perto, e vários balões cor-de-rosa e brancos enfeitavam a caixa de correio.

Lá dentro, a casa já estava abarrotada de gente. Havia champanhe com suco de laranja e uma estação de omeletes. Garçons serviam miniquiches e ovos pochê encharcados de molho holandês. Havia um bolo cor-de-rosa e branco de três andares, coberto de calda e enfeitado no topo com um boneco de açúcar em forma de bebê segurando o número 1 entre as mãos gorduchas. E, por toda parte, serpentinas cor-de-rosa e brancas indicavam o caminho triunfante até a mesa da cozinha, onde Mirabelle McCullough, a aniversariante, se aninhava nos braços da Sra. McCullough.

Claro que a Sra. Richardson já havia conhecido Mirabelle meses antes, logo que ela chegara ao lar dos McCullough. Elena Richardson e Linda McCullough haviam crescido juntas — turma de Shaker de 1971, eram amigas desde que se conheceram no segundo ano — e houvera uma adorável simetria em seus caminhos, afinal as duas tinham cursado faculdade e voltado para Shaker para construir a carreira. Só que, enquanto os Richardson haviam tido Lexie, depois Trip, Moody e Izzy em uma rápida sucessão, a Sra. McCullough tentara engravidar durante mais de uma década antes de decidir com o marido que iriam adotar.

— É simplesmente *providencial*, como minha mãe dizia — comentou a Sra. Richardson com o marido ao saber da notícia. — Não há outra palavra. Você sabe pelo que Mark e Linda passaram, toda aquela espera. Quer dizer, aposto que teriam aceitado um bebê do crack, pelo amor de Deus. E então, do nada, a assistente social liga para eles às dez e meia da manhã dizendo que uma bebezinha asiática foi deixada no corpo de bombeiros, e às quatro da tarde ela já está na casa deles.

No dia seguinte, a Sra. Richardson tinha ido visitar a amiga para conhecer a bebê e, enquanto fazia gracinhas para ela, ouviu Linda contar a história. Como recebera o telefonema e fora de carro até a loja Babies "R" Us, comprando tudo, do enxoval ao berço, além de fraldas suficientes para seis meses.

— Atingi o limite do cartão de crédito — dissera Linda McCullough, rindo. — Mark ainda estava montando o berço quando a assistente social chegou aqui com ela. Mas olhe para ela. Olhe só para ela. Dá para acreditar?

Linda se debruçara sobre a recém-nascida aninhada em seu peito com uma expressão de espanto absoluto.

Isso fora dez meses antes, e o processo de adoção já estava bem avançado. Esperavam finalizá-

lo dali a um ou dois meses, de acordo com o que a Sra. McCullough disse à Sra. Richardson, entregando-lhe uma taça de champanhe com suco de laranja. A pequena Mirabelle era adorável: o cabelo escuro despontava da cabeça enfeitada com uma faixa cor-de-rosa, o rosto redondo e vivaz com olhos castanhos enormes encarando a multidão, o colar de contas da Sra. McCullough preso entre os dedos.

— Ah, ela parece uma bonequinha — disse Lexie.

Mirabelle virou o rosto e o enfiou no casaco da Sra. McCullough.

— É a primeira festa que damos desde que ela entrou em nossa vida — explicou a Sra. McCullough, passando a mão no cabelo escuro da menina. — Não está acostumada a ter tantas pessoas em volta, não é, Mimi? — Ela beijou a palma da mão da menina. — Mas a gente não podia deixar o primeiro aniversário dela passar em branco.

— Como sabe que é aniversário dela? — perguntou Izzy. — Se ela foi abandonada e tal.

— Ela não foi abandonada, Izzy — retrucou a Sra. Richardson. — Foi deixada no corpo de bombeiros onde alguém a encontraria com segurança. É muito diferente. E com isso ela acabou vindo para este ótimo lar.

— Mas vocês não sabem o aniversário dela de verdade, não é? — insistiu Izzy. — Escolheram um dia qualquer?

A Sra. McCullough ajeitou a bebê no colo.

— Os assistentes sociais estimaram que Mirabelle tinha dois meses quando veio para a nossa casa, com uma margem de erro de cerca de duas semanas. Isso foi no dia 30 de janeiro. Então decidimos comemorar o aniversário dela no dia 30 de novembro. — Ela deu um sorriso contido para Izzy. — Achamos que é muita sorte poder escolher um aniversário para ela. É na mesma data que o do Winston Churchill. E do Mark Twain.

— O nome dela é mesmo Mirabelle? — indagou Izzy.

A Sra. McCullough se empertigou.

— O nome inteiro dela será Mirabelle Rose McCullough, quando os papéis da adoção saírem — respondeu.

— Mas ela deve ter tido um nome antes — disse Izzy. — Não sabe qual era?

Na verdade, a Sra. McCullough sabia, sim. A bebê fora deixada numa caixa de papelão, vestindo várias camadas de roupa e envolta em cobertores para protegê-la do frio do inverno. Também havia um bilhete na caixa, que, após grande insistência da Sra. McCullough, a assistente social deixou que ela lesse: *O nome dessa bebê May Ling. Por favor pegue essa bebê e dê uma vida melhor para ela.* Naquela primeira noite, quando a bebê finalmente dormiu no colo deles, o Sr. e a Sra. McCullough passaram duas horas folheando o dicionário de nomes. Não havia lhes ocorrido em momento algum lamentar a perda do seu antigo nome.

— Achamos mais apropriado dar um nome novo a ela para celebrar o começo de sua nova vida — respondeu. — Mirabelle quer dizer "beleza maravilhosa". Não é fofo?

De fato, ao olharem naquela noite para os longos cílios da bebê, sua boquinha de botão de flor semiaberta em um sono profundo e satisfeito, ela e o marido acharam que não havia nada

mais apropriado.

— Quando pegamos nossa gata no abrigo, mantivemos o nome dela — falou Izzy, virando-se para a mãe. — Lembra? Srta. Ronronita? Lexie disse que era péssimo, mas você falou que a gente não podia mudar, porque seria muito confuso para ela.

— Izzy — repreendeu a Sra. Richardson —, comporte-se. — Ela se virou para a Sra. McCullough. — Mirabelle cresceu *tanto* nos últimos meses. Eu não a teria reconhecido. Era tão magrinha, mas agora olhe só para ela, está gorducha e radiante. Ah, Lexie, e essas bochechinhas?

— Posso pegar no colo? — perguntou Lexie.

A Sra. McCullough a ajudou a segurar a bebê.

— Ah, olhe só a pele dela. Parece café com leite.

Mirabelle estendeu os braços e entrelaçou os dedos no cabelo comprido de Lexie. Izzy se afastou, de cara fechada.

— Eu *não* entendo essa obsessão — murmurou Moody para Trip no canto atrás da bancada da cozinha, onde haviam se escondido com pratos de papel cheios de quiche e doces. — Eles comem, dormem, fazem cocô, choram. Prefiro ter um cachorro.

— Mas as meninas adoram — disse Trip. — Aposto que, se estivesse aqui, Pearl estaria babando pela bebê.

Moody não soube dizer se Trip estava zombando dele ou se estava simplesmente pensando em Pearl. Não tinha ideia de qual das duas coisas o incomodava mais.

— Você prestou atenção na aula de educação sexual sobre precauções, não é? — perguntou. — Porque senão vai haver dezenas de meninas por aí com bebês Trip. Que ideia assustadora.

— Ha-ha-ha. — Trip comeu uma garfada de omelete. — Pode se preocupar com a sua vida. Ah, calma, para engravidar alguém é preciso que a pessoa queira ir para a cama com você.

Ele jogou o prato vazio no lixo e foi procurar uma bebida, deixando Moody sozinho com o resto de sua quiche já fria.

A pedido de Lexie, a Sra. McCullough a levou para ver o quarto de Mirabelle: decorado de verde e rosa-bebê, uma faixa bordada à mão acima do berço com seu nome escrito.

— Ela adora esse tapete — falou a Sra. McCullough, mexendo no tapete de pele de carneiro. — Nós a deixamos aqui depois do banho e ela fica rolando de um lado para outro, rindo sem parar.

E então havia o quarto de brincar de Mirabelle, um cômodo inteiro reservado para os brinquedos dela: blocos de madeira de todas as cores do arco-íris, um elefante de balanço de veludo, uma prateleira cheia de bonecas.

— O quarto da frente é maior — explicou a Sra. McCullough —, mas neste aqui bate mais sol de manhã e durante boa parte da tarde. Então transformamos o outro em quarto de hóspedes e este aqui em um espaço para Mirabelle brincar.

Quando desceram novamente, mais convidados haviam aparecido, e Lexie, mesmo relutante, entregou Mirabelle aos recém-chegados. Na hora de cortar o bolo, a aniversariante, exausta de toda a socialização, teve que ser levada para tomar mamadeira e tirar uma soneca, e, para a

grande decepção de Lexie, continuava dormindo no fim da festa, quando os Richardson foram embora.

— Eu queria pegar ela no colo de novo — reclamou, enquanto iam até os carros.

— Ela é um bebê, não um brinquedo, Lex — comentou Moody.

— Tenho certeza de que a Sra. McCullough adoraria se você se oferecesse para cuidar de Mirabelle — disse a Sra. Richardson. — Dirija com cuidado, Lexie. Nos vemos em casa. — Ela tocou de leve o ombro de Izzy, empurrando-a na direção do carro. — E *você* precisa ser menos mal-educada da próxima vez que for a uma festa, ou então pode ficar em casa. Linda McCullough cuidou de *você* quando era bebê, sabia? Trocou suas fraldas e passeou com você no parque. Pense nisso na próxima vez que encontrá-la.

— Vou pensar — respondeu Izzy, e bateu a porta do carro.

* * *

Nos dias seguintes Lexie só falava sobre Mirabelle McCullough.

— Obsessão por bebês — disse Trip, cutucando Brian. — Cuidado, cara.

Brian riu de nervoso. Mas Trip estava certo: Lexie havia ficado súbita e furiosamente interessada em tudo o que tinha a ver com bebês, e chegara a ir até a loja Dillard's para comprar de presente para Mirabelle um nada prático vestido lilás cheio de babados.

— Meu Deus, Lexie, não me lembro de ter visto você tão interessada em bebês quando Moody e Izzy eram pequenos — disse sua mãe. — Nem em bonecas, aliás. Na verdade… — A Sra. Richardson tentou lembrar. — Uma vez você chegou a trancar Moody no armário das panelas.

Lexie revirou os olhos.

— Eu tinha *três* anos — justificou.

Já era segunda-feira e ela ainda falava sobre a bebê. Quando Mia entrou na cozinha aquela tarde, Lexie ficou feliz por ter uma nova espectadora.

— O cabelo dela é tão lindo… — elogiou. — Nunca vi um bebê com tanto cabelo. Tão sedoso… E ela tem olhos enormes, que observam tudo. É muito alerta. Foi encontrada no corpo de bombeiros, acredita? Alguém literalmente a largou lá.

Do outro lado da cozinha, Mia, que estava limpando as bancadas, ficou paralisada.

— No corpo de bombeiros? — perguntou. — Onde?

Lexie fez um gesto de desdém com a mão.

— Não sei. Acho que em algum lugar no leste de Cleveland.

Os detalhes a interessavam menos do que o romantismo trágico da situação.

— Quando isso aconteceu?

— Em janeiro. Por aí. A Sra. McCullough disse que um dos bombeiros saiu para fumar e encontrou a bebê dentro de uma caixa de papelão. — Lexie balançou a cabeça. — Como se

fosse um cachorrinho que ninguém queria.

— E agora os McCullough pretendem ficar com ela?

— Acho que sim. — Lexie abriu o armário e pegou uma barrinha de cereal. — Eles queriam um bebê há séculos, até que Mirabelle apareceu. Como um milagre. E estão tentando adotar há um tempão. Vão ser pais muito dedicados.

Ela desembrulhou a barra de cereal e jogou a embalagem no lixo, então subiu a escada, deixando Mia perdida nos próprios pensamentos.

O trato entre Mia e a Sra. Richardson pagava o aluguel, mas ela e Pearl ainda precisavam de dinheiro para comida e as contas de luz e gás, por isso Mia manteve alguns turnos semanais no Lucky Palace, de forma que, com o salário e a comida que levava para casa, elas sobrevivessem. O Lucky Palace tinha um chef, um chef assistente, um ajudante de garçom e a garçonete Bebe, que trabalhava em tempo integral e começara alguns meses antes de Mia. Bebe tinha chegado de Guangdong dois anos antes, e, por mais que seu inglês não fosse muito bom, gostava de conversar com Mia, considerando-a uma ouvinte solidária que nunca corrigia sua gramática nem parecia ter dificuldade em entendê-la. Enquanto enrolavam talheres de plástico em guardanapos para os pedidos de entrega do jantar, Bebe contava boa parte da vida a Mia, que não retribuía muito, mas descobrira ao longo dos anos que as pessoas raramente percebiam isso se você era uma boa ouvinte, ou seja, se deixava a outra pessoa falar sobre si mesma. Ao longo dos últimos seis meses, ela ficara sabendo de quase toda a história de vida de Bebe, por isso o relato de Lexie sobre a festa chamou sua atenção.

Pois, um ano antes, Bebe tivera um bebê.

— Eu tanto medo na época — dissera ela a Mia, os dedos amassando o guardanapo macio. — Não tenho ninguém para ajudar. Não posso trabalhar. Não posso dormir. O dia todo só seguro o bebê e choro.

— Onde está o pai do bebê? — perguntara Mia.

— Foi embora — respondera Bebe. — Eu disse que tinha bebê, duas semanas depois ele desaparece. Alguém me disse que ele se muda de volta para Guangdong. Eu mudei aqui para ele, sabia? Antes morava em São Francisco, eu trabalho em dentista, como recepcionista, ganho dinheiro bom, chefe muito gentil. Ele consegue trabalho aqui na fábrica de carros, ele diz: Cleveland é bom, Cleveland é barato, São Francisco tão cara, a gente muda Cleveland, pode comprar uma casa, ter um jardim. Então eu venho com ele e aí… — Ela ficou em silêncio por um instante, então largou um guardanapo impecavelmente enrolado na pilha, com hashi, garfo e faca embrulhados. — Aqui ninguém fala chinês — disse ela. — Entrevistei para recepcionista, dizem que meu inglês não tão bom. Nenhum lugar acho trabalho. Ninguém para cuidar do bebê.

Mia se deu conta de que, no mínimo, ela tivera depressão pós-parto, talvez até um surto psicótico pós-parto. A bebê não mamava e o leite da mãe tinha secado. Ela havia perdido o emprego — um trabalho que pagava salário mínimo para colocar copos de isopor dentro de caixas de papelão — quando fora ao hospital para ter o bebê, e não tinha dinheiro para comprar leite em pó. No fim das contas — e essa parte Mia achava que não podia ser coincidência —,

ela, desesperada, fora até um corpo de bombeiros e deixara a bebê diante da porta.

Dois policiais tinham encontrado Bebe vários dias depois, deitada debaixo de um banco de praça, desacordada por causa da desidratação e da fome. Tinham-na levado até um abrigo, onde deram-lhe um banho, a alimentaram, receitaram antidepressivos, e a liberaram três semanas depois. Mas àquela altura ninguém sabia lhe dizer o que tinha acontecido com a bebê. Um corpo de bombeiros, insistira ela, havia deixado a bebê em um corpo de bombeiros. Não, ela não lembrava qual. Andara com a bebê no colo por toda a cidade, tentando decidir o que fazer, até que passara diante de um corpo de bombeiros com as janelas acesas e aquecidas naquela noite escura, e tomara a decisão. Quantos corpos de bombeiros havia na cidade? Mas ninguém a ajudava. Ela havia perdido os direitos ao abandonar a menina, disse a polícia. Eles sentiam muito, mas não podiam lhe dar mais informações.

Mia sabia que Bebe estava desesperada para reencontrar a filha, que a procurava havia vários meses, desde que dera um jeito na própria vida. Arranjara um emprego fixo, ainda que mal remunerado; encontrara um novo apartamento; seu humor tinha se estabilizado. Mas não conseguira descobrir onde fora parar a bebê. Era como se a filha tivesse simplesmente desaparecido.

— Às vezes — disse ela a Mia —, me pergunto se estou sonhando. Mas qual dos dois é sonho? — Ela secou os olhos com o punho da camisa. — Que não consigo encontrar minha bebê? Ou que tenho uma bebê?

Ao longo de todos os seus anos de vida itinerante, Mia havia criado uma regra: não se apegar. A nenhum lugar, nenhum apartamento, a nada. A ninguém. Desde que Pearl nascera, as duas tinham vivido, pelos cálculos de Mia, em quarenta e seis cidades diferentes, reduzindo seus pertences ao que cabia na Kombi — ou seja, ao mínimo possível. Raramente permaneciam no mesmo lugar por tempo suficiente para fazer amizades, e nos poucos casos em que haviam conseguido, haviam se mudado sem dar seu novo endereço e perdido o contato. A cada mudança, elas se desfaziam de tudo o que podiam e mandavam a arte de Mia a Anita para que fosse vendida, o que significava que nunca mais a veriam.

Portanto, Mia sempre evitara se envolver em assuntos alheios. Isso tornava as coisas mais simples, era mais fácil na hora em que o contrato de locação acabava ou ela se cansava da cidade, ou ficava incomodada e queria ir para outro lugar. Mas aquilo com Bebe… aquilo era diferente. A ideia de que alguém pudesse tirar o filho de uma mãe a apavorava. Era como se alguém tivesse enfiado uma navalha nela, e, com um gesto rápido, arrancado suas entranhas, deixando apenas uma lufada de ar frio. Naquele instante, Pearl entrou na cozinha para pegar uma bebida e Mia abraçou a filha imediatamente, como se ela estivesse à beira de um precipício, e a abraçou por tanto tempo e com tanta força que Pearl acabou perguntando:

— Mãe, você está bem?

Mia tinha certeza de que os McCullough eram pessoas boas. Mas a questão não era essa. De repente ela pensou nos momentos no restaurante, após a movimentação do jantar, quando as coisas se acalmavam, e Bebe apoiava os cotovelos na bancada e devaneava. Mia entendia

perfeitamente aonde iam seus devaneios. Para o pai ou a mãe, um filho não é só uma pessoa: um filho é um *lugar*, tipo Nárnia, um vasto e eterno local onde o presente que se está vivendo, o passado de que se lembra e o futuro pelo qual se anseia coexistem. É possível ver isso sempre que você olha para seu filho: você vê, sobrepostos em seu rosto, o bebê que ele foi, a criança que virou e o adulto que se tornará, e tudo isso ao mesmo tempo, como que em uma imagem 3D. Aquilo fazia a cabeça dela girar. É um lugar no qual você pode se refugiar, se souber como entrar. E toda vez que você deixa seu filho, toda vez que ele sai do seu campo de visão, você tem medo de nunca mais conseguir voltar para aquele lugar.

No começo, bem no começo, na noite em que ela e Pearl deram início a suas viagens, Mia se encolheu na cama improvisada no banco de trás do Rabbit com a bebê Pearl aninhada na curva de sua barriga, e observou a filha dormir. Ali, tão perto que ela sentia o hálito morno de leite de Pearl em sua bochecha, admirou aquela criaturinha. *Ossos dos meus ossos e carne da minha carne*, pensou. Sua mãe a fizera frequentar a escola dominical toda semana até completar treze anos, e, como se as palavras fossem um feitiço, de repente ela viu traços da mãe no rosto de Pearl: a forma do maxilar, a discreta ruga entre as sobrancelhas que surgiu quando Pearl começou a sonhar. Fazia algum tempo que não pensava em sua mãe, e um raio de nostalgia se iluminou em seu peito. Como se aquilo a tivesse afetado, Pearl bocejou e se espreguiçou, então Mia se aproximou ainda mais, acariciou seu cabelo e encostou os lábios na sua bochecha inacreditavelmente macia. *Ossos dos meus ossos e carne da minha carne*, pensou outra vez quando as pálpebras de Pearl tremularam, e teve certeza de que ninguém amaria aquela criança tanto quanto ela.

— Estou bem — disse ela a Pearl, e, distanciando-se com esforço, soltou a filha. — Acabei aqui. Vamos para casa, está bem?

Já naquele instante Mia teve uma intuição sobre o que estava começando. Um cheiro quente incomodava suas narinas, feito a primeira nuvem de fumaça de uma labareda distante. Não sabia se Bebe conseguiria recuperar a bebê. Só sabia que a ideia de outra pessoa estar reivindicando a filha dela era insuportável. Como alguém pode tirar uma filha da própria mãe?, pensou Mia. E se fez aquela pergunta durante todo o caminho até em casa, enquanto discava, enquanto esperava o telefone chamar. Não estava certo. A mãe nunca deve abrir mão do filho.

— Bebe — disse ela, quando alguém atendeu. — É Mia, do trabalho. Acho que você precisa saber de uma coisa.

Dez

Foi por isso que, enquanto Pearl e Mia jantavam na segunda-feira à noite, a campainha tocou, seguida de uma batida frenética na porta. Mia correu até a porta lateral e Pearl ouviu vozes e choro, e então sua mãe entrou na cozinha seguida de uma jovem chinesa aos prantos.

— Eu bato e bato — dizia Bebe. — Toco a campainha e ninguém abre, então eu bato e bato. Vejo a mulher lá dentro. Espiando de trás da cortina para ver se vou embora.

Mia a levou até a mesa, onde havia deixado um prato de macarrão pela metade.

— Pearl, pegue água para Bebe. E talvez um chá. — Ela se sentou na outra cadeira e se debruçou sobre a mesa para segurar a mão de Bebe. — Você não deveria ter ido até lá desse jeito. Não pode esperar que eles deixem você entrar do nada.

— Eu ligo primeiro!

Bebe secou o rosto com o dorso da mão e Mia pegou um guardanapo na mesa, empurrando-o na direção dela. Na verdade, era um velho pano florido do brechó, mas Bebe o usou para secar os olhos.

— Eu procuro eles na lista telefônica e ligo logo depois de falar com você. Ninguém atende. Só cai na secretária eletrônica. Que recado deixar? Então tento de novo, e de novo, a manhã inteira, até que finalmente alguém atende às duas da tarde. *Ela* atende.

Do outro lado da cozinha, Pearl colocou a chaleira no fogão e acendeu a boca. Nunca tinha visto Bebe, mas sua mãe a havia mencionado algumas vezes. Ela não dissera que Bebe era tão bonita — olhos grandes, maçãs do rosto protuberantes, cabelo preto e grosso preso em um rabo de cavalo —, nem que era tão jovem. Para Pearl, qualquer pessoa com mais de vinte anos parecia muito adulta, e ela imaginou que Bebe devia ter em torno de vinte e cinco anos. Certamente era mais nova que sua mãe, mas havia algo infantil na maneira como falava, na maneira como se sentava com os pés unidos de forma comportada, as mãos entrelaçadas, no olhar desesperado que lançava para Mia, como se também fosse filha dela. E isso a fazia pensar em Bebe como se ela fosse outra adolescente. Pearl não se dava conta, nem se daria por algum tempo, de como sua mãe era incrivelmente serena para alguém da sua idade, de como era esperta e experiente.

— Digo a ela quem eu sou — falava Bebe. — Digo: "É Linda McCullough?" E ela diz que sim e eu digo: "Meu nome é Bebe Chow, sou a mãe de May Ling." E do nada ela desliga o telefone na minha cara.

Mia balançou a cabeça.

— Eu ligo de novo e ela atende e desliga na hora. Então eu ligo para ela outra vez e dá

ocupado. — Bebe limpou o nariz com o guardanapo e o amassou. — Então vou até lá. Dois ônibus e tenho que perguntar para o motorista onde trocar, depois ando mais um quilômetro e meio até a casa deles. Aquelas casas enormes… Todo mundo lá dirige, ninguém quer pegar ônibus para trabalhar. Toco campainha, ninguém atende, mas ela está olhando lá de cima, olhando para baixo. Toco campainha de novo e de novo e falo: "Sra. McCullough, sou eu, Bebe, só quero falar com você", e então cortina fechada. Mas ela ainda lá dentro, esperando eu ir embora. Como se eu fosse embora quando minha bebê está lá dentro. Então eu continuo batendo e tocando. Mais cedo ou mais tarde ela ter que sair e aí posso falar com ela. — Bebe olhou para Mia. — Só quero ver minha bebê de novo. Acho que posso falar com esses McCullough e fazer eles entenderem. Mas ela não sai.

Bebe ficou em silêncio por um bom tempo e olhou para as próprias mãos, então Pearl viu a pele vermelha e machucada na lateral dos pulsos. Percebeu que ela deve ter batido na porta por muito, muito tempo, pensando também no quanto Bebe devia ter sofrido, ainda estava sofrendo, e em como a Sra. McCullough devia estar apavorada trancada dentro de casa.

O restante da história saiu aos trancos, como se a própria Bebe estivesse se lembrando da cena toda naquele instante. Algum tempo depois, um Lexus tinha se aproximado com uma viatura de polícia logo atrás, e o Sr. McCullough saíra lá de dentro. Tinha dito a Bebe para deixar a propriedade, com dois policiais ao seu lado feito guarda-costas. Bebe tentou falar que só queria ver sua bebê, mas não sabia ao certo o que dissera, se tinha discutido, ameaçado, gritado ou implorado. Só conseguia se lembrar do que o Sr. McCullough ficara repetindo: "Você não tem o direito de estar aqui. Você não tem o direito de estar aqui." Por fim, um dos policiais a segurara pelo braço e a puxara para longe. Vá embora, disseram, ou então a levariam para a delegacia e a acusariam de invasão de propriedade. Disto ela se lembrava com clareza: enquanto os policias a afastavam da casa, ela ouviu sua filha chorando atrás da porta trancada.

— Ah, Bebe — falou Mia.

Pearl não soube se a mãe estava decepcionada ou orgulhosa.

— O que mais eu possa fazer? Andei até aqui. Quarenta e cinco minutos. Para quem mais possa pedir ajuda além de você? — Ela olhou de cara feia para Pearl e Mia, como se achasse que as duas poderiam contradizê-la. — Sou a *mãe* dela.

— Eles sabem disso — falou Mia. — Sabem muito bem disso. Ou não teriam expulsado você daquele jeito.

Ela empurrou a xícara de chá — já morno — na direção de Bebe.

— O que eu possa fazer agora? Se for lá de novo, eles chamam polícia e me prendem.

— Pode arranjar um advogado — sugeriu Pearl.

Bebe lançou um olhar gentil e piedoso.

— Onde que arrumo dinheiro para advogado? — perguntou.

Olhou para as próprias roupas — calça preta com uma camisa branca e justa de botão — e Pearl de repente entendeu: aquele era o seu uniforme de trabalho. Ela tinha saído sem nem ao menos trocar de roupa.

— No banco tenho seiscentos e onze dólares. Você acha um advogado me ajuda por seiscentos e onze dólares?

— Certo — disse Mia.

Ela empurrou o resto do jantar de Pearl — agora com uma camada branca de gordura — para o lado. Durante todo aquele tempo, vinha pensando... Na verdade, vinha pensando naquilo desde que Lexie tinha mencionado a bebê: o que faria se estivesse no lugar de Bebe? O que qualquer pessoa poderia fazer na situação dela?

— Preste atenção. Quer encarar essa briga? Tem que fazer o seguinte.

* * *

Na terça-feira à tarde, se algum dos Richardson estivesse prestando atenção nos comerciais durante o programa de Jerry Springer, talvez tivesse percebido os anúncios das reportagens no noticiário daquela noite no Canal 3, que mostrou a casa dos McCullough. Se alguém tivesse percebido, poderia ter avisado a mãe, que redigia uma matéria sobre uma proposta de imposto escolar, portanto não estaria em casa para assistir ao jornal ou alertar a Sra. McCullough.

Mas o que aconteceu foi que Lexie e Trip estavam muito absortos em uma discussão acalorada sobre qual dos convidados de Springer tinha o cabelo mais bonito: a drag queen ou sua ex-mulher amargurada. Então ninguém ouviu os comerciais. Pearl e Moody, que se divertiam ao observar a briga, nem olharam para a tela, e Lexie interrompeu antes que Trip tivesse acabado de defender a drag queen. Enquanto isso, Izzy estava no laboratório da casa de Mia, observando-a pegar uma ampliação no revelador e pendurá-la para secar. Então ninguém viu os anúncios nem assistiu ao noticiário naquela noite. A Sra. McCullough também não costumava ver o jornal, portanto, quando abriu a porta na quarta-feira de manhã com Mirabelle no colo, esperando uma correspondência da irmã, ficou assustada ao ver Barbra Pierce — a jornalista investigativa, de cabelo volumoso, do Canal 9 — de pé na entrada de sua casa com um microfone na mão.

— Sra. McCullough! — gritou Barbra, como se as duas estivessem se encontrando em uma festa e aquela fosse uma coincidência maravilhosa.

Atrás dela havia um cinegrafista corpulento de casaco com capuz, embora a Sra. McCullough só tenha registrado a câmera e a luz vermelha piscante que lembrava um olho brilhante. Mirabelle começou a chorar.

— Sabemos que a senhora vem tentando adotar uma menininha. Está ciente de que a mãe resolveu lutar pela guarda dela?

A Sra. McCullough bateu a porta, mas a equipe de reportagem já conseguira o que viera buscar. Apenas dois segundos e meio de gravação, mas era o bastante: a mulher branca e magra na porta de sua casa imponente em Shaker, parecendo brava e apavorada, segurando a bebê asiática aos berros no colo.

Com um vago pressentimento, a Sra. McCullough olhou o relógio. Seu marido estava a caminho do trabalho no centro da cidade e só chegaria dali a pelo menos trinta e cinco minutos. Ela ligou para todos os amigos, um por um, mas nenhum deles tinha assistido ao jornal na noite anterior e só puderam lhe dar apoio moral, nenhum esclarecimento.

— Não se preocupe — disseram todos. — Vai dar tudo certo. É só Barbra Pierce causando confusão.

Enquanto isso, o Sr. McCullough chegou ao trabalho e pegou o elevador até o sétimo andar, onde ficavam os escritórios da Rayburn Financial Services. Ele tinha acabado de tirar um braço de dentro do sobretudo quando Ted Rayburn surgiu na soleira da porta.

— Ouça, Mark — disse ele. — Não sei se você viu o jornal ontem à noite no Canal 3, mas há algo que precisa saber.

Ele fechou a porta ao entrar e o Sr. McCullough escutou, ainda segurando o sobretudo ao redor do corpo como se fosse uma toalha. Com o mesmo tom de voz comedido e levemente preocupado que usava com os clientes, Ted Rayburn descreveu a matéria do jornal: a imagem do lado de fora da casa dos McCullough à meia-luz do entardecer, mas ainda familiar para ele por causa dos anos de coquetéis, *brunches* e churrascos de verão que frequentara lá. O lide do âncora: *Adoções possibilitam um lar a crianças que não têm família. Mas e se a criança já tiver uma família?* E a entrevista com a mãe — Be-alguma coisa, Ted não entendera o nome inteiro — que implorara pelo seu bebê diante das câmeras.

"Eu cometi erro", dissera ela, articulando cada sílaba cuidadosamente. "Agora tenho um bom emprego. Dei jeito na minha vida. Quero minha bebê de volta. McCullough não têm direito adotar uma bebê quando a mãe quer ela. Toda criança tem que ficar com a mãe."

Ted Rayburn estava quase acabando quando o telefone em cima da escrivaninha tocou, e o Sr. McCullough, ao ver o número, sabia que era a esposa, o que estava acontecendo e o que teria que explicar para ela. Pegou o aparelho.

— Estou indo para casa — falou, desligando em seguida e pegando as chaves.

* * *

Mia, que não tinha televisão, também não vira a matéria do jornal. Mas na terça-feira à tarde, logo antes que fosse ao ar, Bebe foi até a casa de Mia contar sobre a entrevista.

— Eles acham que é uma boa história — disse ela.

Estava vestindo sua calça preta e uma camisa branca com uma mancha desbotada de molho de soja no punho, e Mia deduziu que ela estava indo trabalhar.

— Falam comigo por quase uma hora. Têm muitas perguntas para mim.

Bebe ficou quieta ao ouvir passos na escada. Era Izzy, que acabava de chegar da escola, e tanto Bebe quanto Izzy ficaram caladas ao deparar com uma desconhecida.

— É melhor eu ir — falou Bebe após um instante. — O ônibus passa logo. — No caminho

até a porta, ela se aproximou de Mia. — Dizem que as pessoas vão ficar do meu lado — sussurrou.

— Quem era? — indagou Izzy quando Bebe foi embora.

— Só uma amiga — respondeu Mia. — Uma amiga do trabalho.

Os produtores do Canal 3, como logo ficou claro, tinham bons instintos. Poucas horas depois que a matéria foi ao ar, a emissora recebeu uma enxurrada de telefonemas sobre a história, o suficiente para garantir uma sequência e para que o Canal 9, sempre competitivo, enviasse Barbra Pierce logo cedo na manhã seguinte.

— Barbra Pierce — disse Linda McCullough para a Sra. Richardson na quarta-feira à noite. — Barbra Pierce, com sapato de salto agulha e cabelo de Dolly Parton. Ela apareceu na porta da minha casa e enfiou um microfone na minha cara.

As duas mulheres tinham acabado de assistir à matéria de Barbra Pierce, cada uma no seu sofá diante da televisão, com o telefone sem fio na orelha, e a Sra. Richardson teve a súbita e estranha sensação de que tinham quatorze anos outra vez, com os telefones de fio no colo, assistindo a *Green Acres* ao mesmo tempo para que pudessem ouvir a outra rindo.

— É isso que Barbra Pierce faz — falou a Sra. Richardson. — Srta. Notícias Sensacionalistas de terninho. Ela faz bullying e leva um cinegrafista.

— O advogado falou que nossa base é sólida — argumentou a Sra. McCullough. — Ele disse que ao abandonar a bebê ela abriu mão da guarda para o estado e o estado nos deu a guarda, então a queixa dela na verdade é com o estado, não com a gente. Ele disse que o processo está oitenta por cento completo e só vai levar mais um ou dois meses para que Mirabelle seja nossa permanentemente, e assim essa mulher não vai ter nenhum direito sobre ela.

A Sra. McCullough e o marido tentaram ter um bebê durante muito tempo. Ela havia engravidado logo após o casamento. Mas, algumas semanas depois, começara a sangrar, e soube antes mesmo de ir ao médico que perdera a criança.

— É muito comum — assegurara o médico. — Metade de todas as gravidezes termina nas primeiras semanas. A maioria das mulheres nem fica sabendo que tinha concebido.

Mas a Sra. McCullough soubera, e, três meses mais tarde, quando aconteceu de novo, e mais uma vez quatro meses depois, e então cinco meses depois *dessa vez*, ela soube que algo vivo se acendera dentro dela e que de alguma forma aquela faísca se apagara.

Os médicos receitaram paciência, vitaminas, suplementos de ferro. Outra gravidez veio, e dessa vez levou quase dez semanas para o sangramento começar. A Sra. McCullough chorava à noite, e, depois que ela dormia, o marido chorava ao seu lado. Após três anos tentando, ela havia engravidado cinco vezes e nada. Espere seis meses, recomendara o obstetra, deixe seu corpo se recuperar. Quando o período de espera terminou, eles tentaram outra vez. Dois meses depois, ela estava grávida; um mês mais tarde, não mais. Ela nunca contava a ninguém, com a esperança de que o bebê vingasse e crescesse, se guardasse o segredo para si. Nada mudou. Àquela altura, sua velha amiga Elena já tinha uma menina e um menino e estava grávida do terceiro filho, e, por mais que Elena ligasse com frequência, por mais que sua reação fosse abraçá-la e deixá-la chorar

— como haviam feito tantas vezes ao longo dos anos, por problemas pequenos e grandes —, a Sra. McCullough percebeu que aquilo era algo que não podia compartilhar. Nunca contou a Elena que estava grávida, então como poderia dizer que perdera o bebê? Não sabia nem por onde começar. *Perdi mais um. Aconteceu de novo.* Sempre que as duas almoçavam juntas, a Sra. McCullough não se continha e encarava a barriga redonda da Sra. Richardson. Sentia-se uma tarada, ficava louca para tocar aquela barriga, afagá-la, acariciá-la. Lexie e Trip, ao fundo, balbuciavam e davam passinhos, e, após um tempo, era mais fácil simplesmente evitar aquilo tudo. A Sra. Richardson percebeu que sua querida amiga Linda passou a ligar menos, e quando ela própria telefonava, muitas vezes caía na secretária eletrônica, que com a voz alegre da Sra. McCullough cantarolava: "Deixe um recado para Linda e Mark e nós retornaremos!" Mas ninguém nunca ligava de volta.

No ano seguinte ao nascimento de Izzy, a Sra. McCullough engravidou outra vez. Àquela altura, era exaustivo: o acompanhamento do seu ciclo, a espera, os telefonemas para o médico. Até mesmo o sexo — cuidadosamente programado para os dias mais férteis — começara a ficar entediante. Quem poderia acreditar?, pensava, lembrando-se da época da escola, quando ela e Mark se esfregavam freneticamente um no outro no banco de trás do carro dele. Os médicos a deixaram de repouso absoluto: não podia passar mais de quarenta minutos de pé por dia, incluindo as idas ao banheiro, e nada de fazer esforço. Ela conseguiu chegar aos cinco meses, até que acordou de madrugada com uma imobilidade terrível dentro da barriga, feito o silêncio depois que um sino para de tocar. No hospital, enquanto estava deitada sob o efeito confuso dos medicamentos, os médicos tiraram o bebê do seu ventre.

— Quer vê-la? — perguntou um deles quando a operação terminou, e a enfermeira mostrou a bebê, envolta em um pano branco em suas mãos em concha.

Para a Sra. McCullough, ela parecia absurdamente pequena, cor-de-rosa, brilhante e lisa, como algo feito de vidro soprado. Absurdamente imóvel. Acenou de leve com a cabeça, fechou os olhos outra vez e abriu as pernas para deixar que os médicos a costurassem.

Passou a pegar o caminho mais longo até o mercado para evitar o parquinho, a escola primária, o ponto de ônibus. Passou a detestar mulheres grávidas. Queria estapeá-las, jogar coisas nelas, segurá-las pelos ombros e mordê-las. No seu décimo aniversário de casamento, o Sr. McCullough a levou para o Giovanni's, seu restaurante preferido, e, quando os dois entraram, uma mulher muito grávida os seguiu. A Sra. McCullough abriu a porta com um empurrão e, quando a grávida surgiu atrás deles, deixou a porta se fechar na cara dela. O Sr. McCullough, virando-se para segurar o braço da esposa, por um instante não a reconheceu, tão insensível, tão diferente da mulher infinitamente maternal que sempre conhecera.

Por fim, após uma última consulta repleta de expressões desoladoras com o médico — *baixa motilidade, útero inóspito, concepção provavelmente impossível* —, eles decidiram adotar. Até mesmo a fertilização in vitro tinha muitas chances de falhar, segundo os médicos. A adoção era a melhor opção para terem um bebê. Colocaram os nomes em todas as listas de espera que encontraram, e de vez em quando um agente de adoção ligava com uma possibilidade. Mas algo sempre dava

errado: a mãe mudava de ideia; o pai, o primo ou a avó apareciam do nada; a agência decidia que outro casal, muitas vezes mais jovem, seria mais adequado. Um ano se passou, depois dois, três. Aparentemente, todo mundo queria um bebê e a demanda ultrapassava em muito a oferta. Naquela manhã de janeiro, quando a assistente social ligou para dizer que tinha pegado o nome deles em uma das agências de adoção e estava com um bebê que podia ser deles caso quisessem, parecera um milagre. Caso quisessem! Todo aquele sofrimento, toda aquela culpa, aqueles sete fantasminhas — pois a Sra. McCullough nunca esqueceu nenhum — haviam, para sua surpresa, entrado em uma caixa e sumido quando ela viu a pequena Mirabelle: tão concreta, tão vívida, tão inescapavelmente presente. Agora, com a possibilidade de que Mirabelle também fosse levada embora, a Sra. McCullough percebia que a caixa e seu conteúdo nunca haviam desaparecido, estavam apenas guardados, esperando que alguém abrisse a tampa.

O jornal estava no intervalo, e a Sra. Richardson ouviu pelo telefone o jingle agudo da propaganda de Cedar Point na televisão dos McCullough, uma fração de segundo após a sua. Ela viu uma mulher idosa tropeçando, caindo, procurando o transmissor em torno do pescoço, e a narração de Barbra Pierce ecoou em sua mente. *Este casal quer adotar a filha dela. Mas ela não vai abrir mão da sua bebê sem lutar.*

— Vai passar — disse a Sra. Richardson à Sra. McCullough. — As pessoas vão esquecer. Vai passar.

Mas não passou. Por mais improvável que parecesse, alguma coisa naquela história havia atingido um nervo na comunidade. As notícias eram poucas: uma mulher dera à luz sete gêmeos; ursos, segundo uma reportagem séria do *New York Times*, eram a principal causa de roubos de carros em Yosemite. A questão política mais urgente — pelo menos por mais algumas semanas — era o nome que o presidente Clinton daria ao seu novo cachorro. A cidade de Cleveland era segura, entediante e estava ávida por um acontecimento um pouco mais próximo.

Na quinta-feira de manhã havia mais duas equipes de reportagem na porta da casa dos McCullough, e três matérias foram ao ar naquela noite, nos canais 5, 19 e 43. Cenas de Bebe Chow segurando uma foto de May Ling com um mês, implorando para ter sua bebê de volta. Cenas da casa dos McCullough com as cortinas fechadas e a luz da entrada apagada; uma foto do Sr. e da Sra. McCullough com trajes a rigor em um evento beneficente pela cura da leucemia que havia aparecido nas páginas sociais da revista *Shaker* no ano anterior; cenas do BMW do Sr. McCullough dando ré para sair da garagem enquanto um repórter corria ao lado do carro com um microfone encostado na janela.

Na sexta-feira, todas as equipes de reportagem estavam de volta, a Sra. McCullough havia se trancado dentro de casa e as secretárias da empresa de investimento do Sr. McCullough haviam sido instruídas a recusar telefonemas de fontes de notícias dizendo "sem comentários". Todas as noites, a história de Mirabelle McCullough — ou May Ling Chow, como alguns faziam questão de chamá-la — aparecia no jornal, sempre ilustrada com fotos. No início só mostravam os retratos que Bebe havia tirado de May Ling recém-nascida, até que — graças ao conselho do

advogado dos McCullough, que queria oferecer um contraponto — surgiram fotografias mais recentes dos McCullough, tiradas no estúdio Dillard's, mostrando Mirabelle com um vestidinho de babado amarelo, na Páscoa, com orelhinhas de coelho, ou de macacãozinho cor-de-rosa, de pé ao lado de um antigo cavalinho de pau. Apoiadores surgiam de ambos os lados e, na sexta-feira à noite, um advogado local, Ed Lim, se ofereceu para representar de graça Bebe Chow e processar o estado pela guarda da filha dela.

* * *

Sábado à noite, durante o jantar, o Sr. Richardson anunciou:

— Mark e Linda McCullough ligaram hoje à tarde para perguntar se posso trabalhar com o advogado deles. Parece que ele não tem muita experiência em tribunal e acham que eu posso dar uma boa ajuda.

Lexie mordiscou sua salada.

— E você vai ajudar?

— Nada disso é culpa deles, sabe? — disse o Sr. Richardson cortando um pedaço de frango. — Eles só querem fazer o que é certo para a bebê. E o processo não é dirigido a eles, mas ao estado. Mas vão arrastá-los para a situação e eles vão ser os mais afetados.

— Com exceção de Mirabelle — comentou Izzy.

A Sra. Richardson abriu a boca para fazer um comentário mordaz, mas o Sr. Richardson a silenciou com um olhar.

— Isso tudo diz respeito a Mirabelle, Izzy — falou. — Todos os envolvidos… todos nós só queremos o que é melhor para ela. Só precisamos descobrir o que é.

Nós, pensou Izzy. Seu pai já tinha se tornado parte daquilo. Ela pensou na imagem de Bebe Chow que os jornais não paravam de publicar: a tristeza em seu olhar, a pequena foto de May Ling bebê na mão, o canto amassado, como se tivesse sido guardada no bolso (o que realmente acontecera). Ela reconhecera na hora a mulher que vira na cozinha de Mia, que ficara em silêncio assim que ela entrara, que a encarara como se sentisse medo, como se estivesse acuada.

"Só uma amiga", dissera Mia quando Izzy perguntou quem era, e, se Mia confiava em Bebe, Izzy sabia de que lado ficar.

— Ladrão de bebê — disse ela.

Um silêncio perplexo caiu sobre a mesa feito um pano pesado. Do outro lado da mesa, Lexie e Trip trocaram olhares cautelosos e nada surpresos. Moody lançou um olhar para Izzy como se dissesse *cale a boca*, mas ela não estava prestando atenção.

— Izzy, peça desculpas ao seu pai — falou a Sra. Richardson.

— Por quê? — indagou a menina. — Eles estão praticamente sequestrando a bebê. E todo mundo está deixando. O papai vai até ajudar.

— Vamos nos acalmar — começou o Sr. Richardson, mas já era tarde demais.

Quando se tratava de Izzy, a Sra. Richardson raramente mantinha a calma, porque a filha nunca mantinha a calma.

— Izzy. Vá para o quarto.

A menina se virou para o pai.

— Quem sabe eles consigam comprá-la? Quanto está custando um bebê no mercado atual? Dez mil pratas?

— Isabelle Marie Richardson…

— Talvez consigam negociar por cinco.

Izzy largou o garfo no prato com um tinido e saiu do cômodo. *Mia tem que ficar sabendo disso*, pensou, correndo escada acima para o quarto. Ela saberia o que fazer. Saberia consertar aquilo. Deu para ouvir a risada de Lexie na escada e no corredor acima, então Izzy fechou a porta com um estrondo.

No andar de baixo, a Sra. Richardson se afundou de novo no assento, as mãos trêmulas. Só conseguiria pensar num castigo apropriado para Izzy na manhã seguinte: confiscar seus adorados sapatos Doc Martens e jogá-los no lixo. Se você se veste como uma delinquente, ela insistia ao abrir a lata de lixo, é claro que vai agir como uma delinquente. Naquele momento, contentou-se em comprimir os lábios com força e posicionar cuidadosamente o garfo e a faca, formando um X no prato.

— Que tal guardarmos a notícia para nós mesmos? — perguntou ela. — De que vai trabalhar com os McCullough, digo.

O Sr. Richardson negou com a cabeça.

— Vai sair no jornal amanhã — disse ele, e tinha razão.

No domingo, o *Plain Dealer* publicou a matéria na capa, logo abaixo da dobra do jornal: MÃE LUTA POR GUARDA DA FILHA. O artigo estava bom, pensou a Sra. Richardson, bebericando seu café e lendo-o com um olhar profissional: um resumo do caso; uma menção rápida de que os McCullough seriam representados por William Richardson da Kleinman, Richardson e Fish; uma declaração do advogado de Bebe Chow. "Estamos confiantes", disse Edward Lim, "de que o estado vai entender que deve devolver a guarda de May Ling Chow à mãe biológica." Porém, o fato de o jornal ter publicado a matéria com tanta proeminência indicava que a cobertura estava apenas começando.

No fim do artigo, uma única frase chamou a atenção da Sra. Richardson: "A Srta. Chow foi informada do paradeiro da filha por uma colega de trabalho do Lucky Palace, um restaurante chinês na rua Warrensville." Por mais que a informação tivesse sido colocada de maneira tão cuidadosa e anônima, ela ficou chocada ao perceber quem devia ser a colega. Não podia ser coincidência. Então tinha sido sua inquilina, sua inquilina tranquila e ávida para agradar, que começara tudo aquilo. Que havia decidido, por razões ainda obscuras, virar a vida dos pobres McCullough de cabeça para baixo.

A Sra. Richardson dobrou o jornal com precisão e o deixou em cima da mesa. Pensou novamente na insatisfação de Mia quando ela se ofereceu para comprar uma de suas fotos, em

sua reticência sobre o passado. Em sua… bem, *antipatia*, por mais que passasse várias horas por dia na casa da Sra. Richardson, naquela mesma cozinha. Uma mulher cujo salário ela pagava, cujo aluguel ela subsidiava, cuja filha passava horas e horas debaixo do seu teto todos os dias. Pensou na fotografia no museu, que em sua memória adquiria um toque de dissimulação e malícia. Como era hipócrita da parte de Mia, com sua privacidade insistente, meter-se onde não era chamada. Mas Mia era assim, certo? Uma mulher que sentia um prazer quase perverso em perturbar a ordem natural das coisas. Era a definição de injustiça o fato de aquela mulher estar causando tantos problemas para sua querida amiga Linda, de Linda ter que pagar o pato.

Na segunda-feira, a Sra. Richardson mandou os filhos para a escola e enrolou em casa até Mia chegar para fazer faxina. Não sabia direito o que estava procurando, mas precisava ver Mia pessoalmente, olhá-la nos olhos.

— Ah — disse Mia ao entrar pela porta lateral. — Eu não esperava encontrar você em casa. Quer que eu volte mais tarde?

A Sra. Richardson inclinou a cabeça para o lado e examinou sua inquilina. O cabelo, como sempre, desgrenhado no topo da cabeça. Uma camisa larga de botão para fora da calça jeans. Uma mancha de tinta na parte de trás de um dos punhos. Mia ficou ali parada com a mão no batente, um sorriso discreto, esperando a resposta da Sra. Richardson. Um rosto meigo. Um rosto jovem, porém não inocente. Ela não se importava, percebeu a Sra. Richardson, com o que pensavam dela. De certa forma, isso a tornava perigosa. A Sra. Richardson pensou subitamente na foto que vira na casa de Mia naquele primeiro dia, quando abrira as portas do seu lar para ela. A mulher transformada em aracnídeo, silenciosa, de braços furtivos. Que tipo de pessoa, pensou ela, transformaria uma mulher em aranha? Aliás, que tipo de pessoa via uma mulher e pensava em *aranha*?

— Estou de saída — falou, pegando a bolsa na bancada.

Anos depois, a Sra. Richardson ainda insistiria que aquela busca sobre o passado de Mia não passara de uma retaliação justificada pelos problemas que ela havia causado. Era pelo bem de Linda, insistiria ela. Linda era sua mais antiga e querida amiga, uma mulher que só estava tentando fazer o que era certo para aquela bebê e, agora, por causa de Mia, estava tendo seu coração partido. Linda não merecia aquilo. Como ela, Elena, poderia ficar quieta e deixar alguém arruinar a felicidade da sua melhor amiga? Nunca admitiria, nem para si mesma, que aquilo não tivera nada a ver com a bebê: fora algo complicado a respeito da própria Mia, o desconforto sombrio que aquela mulher provocava e que a Sra. Richardson teria preferido mil vezes manter escondido. Naquele instante, com o jornal ainda nas mãos, ela disse a si mesma que agiria em nome de Linda. Daria alguns telefonemas. Veria o que era capaz de descobrir.

Onze

O primeiro passo da Sra. Richardson foi ler sobre Pauline Hawthorne. Já tinha ouvido falar dela, é claro. Quando escolhera as matérias eletivas de arte na faculdade, Pauline Hawthorne era *a* novidade do momento, só se falava nela, e era muito imitada pelos estudantes de fotografia que andavam a esmo pelo campus com câmeras penduradas no pescoço feito crachás. Ao rever as fotos, lembrou-se delas. Uma mulher vista pelo espelho de um salão de beleza, metade do cabelo presa em rolos perfeitos, a outra solta em uma confusão desgrenhada. Uma mulher retocando a maquiagem no retrovisor lateral de um Chrysler, um cigarro pendendo dos seus lábios brilhosos. Uma mulher de camisola verde-esmeralda e salto alto, passando o aspirador de pó no tapete amarelo-ovo, as cores tão saturadas que pareciam sangrar. As fotos eram marcantes o suficiente para que ela, tantos anos depois, se lembrasse de tê-las visto projetadas na tela do auditório escuro, perdendo o fôlego por um instante ao mergulhar naquele mundo vibrante em tecnicolor.

Pauline, descobrira ela, tinha nascido no interior do Maine e se mudado para Manhattan aos dezoito anos, passando vários anos no Greenwich Village antes de se lançar no meio artístico no início da década de 1970. Todos os livros de arte que a Sra. Richardson consultou a descreviam com elogios: uma gênia autodidata, uma pioneira da fotografia feminista, um intelecto dinâmico e generoso.

A Sra. Richardson encontrou muito pouco sobre sua vida pessoal, apenas uma breve menção de que ela tivera um apartamento no Upper West Side. Porém, deparou com uma informação interessante: Pauline Hawthorne tinha dado aulas na Escola de Belas-Artes de Nova York — embora, aparentemente, não por precisar de dinheiro. Alguns anos depois de iniciar a carreira, suas fotos eram vendidas por dezenas de milhares de dólares, o que era bastante para uma fotógrafa naquela época, ainda mais uma mulher. Após sua morte em 1982, o valor das fotografias disparou, e o MoMA chegou a pagar quase dois milhões para acrescentar uma delas à sua coleção permanente.

Por instinto, a Sra. Richardson pesquisou o número do setor acadêmico da Escola de Belas-Artes de Nova York. Quando apresentou suas credenciais e disse que estava verificando alguns fatos para uma matéria, o secretário foi extremamente solícito. Pauline Hawthorne tinha ministrado o curso de fotografia avançada da escola durante muitos anos, até sua morte. Não, não havia nenhuma Mia Warren nas aulas da professora Hawthorne naqueles últimos anos. Mas havia uma Mia Wright no outono de 1980… Será que era ela que a Sra. Richardson estava procurando?

Mia Wright se inscrevera na Escola de Belas-Artes naquele semestre como caloura, mas, na primavera de 1981, havia trancado a matrícula para o ano acadêmico seguinte. Nunca voltara. Depois de um rápido cálculo mental, a Sra. Richardson viu que Mia — se é que era a mesma Mia — ainda não tinha engravidado de Pearl naquela primavera. Então por que teria interrompido os estudos se não estava grávida?

O secretário se recusou a dar o endereço da aluna, mesmo quinze anos depois. Mas a Sra. Richardson conseguiu descobrir, com algumas perguntas perspicazes, que o endereço de Mia Wright que constava era um endereço local, e não havia informação sobre seus pais.

Ela teria que abordar o problema por outro ângulo, então. A oportunidade logo surgiu, na forma de uma carta muito aguardada. Desde o Dia de Ação de Graças, Lexie verificava a caixa de correio assim que chegava em casa, até que finalmente, em meados de dezembro, encontrou lá dentro um envelope pesado com a logomarca de Yale no canto. A Sra. Richardson ligou para todos os familiares para dar a boa notícia, e o Sr. Richardson trouxe um bolo para casa.

— Lexie, vou levar você para um *brunch* chique esse fim de semana para comemorar — falou a Sra. Richardson depois do jantar. — Afinal, não é todo dia que se entra para Yale. Será o dia divertido das meninas.

— E eu? — perguntou Moody. — Fico em casa comendo cereal?

— Ela disse *dia divertido das meninas* — falou Trip rindo, e Moody fez uma careta. — Quer participar?

— Olhe, Moody — começou a Sra. Richardson. — É como Trip falou. É para celebrar Lexie. Vamos nos arrumar e passar uma manhã entre meninas.

— E eu, então? — exigiu Izzy. — Isso quer dizer que também posso ir?

A Sra. Richardson não tinha previsto aquilo. Mas os olhos de Lexie já brilhavam, ela já tagarelava sobre aonde queria ir, e era tarde demais para cancelar. Então, naquela noite, enquanto lavava o rosto antes de se deitar, a Sra. Richardson teve uma ideia, uma forma de fazer com que o *brunch* também servisse para outro propósito.

Na tarde seguinte, entrou no jardim de inverno logo antes do jantar. Normalmente, deixava as crianças em paz, acreditando que precisavam ter o próprio espaço, que tinham direito a um pouco de privacidade. Naquele dia, porém, estava atrás de Pearl. Como sempre, encontrou a menina deitada no sofá com Lexie, Trip e Moody, todos semiafundados nas imensas almofadas. Izzy estava deitada de bruços na poltrona, o queixo apoiado em um dos braços, os pés para o alto, um sobre o outro.

— Pearl, aí está você — disse a Sra. Richardson. Ela se acomodou cuidadosamente no braço do sofá ao lado de Pearl. — Eu e as meninas vamos a um *brunch* no sábado para comemorar a novidade de Lexie. Por que não vai também?

— Eu?

Pearl olhou rapidamente por cima do ombro, como se a Sra. Richardson estivesse se dirigindo a outra pessoa.

— Você é praticamente da família, não é? — justificou a Sra. Richardson, rindo.

— Claro que deve ir — falou Lexie. — Eu quero que vá.

— Vá avisar a sua mãe — pediu a Sra. Richardson. — Ela está na cozinha. Tenho certeza de que vai deixar. Diga que é por minha conta. Diga a ela — acrescentou — que eu faço questão.

Do outro lado do cômodo, Izzy se apoiou nos cotovelos e ergueu o corpo, estreitando os olhos em seguida. Já fazia mais de três semanas desde que sua mãe prometera se informar sobre a foto misteriosa de Mia e, quando ela perguntara, sua mãe respondera apenas:

"Ah, Izzy, você sempre faz tempestade em copo d'água."

Agora, seu súbito interesse em Pearl lhe parecia suspeito.

— Por que convidou *ela*? — indagou quando Pearl saiu de perto.

— Izzy. Com que frequência acha que Pearl tem a oportunidade de ir a um *brunch*? Você precisa aprender a ser mais generosa. — A Sra. Richardson ficou de pé e ajeitou a blusa. — Além disso, achei que gostasse de Pearl.

* * *

Foi assim que Pearl se viu sentada a uma mesa de madeira em um canto, ao lado de Lexie, diante da Sra. Richardson e de Izzy mal-humorada. Lexie tinha escolhido o 100th Bomb Group, um restaurante perto do aeroporto que sua família frequentava em ocasiões muito especiais, a mais recente delas tinha sido o aniversário de quarenta e quatro anos do Sr. Richardson.

O local estava lotado naquela manhã, com um turbilhão estarrecedor de atividades e um bufê desconcertante que ia de uma extremidade a outra. Um homem corpulento ficava numa estação fatiando rosbife de um imenso pernil malpassado. Na estação de omeletes, chefs derramavam um filete espumoso de ovos amarelos em uma frigideira e serviam uma omelete volumosa com o que quer que você escolhesse, inclusive coisas que Pearl nunca pensara em colocar em uma omelete: cogumelos, aspargos, pedaços de lagosta cor de coral. Recordações dos homens que formaram o esquadrão da bomba cobriam todas as paredes: mapas de grandes batalhas contra os nazistas, suas medalhas, placas de identificação, cartas às namoradas, fotografias de seus aviões, fotografias dos próprios homens, elegantes em seus uniformes, com chapéus e eventuais bigodes.

— Olhe só para ele — disse Lexie, encostando em uma foto logo atrás da orelha de Pearl. — Capitão John C. Sinclair. Você não adoraria conhecê-lo?

— Você sabe — começou Izzy — que, se ele ainda estiver vivo, deve ter uns noventa e quatro anos? Deve usar andador.

— Eu quis dizer que teria adorado conhecê-lo se estivesse viva naquela época. Que implicância, Izzy.

— Ele provavelmente bombardeou cidades, sabia? — insistiu Izzy. — Deve ter matado várias pessoas inocentes. Todos esses caras, aliás.

Ela gesticulou em direção às inúmeras fotografias ao seu redor.

— Izzy — disse a Sra. Richardson —, vamos deixar a aula de história para outra ocasião. Estamos aqui para comemorar a conquista de Lexie. — Radiante, ela olhou para a filha do outro lado da mesa, e como consequência olhou também para Pearl sentada ao seu lado. — À Lexie — brindou, erguendo seu Bloody Mary.

Então Lexie e Pearl ergueram suas taças de suco de laranja iluminadas pelo sol.

— À Lexie — ecoou Izzy. — Tenho certeza de que Yale vai ser tudo o que você sempre quis.

Ela tomou um gole da água como se desejasse que fosse algo mais forte. Na mesa ao lado, um bebê bateu a palma da mão gorducha na mesa e os talheres pularam, tinindo.

— Ai, meu Deus — falou Lexie baixinho. Ela se debruçou em direção ao bebê. — Você é muito fofo. É, sim. Você é o bebê mais fofo do mundo.

Izzy revirou os olhos e ficou de pé.

— Fiquem de olho nela — disse aos pais. — Nunca se sabe quando alguém pode roubar seu bebê.

Antes que qualquer pessoa pudesse reagir, ela atravessou o restaurante em direção ao bufê.

— Por favor, desculpem minha filha — disse a Sra. Richardson aos pais do bebê. — Está numa idade difícil. — Ela sorriu para o bebê, que tentava enfiar a parte larga da colher na boca. — Lexie, Pearl, por que não vão também? Eu espero aqui.

Quando todas voltaram à mesa, a Sra. Richardson iniciou a delicada tarefa de guiar discretamente a conversa. Acabou sendo mais fácil do que ela esperava. Começou com o assunto confiável: o clima. Esperava que não fosse frio demais para Lexie em New Haven; teriam que encomendar um casaco mais quente da L.L. Bean, um novo par de botas forradas, um cobertor de pena de ganso. Então, virou-se para Pearl.

— E você, Pearl? Já esteve em New Haven?

Pearl engoliu um pedaço de omelete e negou com a cabeça.

— Não, nunca. Minha mãe não gosta muito da Costa Leste.

— É mesmo? — disse a Sra. Richardson. Ela enfiou a ponta da faca em um ovo pochê e a gema escorreu, formando uma poça dourada. — É uma pena que você nunca tenha ido para lá. Há tanta coisa para ver. Tanta cultura. Nós viajamos para Boston alguns anos atrás, vocês lembram, meninas? O Freedom Trail, o navio do Tea Party e a casa de Paul Revere. E, é claro, Nova York, com tanto para se fazer lá. — Ela deu um sorriso benevolente para Pearl. — Espero que você possa ver tudo isso algum dia. Acredito de verdade que não há nada como viajar para ampliar a perspectiva dos jovens.

Pearl ficou ofendida, como a Sra. Richardson sabia que aconteceria.

— Ah, já viajamos muito — retrucou a menina. — Estivemos por toda parte. Illinois, Iowa, Kansas, Nebraska… — Ela fez uma pausa, tentando pensar em algo mais glamoroso. — Já fomos até para a Califórnia. Algumas vezes.

— Que máximo! — A Sra. Richardson encheu o copo vazio de Pearl com a garrafa de suco na mesa. — Você *realmente* já esteve em toda parte. É uma viajante e tanto, na verdade. E gosta

disso, de se mudar tanto?

— Acho ok. — Pearl fincou o garfo na omelete. — Quer dizer, a gente se muda sempre que minha mãe termina um projeto. Novos lugares dão novas ideias a ela.

— Você vai se tornar uma verdadeira cidadã do mundo — falou a Sra. Richardson, e Pearl, contra sua vontade, corou. — Deve saber mais sobre este país do que qualquer outra adolescente. Até mesmo Lexie e Izzy, e olha que nós viajamos bastante, mas elas só visitaram alguns estados. — Então, como quem não quer nada, acrescentou: — Onde foi que passou mais tempo? Onde nasceu, imagino.

— Bem — começou Pearl, engolindo a omelete. — Nasci em São Francisco. Mas nos mudamos de lá quando eu ainda era bebê. Não me lembro de nada. Nunca ficamos muito tempo em um só lugar.

A Sra. Richardson arquivou a informação em sua mente.

— Você precisa voltar lá algum dia — sugeriu ela. — Acredito que devemos conhecer nossas raízes. Esse tipo de coisa pesa na formação da nossa identidade. Eu nasci bem aqui, em Shaker, sabia?

— Mãe — disse Izzy. — Pearl não quer ouvir isso. Ninguém quer ouvir isso.

A Sra. Richardson a ignorou.

— Meus avós foram uma das primeiras famílias a se mudar para cá — continuou. — A área costumava ser considerada rural, dá para acreditar? Eles tinham estábulos e cocheiras, e iam passear a cavalo nos fins de semana. — Ela se virou para Lexie e Izzy. — Vocês não têm como se lembrar dos meus avós. Lexie ainda era bebê quando faleceram. Enfim, eles se mudaram para cá e ficaram. Acreditavam nos princípios de Shaker.

— Os Shakers não eram celibatários e comunistas? — perguntou Izzy, bebericando a água.

A Sra. Richardson olhou para ela.

— Planejamento cuidadoso, crença na igualdade e na diversidade. Considerar de verdade todo mundo como um semelhante. Passaram isso para a minha mãe, e ela passou para mim. — Voltou-se para Pearl. — Onde sua mãe cresceu?

A menina se remexeu.

— Não sei direito. Na Califórnia, talvez? — Cutucou a omelete, que tinha ficado borrachuda. — Ela não fala muito sobre o assunto. Acho que não tem mais nenhum parente vivo.

Na verdade, Pearl nunca tivera coragem de interrogar Mia diretamente sobre suas origens, e a mãe sempre se esquivava com facilidade das perguntas tortuosas.

"Somos nômades", dizia ela a Pearl. "Ciganas modernas, é o que somos. Nunca pisamos no mesmo lugar duas vezes." Ou: "Somos descendentes de artistas de circo. Andar sem rumo está no nosso sangue."

— Você deveria descobrir — sugeriu Lexie. — Fiz isso no ano passado para o meu projeto do Dia da História. Há uma imensa base de dados em Ellis Island: listas de chegada de passageiros, manifestos de navios e tudo o mais. Se você sabe a data em que seus antepassados

imigraram, pode pesquisar a história da sua família a partir de então com os registros do censo. Encontrei a história da minha até logo antes da Guerra Civil. — Ela largou o suco de laranja. — Acha que sua mãe saberia quando os antepassados dela vieram para cá?

A Sra. Richardson sentiu que a conversa derrapava em direção a um terreno arriscado.

— Lexie, você está parecendo uma repórter intrusiva — disse ela de forma bastante ríspida. — Talvez devesse considerar estudar jornalismo em Yale.

Lexie bufou.

— Não, obrigada.

— Lexie — intrometeu-se Izzy antes que sua mãe pudesse falar — quer ser a próxima Julia Roberts. Hoje, Miss Adelaide; amanhã, a Queridinha da América.

— Cale a boca — disse Lexie. — Julia Roberts também começou atuando nas peças da escola.

— Eu gostaria — confessou Pearl.

Todas olharam para ela.

— Gostaria de quê? — perguntou Lexie.

— De ser repórter — respondeu Pearl. — Quer dizer, de ser jornalista. Você descobre tudo. Pode contar as histórias das pessoas, desvendar a verdade e escrever sobre isso. — Ela falava com a paixão que só os adolescentes têm. — Usar palavras para mudar o mundo. Eu adoraria fazer isso. — Olhou para a Sra. Richardson, que notou pela primeira vez como os olhos de Pearl eram grandes e sinceros. — Como você. Eu adoraria fazer o mesmo que você.

— Jura? — perguntou a Sra. Richardson.

Ela estava genuinamente emocionada. Por um instante, foi como se Pearl fosse apenas uma amiga de Lexie, que estava ali para celebrar sua filha maravilhosa: uma jovem promissora que a Sra. Richardson poderia orientar, educar, graças ao seu potencial.

— Que maravilha. Você deveria tentar escrever para o *Shakerite*; um jornal escolar é um ótimo jeito de aprender o básico. Então, quando estiver pronta, talvez eu possa ajudar você a encontrar um estágio. — Ela fez uma pausa, lembrando-se de repente do motivo pelo qual convidara Pearl para o *brunch*. — É algo para levar em conta, de qualquer forma — concluiu ela, mexendo vigorosamente seu drinque com o talo de aipo. — Izzy, você não vai comer mais nada? Só torrada e geleia? Isso você poderia ter comido em casa.

* * *

Ela precisou fazer vários telefonemas até encontrar a Secretaria de Registros de Nascimentos de São Francisco, mas quando conseguiu o contato de lá, não houve mais complicações. Em dez minutos, a atendente havia lhe mandado um formulário de pedido de certidão de nascimento sem fazer qualquer pergunta. A Sra. Richardson marcou o espaço indicando que solicitava uma cópia "de informação" e preencheu o formulário com o nome e a data de nascimento de Pearl,

além do nome de Mia. O espaço reservado para o nome do pai foi, obviamente, deixado em branco, mas a atendente garantiu que poderiam encontrar o documento certo mesmo sem aquilo, que a certidão era um registro público.

— De duas a quatro semanas. Se tivermos o documento, enviamos para você — prometera a mulher, e a Sra. Richardson escreveu seu endereço, anexou um cheque de dezoito dólares e colocou o envelope no correio.

Demorou cinco semanas, mas quando a certidão de nascimento chegou à caixa de correios dos Richardson, foi uma decepção. No espaço para o nome do pai, a palavra *NENHUM* havia sido cuidadosamente digitada. A Sra. Richardson comprimiu os lábios, decepcionada. Considerava que deveria ser proibido esconder o nome de um genitor. Havia algo de indecoroso naquilo, naquela relutância em ser sincera, em declarar suas origens com clareza. Mia já havia se revelado uma mentirosa capaz de mais mentiras. O que mais estaria escondendo? Era como se recusar a entregar o registro de manutenção ao vender um carro usado, pensou ela. A pessoa não tinha o direito de saber de onde viera a coisa em questão, para saber quais defeitos esperar? Ela, enquanto empregadora daquela mulher e proprietária da casa onde esta morava, também não tinha o direito de saber?

* * *

Pelo menos, pensou, tinha um novo dado: o local de nascimento de Mia. Na certidão de nascimento, ao lado do nome *Mia Warren* aparecia o local Bethel Park, na Pensilvânia.

A assistência telefônica de Bethel Park lhe informou que havia cinquenta e quatro ocorrências do nome "Warren" no município. Após uma breve reflexão, a Sra. Richardson ligou para o departamento de registros da cidade, que não foi tão prestativo quanto o de São Francisco. Não havia nenhuma Mia Warren registrada ali, insistiu a mulher ao telefone.

— E Mia Wright? — perguntou a Sra. Richardson por impulso.

Após uma breve pausa e um ruído de digitação, a mulher respondeu que sim, uma Mia Wright havia nascido em Bethel Park em 1962.

Ah, e havia também um Warren Wright nascido em 1964. Será que a Sra. Richardson tinha misturado os nomes?

A Sra. Richardson agradeceu e desligou.

Ela levou vários dias, mas com suas cuidadosas habilidades investigativas e vários telefonemas, finalmente encontrou o que vinha procurando. Chegou na forma de obituário no *Pittsburgh Post* de 17 de fevereiro de 1982.

CERIMÔNIA EM HOMENAGEM A ALUNO DO
ÚLTIMO ANO MARCADA PARA SEXTA-FEIRA

A cerimônia fúnebre para Warren Wright, de 17 anos, ocorrerá na sexta-feira, dia 19 de fevereiro, às onze horas da manhã, na funerária Walter E. Griffith, rua Brownsville, nº 5.636. O Sr. Wright deixa seus pais, o Sr. e a Sra. George Wright, antigos moradores de Bethel Park, e uma irmã mais velha, Mia Wright, formada pelo distrito em 1980. Em vez de flores, a família sugere doações para o time de futebol americano da Escola Bethel Park, no qual o Sr. Wright jogava.

Não podia ser uma coincidência, concluiu a Sra. Richardson. Mia Wright. Warren Wright. Mia Warren. Ela ligou outra vez para o serviço de registros de Bethel Park e, ao desligar, olhou para a anotação que fizera em um pedaço de papel. George e Regina Wright, rua North Ridge, 175. Um código postal. Um número de telefone.

Era tão fácil, pensou ela com certo desdém, descobrir coisas sobre as pessoas. Estava tudo disponível, tudo sobre elas. Bastava procurar. Era possível descobrir qualquer coisa sobre alguém caso se esforçasse para isso.

* * *

Quando a Sra. Richardson encontrou os pais de Mia, o caso da pequena May Ling/Mirabelle ainda ganhava destaque nos jornais — mais do que antes, aliás. Claro que o país estava excitado com as indiscrições indecorosas do presidente, porém, por mais escandaloso que fosse, o caso parecia ligeiramente cômico. Por toda a cidade, as opiniões variavam entre *Não tem nada a ver com o modo como ele comanda o país*, *Todos os presidentes têm amantes* e o mais sucinto *E daí?*. Mas o povo — sobretudo o povo de Shaker Heights — estava mais focado no caso de Mirabelle McCullough, que, ao contrário do escândalo com a estagiária, parecia muito sério.

Quase todas as noites havia ao menos uma atualização sobre o caso — que, naquele momento, tivera a data da audiência marcada para março e entrara no cadastro como *Chow vs. Município de Cuyahoga*. O fato de o caso envolver Shaker — uma comunidade que gostava de servir de exemplo — chamava a atenção de todos, e cada um na cidade tinha uma opinião. Uma mãe merece criar a própria filha. Uma mãe que abandona a filha não merece uma segunda chance. Uma família branca afastaria uma criança chinesa de sua cultura. Uma família amorosa deve importar mais do que a nacionalidade dos pais. May Ling tinha o direito de conhecer a mãe. Os McCullough eram a única família que Mirabelle conhecia.

Os McCullough estavam salvando Mirabelle, insistiam os apoiadores. Estavam dando uma vida melhor a uma criança indesejada. Eram heróis desconstruindo o racismo com uma adoção intercultural.

— Acho maravilhoso o que eles estão fazendo — disse uma mulher aos repórteres durante uma entrevista na rua. — Quer dizer, esse é o futuro, não é? No futuro, vamos enxergar além da raça.

— Dá para ver como ela é uma mãe maravilhosa — comentou uma das vizinhas dos McCullough alguns minutos depois. — Dá para ver que ela olha para a bebê no colo e não enxerga uma bebê chinesa. Só uma *bebê*, simples assim.

Este era exatamente o problema, insistiam os apoiadores de Bebe.

— Ela não é uma bebê qualquer — protestou uma mulher quando o Canal 5 enviou um repórter ao Asia Plaza, o shopping chinês de Cleveland, em busca do ponto de vista da comunidade asiática. — É uma bebê *chinesa*. Vai crescer sem ter acesso às suas origens. Como vai saber quem é?

A mãe de Serena Wong por acaso estava fazendo compras no mercado asiático do shopping naquela manhã, e — para o orgulho e a mortificação simultâneos de Serena — comentou com veemência sobre o caso.

— Fingir que se trata de uma bebê *qualquer*, fingir que não existe uma questão de raça ali é má-fé — declarou a Dra. Wong enquanto Serena se remexia no canto da imagem. — E não, não estou "recorrendo ao argumento da raça". Perguntem a si mesmos: estaríamos tendo um debate tão acalorado se essa bebê fosse branca e loura?

Os próprios McCullough, após várias discussões com os advogados, deram uma entrevista exclusiva para o Canal 3. Publicidade positiva, concordara o Sr. Richardson, então o Canal 3 enviara uma equipe de reportagem e um produtor à sala de estar dos McCullough e os filmara no sofá com Mirabelle, diante da lareira acesa, enquanto o produtor estava sentado fora da cena.

— Claro que entendemos por que a Srta. Chow se sente dessa forma — disse a Sra. McCullough. — Mas Mirabelle passou a maior parte da vida conosco e só se lembra de nós. Sinto que ela é minha filha de verdade, que veio para mim desse jeito por uma razão.

— Ninguém em parte alguma — acrescentou o Sr. McCullough — pode dizer honestamente que Mirabelle não terá uma vida melhor em um lar estável com dois pais.

— Algumas pessoas insinuaram que Mirabelle vai perder o contato com sua cultura de origem — argumentou o produtor. — Como vocês respondem a essas preocupações?

A Sra. McCullough assentiu.

— Estamos tentando ser muito sensíveis com relação a isso — disse ela. — Pode ver que estamos pendurando cada vez mais arte asiática em nossas paredes. — Ela indicou com a mão os pergaminhos com montanhas de nanquim dispostos ao lado da lareira e o cavalo de cerâmica esmaltada na cornija. — Nos comprometemos a ensinar a ela, à medida que for crescendo, sua cultura de origem. E é claro que ela já adora arroz. Na verdade, foi o primeiro alimento sólido que comeu.

— Ao mesmo tempo — disse o Sr. McCullough —, queremos que Mirabelle cresça como uma típica jovem americana. Queremos que ela saiba que é exatamente igual aos outros.

A matéria do jornal terminou com uma cena dos McCullough de pé ao lado do berço de Mirabelle enquanto a menina balbuciava para o móbile pendurado acima.

Até mesmo os filhos da família Richardson estavam divididos em relação àquele assunto espinhoso. A Sra. Richardson, é claro, estava firmemente a favor dos McCullough, assim como

Lexie.

— Olhem só para a vida que Mirabelle tem agora — gritou Lexie durante o jantar, certa noite, em meados de fevereiro. — Uma casa enorme para brincar. Um jardim. Dois quartos cheios de brinquedos. A mãe dela não tem condições de oferecer esse tipo de vida.

A Sra. Richardson concordou:

— E eles a amam tanto. Esperaram por isso durante muito tempo. E a criaram desde que é recém-nascida. Ela não se lembra mais da mãe. Mark e Linda são os únicos pais que conhece. Seria um ato cruel se qualquer um a levasse embora agora, quando os dois vêm se comportando como pais ideais.

Moody e Izzy, por outro lado, estavam inclinados a ficar do lado de Bebe.

— Ela cometeu um único erro — insistiu Moody. Pearl havia lhe contado a maior parte da história de Bebe, e Moody, como sempre, estava do lado de Pearl. — Achou que não podia cuidar da bebê, até que as coisas mudaram e ela passou a poder. Isso não deveria significar que a filha vai ser tirada dela para sempre.

Izzy foi mais sucinta:

— Ela é a mãe. Eles, não.

Algo a respeito daquele caso acendera uma fagulha dentro dela, embora ainda não soubesse exatamente o quê, e só fosse conseguir articular aquilo muito tempo depois.

— Cliff e Clair estavam brigando por causa disso ontem à noite — disse Brian a Lexie certa tarde.

Os dois estavam deitados na cama dele, seminus, depois de terem faltado o treino de lacrosse e hóquei para praticar um tipo diferente de exercício.

— Cliff e Clair *nunca* brigam.

A briga começara durante o jantar, e quando ele fora se deitar seus pais estavam num silêncio rígido e obstinado.

— Meu pai acha que a menina está melhor com os McCullough. Acha que ela não tem futuro com uma mãe como Bebe. Ele disse que mães que nem Bebe são o tipo de gente que perpetua o ciclo da pobreza.

— Mas o que *você* acha? — insistiu Lexie.

Brian hesitou. Sua mãe havia interrompido o discurso do pai — o que fazia com frequência, porém nunca de forma tão veemente — dizendo:

"E quanto a todos os bebês negros que vão parar nas casas de pessoas brancas? Acha que isso interrompe o ciclo da pobreza?"

Ela largou uma panela na pia com um estrondo e abriu a torneira. O vapor subiu, formando uma nuvem sibilante.

"Se querem ajudar a comunidade negra, por que não mudam o sistema primeiro?"

O raciocínio do pai fazia todo o sentido para Brian — a bebê em segurança, bem-cuidada e amada, com todas as oportunidades possíveis. Porém, algo naquele corpinho moreno envolto pelos braços pálidos e compridos da Sra. McCullough o desconcertava, assim como à mãe. Ele

sentiu uma pontada de irritação — não, de raiva — por Bebe colocá-la naquela posição.

— Acho que se ela tivesse tomado mais cuidado tudo poderia ter sido evitado — disse ele rigidamente. — Quer dizer, é só usar camisinha. Não é tão difícil assim. Um dólar na farmácia e tudo isso nunca teria acontecido.

— A questão não é essa, Bry — disse Lexie, pegando a calça jeans no chão.

Brian puxou a calça das mãos dela e falou:

— Esqueça esse assunto. Não é problema nosso, certo?

Ele passou os braços em torno do corpo dela e Lexie se esqueceu da pequena Mirabelle, dos McCullough, de tudo a não ser dos lábios dele em sua orelha.

Com a ajuda de Ed Lim, Bebe havia feito o pedido formalmente e conseguira uma autorização de visita no ínterim, uma vez por semana, durante duas horas. Mas o Sr. e a Sra. McCullough ficariam com a guarda da bebê por enquanto.

Ninguém estava satisfeito com o acordo.

— Só na biblioteca ou "lugar público" — reclamara Bebe para Mia. — Ela nem pode ir para a minha casa. Tenho que segurar minha bebê no colo na biblioteca. E a assistente social fica ali sentada, me olhando o tempo todo. Como se eu fosse uma criminosa. Como se fosse machucar minha própria filha. Aqueles McCullough, eles dizem que posso ir para a casa deles, visitar ela. Acham que vou ficar sentada lá sorrindo enquanto roubam minha bebê? Acham que vou ficar sentada ao lado da lareira e olhar para fotos de outra mulher com minha filha no colo?

Ao mesmo tempo, a Sra. McCullough tinha as próprias reclamações.

— Você não tem ideia de como é — disse ela à Sra. Richardson pelo telefone — entregar sua bebê para uma desconhecida. Ver uma mulher que você nem conhece sair por aí com sua filha no colo. Fico com coceira no corpo inteiro sempre que a campainha toca, Elena. Depois que elas vão embora, fico literalmente de joelhos e rezo para que minha filha volte, como deveria. Na noite anterior não consigo dormir. Já tive que tomar remédio.

A Sra. Richardson emitiu um ruído solidário.

— E nunca é no mesmo dia. Toda semana eu digo: por favor, podemos escolher um horário fixo? Por favor, vamos combinar um dia específico. Pelo menos assim eu saberia que está chegando. Eu teria tempo para me preparar. Mas não, ela só avisa a assistente social na véspera. Diz que não sabe qual vai ser seu turno no trabalho antes disso. Recebo um telefonema à tarde: *Ah, estaremos aí amanhã às dez.* Menos da metade de um dia de antecedência. Estou totalmente à flor da pele.

— É só por um tempo, Linda — retrucou a Sra. Richardson com um tom de voz tranquilizador. — A audiência será no fim de março, e é claro que o estado vai decidir que a bebê é sua.

— Espero que você esteja certa — disse a Sra. McCullough. — Mas e se eles decidirem… — Ela se interrompeu, sentindo um nó na garganta, e respirou fundo. — Nem quero pensar numa coisa dessas. Não podem fazer isso. Não vão fazer isso. — Seu tom de voz ficou mais agressivo: — Se ela não consegue nem organizar o horário de trabalho, como pode esperar ter

uma vida estável o bastante para educar uma criança?

— Vai passar — disse a Sra. Richardson.

Contudo, a calma da Sra. Richardson não representava seus verdadeiros sentimentos. Quanto mais ela pensava em Mia, mais raiva sentia, então não conseguia parar de pensar nela.

Tinha passado a vida inteira em Shaker Heights, e aquilo a afetara até o âmago. Suas memórias de infância eram uma vasta extensão de verde — gramados amplos, árvores altas, o verde luxuoso que anda de mãos dadas com a riqueza — e lembravam os folhetos de propaganda que a cidade tinha feito durante anos para atrair o tipo certo de moradores. Aquilo fazia algum sentido: os avós da Sra. Richardson tinham estado em Shaker Heights quase desde o princípio. Haviam chegado em 1927, quando o lugar ainda era, tecnicamente, um vilarejo, embora já fosse chamado de melhor distrito residencial do mundo. Seu avô tinha crescido no centro de Cleveland, na chamada Ala dos Milionários; a casa da sua família parecia um bolo de casamento ao lado da dos Rockefeller, da do magnata do telégrafo e da do secretário de Estado do Presidente McKinley. Porém, enquanto o avô da Sra. Richardson — àquela altura um advogado de sucesso — planejava levar a noiva para casa, o centro se tornara barulhento e congestionado. A fuligem poluía o ar e sujava os vestidos das mulheres. Assim ele decidiu que uma mudança para o campo seria a coisa certa. Era loucura se mudar para tão longe da cidade, insistiram os amigos, mas ele gostava de estar ao ar livre, sua futura esposa era uma amazona ávida, e Shaker Heights tinha três trilhas para cavalgar, riachos para pescar, ar livre em abundância. Além disso, uma nova linha de trem levava os homens de negócios de Shaker até o coração da cidade: não existia nada de mais moderno. O casal comprou uma casa na rua Sedgewick, contratou uma empregada, entrou para o country clube; a avó da Sra. Richardson encontrou um estábulo para seu cavalo Jackson e tornou-se membro do Clube de Jardinagem Vaso de Flor.

Quando a mãe da Sra. Richardson, Caroline, nasceu, em 1931, as coisas eram menos rurais, porém não menos idílicas. Shaker Heights era oficialmente uma cidade; havia nove escolas primárias, e uma escola secundária de tijolos vermelhos tinha acabado de ser construída. Casas novas e suntuosas surgiam por toda parte, cada uma seguindo regras rígidas de estilo e um código de cores, além de estar presa a um contrato de noventa e nove anos que proibia a revenda a qualquer indivíduo que não tivesse sido aprovado pelo bairro. Os moradores asseguravam uns aos outros que regulamentos e ordem eram necessários para manter a comunidade unida e bonita.

Pois Shaker Heights era, de fato, belíssima. Por toda parte, gramados e jardins floresciam — moradores prometiam arrancar as ervas daninhas e plantar apenas flores, nunca legumes. Quem tinha a sorte de morar em Shaker estava certo de que sua comunidade era a melhor dos Estados Unidos. Era o tipo de lugar onde — como descobriu uma moradora —, se você perdesse sua aliança de casamento de mil dólares enquanto tirava a neve da entrada de casa, o departamento de serviços pegaria toda a montanha de neve, a levaria até a garagem da prefeitura e a derreteria com lâmpadas de aquecimento para resgatar seu tesouro. Caroline cresceu fazendo piqueniques

à beira dos lagos de Shaker durante o verão, patinando nos rinques da cidade durante o inverno, cantando no coro de Natal. Viu sessões diurnas de *A Canção do Sul* e *Ana e o Rei do Sião* no cinema da praça de Shaker e, em ocasiões especiais — como seu aniversário —, o pai a levava até o restaurante Stouffer para comer lagosta no almoço. Durante a adolescência, Caroline tornou-se líder feminina da banda escolar e marchou pelo Clube da Canoa com o menino que se tornaria seu marido alguns anos depois.

Era, pelo que podia imaginar, a vida perfeita no lugar perfeito. Todo mundo em Shaker Heights sentia isso. Dessa forma, quando ficou óbvio que o mundo exterior era menos perfeito — quando o caso *Brown v. Board* causou rebuliço, os passageiros de Montgomery boicotaram ônibus e os Nove de Little Rock entraram na escola sob uma enxurrada de cuspes e xingamentos —, os moradores de Shaker, incluindo Caroline, assumiram a responsabilidade de serem melhores que isso. Afinal, eles não eram os mais espertos, os mais sábios, os mais atenciosos e prevenidos, os mais ricos e mais esclarecidos? Não era dever deles instruir os outros? A elite não tinha a responsabilidade de partilhar seu bem-estar com os menos afortunados? A mãe da própria Caroline a havia educado para pensar sempre nos mais necessitados: tinha organizado doações de brinquedos nos Natais, fora membro da Associação das Crianças, chegara a supervisionar a compilação de um livro de receitas da Associação, de modo que todo o lucro fosse repassado para instituições de caridade, e chegara a contribuir com a própria receita de biscoitos de melaço. Quando os problemas do mundo exterior foram sentidos em Shaker Heights — uma bomba na casa de um advogado negro —, a comunidade teve a obrigação de mostrar que aquele não era o estilo de Shaker. Uma associação de moradores surgiu para encorajar a integração de uma forma particularmente típica de Shaker Heights: empréstimos para encorajar famílias brancas a se mudarem para bairros negros, empréstimos para encorajar famílias negras a se mudarem para bairros brancos, regulações proibindo placas de "à venda" para impedir a fuga dos brancos (lei que permaneceria em vigor durante décadas). Caroline, àquela altura já proprietária de uma casa e mãe de uma criança de um ano — a jovem Sra. Richardson — uniu-se imediatamente à associação de integração. Alguns anos mais tarde, ela dirigiria por cinco horas e meia com a filha no carro até a grande Marcha em Washington, e a Sra. Richardson se lembraria desse dia para sempre, o sol obrigando-a a estreitar os olhos, a multidão de pessoas coladas umas às outras, o ar quente e abafado de suor que se erguia da multidão, o Monumento a Washington bem alto e distante, feito um espinho que se esticava para furar as nuvens. Ela agarrava a mão da mãe, aterrorizada com a possibilidade de que a levassem embora.

— Não é incrível? — perguntou a mãe sem olhar para ela. — Lembre-se deste momento, Elena.

E ela se lembraria da expressão da mãe, aquela ânsia de aproximar o mundo da perfeição — como girar a cravelha de um violino e afinar a corda. Ela se lembraria da sua convicção de que era possível se você tentasse com afinco e de que nenhum trabalho podia ser difícil demais.

Porém, três gerações da reverência típica de Shaker pela ordem, por regras e por decoro

também marcariam Elena, e ela nunca seria totalmente capaz de equilibrar as duas ideias. Em 1968, aos quinze anos, ligou a televisão e assistiu ao caos se acender em queimadas pelo país. Martin Luther King, Jr., depois Bobby Kennedy. Estudantes revoltados na Universidade Columbia. Motins em Chicago, Memphis, Baltimore, Washington, D.C. — por toda parte as coisas estavam sendo destruídas. Aquilo acendeu uma fagulha dentro dela, uma fagulha que se acenderia anos mais tarde em Izzy. Claro que ela entendia por que aquilo estava acontecendo: as pessoas lutavam para corrigir injustiças. Por outro lado, as cenas na televisão a faziam estremecer. Eram cenas granuladas, mas não menos aterrorizantes: supermercados em chamas, uma fumaça volumosa saindo dos telhados, as paredes reduzidas a vigas pelo fogo. As bordas irregulares das janelas quebradas lembravam caninos afiados à noite. Soldados marchavam com fuzis, passando por farmácias e lavanderias. Jipes bloqueavam cruzamentos sob sinais de trânsito apagados. Era mesmo necessário atear fogo ao velho para abrir espaço para o novo? O carpete sob seus pés era macio. O sofá debaixo dela tinha estampa de rosas. Lá fora, uma rola-carpideira arrulhava no comedouro de pássaros e um Cadillac seguia com dignidade até parar na esquina. Ela se perguntou qual dos dois era o mundo real.

Na primavera seguinte, quando os protestos contra a guerra começaram, ela não pegou o carro e foi se unir a eles. Escreveu cartas exaltadas ao redator e assinou petições para acabar com o recrutamento militar. Bordou um símbolo da paz na mochila. Pôs flores no cabelo.

O problema não era que ela tivesse medo. Era apenas que Shaker Heights, apesar do seu idealismo, era um lugar pragmático, e ela não sabia ser nada diferente disso. Uma vida inteira de considerações práticas e confortáveis se acomodou sobre a fagulha que havia dentro dela feito um cobertor grosso e pesado. Se ela fosse a Washington para se unir aos protestos, onde dormiria? Como ficaria em segurança? O que aconteceria com suas aulas? Seria expulsa? Ainda poderia se formar e ir para a faculdade? Na primavera do seu último ano no ensino médio, certo dia Jamie Reynolds a puxou para um canto depois da aula de história.

— Vou largar a escola — dissera ele. — Vou para a Califórnia. Venha comigo.

Ela venerava Jamie desde o sétimo ano, quando ele admirara um soneto que ela havia escrito para a aula de inglês. Agora, com quase dezoito anos, ele tinha cabelo comprido e uma barba desgrenhada, detestava qualquer forma de autoridade e tinha um Volkswagen dentro do qual, segundo ele, poderiam morar.

— Vai ser que nem acampar — acrescentara —, só que podemos ir para qualquer lugar.

Ela quisera muito ir com ele, a qualquer parte, beijar aquele sorriso torto e tímido. Mas como comprariam comida, onde lavariam as roupas, onde tomariam banho? O que seus pais diriam? Os vizinhos, os professores, os amigos? Ela dera um beijo na bochecha de Jamie e chorara quando ele, finalmente, sumira de vista.

Meses depois, já na Universidade de Denison, ela estava sentada com os colegas de turma e assistia ao recrutamento aleatório ao vivo na imagem granulada da televisão da sala comunitária. A data de nascimento de Jamie — 7 de março — fora a segunda selecionada. Então ele estaria entre os primeiros a serem chamados para lutar, pensou ela, e perguntou-se aonde teria ido, se

sabia o que o aguardava, se iria se apresentar ou se fugiria. Ao seu lado, Billy Richardson apertou sua mão. A data de nascimento dele fora uma das últimas a ser escolhida e, de qualquer maneira, por ser estudante universitário, ele conseguira um adiamento. Estava a salvo. Quando os dois se formassem, a guerra já teria terminado. Eles se casariam, comprariam uma casa, se estabeleceriam. Ela disse a si mesma que não tinha nenhum arrependimento. Fora uma loucura cogitar aquilo mesmo que por apenas um instante. O que sentira por Jamie naquela época não passara de uma chama de paixão minúscula e passageira.

Ela havia aprendido ao longo da vida que a paixão era, assim como o fogo, uma coisa perigosa. Era muito fácil perder o controle. Escalava muros e pulava trincheiras. Fagulhas saltavam feito pulgas e se espalhavam com a mesma rapidez; uma brisa era capaz de arrastar brasas por vários quilômetros. Era melhor controlar aquela fagulha e passá-la com cuidado de uma geração a outra, feito uma tocha olímpica. Ou, quem sabe, zelar por ela com atenção feito uma chama eterna: uma lembrança de luz e bondade que nunca poderia atear fogo a nada, e jamais o faria. Meticulosamente controlada. Domesticada. Feliz em cativeiro. O segredo, pensava ela, era evitar a conflagração.

Essa filosofia a guiara ao longo da vida, e ela sempre tivera a impressão de que trabalhava a seu favor. Claro que ela tivera que abrir mão de algumas coisas aqui e ali. Mas tinha uma casa linda, um trabalho estável, um marido amoroso, uma ninhada de filhos felizes e saudáveis… Isso com certeza tinha que valer a troca. As regras existiam por um motivo: se você as seguisse, teria sucesso; se não as seguisse, talvez acabasse ateando fogo ao mundo.

No entanto, lá estava Mia, causando vários traumas à pobre Linda, como se ela já não tivesse passado por dificuldades o suficiente, como se Mia fosse algum exemplo de maternidade. Arrastando a filha sem pai de um lugar para outro, sobrevivendo com trabalhos sem importância, justificando aquilo tudo ao insistir para si mesma — e para todos — que estava fazendo *arte*. Metendo suas mãos sujas nos assuntos alheios. Causando confusão. Jogando fagulhas a esmo. A Sra. Richardson estava furiosa, e, no fundo, o pontinho quente de fúria que fora cautelosamente aterrado dentro dela pegou fogo. Mia fazia o que queria, pensou a Sra. Richardson, e qual seria o resultado? O coração partido da sua amiga mais antiga. Caos para todo mundo. *Você não pode simplesmente fazer o que quer*, pensou. Por que Mia tinha esse privilégio quando mais ninguém tinha?

Foi apenas sua lealdade aos McCullough, dizia ela a si mesma, a vontade de ver a justiça para sua amiga mais antiga, que a levou a finalmente ultrapassar o limite: assim que pôde, fez uma viagem à Pensilvânia para visitar os pais de Mia. Iria descobrir de uma vez por todas quem era aquela mulher.

Doze

Ultimamente, Pearl tinha a sensação de que tudo estava imbuído de sexo, que parecia escorrer de todas as coisas, feito um mel sujo. Até as notícias estavam cheias de sexo. No *Today Show*, um âncora comentava sobre os rumores a respeito do presidente e um vestido azul manchado, circulavam histórias ainda mais impudicas sobre um charuto e onde ele fora colocado. Escolas em todo o país enviavam assistentes sociais para "ajudar os jovens a lidar com o que estavam ouvindo", mas nos corredores da Escola Shaker Heights, o clima era de hilaridade mais do que de trauma. *Qual é a semelhança entre Bill Clinton e um hambúrguer? Estagiárias comem hambúrgueres...* Ela se perguntava, às vezes, se o país inteiro estava vivenciando um episódio de Jerry Springer. *O que você consegue quando junta Ted Kaczynski com Monica Lewinsky? Um boquete dinamite!*.

Entre aulas de matemática, biologia e inglês, as pessoas trocavam piadas como crianças alegres trocam figurinhas, e a cada dia as piadas ficavam mais explícitas. *Já ouviu falar dos charutos do Salão Oval? Têm textura e são lubrificados.* Ou: *Monica sussurrando para o atendente da lavanderia: Pode tirar essa mancha para mim? O atendente: Porra... Monica, interrompendo: Não, é mostarda.* Pearl corava, mas fingia já ter ouvido a piada. Todos pareciam indiferentes ao dizer palavras que ela nunca ousara nem sussurrar. Tinha a impressão de que todo mundo era fluente em indiretas sexuais. Isso confirmava o que ela sempre achara: todo mundo sabia mais sobre sexo do que parecia, todo mundo exceto ela.

Foi neste estado de espírito que, em meados de fevereiro, Pearl saiu sozinha rumo à casa dos Richardson. Izzy estaria na casa de Mia, debruçada sobre uma folha de contato, cortando cópias, concentrada na atenção de Mia e abrindo espaço para que Pearl estivesse em outro lugar. Moody tirara nota baixa em um teste-surpresa sobre *Jane Eyre* e ficara na escola para refazê-lo. O Sr. e a Sra. Richardson estavam no trabalho. E Lexie, é claro, andava ocupada com outra coisa. Quando Pearl passou por ela diante dos armários, Lexie disse:

— Vejo você mais tarde. Brian e eu vamos... passear.

Na mente de Pearl, todas as coisas nebulosas que rodopiavam no ar se apressaram para preencher aquela pausa. Ela ainda pensava naquilo quando chegou na casa dos Richardson e encontrou Trip sozinho, deitado no sofá do jardim de inverno, alto e esguio, com o livro de matemática aberto em cima da almofada ao seu lado. Tinha tirado os tênis, mas mantido as meias brancas, e ela achou aquilo estranhamente cativante.

Um mês antes, Pearl teria saído de lá depressa e deixado Trip sozinho, mas tinha certeza de que qualquer outra garota teria pedido para Trip chegar para o lado e se sentado perto dele no sofá. Então ela ficou ali, hesitando à beira de uma decisão. Estavam sozinhos na casa: percebeu

que tudo poderia acontecer, e essa ideia era inebriante.

— Oi — disse ela.

Trip ergueu os olhos e sorriu.

— Oi, nerd — disse ele. — Venha aqui, preciso da sua ajuda.

Ele se sentou ereto no sofá e abriu espaço, empurrando o caderno na direção dela. Pearl o pegou e analisou o problema, tendo total noção de que os joelhos dos dois se tocavam.

— Bem, isso é fácil — disse ela. — Então, para encontrar o x…

Ela se debruçou sobre o caderno, corrigindo o trabalho dele, enquanto Trip a observava. Pearl sempre havia lhe parecido uma criaturinha tímida, meiga, até, mas não era uma garota sobre quem tivesse pensado muito além do básico graças aos hormônios da adolescência, que faziam com que valesse a pena olhar para tudo o que fosse do sexo feminino. Mas hoje havia algo diferente nela, algo em sua postura. Seus olhos estavam velozes e brilhantes… Sempre tinham sido assim? Ela afastou uma mecha de cabelo do rosto e ele se perguntou qual seria a sensação de tocá-la de leve, se seria como tocar em um passarinho. Com três rabiscos rápidos na página ela resolveu o problema: horizontal, vertical, então uma linha sinuosa que subitamente o fez pensar em lábios, quadris e outras curvas.

— Entendeu? — perguntou Pearl.

Trip ficou assustado ao perceber que tinha entendido.

— Ei — disse ele —, você é muito boa nisso.

— Sou boa em muitas coisas — afirmou ela, então ele a beijou.

Foi Trip quem a inclinou para trás no sofá e derrubou o livro no chão, foi ele quem enfiou as mãos por fora e depois por dentro da blusa dela. Mas foi Pearl quem, algum tempo depois, levantou-se, pegou sua mão e o guiou até o quarto dele.

Na cama meio desarrumada de Trip, no quarto dele com a camisa do dia anterior no chão, com as luzes apagadas e a cortina semifechada que riscava o corpo dos dois com a luz do sol, ela deixou o instinto assumir o controle. Foi como se, pela primeira vez na vida, seus pensamentos tivessem se desligado e seu corpo se movesse por conta própria. Era Trip quem hesitava, quem se atrapalhava com o fecho do sutiã dela, embora certamente já tivesse aberto vários. Ela interpretou aquilo — e com razão — como um sinal de que ele estava nervoso, de que aquele momento significava algo para ele, e achou fofo.

— Me diga quando quiser que eu pare — disse ele.

E ela respondeu:

— Não pare.

O momento, quando chegou, foi um lampejo de dor, o súbito contato físico dos dois corpos, o peso dele em cima dela, seus joelhos abraçando o quadril dele. Foi rápido. O prazer — desta vez, pelo menos — veio depois para ela, quando ele tremeu intensamente e desabou ao seu lado, o rosto apoiado em seu pescoço. Ele se agarrava a ela, como se levado por uma necessidade intensa e incontrolável. Ela ficava excitada ao pensar no que tinha acabado de fazer, no efeito que podia causar nele. Ela beijou a lateral da orelha dele, e, sem abrir os olhos, Trip deu um sorriso

sonolento, e ela imaginou por um instante como seria dormir com ele e acordar toda manhã ao seu lado.

— Acorde — disse ela. — Alguém deve chegar em casa daqui a pouco.

Os dois se vestiram rápido e em silêncio, e só então Pearl começou a se sentir constrangida. Será que sua mãe descobriria?, perguntou-se. Ela ficaria diferente de alguma forma? Será que todos veriam o que tinha feito estampado em seu rosto? Trip jogou sua camiseta para ela, que a vestiu, subitamente tímida ao pensar que os olhos dele estavam fixos em seu corpo.

— É melhor eu ir — disse ela.

— Espere — pediu Trip, e, com delicadeza, tirou o cabelo dela de dentro da gola. — Melhor assim.

Eles sorriram timidamente um para o outro, então desviaram o olhar.

— Vejo você amanhã — disse ele.

Pearl assentiu, saindo pela porta.

* * *

Naquela noite, Pearl observou a mãe com um olhar desconfiado. Ela checara várias vezes seu reflexo no espelho do banheiro e tinha praticamente certeza de que não havia nada de diferente nela que fosse visível a olho nu. O que quer que tivesse mudado nela — e Pearl sentia-se ao mesmo tempo exatamente a mesma e completamente diferente — havia mudado por dentro. Mesmo assim, toda vez que Mia a olhava, ela ficava tensa. Logo que terminaram de jantar, Pearl foi para o quarto alegando ter muito dever de casa para fazer, mas queria refletir sobre o que tinha acontecido. Será que estavam namorando agora?, perguntou-se. Ele a usou? Ou — e isso a deixava perplexa — ela o usou? Pearl ficou na dúvida se, da próxima vez em que o visse, ficaria tão atraída por ele quanto antes. Será que quando ele a visse, fingiria que nada havia acontecido? Ou pior, riria da cara dela? Tentou repassar cada instante daquela tarde: cada movimento das mãos deles, cada palavra que haviam dito e cada respiração que haviam feito. Será que ela devia falar com ele ou evitá-lo até que ele a procurasse? Aquelas perguntas rodopiaram em sua mente durante toda a noite, e de manhã, quando Moody chegou para acompanhá-la a pé até a escola, Pearl não o olhou nos olhos.

Durante o dia inteiro, Pearl fez o possível para parecer normal. Manteve a cabeça baixa, observando suas anotações sem levantar o braço. Ao final de cada aula, preparou-se para o caso de esbarrar em Trip no corredor, ensaiando o que dizer. Isso não aconteceu, e toda vez que ela chegava à aula seguinte sem ter encontrado com ele, suspirava de alívio. Ao seu lado, Moody percebeu apenas que ela estava muito calada e se perguntou se algo a estava chateando. Ao redor dela, o burburinho da vida escolar continuava igual, e depois da escola ela foi para casa, dizendo que não estava se sentindo bem. O que quer que fosse acontecer quando reencontrasse Trip ela não queria que acontecesse diante de Lexie e Moody. Mia também notou seu silêncio, suspeitou

de que ela estava ficando doente e a mandou para a cama cedo. Mas Pearl ficou acordada até tarde, e, de manhã, quando foi lavar o rosto, viu olheiras e teve certeza de que Trip nunca olharia para ela outra vez.

Porém, no fim do dia, Trip apareceu diante do seu armário.

— E aí, quais são seus planos? — perguntou, quase timidamente, e ela corou, sabendo qual era a intenção dele.

— Nada de mais — respondeu. — Só vou sair com Moody. — Ela brincou com o segredo do cadeado, girando-o de um lado para outro, e decidiu ser ousada de novo. — A menos que você tenha uma ideia melhor.

Trip passou os dedos pela extremidade da porta do armário pintada de azul.

— Sua mãe está em casa?

Pearl fez que sim.

— Izzy também deve estar lá.

Os dois, cada um por conta própria, fizeram uma lista mental dos lugares: não havia nenhum onde pudessem ficar sozinhos. Após um instante, Trip falou:

— Talvez eu conheça um lugar.

Ele pegou o pager no bolso e uma moeda na mochila. Pagers eram estritamente proibidos na escola, o que significava que todos os adolescentes descolados tinham um.

— Encontre comigo no orelhão quando terminar aí, ok?

Ele se afastou com uma corridinha, e Pearl pegou seus livros e fechou o armário. Seu coração batia acelerado, como se ela fosse uma criança brincando de pega-pega, embora não soubesse se estava correndo de alguém ou atrás de alguém. Ela pegou um atalho até a entrada da escola, onde ficava o orelhão, diante do auditório. Trip tinha acabado de desligar.

— Para quem você ligou? — perguntou Pearl, e Trip ficou subitamente envergonhado.

— Sabe quem é Tim Michaels? Fazemos parte do time de futebol desde os dez anos. Os pais dele só chegam em casa às oito, e às vezes ele leva uma garota para a sala de jogos que eles têm no porão.

Ele parou de falar, e Pearl entendeu tudo.

— E às vezes ele deixa você levar alguém? — perguntou ela.

Trip corou e deu um passo à frente, de forma que ela ficou muito perto dos seus braços.

— Muito tempo atrás — respondeu. — Você é a única garota que quero levar para lá agora.

Ele acariciou sua clavícula com um dedo. O gesto era tão atípico dele e tão sincero que ela quase o beijou bem ali. Naquele instante, o pager em sua mão tocou. Pearl só conseguiu ver uma série de números, mas significaram algo para Trip. Os adolescentes que tinham pagers se comunicavam por códigos, digitando as mensagens com números. *POSSO USAR SUA CASA*, digitara Trip no orelhão, e Tim, trocando de roupa no vestiário antes do treino de basquete, olhou para o pager vibrando e ergueu uma sobrancelha. Não tinha visto Trip com nenhuma garota nova ultimamente. *TÁ QUEM É A GAROTA*, respondera, mas Trip decidiu não dizer e guardou o pager no bolso.

— Ele disse que tudo bem. — Trip puxou uma das alças da mochila de Pearl. — Então?

Pearl se deu conta, de repente, de que não ligava para quem quer que fossem as meninas anteriores.

— Está de carro? — perguntou ela.

Já estavam na porta dos fundos da casa de Tim Michael quando ela se lembrou de Moody. Ele devia estar se perguntando onde ela estava, por que não fora encontrá-lo na ala científica como de costume para que voltassem juntos. Ele esperaria um pouco, depois iria para casa e também não a acharia lá. Pearl se deu conta de que teria de dizer alguma coisa para ele. Mas nesse instante Trip pegou a chave reserva embaixo do capacho, abriu a porta e segurou a mão de Pearl, e ela se esqueceu de Moody, entrando logo atrás de Trip.

— Estamos namorando? — perguntou ela depois, enquanto estavam deitados no sofá da sala de jogos de Tim Michaels. — Ou é só um caso?

— O que foi? Quer ficar com a minha jaqueta ou algo assim?

Pearl riu.

— Não. — Então, ficou séria. — Só quero saber no que estou me metendo.

Os olhos de Trip encontraram os dela, diretos, límpidos e castanho-escuros.

— Não pretendo sair com mais ninguém. Era isso que queria saber?

Ela nunca o vira sendo tão sincero.

— Está bem. Eu também não. — Após um instante, acrescentou: — Moody vai pirar. Lexie também. Todo mundo.

Trip refletiu.

— Bem — disse ele —, não precisamos contar a ninguém.

Ele baixou a cabeça em direção à dela para que suas testas se tocassem. Pearl sabia que em alguns instantes teriam de se levantar, teriam de se vestir e voltar para o mundo lá fora onde havia várias pessoas além dos dois.

— Não me importo que seja um segredo — disse ela, e o beijou.

* * *

Trip cumpriu sua promessa: por mais que Tim Michaels o interrogasse sem parar, ele se recusava a divulgar o nome de sua nova garota misteriosa, e quando seus outros amigos perguntavam aonde ele ia depois da escola, inventava desculpas. Pearl também não contou a ninguém. O que poderia ter dito? Por um lado, queria contar para Lexie, revelar que pertencia ao clube exclusivo das experientes, do qual as duas faziam parte agora. Mas Lexie exigiria saber cada detalhe íntimo, contaria para Serena Wong, e todos na escola ficariam sabendo dali a uma semana. Izzy, é claro, ficaria enojada. Moody… Bem, não havia a menor possibilidade de contar para Moody. Já fazia algum tempo que Pearl notava cada vez mais que o sentimento de Moody por ela era diferente do dela por ele, em qualidade e intensidade. Um mês antes, enquanto

atravessavam a multidão dentro do cinema — finalmente tinham ido ver *Titanic* e o saguão estava lotado —, ele estendera o braço e pegara sua mão para que os dois não se separassem, e, por mais que ela gostasse de ter alguém para guiá-la pelo turbilhão de pessoas, sentiu algo na maneira como ele segurara sua mão, com muita firmeza, muita propriedade, e então soube. Deixou que ele a segurasse até passarem pela porta da sala, quando resolveu soltar delicadamente a mão dele sob o pretexto de pegar um protetor labial na bolsa. Durante o filme — enquanto Leonardo DiCaprio desenhava Kate Winslet nua, enquanto a câmera focava na mão de alguém manchando a janela embaçada do carro —, Pearl sentiu Moody se empertigar e olhar para ela, então enfiou a mão no saco de pipoca como se estivesse entediada com o espetáculo trágico na tela. Depois, quando Moody sugeriu que fossem ao Arabica tomar um café, ela disse que precisava voltar para casa. Na manhã seguinte, na escola, as coisas pareceram voltar ao normal, mas ela sabia que algo havia mudado, e guardou aquele fato dentro de si feito um espinho, tomando cuidado para não tocá-lo.

Assim, Pearl aprendeu a mentir. Algumas vezes por semana, quando ela e Trip escapuliam juntos — sempre que a rotina de Tim Michaels permitia —, ela deixava um bilhete no armário de Moody. *Vou ter que ficar até mais tarde. Vejo você na sua casa. 16h30?* Mais tarde, quando Moody perguntava, Pearl sempre tinha uma desculpa plausivelmente vaga. Estava fazendo cartazes para o jantar anual de espaguete para arrecadação de fundos. Estava falando com o professor de inglês sobre o trabalho que teria de entregar em breve. Na verdade, após seus encontros amorosos, Trip a deixava de carro a um quarteirão de casa e ia para o treino. Então ela aparecia na casa dos Richardson a pé, como sempre, enquanto ele estava no treino de hóquei, ou na casa de um amigo, ou dando uma volta no quarteirão por alguns minutos até voltar para casa também.

Só foram vistos uma vez. O Sr. Yang, a caminho de casa depois de trabalhar como motorista de ônibus, seguia com seu Saturn azul-claro pela Parkland Drive quando viu um jipe Cherokee parado no acostamento com dois adolescentes dentro roçando um no outro. Quando ele passou, os dois finalmente se afastaram e a menina abriu a porta, saindo do carro, então ele reconheceu sua jovem vizinha do andar de cima, a filha quieta e bonita de Mia. Não era da sua conta, pensou ele consigo mesmo, porém passou o restante da tarde devaneando sobre sua adolescência em Hong Kong, entrando escondido no jardim botânico com Betsy Choy, aquelas tardes surreais sobre as quais nunca contara a ninguém, e que não se lembrava de reviver havia muitos anos. Os jovens são todos iguais, sempre e em toda parte, pensou ele, passando a marcha do carro e seguindo em frente.

* * *

Desde a festa de Halloween, Lexie e Brian também vinham escapulindo juntos sempre que podiam — depois do treino, no final ou às vezes no início dos seus encontros no fim de semana, e, uma vez, durante a semana de provas, no meio do dia, entre a prova de física de Lexie e a de

espanhol de Brian.

— Você está viciada — provocava Serena.

Para a imensa irritação de Lexie, sempre havia alguém na casa dos Richardson quando ela e Brian mais queriam ficar sozinhos. Porém, com o pai de Brian fazendo plantão e sua mãe trabalhando até tarde, a casa dos Avery estava frequentemente vazia, e, quando necessário, usavam o carro de Lexie, estacionando em um lugar deserto e ocupando o banco de trás, debaixo de uma colcha velha que ela passara a deixar ali para esse propósito.

O mundo estava praticamente perfeito para Lexie, e suas fantasias eram sua vida real com cores mais intensas. Depois dos encontros, quando ela e Brian se afastavam com relutância e iam para casa, ela se deitava na cama, ainda pensando no calor do corpo dele, e imaginava um futuro com os dois morando juntos. Seria como o paraíso, pensava ela, dormir nos braços dele, acordar ao lado dele. Não imaginava nada mais prazeroso: pensar naquilo já a enchia de um entusiasmo radiante semelhante ao do pós-coito. É claro que eles teriam uma casinha. Um jardim nos fundos onde ela poderia tomar sol e uma cesta de basquete acima do portão da garagem para Brian. Ela teria lilases em um vaso sobre a cômoda e lençóis de linho listrados na cama. Dinheiro, aluguel e trabalho não eram uma preocupação; ela não pensava nessas coisas em sua vida real, portanto também não apareciam em suas fantasias. E algum dia — nesta parte a fantasia começava a girar e brilhar feito fogos de artifício no céu noturno — haveria um bebê. Ele seria igualzinho à foto que a mãe de Brian tinha na cornija da lareira, de Brian com um ano: cabelo cacheado, bochechas gorduchas, olhos castanhos tão grandes e doces que quando você olhava para eles tinha a sensação de derreter. Brian colocaria o bebê no quadril e o jogaria para o alto. Eles fariam piqueniques no parque e o bebê rolaria na grama, rindo quando as folhas fizessem cócegas em seus pés. À noite, dormiriam com o bebê entre eles, um volume macio, quente e com cheiro de leite.

Em Shaker Heights, todos os alunos tinham aula de educação sexual não uma, mas cinco vezes: no quinto e no sexto ano, considerada uma "intervenção precoce" pelo conselho escolar; nos "anos perigosos" do sétimo e do oitavo anos; e de novo no ensino médio, o último esforço, no qual a educação sexual era misturada a noções básicas de nutrição, debates sobre autoestima e conselhos sobre procura de emprego. Mas Lexie e Brian também eram adolescentes, ruins em calcular probabilidades e piores ainda em avaliar riscos. Eram jovens e tinham certeza de que se amavam. Estavam tão maravilhados e ensandecidos com a visão do futuro que planejavam dividir que às vezes Lexie chegava a passar a noite acordada pensando naquilo. Isso queria dizer que, mais de uma vez, quando Lexie enfiava a mão na bolsa e não encontrava camisinhas, aquilo não os desencorajava.

— Vai dar tudo certo — sussurrava ela para Brian. — Vamos só…

E assim, na primeira semana de março, Lexie foi parar na farmácia, contemplando a prateleira dos testes de gravidez.

Pegou um pacote com dois testes de gravidez na prateleira de baixo e levou-o até o caixa escondido embaixo da bolsa. A mulher que estava trabalhando era jovem, tinha cerca de trinta

ou trinta e cinco anos, mas seus lábios eram contornados por rugas que davam a impressão de que sua boca estava constantemente contraída. *Por favor, não faça perguntas*, torceu Lexie. *Por favor, finja que nem percebeu o que estou comprando.*

— Eu lembro quando descobri que estava grávida do meu primeiro filho — disse a mulher de repente. — Fiz o teste no trabalho. Fiquei tão nervosa que vomitei. — Ela colocou os testes em uma sacola plástica e entregou para Lexie. — Boa sorte, querida.

Aquele momento de gentileza inesperada quase fez Lexie chorar — ela não sabia se pela vergonha de ter sido flagrada ou pelo medo de que o seu teste desse o mesmo resultado —, então pegou a sacola e se afastou rapidamente sem ao menos se despedir.

Em casa, Lexie trancou a porta do banheiro e abriu a caixa. As instruções eram simples. Uma linha significava negativo, duas linhas, positivo. Era como uma bola de cristal, pensou ela, só que com consequências muito mais sérias. Largou o teste molhado na bancada e debruçou-se sobre ele. Já conseguia ver as linhas se formando. Duas em um tom vibrante de cor-de-rosa.

Alguém bateu na porta do banheiro.

— Só um segundo — disse ela.

Enrolou rapidamente o teste em papel higiênico, usando quase a metade do rolo, e enfiou tudo no fundo da lata de lixo. Izzy ainda estava em pé no corredor quando ela deu descarga, lavou as mãos e enfim abriu a porta.

— Estava se admirando no espelho?

Izzy espiou o banheiro atrás da irmã como se pudesse ter alguém escondido lá dentro.

— Algumas pessoas gostam de pentear o cabelo — falou Lexie. — Você deveria tentar um dia desses.

Passou por Izzy e seguiu para o quarto. Assim que fechou a porta, encolheu-se na cama e tentou pensar no que fazer.

* * *

Por um tempinho, Lexie acreditou de verdade que poderiam ficar com o bebê. Poderiam dar um jeito. Consertariam aquilo da mesma forma que tudo sempre fora consertado para ela. O mês previsto para o nascimento — ela contou nos dedos — era novembro. Talvez conseguisse adiantar um semestre em Yale e começar mais tarde. Ou quem sabe o bebê pudesse morar com seus pais enquanto ela estivesse na faculdade. Claro que iria até lá para vê-lo sempre que pudesse. Ou então — e aquele era o melhor sonho de todos — talvez Brian pudesse pedir transferência para Yale. Ou ela pudesse pedir transferência para Princeton. Poderiam alugar uma casinha. Talvez pudessem se casar. Ela levou a mão à barriga — ainda lisa como sempre — e imaginou uma única célula pulsando e se dividindo lá dentro, como nos vídeos da aula de biologia. Dentro dela havia um pedacinho de Brian, uma fagulha dele se revirando sem parar, se transformando. Aquele era um pensamento precioso. Parecia uma promessa, um presente que

alguém havia mostrado a ela, então guardado no alto de um armário para depois. Era algo que teria algum dia de qualquer maneira, por que não agora?

Ela começou, cautelosamente, falando de Mirabelle, como vinha fazendo há meses.

— Você não ia acreditar no tamaninho dos dedos dela, Bry — disse. — As unhas minúsculas. Parece uma boneca, você não ia acreditar. Parece que ela derrete no seu colo.

Em seguida citou outros bebês que vira recentemente, com a ajuda da revista *People*. Usava o ombro de Brian como travesseiro, enquanto virava as páginas brilhosas e os organizava por ordem de fofice, pedindo a opinião dele de vez em quando.

— Mas você sabe quem teria os bebês mais fofos, não é? — perguntou. Seu coração começou a bater acelerado. — A gente. Nós dois. A gente teria os bebês mais meigos. Não acha? Crianças mestiças são sempre lindas. Talvez seja porque os genes são muito diferentes. — Ela folheou a revista. — Meu Deus, olha só, até o filho do Michael Jackson é fofo. E *ele* é muito assustador. Esse é o poder das crianças mestiças.

Brian dobrou o canto da página do seu livro.

— Michael Jackson quase não é negro. Vai por mim. E esse bebê parece superbranco.

Ela se apoiou no braço de Brian, chegando a foto mais perto dele. Na imagem, Michael Jackson estava sentado em um trono dourado com um bebê no colo.

— Mas olha só como ele é fofo. — Ela fez uma pausa. — Não dá vontade de ter um agora?

Brian ergueu tão abruptamente o corpo na cama que Lexie quase caiu.

— Você está louca — disse ele. — Essa é a maior maluquice que já ouvi na vida. — Ele fez que não com a cabeça. — Nem diga uma coisa dessas.

— Só estou *imaginando*, Bry. Caramba.

Lexie sentiu um nó na garganta.

— Você está imaginando um bebê. Eu estou imaginando Cliff e Clair me matando. Não iriam nem precisar encostar em mim. Bastaria lançar aquele olhar e eu estaria morto. Na hora. Morte instantânea. — Ele passou a mão no cabelo. — Sabe o que eles diriam? *Criamos você para ser melhor do que isso.*

— Parece tão terrível assim para você? Nós dois juntos e um bebezinho? — Ela agarrou a borda da revista com as unhas. — Achei que quisesse que a gente ficasse junto para sempre.

— Eu quero. Talvez. Lex, nós temos dezoito anos. Sabe o que as pessoas diriam? O que todo mundo diria? Ah, olha só, outro jovem negro engravidou uma menina antes mesmo de terminarem a escola. Mais pais adolescentes. Provavelmente vão largar os estudos. É isso que todo mundo diria. — Ele fechou o livro e o jogou na mesa. — Não vou ser esse cara de jeito nenhum. De jeito nenhum.

— Ok. — Lexie fechou os olhos e torceu para que Brian não notasse. — Eu não disse para termos filhos agora, está bem? Estou só *imaginando*. Tentando visualizar o futuro, só isso.

Por mais difícil que fosse admitir aquilo, ela sabia que ele tinha razão. Em Shaker, jovens do ensino médio não tinham filhos. Tinham aulas avançadas, iam para a faculdade. No oitavo ano, disseram que Carrie Wilson estava grávida: todo mundo sabia que seu namorado tinha dezessete

anos e que havia largado a escola Cleveland Heights. Tiana Jones, melhor amiga de Carrie, confirmara o boato para várias pessoas. Carrie passou semanas com um ar afetado e misterioso, levando a mão à barriga, até que o Sr. Avengard, o vice-diretor, convocou uma assembleia para dirigir-se a todos os alunos daquela série.

— Soube que há boatos circulando — disse ele, encarando a multidão.

Os rostos lhe pareciam muito jovens: aparelhos móveis e fixos, acne, os primeiríssimos fios de barba. *Estas crianças*, pensou ele, *acham que é tudo brincadeira*.

— Ninguém está grávida — disse ele. — Sei que nenhum de vocês, meninas e meninos, seria tão irresponsável.

E, de fato, à medida que as semanas passaram, a barriga de Carrie Wilson permaneceu igualmente lisa e as pessoas acabaram esquecendo tudo aquilo. Em Shaker Heights, as adolescentes não engravidavam, ou então eram excepcionalmente boas em esconder isso. Afinal, o que as pessoas diriam? *Vadia*, era o que os adolescentes na escola diriam. *Puta*, mesmo que ela e Brian tivessem dezoito anos e fossem adultos perante a lei, mesmo que estivessem juntos há muito tempo. Os vizinhos? Talvez não dissessem nada, não quando ela passasse com a barriga enorme ou empurrando o carrinho, mas assim que entrassem em casa comentariam. Sua mãe ficaria mortificada. Sentiria vergonha e pena, e Lexie sabia que não tinha estrutura para lidar com nenhuma das duas coisas.

Só havia algo a fazer, então. Ela se encolheu na cama, sentindo-se pequena, cor-de-rosa e mole feito um camarão, e abriu mão da sua fantasia, como se soltasse um balão que voa no céu até estourar.

* * *

Durante o jantar daquela noite, a Sra. Richardson anunciou seu plano de fazer uma visita a Pittsburgh "para uma pesquisa", disse a todos.

— É um artigo sobre mexilhão-zebra no lago Erie, e vocês sabem que Pittsburgh já teve problemas com a invasão de animais selvagens.

Ela pensara cuidadosamente em uma desculpa plausível e, depois de muito refletir, acabara tendo a ideia de um assunto sobre o qual não fariam perguntas. Como esperado, ninguém prestou muita atenção, a não ser Lexie, que fechou os olhos por um breve instante e murmurou um agradecimento baixinho para qualquer que fosse a divindade que havia feito aquilo acontecer. Na manhã seguinte, Lexie fingiu estar atrasada para a escola, mas quando todos saíram, verificou que a casa estava mesmo vazia antes de discar o número da clínica local, que havia pesquisado na noite anterior.

— Dia 11 — disse ela. — Tem que ser no dia 11.

Na véspera da viagem de sua mãe para Pittsburgh, Lexie ligou para Pearl.

— Preciso de um favor — disse ela, a voz quase um sussurro, mesmo falando na linha que

dividia apenas com Trip e ele não estando em casa.

Ainda desconfiada desde a festa de Halloween, Pearl suspirou.

— O que foi? — perguntou.

Percorreu mentalmente a lista de coisas que Lexie, logo ela, poderia querer. Nenhuma das coisas habituais servia. Pegar uma blusa emprestada? Um batom? Pearl não tinha nada que Lexie Richardson algum dia precisasse usar. Pedir um conselho? Lexie nunca pedia conselhos a ninguém. Era ela quem aconselhava, quer lhe pedissem ou não.

— Preciso que você vá comigo até uma clínica amanhã. Vou fazer um aborto — revelou Lexie.

Houve um longo momento de silêncio enquanto Pearl se esforçava para assimilar aquela informação. Lexie estava grávida? Uma onda de pânico egoísta a atingiu: ela e Trip haviam estado na casa de Tim Michaels naquela mesma tarde. Tinham sido cuidadosos o bastante? E na vez anterior? Ela tentou conciliar o que Lexie dizia com a Lexie que conhecia. Queria fazer um aborto? A Lexie que era louca por bebês, que julgava todo mundo, a Lexie que fora tão severa com os *erros* de Bebe?

— E por que não pediu a Serena? — perguntou ela finalmente.

Lexie hesitou.

— Não quero Serena — respondeu. — Quero você. — Ela suspirou. — Não sei. Achei que você entenderia melhor. Achei que não me julgaria.

Apesar de tudo, Pearl sentiu uma pontada de orgulho.

— Não estou julgando.

— Olhe — falou Lexie. — Preciso de você. Vai me ajudar ou não?

Às sete e meia da manhã, Lexie parou o carro diante da casa na rua Winslow. Conforme prometera, Pearl estava esperando na calçada. Tinha dito à mãe que Lexie ia lhe dar carona para a escola.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou ela.

Tinha passado a noite imaginando o que faria no lugar de Lexie e sentindo toda vez a onda de pânico inundá-la do topo da cabeça até a sola dos pés. Isso persistiria durante a semana seguinte, até que ela começasse a sentir cólicas e suspirasse aliviada.

Lexie não tirou os olhos do para-brisa.

— Tenho.

— É uma decisão importante, sabia? — Pearl tentou pensar em uma analogia que Lexie certamente entenderia. — Não dá para voltar atrás. Não é como comprar um casaco.

— Eu *sei*.

Lexie desacelerou ao se aproximarem de um sinal de trânsito e Pearl notou suas olheiras. Nunca a tinha visto tão cansada ou tão séria.

— Você não contou para ninguém, contou? — perguntou Lexie quando o carro voltou a andar.

— Claro que não.

— Nem para Moody?

Pearl pensou na mentira que contara a Moody na noite anterior: não poderia andar até a escola com ele como de costume porque iria ao dentista de manhã. Ele não parecera suspeitar de nada; nunca tinha lhe ocorrido que Pearl pudesse mentir. Ela ficara aliviada, mas também um pouco magoada com o fato de ele sempre acreditar nela com tanta facilidade, de não achá-la capaz de nada além da verdade.

— Não falei para ele — afirmou.

A clínica ficava em um prédio bege discreto com janelas limpas e brilhantes, arbustos floridos na entrada e um estacionamento. Era possível ir até lá para se consultar com um oftalmologista, para encontrar um agente de seguros, para fazer o imposto de renda… Lexie parou o carro em uma vaga na extremidade do estacionamento e entregou as chaves a Pearl.

— Tome. Você vai ter que dirigir na volta. Está com sua carteira temporária?

Pearl assentiu e preferiu não lembrar a Lexie que, tecnicamente, a carteira temporária só permitia que ela dirigisse com um adulto de mais de vinte e um anos com carteira permanente. Os dedos de Lexie em torno das chaves estavam brancos e frios, e, em um impulso repentino, Pearl segurou sua mão.

— Vai dar tudo certo — disse ela.

As duas entraram juntas na clínica quando as portas se abriram como se as estivessem aguardando.

A enfermeira na recepção era uma mulher robusta com cabelo cor de cobre, que olhou para as duas adolescentes com uma empatia benigna. Devia ver aquilo todos os dias, pensou Pearl, meninas entrando ali apavoradas com o que estava prestes a acontecer, apavoradas com o que aconteceria se não fizessem aquilo.

— Tem hora marcada, querida? — perguntou a mulher, olhando de Pearl para Lexie com simpatia.

— Eu tenho — respondeu Lexie. — Às oito.

A mulher digitou algo no teclado.

— E o seu nome?

Baixinho, como se estivesse envergonhada, como se aquele fosse seu nome real, Lexie falou:

— Pearl Warren.

Pearl teve que se controlar para não ficar boquiaberta. Lexie evitou cuidadosamente seu olhar enquanto a mulher consultava a tela.

— Alguém vai poder levá-la para casa?

— Sim — disse Lexie, inclinando a cabeça na direção de Pearl, mais uma vez sem olhá-la nos olhos. — Minha irmã está aqui. Ela vai me levar.

Irmãs, pensou Pearl. Ela e Lexie não eram nem um pouco parecidas. Ninguém acreditaria que ela — baixinha, de cabelo crespo — fosse parente de Lexie, graciosa e elegante. Era como dizer que um scottish terrier e um galgo inglês tinham nascido na mesma ninhada. A mulher olhou rapidamente para as duas. Após um instante, decidiu achar aquilo plausível ou então fingir

que achava.

— Pode preencher isto aqui — disse ela, entregando uma prancheta com formulários cor-de-rosa a Lexie. — Vão atender você daqui a alguns minutos.

Quando se sentaram nas cadeiras mais distantes da recepção, Pearl se debruçou acima da prancheta.

— Eu não *acredito* que você está usando o *meu nome* — disse ela.

Lexie se curvou na cadeira.

— Entrei em pânico — justificou. — Quando liguei, perguntaram meu nome e eu lembrei que minha mãe conhece a diretora daqui. E você sabe, meu pai tem saído no jornal… o caso todo com os McCullough. Eu não queria que reconhecessem meu nome. Então falei o primeiro que passou pela minha cabeça, e foi o seu.

Pearl não ficou satisfeita.

— Agora todo mundo vai achar que sou *eu* que vou fazer um aborto.

— É só um nome — disse Lexie. — Sou eu que estou em apuros, mesmo que não saibam meu nome verdadeiro.

Ela respirou fundo, mas pareceu murchar ainda mais. Pearl notou que até mesmo seu cabelo parecia lânguido, caído diante do rosto, cobrindo parte dos seus olhos.

— Você… você poderia ser qualquer pessoa.

— Ah, pelo amor de Deus. — Pearl pegou a prancheta no colo de Lexie. — Me dê isso aqui.

Decidiu preencher os formulários, começando com seu próprio nome: Pearl Warren.

Tinha quase terminado quando a porta na extremidade da sala de espera se abriu e uma enfermeira vestida de branco saiu.

— Pearl? — chamou, olhando para a pasta em suas mãos. — Estamos prontos para atendê-la.

Na linha que pedia um "contato de emergência", Pearl anotou rapidamente o nome da própria mãe e o telefone de casa.

— Pronto — disse ela, empurrando a prancheta nas mãos de Lexie. — Acabei.

Lexie levantou-se devagar, como se estivesse sonhando. Por um instante, as duas ficaram de pé, cada uma segurando uma ponta da prancheta, e Pearl teve certeza de que estava sentindo o batimento cardíaco de Lexie atravessando as pontas dos seus dedos e a madeira da prancheta em sua mão.

— Boa sorte — disse ela baixinho para Lexie.

Lexie balançou a cabeça e pegou os formulários, porém parou diante da porta e olhou para trás, como que para conferir se Pearl ainda estava lá. Sua expressão dizia: *Por favor. Por favor, não sei o que estou fazendo. Por favor, esteja aqui quando eu voltar.* Pearl se esforçou para conter o impulso de correr até ela, pegar sua mão e segui-la pelo corredor, como se realmente fossem irmãs, o tipo de meninas que acompanhariam uma à outra numa situação dessas, o tipo de meninas que, anos depois, segurariam a mão uma da outra durante o parto. O tipo de meninas que ficariam

imperturbáveis diante da nudez e da dor da outra, que não tinham nada para esconder da outra.

— Boa sorte — repetiu ela, mais alto desta vez.

Lexie assentiu e seguiu a enfermeira pela porta.

* * *

Ao mesmo tempo que sua filha vestia camisola de hospital, a Sra. Richardson tocava a campainha da casa do Sr. e da Sra. George Wright. Tinha dirigido por três horas até Pittsburgh, sem nem ao menos parar para ir ao banheiro ou esticar as pernas. Estava mesmo fazendo aquilo?, perguntou-se. Não sabia direito o que diria aos Wright, nem que informação exatamente esperava conseguir com eles. Mas havia um mistério ali, disso ela sabia, e com certeza os Wright tinham a chave para desvendá-lo. Ela já havia viajado a trabalho outras vezes: até Columbus, para investigar os cortes no orçamento estadual; até Ann Arbor, quando um ex-aluno de Shaker foi capitão do time de futebol americano no jogo de Michigan contra OSU. Era a mesma coisa, disse a si mesma. Era justificado. Precisava descobrir pessoalmente.

Se a Sra. Richardson tinha alguma dúvida quanto a ter encontrado a família certa, a incerteza deixou de existir assim que a porta foi aberta. A Sra. Wright era incrivelmente parecida com Mia, o cabelo um pouco mais claro e curto, porém os olhos e o rosto eram tão semelhantes a ponto de a Sra. Richardson ter um vislumbre da aparência de Mia dali a trinta anos.

— Sra. Wright? — perguntou ela. — Sou Elena Richardson. Trabalho para um jornal de Cleveland.

Os olhos da Sra. Wright se estreitaram, desconfiados.

— Pois não?

— Estou escrevendo uma matéria sobre jovens atletas promissores que tiveram a carreira interrompida. Eu gostaria de falar com a senhora sobre o seu filho.

— Sobre Warren? — A expressão da Sra. Wright foi tomada por surpresa e suspeita, e a Sra. Richardson viu as duas emoções brigando dentro da mulher. — Por quê?

— Encontrei o nome dele por acaso durante minha pesquisa — disse ela, cautelosa. — Vários artigos diziam que ele era o jogador mais promissor que encontraram em décadas. Que ele tinha chance de se tornar profissional.

— Alguns olheiros foram ver os jogos dele — comentou a Sra. Wright. — Disseram várias coisas gentis sobre meu filho depois que ele faleceu. — Um longo momento de silêncio passou, e quando ela voltou a erguer os olhos a suspeita fora embora, substituída por uma expressão de orgulho desgastado. — Bem, pode entrar.

A Sra. Richardson havia planejado aquele início e confiara em seus instintos para guiar a conversa na direção que desejava. Ao longo dos anos, descobrira que obter informações dos entrevistados podia ser como guiar uma grande vaca relutante: era preciso direcionar a vaca para o caminho certo enquanto a fazia acreditar que era ela quem escolhia a direção. Mas acabou

percebendo que os Wright, no fim das contas, eram inesperadamente fáceis de guiar. Servindo xícaras de café e um prato de biscoitos Pepperidge Farms, os Wright pareceram quase ansiosos para falar sobre Warren.

— Só estou interessada em manter a memória dele viva — disse a Sra. Richardson.

Assim que começou a fazer perguntas, a enchente de informações que saiu deles foi quase maior do que ela era capaz de anotar.

Sim, Warren jogava na posição de *running back* no time de futebol americano. Sim, também jogara no time de hóquei. Tinha começado na liga infantil com sete ou oito anos. A Sra. Richardson gostaria de ver algumas fotos? Ele simplesmente tinha um dom natural para os esportes, os pais não o haviam treinado. Não, o Sr. Richardson nunca foi muito bom nos esportes. Gostava mais de assistir, ele diria, do que de jogar. Mas Warren era diferente, tinha talento para aquilo. Seu treinador dissera que ele talvez conseguisse entrar para uma faculdade da primeira divisão atlética se treinasse bastante. Se o acidente não tivesse acontecido…

Então o Sr. e a Sra. Wright ficaram em silêncio por um momento, e a Sra. Richardson, por mais curiosa que estivesse para saber mais, sentiu uma pontada de pena. Olhou para a foto de Warren Wright com o uniforme de futebol americano que a Sra. Wright pegara na cornija da lareira para lhe mostrar. Devia estar com cerca de dezessete anos naquela foto, a mesma idade de Trip. Os dois rapazes não eram muito parecidos, mas algo na pose de Warren a fez pensar em seu filho, a inclinação da cabeça, o resquício de um sorriso malicioso no canto dos lábios…

— Ele era um destruidor de corações, aposto — murmurou ela, e a Sra. Wright confirmou com a cabeça. — Também tenho filhos — acrescentou, surpreendendo-se. — E um rapaz dessa idade, mais ou menos. Eu sinto muito.

— Obrigada.

A Sra. Wright lançou um último olhar demorado para a foto e colocou-a de volta na cornija da lareira, virando-a com cuidado e limpando a poeira do vidro. Aquela mulher tinha sofrido muito, pensou a Sra. Richardson. Sentiu vontade de fechar o caderno, tampar a caneta e agradecer-lhe pelo seu tempo. Mas hesitou, lembrando-se do motivo de sua visita. Se fosse *sua* filha que tivesse fugido e mentido sobre sua identidade, disse a si mesma, se fosse *sua* filha que tivesse causado problemas na vida de pessoas de bem… Bom, ela não culparia ninguém por fazer perguntas. A Sra. Richardson respirou fundo.

— Eu também gostaria de falar com a irmã de Warren — disse ela, fingindo consultar suas anotações. — Mia. Poderiam me dar o número de telefone atual dela?

O Sr. e a Sra. Wright trocaram um olhar incômodo, como ela sabia que fariam.

— Infelizmente não falamos com nossa filha há algum tempo — respondeu a Sra. Wright.

— Minha nossa, me desculpem. — A Sra. Richardson olhou de um para o outro. — Espero não ter tocado em um assunto tabu.

Ela aguardou, permitindo que o silêncio incômodo se prolongasse. Aprendera com a experiência que ninguém suportava um silêncio daqueles por muito tempo. Se você aguardasse o suficiente, alguém começaria a falar, e na maioria das vezes daria uma chance para que você

insistisse, abrisse espaço na conversa e arrancasse o que precisava saber.

— Não exatamente — disse o Sr. Wright após um instante. — Mas não falamos com ela desde pouco depois da morte de Warren.

— Que triste — comentou a Sra. Richardson. — Isso acontece muito, um membro da família sente um impacto maior pela perda de alguém e se afasta.

— Mas o que aconteceu com Mia não teve nada a ver com o que houve com Warren — revelou a Sra. Wright. — O que aconteceu com Warren foi um acidente. Adolescentes sendo irresponsáveis. Ou talvez só a neve. Mia… bem, é outra história. Ela era adulta. Fez as próprias escolhas. George e eu…

Os olhos da Sra. Wright se encheram de lágrimas.

— As coisas não terminaram bem entre nós — completou o Sr. Wright.

— Que terrível — disse a Sra. Richardson, aproximando-se um pouco mais. — Deve ter sido muito difícil para vocês, perder os dois filhos de uma vez, de certa forma.

— Ela não nos deu escolha! — exclamou a Sra. Wright. — Aparecendo aqui naquele estado.

— Regina — repreendeu o Sr. Wright, mas a Sra. Wright não parou.

— Eu disse a ela que não importava se aqueles Ryan eram gentis, eu não aprovava. Não achava certo vender o próprio filho.

A Sra. Richardson ficou imóvel, com o lápis erguido no ar.

— Como?

A Sra. Wright balançou a cabeça.

— Ela achou que poderia simplesmente entregar o bebê e seguir com a vida. Como se nada tivesse acontecido. Eu tive dois filhos, entende? Sabia do que estava falando. Mesmo antes de perdermos Warren. — Ela beliscou a ponte do nariz, como se quisesse limpar uma mancha dali. — Você nunca supera uma coisa dessas, dar adeus a um filho. Não importa como acontece. É sangue do seu sangue.

A cabeça da Sra. Richardson estava a mil. Ela largou o lápis e disse:

— Deixe eu ver se entendi. Mia estava grávida e planejava deixar que esse casal, os Ryan, adotasse seu bebê?

O Sr. e a Sra. Wright trocaram olhares novamente, mas desta vez a expressão deles dizia que estavam na chuva para se molhar. Estava claro para os olhos experientes da Sra. Richardson que eles queriam falar sobre o assunto, que talvez estivessem esperando havia muito, muito tempo para falar com alguém sobre aquilo.

— Não exatamente — disse o Sr. Wright. Houve uma longa pausa. Então:

— O bebê era deles também. Não estavam conseguindo engravidar sozinhos. Ela era a barriga de aluguel.

Treze

No outono de 1980, pouco depois de completar dezoito anos, Mia Wright trocou a casinha amarela em Bethel Park pela Escola de Belas-Artes de Nova York. Ela nunca tinha saído da Pensilvânia e deixou sua casa com duas malas e o amor do irmão, mas sem o consentimento dos pais.

Só contou aos pais que tinha se candidatado para estudar na escola de artes depois de receber a carta de aceitação. Não era algo totalmente inesperado, ou não deveria ter sido. Quando criança, ela ficava fascinada com coisas que, para sua surpresa, ninguém mais parecia notar.

— Você era tão fantasiosa — dizia sua mãe. — Ficava sentada no carrinho olhando fixamente para a grama. Ficava sentada na banheira derramando água de um copo para outro durante uma hora se eu deixasse.

O que Mia se lembrava desses momentos era de observar as folhas da relva na brisa mudando de cor enquanto se moviam, escuras, depois claras, igual a um pano de veludo quando passamos a mão por cima; a forma como o fluxo de água se rompia e se transformava em gotículas ao atingir a borda do copo. Ela percebia que tudo podia se transfigurar. Até mesmo as pedras do jardim às vezes se tornavam prateadas sob o primeiro sol da manhã. Nos livros que lia, cada riacho podia ser um deus; cada árvore, uma dríade disfarçada; cada mulher mais velha, uma fada poderosa; cada pedregulho, uma alma encantada. Todas as coisas tinham o potencial de se transformar, e aquilo, para ela, parecia ser o verdadeiro significado da arte.

Só seu irmão, Warren, parecia entender a camada secreta que ela via nas coisas, mas os dois sempre foram compreensivos um com o outro, desde antes de ele nascer.

— Meu bebê — dizia Mia a qualquer um que quisesse ouvir, cutucando a barriga da mãe com o dedo, e, infalivelmente, Warren respondia com um chute. — Meu bebê. Lá dentro — informava ela a desconhecidos no supermercado, apontando. Quando eles o levaram da maternidade para casa, ela na mesma hora o reivindicou como seu. — Meu Wren — chamava ela, não só porque "Warren" era longo demais para pronunciar, mas porque lhe caía bem.

Mesmo nos primeiros dias, ele já parecia um pintinho vigilante, a cabeça inclinada para o lado, olhos incrivelmente brilhantes e focados procurando por ela ao redor. Quando ele chorava, Mia sabia qual brinquedo o acalmaria. Quando não queria dormir, Mia se deitava ao seu lado no meio da cama dos pais com os cobertores enrolados em torno dos dois feito um ninho de chenile, cantando músicas e dando tapinhas em sua bochecha até que ele pegasse no sono. Quando Warren caiu ao tentar se pendurar nas barras do parquinho, foi Mia quem ele chamou quando saiu correndo e chorando, e foi Mia quem cuidou do machucado em sua têmpora com

iodo e um curativo.

"Parece até que ela é a mãe", dissera a mãe deles certa vez, em um tom de voz que misturava reclamação e admiração.

Os dois tinham seus próprios nomes para as coisas, um jargão de origem incerta: por motivos que eles mesmos haviam esquecido, referiam-se a manteiga como *queijo*; chamavam os melros que pousavam no topo das árvores de *passarininhos*. Era uma proteção que construíam em torno de si feito uma marquise.

"Não conte a ninguém na França", dizia Mia antes de sussurrar um segredo.

E Warren respondia: "Nem girafas selvagens conseguiriam arrancar isso de mim."

Então, aos onze, quase doze anos, Mia descobriu a fotografia.

Warren, que tinha acabado de completar dez anos, já havia descoberto os esportes e que era bom neles. Beisebol no verão, futebol americano no outono, hóquei no inverno, basquete nos intervalos. Ele e Mia ainda eram próximos, mas longas tardes eram passadas no campo de beisebol do parque, horas e horas ensaiando passes e treinando cestas. Portanto, era natural que ela também encontrasse a própria paixão.

Na loja de peças usadas da cidade, Mia viu uma velha câmera Brownie Starflex no canto da vitrine. A câmera tinha perdido o flash e a alça, mas o dono da loja lhe garantiu que ainda funcionava, e assim que Mia levantou o visor prateado e viu a loja refletida em uma miniatura fora de foco na lente, desejou imensamente aquilo. Pegou o dinheiro no cofrinho em forma de gato onde guardava sua mesada e passou a levar a câmera para todos os lugares. Ignorou a sugestão do manual de que ela escrevesse para a Kodak pedindo o livrinho útil que eles tinham sobre *Como tirar boas fotos* e seguiu seu instinto. Com a câmera pendurada em dois lenços de seda da mãe atados, ela começou a fotografar coisas estranhas na opinião dos pais: casas em ruínas, carros enferrujados, objetos descartados na calçada.

— Que engraçado tirar foto disso — comentou o atendente do laboratório de revelação ao entregar-lhe um envelope cheio de cópias.

Aquela série continha três imagens, tiradas em dias sucessivos, do cadáver de um pássaro na calçada. Ele se perguntou brevemente, mas não pela primeira vez, se a menina Wright tinha um parafuso a menos.

Para Mia, porém, as fotografias eram apenas uma aproximação vaga daquilo que ela queria expressar, e logo passou a alterar não somente as imagens — com tudo, de caneta esferográfica a gotas de sabão de lavar roupa —, mas também a fazer experiências com a própria câmera, forçando o alcance limitado de acordo com seus desejos. A Starflex, como todas as câmeras da marca Brownie, não permitia alteração no foco. O obturador se posicionava automaticamente para evitar a dupla exposição, coisa que o manual descrevia como uma conveniência para o fotógrafo amador. Tudo que você tinha que fazer era tudo que era possível fazer: olhar pelo visor e apertar o botão do obturador. Em vez de segurar a câmera na altura do peito, como diziam as instruções, Mia a inclinava em ângulos diferentes, amarrava a alça improvisada mais alto ou mais baixo. Cobria a lente com lenços de seda ou papel de cera, tentava tirar fotos na névoa, debaixo

da chuva forte ou no saguão enfumaçado da pista de boliche.

— Desperdício de dinheiro — reclamou sua mãe quando ela levou para casa mais um envelope com fotos desfocadas e granuladas.

Contudo, a cada rolo de filme, Mia entendia melhor como as fotografias funcionavam, o que podiam ou não fazer, até que ponto dava para esticá-las e distorcê-las. Embora ainda não soubesse na época, tudo aquilo a estava treinando para ser a fotógrafa que se tornaria. Com apenas doze exposições por rolo de filme, ela aprendeu a compor cuidadosamente as fotos. E sem controle de abertura e foco aprendeu a ser criativa com o modo de manipular a câmera e a cena.

Naquele momento, por sorte, o vizinho, Sr. Wilkinson, interveio. Morava perto deles e havia algumas semanas tinha reparado em Mia com sua Brownie circulando pelo bairro, tirando fotos disso e daquilo. Mia e Warren só sabiam uma coisa sobre o Sr. Wilkinson: era comprador de brinquedos e passava a maior parte do tempo viajando para exposições de brinquedos, analisando as mercadorias e enviando relatórios para as sedes sobre quais estocar. Algumas vezes por ano, a Sra. Wilkinson reunia as crianças do bairro e distribuía amostras de brinquedos que o marido tinha acumulado. Eram maravilhosos: uma série de moldes para encher de gesso e fazer decoração de Natal; uma bola igual a Saturno na qual montar e ficar quicando; uma cabeça imensa de boneca com cabelo louro para pentear; uma caixa de perfumes para misturar e frascos do tamanho do dedo mindinho para guardar as criações.

— Preciso do meu porão de volta — dizia ela, rindo, garantindo que cada criança ganhasse algo, nem que fosse apenas um ioiô.

O filho dos Wilkinson já era crescido naquela época, morava em algum lugar em Maryland e não precisava mais de brinquedos.

Por muito tempo, aquela foi a única imagem que Mia teve do Sr. Wilkinson, uma mistura enigmática de Marco Polo e Papai Noel que enchia sua casa de tesouros. Porém, certa tarde, logo depois do seu décimo terceiro aniversário, o Sr. Wilkinson a chamou de sua varanda com severidade.

— Já faz um ano que vejo você por aí — dissera. — Quero ver o que tem feito.

Mia, aterrorizada, reuniu uma pilha de fotos suas e as levou até a casa dos Wilkinson na manhã seguinte. Ela nunca mostrara suas fotos a ninguém, com exceção de Warren, e ele, é claro, fora só elogios. Mas o Sr. Wilkinson era um adulto, um homem, um homem que ela mal conhecia. Não teria motivação alguma para ser gentil.

Quando ela tocou a campainha, a Sra. Wilkinson a levou até a salinha onde o marido estava sentado a uma grande escrivaninha digitando na máquina de escrever bege. Mas, quando Mia entrou, ele girou a cadeira e empurrou a prateleira da máquina de escrever, que pareceu ter sido engolida por aquilo que virou uma gaveta da mesa.

— Muito bem — disse ele. Abriu as hastes dos óculos meia-lua que ficavam pendurados no seu pescoço e os posicionou sobre o nariz. Nesse momento os joelhos de Mia tremeram. — Vamos dar uma olhada.

Ela acabou descobrindo que o próprio Sr. Wilkinson era fotógrafo, embora preferisse paisagens.

— Não gosto de fotos com pessoas — disse ele. — Prefiro sempre uma árvore a alguém.

Quando viajava, levava a câmera e sempre reservava metade de um dia para si mesmo, para explorar. Ele pegou uma pilha de fotografias em uma pasta: uma floresta de sequoias ao amanhecer, um rio serpenteando por um campo coberto de orvalho, um lago refletindo o sol em um triângulo brilhante que apontava para o bosque ao longe. As fotografias nas paredes do corredor também eram dele, percebeu Mia.

— Você tem um olho bom — disse o Sr. Wilkinson, por fim. — Olho e instintos bons. Está vendo essa aqui? — Ele deu um tapinha na primeira foto, de Warren montado nos galhos mais baixos de uma árvore, seu corpo em silhueta com o céu ao fundo. — É uma bela foto. Como soube que devia enquadrar isso?

— Não sei — admitiu Mia. — Só me pareceu certo.

O Sr. Wilkinson estreitou os olhos para outra foto.

— Continue assim. Confie nos seus olhos. Eles enxergam bem. — Pegou outra foto. — Mas está vendo isso? Você queria aquele esquilo, não é?

Mia fez que sim. O esquilo estava correndo ao longo da cerca e ela ficara fascinada com o arco ondulante que seu corpo e rabo formavam enquanto ele corria. Era como observar uma bola quicando, pensara ela ao apertar o botão do obturador. Mas a foto ficara tremida, com o foco na cerca e não no esquilo, que não passava de um borrão. Ela se perguntou como o Sr. Wilkinson sabia.

— Foi o que eu pensei. Você precisa de uma câmera melhor. Essa daí é boa para uma iniciante ou para festas de aniversário e Natal. Não para você. — Ele foi até o armário e vasculhou no fundo, os sobretudos e vestidos ensacados lá dentro abafando sua voz. — Se você… Se quer tirar fotos de verdade… — Dali a um instante, voltou com uma caixa compacta nas mãos. — Precisa de uma máquina de verdade, não de um brinquedo.

Era uma Nikon F, uma coisinha preta e prateada, pesada e sólida em suas mãos. Mia passou os dedos pelo material áspero.

— Mas não posso aceitar isso.

— Não estou dando, estou emprestando. Quer ou não? — Sem esperar uma resposta, o Sr. Wilkinson abriu uma gaveta da escrivaninha. — Não estou mais usando. Alguém tem que usar. — Pegou uma caixinha de filme preta e a jogou para Mia. — Além disso — continuou —, estou ansioso para ver o que você vai fazer com ela.

Quando Mia voltou para casa naquela tarde, tinha aprendido a rebobinar o filme dentro da máquina, como focar, como ajustar a lente. Palavras estranhas e sedutoras giravam em sua mente: *diafragma, abertura*. Ela levava a câmera até o olho inúmeras vezes, para espiar pelo visor. Atrás da fina cruz no centro, tudo se transformava.

O Sr. Wilkinson ensinou como tirar o filme do rolo e revelá-lo — Mia passou a adorar o cheiro forte do revelador — e como ficar de olho na camada prateada na superfície do filme,

que indicava que estava pronto. Feito um piloto que fazia o avião despencar para aprender a voar, ela tirava fotos fora de foco de propósito, com a velocidade errada ou o ISO errado, para ver o que acontecia. Aprendeu a controlar a luz e a câmera para conseguir os efeitos que queria, feito uma musicista conhecendo as complexidades do seu instrumento.

— Mas como você faz para…? — indagava ela, observando a ampliação se formar no papel e comparando-a à imagem que tinha em mente.

No início, o Sr. Wilkinson sabia a resposta.

— Esquivando.

Ou:

— Use uma luz de preenchimento difusa.

Ou:

— Vamos tentar tirar a lente.

Mas as perguntas dela logo ficaram mais avançadas, levando-o a consultar o exemplar de *Técnicas fotográficas* que guardava na estante.

— A mocinha quer mais profundidade de campo — disse ele certa tarde.

Àquela altura, Mia estava com quinze anos.

— A mocinha precisa é de uma máquina fotográfica de fole.

Mia nunca tinha ouvido falar naquilo. Mas logo tudo o que ganhava trabalhando na farmácia Dickson e servindo comida no Eat'n Park foi guardado para comprar uma câmera. Ela passava horas debruçada sobre os catálogos de máquinas fotográficas e as revistas de fotografia do Sr. Wilkinson.

— Você passa mais tempo lendo essas coisas do que tirando fotos — provocava o Sr. Wilkinson, mas ela finalmente escolheu uma, a Graphic View II, e nem mesmo o Sr. Wilkinson pôde contestar sua decisão. — É uma máquina sólida — disse ele. — Um bom negócio. Se cuidar dela direito, vai ser sua para a vida toda.

E quando a Graphic View II chegou, uma versão usada que ela vira em um anúncio nos classificados, guardada com carinho no estojo, feito um violino caro, Mia soube que aquilo era verdade.

Para seus pais, a máquina era menos impressionante.

— Você gastou quanto nisso? — perguntou a mãe, enquanto o pai balançava a cabeça.

Para eles, parecia algo da era vitoriana, equilibrado em um tripé comprido, com uma barriga plissada feito um fole e um pano escuro sob o qual Mia se abaixava. Ela tentou explicar aos dois como funcionava, mas assim que mencionou *trocas* e *inclinações*, a atenção deles se dispersou. Até mesmo seu querido Warren desistiu àquela altura.

— Não preciso saber como funciona, Mi — disse ele, por fim —, só quero ver o que você faz com ela.

Então Mia entendeu que estava entrando em um lugar aonde teria que ir sozinha.

Ela tirou fotos do parquinho infantil na praça local, dos postes à noite, dos funcionários da prefeitura cortando o carvalho que fora atingido por um relâmpago. Levou a máquina até o

centro da cidade para fotografar uma ponte enferrujada que se estendia acima do ponto onde os três rios convergiam. Brincando com as configurações, tirou uma foto do jogo de futebol americano de Warren. Do alto da arquibancada, os jogadores pareciam miniaturas, do tipo que vemos em conjuntos de trenzinhos de brinquedo.

— Sou eu? — perguntou Warren, olhando para a figura mais comprida na extremidade do campo, esperando o passe.

— É você, Wren — disse Mia.

Ela teve uma visão súbita de si mesma como uma feiticeira, balançando a mão acima do campo e transformando os meninos lá embaixo em bonequinhos de plástico minúsculos.

No dia seguinte, levou aquela foto ampliada até a casa do Sr. Wilkinson, mas encontrou uma mulher desconhecida na porta. Descobriu que era a nora dele.

— Della faleceu durante a noite — disse a mulher a Mia, observando-a com a câmera ao redor do pescoço e a fotografia na mão. — O que você disse que queria?

Após o funeral, a nora e o marido convenceram o Sr. Wilkinson a se mudar para um asilo em Silver Spring, mais perto deles. Tudo aconteceu tão rápido que Mia nem sequer teve a chance de se despedir, muito menos de lhe mostrar a foto, então ela e sua câmera ficaram sozinhas outra vez.

* * *

No outono de 1979, seu último ano no ensino médio, Mia se candidatou para a Escola de Belas-Artes de Nova York com uma série de fotografias que fizera de edifícios abandonados pela cidade. Passou um pano úmido nas ampliações enquanto a emulsão estava molhada e usou a ponta de uma agulha para raspar a imagem, criando uma linha branca finíssima. Os resultados foram uma espécie de inversão dos entalhes feitos nos marfins das baleias: um trabalhador espectral curvado nos degraus diante de uma fábrica fechada; a silhueta de um sedan em cima do elevador hidráulico vazio do mecânico Jamison's; duas crianças de mãos dadas subindo um morro de lixo fundido. Ao ver aquelas crianças, Warren estreitou os olhos e se aproximou da foto. As duas crianças poderiam ser qualquer um, mas não eram: lá estava o pequeno redemoinho no topo da cabeça de Warren, o lenço de seda atado em torno do pescoço de Mia, o peso da câmera puxando-a ligeiramente para o lado. Não havia fotos dos dois fazendo aquilo, mas eles tinham a impressão de ter passado a infância inteira brincando nas pilhas de lixo fundido perto do parque, e, olhando a fotografia feita pela irmã, Warren teve a sensação de que Mia havia tirado uma foto dos fantasmas dos seus antigos "eus", prestes a se desfazer no éter.

— Quando você receber esta foto de volta, posso ficar com ela? — perguntou ele.

Para os pais, as fotos — e o trabalho de Mia de maneira geral — eram menos encantadoras. Nem mesmo chamavam o que ela fazia de "trabalho", ou de "arte", o que, na opinião deles, teria sido igualmente grave. Eram pessoas de classe média, que tinham passado toda a vida de casados

em uma casa de rancho de classe média com as paredes cor de manteiga que ficava em uma cidade pacata de classe média. Para eles, trabalho era consertar alguma coisa ou criar algo útil; se não tivesse utilidade, não entendiam por que alguém faria aquilo. "Arte" era algo que pessoas com muito tempo livre e muito dinheiro faziam. E dava para culpá-los? O pai era um trabalhador manual, fundador e único proprietário da Loja de Consertos Wright; um dia trabalhava na igreja consertando os beirais onde uma tábua havia quebrado e uma família de esquilos entrara na nave; outro dia, na casa de um vizinho, desentupindo os ralos ou substituindo o sifão enferrujado da pia. A mãe era enfermeira no hospital, contava comprimidos, tirava sangue, trocava roupas de cama, estava acostumada a plantões e jornadas duplas. Os dois trabalhavam com as mãos, trabalhavam muitas horas, economizavam tudo o que podiam e investiam na casa, nos dois Buick e nos dois filhos, a quem, orgulhavam-se de dizer com precisão, nunca faltara nada, além de nunca terem sido mimados.

Mas lá estava Mia, deitada no chão por horas, pegando uma foto perfeita de Warren e arrancando-o feito um boneco de papel, colocando o boneco do irmão em um diorama com folhas dentro de uma velha caixa de sapatos — tudo isso por uma fotografia na qual Warren saíra parecendo um duende cercado de nozes gigantescas: era esperto, mas não parecia compensar o tempo que ela havia dedicado. Lá estava Mia, no segundo em que seu pai chegava em casa mal tendo tirado os sapatos e antes mesmo de lavar a graxa das mãos, implorando por mais dois dólares para comprar rolos de filme, prometendo *vou devolver o dinheiro, juro que vou*, embora, verdade seja dita, ela raramente fizesse isso. Lá estava Mia, quando sua mãe lhe dava dinheiro para comprar roupas novas para a escola, remendando os buracos nas calças jeans velhas e gastando o dinheiro com mais filmes, andando por aí com saias curtas demais, camisas desbotadas e surradas, tirando ainda mais fotos. Lá estava Mia, ao conseguir um trabalho de garçonete no Eat'n Park, em vez de usar seu salário para comprar roupas ou um carro usado, guardando o dinheiro e gastando tudo em uma máquina fotográfica, logo isso. Não era nem uma câmera que os outros membros da família pudessem usar — certa vez ela tentara explicar a eles sobre movimento e distância da lente e todos tinham perdido o interesse quase imediatamente —, mas havia tirado um retrato de família dos quatro, no último ano do ensino médio, que a mãe enquadrara e pendurara na parede da sala. A máquina era dobrável e cabia em uma maletinha do tamanho de uma pasta, e isso tornava tudo ainda mais decepcionante para seus pais: todo aquele dinheiro enfiado em um espaço tão pequeno.

Quem poderia culpar os pais de Mia por falta de compreensão? Tinham nascido em tempos de guerra, tinham sido criados por pais que haviam chegado à maioridade durante a Depressão e não jogavam nada fora, nem comida mofada. Eram velhos o bastante para se lembrar da época em que panos de chão viravam tecido para o esforço de guerra, em que latinhas e metais variados podiam ser transformados em balas, e latas de gordura, em explosivos. A praticidade corria em suas veias. Não desperdiçavam nada, muito menos tempo.

Então, no que dizia respeito à faculdade, eles haviam presumido que ela faria algo prático, como ir para a Pitt ou Penn State estudar alguma coisa como administração de negócios ou

gestão hoteleira. Achavam que aquela história de fotografia era só uma fase da adolescência, como correr atrás de garotos ou ser vegetariana. Para que eles tinham trabalhado durante todos aqueles anos? Para Mia jogar dinheiro fora em uma escola de artes? Não, se ela queria tanto ir para uma faculdade de artes, teria que pagar do próprio bolso. Não era crueldade, eles insistiram. Era sensatez. Não a estavam proibindo de ir. Garantiram que não estavam com raiva, com certeza não, definitivamente não. Mas a colocaram sentada na sala e explicaram a situação sem rodeios: esse negócio de arte era uma perda de tempo. Estavam decepcionados com ela. E de jeito nenhum pagariam por aquilo.

— Achei que tínhamos educado você para ser mais inteligente — disse sua mãe, a voz repleta de desaprovação.

Mia ouviu com tristeza, mas era o que esperava. Sempre soube que os pais não aprovariam. Durante todo aquele tempo, eles haviam tolerado seu hobby, mas agora que ela estava com dezoito anos, sabia que as coisas seriam diferentes. Deveria agir como adulta, e os caprichos infantis teriam que ser deixados para trás, e não explorados intensamente. Já havia feito uma série de cálculos, e se seus pais tivessem aceitado contribuir com qualquer quantia, teria ficado surpresa. A faculdade ficara tão impressionada com seu portfólio que lhe oferecera uma bolsa de estudos. Quanto a acomodação, comida e materiais, ela estimava que poderia pagar se arranjasse um trabalho de meio período. Seus pais se entreolharam, como se soubessem desde o início que a ameaça deles não funcionaria, assimilando a notícia em silêncio.

Na semana anterior à partida de Mia, Warren surgiu na porta do seu quarto.

— Mi, eu andei pensando… — disse ele, tão sério que ela quase riu, até que ele pegou uma pilha de notas dobradas no bolso de trás. — Acho que você deve ficar com isso. Não vai pagar tudo, mas vai ajudar.

— E o carro, Wren? — indagou ela.

Warren vinha guardando dinheiro para comprar um carro, e chegara até, depois de muita pesquisa, a escolher o modelo que queria: um Volkswagen Rabbit. Não era o carro que ela teria imaginado para ele: apostaria em um Trans Am ou em um Thunderbird, algo chamativo e divertido. Mas o preço do galão da gasolina estava $1,10, e o Rabbit era não só um dos poucos carros que ele poderia bancar, como as propagandas prometiam que percorria sessenta e um quilômetros por galão, e ela achou engraçado ver o lado prático de Warren vir à tona logo em relação àquilo.

Ela dobrou a mão dele sobre as notas e a empurrou delicadamente.

— Compre o carro, Wren. Compre e prometa que vai me buscar na rodoviária quando eu vier para cá.

Mia embarcara em um ônibus Greyhound rumo à Filadélfia, depois a Nova York, com uma mala de roupas e uma de câmeras. Em um quadro de avisos, encontrou um apartamento no Village, não muito longe do campus, que dividiria com outras duas garotas. Arranjou um emprego como garçonete em uma pequena lanchonete perto da estação Grand Central e outro no Dick Blick, no SoHo. Com o restante das suas economias, foi até a loja de fotografia na West

17th, onde um rapaz lhe vendeu filme e papel, enquanto ela tentava não olhar fixamente para seu quipá. Já equipada, as aulas começaram: Desenho de Figuras I, Luz e Cor I, Pesquisa Artística I, Introdução a Estudos Críticos, e — com o maior entusiasmo — Introdução à Fotografia, aula ministrada pela renomada Pauline Hawthorne.

No fim das contas, apesar das intenções, seus pais a haviam preparado excepcionalmente bem para a faculdade de arte.

Toda manhã, ela se levantava às quatro e meia e ia servir café para homens de negócios que esperavam para pegar o trem. Os pratos quentes que trazia da cozinha queimavam a parte interna dos seus antebraços, deixando cicatrizes arqueadas. Sua mãe sempre havia conseguido, mesmo em seus turnos duplos, tornar cada paciente mais do que um simples corpo em uma cama — conversando com eles sobre o espetáculo de dança de suas filhas, ou os problemas de um irmão com o carro, perguntando como estavam seus bichos de estimação — e, de tanto observá-la ao longo dos anos, Mia também adquirira o mesmo talento: lembrava quem colocava creme e açúcar no café, quem gostava de ketchup nos ovos, quem sempre deixava a casca do pão na borda do prato e ficava encantado ao descobrir, na vez seguinte, que ela havia pedido para tirarem a casca na cozinha. Ela tinha aprendido a prever as necessidades das pessoas: da mesma forma que sua mãe sabia quando levar mais uma dose de morfina ou quando esvaziar a comadre, ela aprendeu a levar o bule de café bem no instante em que os clientes pousavam as xícaras vazias, a observá-los em busca dos pequenos gestos e movimentos que indicavam pressa e que estavam prontos para receber a conta, ou que estavam relaxados e queriam demorar. Por isso, os homens de negócios e publicitários gostavam de se sentar no seu setor, e costumavam deixar um dólar de gorjeta — às vezes cinco — na mesa. Na cozinha, quando o gerente não estava olhando, ela comia os restos de pão e ovo mexido frio nos pratos em vez de jogá-los no lixo. Aquele era seu café da manhã.

Quando seu turno terminava, ela trocava de roupa no banheiro dos funcionários, que era do tamanho de um armário, enrolava o uniforme de trabalho e o avental, formando um cilindro, antes de enfiá-los na mochila, para que não amassassem. Não tinha ferro de passar e, daquela forma, se tomasse cuidado, poderia usar o mesmo uniforme durante uma semana ou mais antes de ter que encarar a lavanderia. Então, de calça jeans e camiseta, ela ia para a aula.

Com o pai, aprendera a trocar o óleo do carro, a instalar uma tomada, a cinzelar e a serrar, o que significava que manejava habilmente as ferramentas: sabia até que ponto dobrar um pedaço de arame ou uma folha de metal antes que se quebrassem, como fazer linhas claras, protuberâncias e curvas leves, como trabalhar um cano de cobre, formando ângulos e dobras. Com a mãe, aprendera a lidar com panos — de uma gaze leve a uma tela de lona espessa — e como fazê-los se comportar, quais eram seus limites, até que ponto podia esticá-los e quanto peso sustentavam, como limpar uma ferramenta direito, para que não sobrasse nenhum rastro do que ela havia tocado. Então, nas aulas, quando lhes pediam que fizesse uma cadeira com metal, ela já sabia soldar e dar solidez às coisas; quando lhes diziam para trabalhar com pano, ela sabia — apertando rapidamente o tecido nas mãos — como transformar veludo cotelê e linho

em uma árvore de um metro e oitenta de altura, que até mesmo o professor admirava. Sabia como a tinta precisava ficar rala para fluir e como deixá-la espessa para que aderisse à tela feito argila, algo a ser esculpido. Na aula de desenho figurativo, quando a modelo abria o roupão e o deixava cair aos seus pés, ela era a única que não perdia tempo corando, começava logo, desenhando os membros compridos e a curva dos seios: já tinha visto muitos corpos nus no hospital enquanto ajudava a mãe para ficar encabulada com aquilo.

Às três da tarde, quando as aulas terminavam, ela ia trabalhar novamente. Duas vezes por semana, tinha turnos no Dick Blick, onde vendia materiais de arte para seus colegas estudantes e cuidava do estoque. Conversava sobre arte com os alunos mais velhos, e eles lhe contavam no que estavam trabalhando, por que preferiam faca a pincel ou acrílico a óleo, ou Fujicolor a Kodachrome. Nos fundos, seu patrão — que tinha uma filha da idade de Mia e por isso sentia um carinho especial por ela, com seus vários empregos para conseguir pagar o aluguel — deixava que ela ficasse com os lápis e pastéis que haviam se quebrado no transporte, os tubos de tinta que tinham vazado, os pincéis que haviam sido danificados ou as telas que tinham perdido os grampos. Qualquer coisa que não pudesse mais ser vendida Mia levava para casa e consertava, esticando as telas ou colando-as por trás com fita adesiva, lixando a ponta lascada de um pincel, apontando duas metades de lápis para usar em vez de um inteiro. Daquela forma, conseguiu de graça boa parte dos seus materiais.

Três noites por semana Mia pegava o metrô e ia até a 116ª rua, onde vestia um uniforme diferente e servia mesas em um bar perto da Universidade Columbia. Os estudantes de graduação que servia costumavam ser arrogantes e desagradáveis ou então pervertidos e desagradáveis, e isso piorava à medida que a noite avançava, mas eles lhe davam gorjetas, e no fim de uma noite boa ela acumulava trinta ou quarenta dólares no bolso do avental. Comia os restos dos hambúrgueres, as batatas fritas esquecidas e os picles do jantar que sobraram e enfiava todo o dinheiro no bolso da calça jeans.

Daquela forma, conseguiu se virar durante o primeiro ano e ainda guardar algum dinheiro mesmo depois de pagar o aluguel. De vez em quando, ao ligar para casa — pois ela ligava, insistindo, assim como os pais, que não havia nenhum rancor entre eles — perguntavam educadamente como iam os estudos e mostravam, ou pelo menos fingiam, interesse nas respostas. Warren perguntava se valia a pena. Ele sempre fora o despreocupado dos dois, sempre pronto para aceitar as coisas como eram; ela fora a motivada, a ambiciosa, a planejadora.

— Vale a pena — garantia Mia.

E contava a ele sobre as aulas, que pinturas tinha estudado naquela semana, e, seu assunto preferido, o verdadeiro motivo pelo qual se levantava às quatro e meia da manhã e ficava acordada até tarde toda noite: a fotografia.

Quando falava em Pauline Hawthorne, seu tom era, por um lado, o de adoração de uma menina por um paquera, e, por outro, o de adoração de uma devota por um santo. Não ficou claro, no início, que acabaria sendo assim. No primeiro dia da aula de fotografia, os estudantes ficaram sentados à mesa com as colunas eretas, cada um com uma câmera 35mm e dois

cadernos — como especificado na lista de materiais — em mãos. Quando a aula começou, Pauline foi até o fundo da sala, apagou as luzes e, sem se apresentar, ligou o projetor de slides. Uma foto de Man Ray surgiu na tela diante deles: uma mulher voluptuosa, as costas transformadas em violoncelo por dois "F" pintados. A sala foi tomada por um silêncio absoluto. Após cinco minutos, Pauline mexeu o polegar e a mulher-violoncelo foi substituída por uma paisagem captada por Ansel Adams, o Monte McKinley se erguendo acima de um lago absolutamente branco. Ninguém falou nada. Outro clique: um retrato feito por Dorothea Lange de uma mulher do Dust Bowl, o cabelo escuro repartido, um discretíssimo esboço de sorriso erguendo os cantos dos seus lábios. Aquilo continuou durante as duas horas de aula, uma visão geral de fotografias que todos reconheciam, mas que — como Pauline deve ter percebido — nunca haviam passado muito tempo observando. Devido a suas leituras na biblioteca, Mia reconheceu todas, mas notou que, se as olhasse por tempo demais, elas adquiriam novos contornos, como rostos de pessoas que amava.

Após duas horas, Pauline desligou o projetor de slides e a turma piscou com a súbita claridade.

— Na próxima aula, tragam a foto de que mais se orgulham — disse ela, saindo da sala.

Foram as primeiras e únicas palavras que falou naquele dia.

Na aula seguinte, depois de muita reflexão, Mia levou uma das fotos que fizera com sua câmera de grande formato. Introdução à Fotografia era focada em câmeras portáteis, mas Pauline dissera *a foto de que mais se orgulham*, e aquela era a sua: uma imagem do irmão jogando hóquei no jardim deles, a casa e o resto da vizinhança aparecendo atrás dele feito miniaturas. Ela subira até o topo da colina atrás da casa para tirar a foto. Ao chegarem à aula, encontraram cartõezinhos com o nome de cada um dos alunos pregados nas paredes da sala, com um clipe embaixo. Dois minutos depois, Pauline chegou — mais uma vez, sem se apresentar — e a turma foi se posicionando ao lado de cada foto, enquanto Pauline comentava sobre a composição ou a técnica da imagem e os estudantes respondiam com timidez a suas perguntas sobre ponto de observação ou tom. Algumas eram cenas cuidadosamente montadas; um ou outro tinha arriscado algo mais artístico: a silhueta sombreada de uma menina iluminada de trás por uma enorme tela de cinema, o close de um fio de telefone embolado em torno do aparelho.

Mia e o restante da turma se prepararam para o interrogatório de Pauline. Depois daquela primeira aula, tinham certeza de que ela era um dos dragões, como os professores mais rígidos eram conhecidos: os que adoravam deixar os alunos pouco à vontade, que achavam que a melhor forma de tirá-los da zona de conforto era reduzi-los a migalhas durante as críticas. Mas, no fim das contas, Pauline não era um dragão. Apesar da sua impaciência, encontrava algo para ressaltar e elogiar em cada foto. Era por isso que — apesar de sua fama — gostava de dar aulas para os alunos novos.

— Olhem só como a irmã mais nova está rindo aqui — disse ela, tocando um dos retratos de família. — É a única que não está olhando para a câmera, o que nos dá a impressão de que há algo fora do quadro. Ela é uma rebelde? Ou será que isso é um indício do espírito da família

como um todo? — Ou então: — Reparem como o arranha-céu aqui parece prestes a furar a lua. É uma escolha cuidadosa de perspectiva.

Mesmo suas críticas, tão frequentes quanto os elogios, não eram o que Mia esperava:

— Água é difícil — disse ela quando alguém indicou que a foto de uma cachoeira estava totalmente fora de foco. — Vamos supor que isso foi de propósito. Que efeito tem?

A foto de Mia foi a última, e quando a turma se reuniu diante dela, Pauline ficou imóvel por um instante, como se estivesse espantada. Ela a examinou cuidadosamente, por dois, três, cinco minutos, e o silêncio na sala tornou-se incômodo.

— Quem é Mia Wright? — perguntou enfim, e Mia deu um passo à frente.

Todos os outros deram meio passo para trás, como se o relâmpago se formando pudesse atingi-los também. Então Pauline começou a fazer perguntas. Por que fez com que essa linha fosse da direita para a esquerda? Por que virou a câmera desse jeito? Por que focou no taco de hóquei e não no gol? Mia respondeu da melhor forma que pôde: queria captar a pequenez da casa e do gramado em comparação com as colinas atrás, queria mostrar a textura da grama e a forma como as folhas eram esmagadas pelos sapatos do irmão. Mas, a certa altura, as perguntas de Pauline se tornaram mais técnicas, e Mia, perturbada, perdeu a eloquência. A linha simplesmente lhe parecera certa daquele jeito. O ângulo lhe parecera certo daquele jeito. A profundidade de campo lhe parecera certa daquele jeito. Até que, quando a aula terminou, Pauline se afastou com um aceno de cabeça.

— Tragam suas câmeras da próxima vez — disse ela. — Vamos começar a tirar algumas fotos.

Pegou sua bolsa e saiu da sala, deixando Mia sem saber se passara ou se falhara miseravelmente no teste.

Nas aulas seguintes, Pauline tratou Mia como qualquer outra aluna. Aprenderam a rebobinar o filme, a compor uma foto, a calcular a abertura e a largura apropriadas. Mia já sabia tudo aquilo graças à tutela do Sr. Wilkinson e a suas próprias experiências ao longo dos anos. Porém, com as explicações de Pauline, seus sentimentos intuitivos em relação ao modo de montar suas fotos tornaram-se mais conscientes. Ela aprendeu a verbalizar as razões pelas quais escolhia uma abertura específica do diafragma, não apenas encontrar os parâmetros que lhe *pareciam certos*, mas explicar por que pareciam certos daquele jeito específico. Duas semanas após o início do semestre, quando a turma começou a fazer as primeiras ampliações, Pauline parou diante do lugar de Mia no laboratório de revelação. Sob o brilho vermelho da luz, a professora parecia ter sido esculpida em um gigantesco rubi.

— Há quanto tempo você trabalha com a máquina de fole? — perguntou ela, e, quando Mia respondeu, acrescentou: — Gostaria de me mostrar mais algumas fotos suas?

No sábado seguinte, Mia foi parar no saguão do prédio de Pauline com um envelope de fotos na mão. O prédio tinha porteiro, e Mia, que nunca vira um até então, ficou tão perplexa que não prestou atenção quando ele disse o andar, por isso teve que apertar os botões do elevador um por um e ir verificando os nomes nas portas, voltando para dentro e apertando o botão

seguinte. Quando enfim chegou ao sexto andar, encontrou Pauline de pé diante da porta.

— Aí está você — disse ela. — O porteiro interfonou para dizer que você tinha chegado dez minutos atrás. Eu estava começando a ficar preocupada.

Ela estava descalça, mas com exceção disto tinha exatamente a mesma aparência que nas aulas: uma camiseta e uma saia longa, ambas pretas, brincos compridos de contas que tiniam feito sininhos quando ela andava. Corando, Mia a seguiu até um cômodo amplo de paredes brancas, iluminado pelo sol, em que tudo parecia brilhar. Ela achara que o apartamento de uma fotógrafa seria repleto de fotos, mas as paredes estavam vazias. Mais tarde, descobriria que o estúdio de Pauline ficava no andar de cima, e que ela nunca pendurava nada nas paredes porque enquanto estava trabalhando gostava do espaço branco. Para limpar o paladar, explicaria Pauline. Mas, naquele instante, Mia simplesmente se sentou ao seu lado no áspero sofá cinza, e elas espalharam todas as fotografias pela mesa de centro. Pauline tinha muitas perguntas, assim como no segundo dia de aula: por que colocou a câmera tão embaixo nesta? Por que tão perto naquela? Cogitou ajustar a inclinação aqui? No que estava pensando quando tirou esta foto? Com as fotografias, Mia perdeu a timidez. Estavam tão absortas que, quando uma mulher entrou, colocando duas xícaras de café nas mesas de canto, uma ao lado de cada uma delas, Mia teve um sobressalto.

— Mal — disse Pauline com um aceno informal. — Mal, esta é Mia Wright, uma das minhas alunas.

Mal era magra, com cabelo castanho comprido e ondulado. Usava calça jeans e blusa verde, e, como Pauline, estava descalça.

— Achei que iam gostar de um café — disse Mal. — É um prazer conhecer você, Mia.

Deu um beijo na bochecha de Pauline e se afastou.

Mia passou a tarde inteira lá, até que chegou a hora do seu turno no bar. Pauline e Mal insistiram que ela ficasse para o jantar, até que ela finalmente admitiu que precisava ir para o trabalho.

— Então semana que vem — sugeriu Pauline —, quando você tiver um dia de folga.

Nos meses seguintes, Mia visitou Pauline e Mal com frequência, tirou fotos com Pauline, observou-a se ocupar no estúdio, ouvia-a pensar em voz alta sobre o que quer que estivesse trabalhando no momento.

— Ando lendo sobre o Egito Antigo — começava Pauline, abrindo um livro. — Me diga o que acha disto.

À mesa de jantar, Mia experimentou comidas que nunca tinha provado: alcachofras, azeitonas, queijo Brie. Descobriu que Mal era poeta e já publicara várias coletâneas de poemas.

— Mas ninguém liga para poesia — dizia Mal com uma risada triste.

Ela emprestou pilhas de livros a Mia: Elizabeth Bishop, Anne Sexton, Adrienne Rich.

Quando o inverno chegou, Mia levava suas fotos novas para mostrar a Pauline quase todas as semanas, e as duas conversavam sobre elas enquanto Pauline a pressionava para explicar o que fizera e por quê. Antes, Mia fotografava intuitivamente, confiando em seu instinto para saber o

que estava certo ou errado. Pauline a desafiava a ser intencional, a planejar seu trabalho, a fazer de cada foto uma declaração, independentemente de quão óbvia a imagem parecesse.

— Não existem acidentes — dizia Pauline muitas vezes.

Mia descobriu que esse era o mantra preferido dela, tanto no que dizia respeito à fotografia quanto à vida real. Na casa de Pauline e Mal, nada era simples. Na casa dos pais de Mia, as coisas eram boas ou ruins, certas ou erradas, úteis ou desnecessárias. Não havia meio-termo. Ali ela descobriu que tudo tinha nuance, um lado não revelado ou profundidades inexploradas. Tudo merecia ser analisado com mais atenção.

Depois daquelas sessões, Pauline e Mal sempre insistiam que Mia ficasse para o jantar. Àquela altura elas já sabiam sobre os três empregos, e Mal sempre a fazia repetir o prato e a mandava para casa com potes repletos de restos de comida, que ela devolvia na visita seguinte. Gostariam, inclusive, de encorajá-la a passar a noite lá, a se acomodar no quarto de hóspedes e ficar de vez, se alguma das duas conseguisse pensar em uma forma de sugerir aquilo.

Afinal Mia era orgulhosa, isso era óbvio. Embora aceitasse a hospitalidade delas com gratidão, depois da primeira visita fez questão de nunca chegar de mãos vazias. Levava-lhes pequenas coisas que ela mesma fazia: várias folhas catadas no Central Park e presas com uma fita, como um buquê avermelhado; uma cestinha minúscula feita de grama; certa vez, um desenho das duas que ela fizera com nanquim e até mesmo um punhado de pedrinhas brancas, depois de Pauline ter mencionado que começara a trabalhar em um projeto com pedras. Estava claro para Pauline e Mal que aqueles presentes atenuavam a culpa que Mia sentia por tudo o que elas lhe ofereciam — comida, conhecimento, afeto — e que, sem aquilo, o orgulho de Mia a impediria de voltar lá.

E elas queriam muito que voltasse. Na época do Natal já estava claro para todos — Pauline, Mal, os outros professores de Mia e seus colegas de turma — que Mia era imensamente talentosa.

— Você vai ser famosa. Sabe disso, não é? — perguntou Warren à irmã certa noite.

Ela fora passar o Natal na casa dos pais e, cumprindo sua promessa, Warren fora buscá-la na rodoviária com o pequeno Volkswagen Rabbit marrom que comprara naquele outono. Agora, quatro dias depois do Natal, ele a levava de volta. Sem debater o assunto, os dois concordaram em seguir pelo caminho mais longo, pelas ruas secundárias sinuosas, para estender aqueles últimos minutos juntos. Warren estava no terceiro ano do ensino médio e Mia tinha a impressão de que ele crescera durante sua ausência: não estava mais alto, mas alguma coisa nele se aprofundara. Sua voz estava mais grave e suas mãos, seus dedos e pés pareciam mais proporcionais, enquanto nos anos anteriores eram grandes demais para ele, feito as patas de um cãozinho filhote. Na luz tênue do fim da tarde, os pelos curtos em seu pescoço pareciam uma mera sombra, mas ela sabia o que de fato eram.

— Veremos — disse ela, apenas. Então acrescentou: — E você? O que vai ser quando crescer?

No jardim de infância, quando a professora lhe fizera aquela pergunta, Warren respondera

quais eram seus planos para aquela tarde — o futuro mais distante que sua mente imaginava aos cinco anos. Desde então, "O que você vai ser quando crescer?" era a forma que os dois tinham de perguntar os planos do outro para aquele dia, e mesmo agora, Mia o provocava dizendo que Warren nunca conseguia pensar mais de uma ou duas semanas à frente.

— Vou caçar com Tommy Flaherty sexta-feira — disse ele, então. — Vamos fazer a última viagem antes da volta às aulas.

Mia fez uma careta. Nunca gostara de caça, embora todos na vizinhança tivessem uma ou duas cabeças de veado em alguma parte da casa.

— Ligo para você quando eu chegar — disse ela, beijando sua bochecha.

Ficou impressionada mais uma vez com ele ter crescido muito e estar mais magro, forte e sólido do que ela lembrava. Será que havia uma menina na vida dele? Como ele estaria quando ela voltasse lá?, pensou. E quando seria isso? No verão, talvez, a menos que arranjasse um emprego para guardar dinheiro para o ano seguinte. Havia muito a fazer. Mas nos poucos meses desde que chegara a Nova York, seu trabalho já havia evoluído: pelo tempo que passava com Pauline, estudando os trabalhos dos seus colegas, até mesmo pelas longas horas que dedicava aos seus diversos empregos e pela rotatividade constante de desconhecidos que encontrava. Seu trabalho tinha se tornado mais inteligente e deliberado, mais avançado e aventureiro do ponto de vista técnico, mais arriscado e ousado, e todos — incluindo a própria Mia e Warren, que acenava para ela da janela do carona antes de se debruçar para fechá-la — tinham certeza de que ela chegaria longe. Prometeu a si mesma que nada a distrairia do seu trabalho. O trabalho era a única coisa que importava. Ela não se permitiria pensar em nada além dele.

Estava tão focada nisso que, na tarde de março em que um homem com uma pasta começou a encará-la, não percebeu de imediato. Já passava das três quando ela chegou à rua Houston, seguindo para o seu trabalho perto da Universidade Columbia, e a linha 1 estava tranquila, com apenas alguns passageiros. Mia estava pensando em seu projeto para Pauline — *Documente uma transformação ao longo do tempo* — quando sentiu o formigamento súbito na pele que significava que estava sendo observada. Mia estava acostumada com aquilo — afinal, estava em Nova York — e, como todas as mulheres, tinha aprendido a ignorar olhares, assim como as cantadas que acompanhavam o gesto de vez em quando. Mas não conseguia entender muito bem o olhar daquele sujeito. Ele parecia bastante respeitável: terno listrado impecável, cabelo escuro, a pasta entre os pés. Wall Street, adivinhou ela. A expressão em seu rosto não era de desejo, nem mesmo de malícia. Era outra coisa — uma estranha mistura de reconhecimento e anseio — e aquilo a perturbou. Depois de três paradas, como o homem não desviava o olhar, ela recolheu suas coisas e desceu na estação Columbus Circle.

A princípio, achou que o tinha despistado. O metrô se afastou e ela se acomodou em um banco sujo para aguardar o seguinte, então, quando os poucos passageiros deixaram a estação, ela o viu outra vez: com a pasta na mão, dando uma olhada ao redor da plataforma. Procurando por ela, com certeza. Antes que ele a visse, Mia se virou de costas e seguiu para a escada na outra extremidade da plataforma, atravessando o túnel e caminhando o mais rápido possível sem

chamar atenção até a plataforma do metrô C. Iria se atrasar para o trabalho, mas não importava. Desceria dali a uma ou duas paradas e iria andando até a Broadway para pegar o metrô certo, depois que conseguisse fugir, mesmo que precisasse pagar por mais um bilhete.

Quando o metrô C chegou, Mia entrou em um vagão intermediário e olhou para os bancos. O vagão estava meio vazio, mas tinha uma quantidade suficiente de pessoas para que ela pudesse pedir ajuda caso necessário, só não estava cheio demais a ponto de esconder algo desagradável. Ela se acomodou em um banco vazio bem no meio. Na 72ª rua, não havia sinal dele. Mas na 81ª rua, quando Mia se levantou para sair, a porta da ponta do vagão se abriu, e o sujeito com a pasta entrou. Parecia levemente desgrenhado, com cachos do cabelo no rosto, como se tivesse corrido pelos vagões procurando por ela. Seu olhar cruzou com o dele e ela não teve como fingir que não o vira. A menina com quem Mia dividia o apartamento fora assaltada duas vezes ao voltar para casa a pé tarde da noite, e sua colega de turma, Becca, lhe contara que um homem a puxara pelo rabo de cavalo para um beco na esquina da rua Christopher — ela conseguira fugir, mas ele arrancara uma mecha do seu cabelo. Mia tinha visto a clareira no seu couro cabeludo. O que quer que fosse acontecer ia acontecer naquele momento, quer ela ficasse ali ou saísse.

Ela desceu do metrô e ele a seguiu. Quando as portas se fecharam, os dois ficaram imóveis na plataforma. Não havia condutor nem policial por perto, só uma senhorinha com um andador que avançava lentamente em direção à escada e, na outra extremidade da plataforma, um mendigo que dormia calçando tênis rasgados. Se ela corresse, pensou, talvez conseguisse alcançar a escada antes que ele a pegasse.

— Espere — disse o homem quando o metrô começou a se afastar. — Só quero falar com você. Por favor.

Ele parou e ergueu as mãos. Então ela reparou que era mais novo do que achara, talvez com trinta e poucos anos, e mais magro também. O terno, ela percebeu, era caro, com lã atravessada por fios de prata, e seus sapatos também: cordovão com borlas e solas de couro macias. Não eram os sapatos de um homem que corria.

— Por favor — continuou o homem. — Desculpe por ter seguido você. Sinto muito por ter encarado você. Deve ter achado... — Ele fez que não com a cabeça. — Não gosto que minha esposa ande de metrô porque tenho medo que ela seja seguida por algum estranho desse jeito.

— O que você quer? — perguntou Mia.

Ela não havia percebido como sua garganta estava seca. Apertou as chaves que segurava às costas, com as pontas para fora. *Não parece grande coisa, mas machuca*, dissera Becca.

— Deixe-me explicar — insistiu o sujeito. — Vou ficar parado aqui. Não vou me aproximar mais. Só preciso falar com você.

Ele largou a pasta no chão, entre os pés, e Mia relaxou milimetricamente. Se ele tentasse se jogar na sua direção, tropeçaria na pasta.

Seu nome era Joseph Ryan — "Joey", corrigiu ele — e trabalhava, como ela tinha adivinhado, em Wall Street: ele recitara vários nomes que ela reconheceu como pertencendo a uma grande empresa comercial. Ele e a esposa moravam em Riverside Drive. Ele estava indo

para casa. Eram casados havia nove anos. Haviam se conhecido na escola e namoravam desde então. Não tinham filhos.

— Não podemos — explicou Joseph Ryan. — Ela não pode ter filhos. E… — Ele fez uma pausa e lançou um olhar de súplica para Mia, passando a mão no cabelo e respirando fundo, parecendo um homem prestes a falar algo absurdo. — Estamos procurando alguém para ter o nosso bebê. A pessoa certa. — Então: — A gente pagaria. Generosamente.

Mia ficou zonza. Enfiou as pontas das chaves na palma da mão, não para se proteger, mas para convencer a si mesma de que era real o que estava ouvindo.

— Você quer… — conseguiu enfim balbuciar. — Por que eu?

Joseph Ryan vasculhou o bolso, atrapalhado, e pegou um cartão de visitas. Após uma breve hesitação, Mia deu um único passo à frente e estendeu o braço para pegá-lo.

— Por favor. Pode só conversar conosco? Amanhã? No almoço? Por nossa conta, é claro.

Mia negou com a cabeça.

— Preciso trabalhar — respondeu. — Não posso…

— No jantar, então. Minha esposa e eu podemos explicar tudo a você. Olhe… no Four Seasons. Às sete? No mínimo, prometo que vai ganhar uma boa refeição. — Ele inclinou a cabeça feito um menino encabulado e pegou a pasta. — Se você não aparecer, vou entender. Nem imagino… alguém sugerindo isso a outra pessoa. Em uma plataforma de metrô. — Ele balançou a cabeça. — Mas, por favor… pense no assunto. Você nos ajudaria muito. Mudaria nossa vida.

Então ele deu meia-volta e subiu a escada, deixando Mia na plataforma, segurando o cartão com as pontas dos dedos.

* * *

Pelo resto da vida, Mia se perguntaria como sua vida teria sido se ela não tivesse ido até o restaurante naquele dia. Na época, pareceu uma brincadeira, só um modo de satisfazer sua curiosidade e ganhar uma bela refeição em troca. Mais tarde, é claro, ela perceberia que aquilo mudara tudo para sempre.

Naquela noite, ela saiu da 52ª rua e entrou no saguão do hotel Four Seasons com o único vestido elegante que tinha: o mesmo que usara no casamento de sua prima Debbie no ano anterior. Ela havia crescido desde então, de forma que o vestido estava um pouco curto e apertado, e mesmo que estivesse melhor no corpo, o estilo ainda estaria muito distante daquele saguão luxuoso, com um candelabro imenso, carpete denso e uma selva de plantas em vasos. Até mesmo o ar parecia luxuoso e pesado ali, como veludo, abafando o clique-claque dos saltos altos das mulheres e o burburinho dos homens de terno, que passavam em silêncio feito navios deslizando pelo mar. Joseph Ryan não tinha lhe dito onde encontrá-los, então ela ficou parada em um canto, desconfortável, fingindo admirar a pintura que cobria uma das imensas paredes do

saguão, tentando evitar a atenção do *maître*, que flutuava em torno da entrada da sala de jantar feito um espectro solícito.

Cinco minutos, pensou ela, e se eles não aparecessem, iria para casa. Tinha se esquecido de colocar o relógio de pulso, de forma que começou a contar lentamente, como ela e Warren faziam quando eram crianças e brincavam de esconde-esconde. Ela contaria até trezentos, então iria para casa e esqueceria que aquela loucura acontecera. Assim que contou cento e noventa e oito, Joseph Ryan surgiu ao lado do seu cotovelo, feito um garçom.

— Picasso — disse ele.

— O quê?

— A tapeçaria. — Ali no saguão ele parecia quase tímido, e ela praticamente se esqueceu da ameaça que ele representara no dia anterior. — Bem, não é uma tapeçaria *per se*, eu acho. Ele pintou isso em uma cortina. Pediram que ele fizesse uma pintura, mas não tinha tempo, então lhes deu isto no lugar. Sempre admirei esta obra.

— Achei que você ia trazer sua esposa — disse Mia.

— Ela está na mesa.

Ele fez um gesto como se fosse tocar no braço de Mia, mas pensou melhor e enfiou as mãos nos bolsos do paletó. Seu cavalheirismo era quase cômico, pensou ela enquanto o seguia pelo saguão.

Uma imensa sala branca — ela piscou — com uma piscina verde-jade no meio. Árvores no interior cravejadas de botões cor-de-rosa e enfeitadas com luzes. Parecia uma floresta de fadas escondida bem no meio de um prédio comercial de Nova York. Em torno, o burburinho suave de conversas. Um tecido leve e transparente cobria as janelas, ondulando feito água embora não houvesse vento. E então algo estranho aconteceu. Quando entraram na sala de jantar e Joseph Ryan se aproximou da mesa no canto, Mia, de alguma forma, viu a si mesma já sentada ali com um belo vestido azul-marinho e um drinque na mão. Por um instante, teve a impressão de se aproximar de um espelho e parou, confusa. Então a mulher à mesa se levantou e estendeu o braço para apertar sua mão.

— Sou Madeline — disse ela.

Mia teve a estranha sensação, quando suas mãos se encostaram, de estar tocando seu reflexo em uma piscina.

* * *

O resto da noite se desenrolou como uma espécie de sonho. Toda vez que olhava para Madeline Ryan, Mia via a si mesma. As duas tinham não só o cabelo escuro e cacheado e os traços em comum como alguns tiques: a mesma tendência a morder o lábio inferior, o mesmo hábito distraído de puxar um cacho do cabelo para baixo, como se fosse uma mola, até o lóbulo da orelha e deixá-lo quicar de volta para cima. Elas não eram idênticas — o queixo de Madeline

era um pouco mais pontudo; seu nariz, um pouco mais estreito; a voz, mais grave, opulenta, quase rouca —, mas eram tão parecidas que poderiam passar por irmãs. Tarde da noite, muito depois que o táxi pedido pelos Ryan a tivesse deixado em casa, Mia ficou sentada, sem conseguir dormir, pensando em tudo o que ouvira.

Pensou no fato de que Madeline, aos dezessete anos, ainda não tinha menstruado, então o médico a examinara e descobrira que ela não tinha útero. Uma mulher em cada cinco mil, explicara Madeline. Existia um longo nome em alemão para aquilo, síndrome Mayer-alguma-coisa, que Mia não entendera direito. Portanto, a única forma de eles terem filho era por meio de barriga de aluguel. Estavam em 1981, e três anos antes as manchetes haviam anunciado a chegada de Louise Brown, a primeira bebê de proveta do mundo, mas as probabilidades de um nascimento como aquele ainda eram pequenas, e a maioria das pessoas desconfiava da fabricação de bebês em placas de Petri.

— Não serve para nós — dissera Madeline, girando a haste da taça de vinho entre os dedos elegantes. — Não queremos nenhum bebê Frankenstein, muito obrigada.

Em vez disso, os Ryan haviam decidido seguir um caminho mais tradicional e tão antigo quanto a Bíblia, lembrou Joseph. Esperma do pai, óvulo e gestação de uma mulher que parecesse uma candidata adequada. Vinham anunciando há meses — discretamente, acrescentou Madeline — em busca de alguém com as características certas para ser barriga de aluguel, mas não tinham encontrado ninguém. Então Joseph Ryan vira no metrô, ao voltar para casa depois de uma reunião no horário do almoço, um rosto estranhamente familiar do outro lado do vagão, e parecera obra do destino.

— Consideramos isso — disse ele — uma oportunidade de fazer algo mutuamente bom.

Ele e a esposa se entreolharam, então Madeline fez um pequeno movimento com a cabeça, e ambos se empertigaram nas cadeiras, virando-se para Mia, que largou o garfo.

— Não pense que estamos entrando nisso de maneira leviana — falou Madeline. — Estamos pensando há muito tempo. E procurando a mulher certa. — Ela inclinou a garrafa de água e encheu o copo de Mia. — Achamos que essa mulher é você.

Já em seu quarto, Mia fazia cálculos. Dez mil dólares: era o que tinham oferecido para que ela gestasse um bebê saudável para eles. Haviam dito aquilo como se descrevessem as condições de uma oferta de emprego, expondo os benefícios da maneira mais atrativa possível.

"E é claro que pagaríamos todas as suas despesas médicas", acrescentara Joseph.

Ao fim do jantar, Joseph deslizara uma folha dobrada pela mesa.

"Nosso telefone de casa", avisara ele. "Pense no assunto. Vamos fazer um contrato para você analisar. Estamos torcendo para que nos ligue."

Ele já havia pagado a conta, e, embora Mia não a tivesse visto, sabia que o valor devia ser absurdamente alto: tinham comido ostras e bebido vinho; um homem de smoking havia preparado *tartare* de carne na mesa deles, cobrindo habilmente o bife vermelho-rubi com a gema amarelo-ouro. Joseph chamou um táxi para Mia.

"Estamos torcendo para que nos ligue", afirmara.

Atrás dele, atrás da janela de vidro do saguão, Madeline abotoou o colarinho do seu casaco de pele. Só depois que ele fechou a porta e o táxi seguiu para o minúsculo apartamento de Mia no centro da cidade, ela abriu o papel para ver aquele número assustador outra vez: *10.000 dólares*. E, embaixo, duas palavrinhas: *por favor.*

Na manhã seguinte, ela achou que se tratara de um sonho bizarro até ver o bilhete ainda dobrado na cômoda. Loucura, pensou ela. Sua barriga não era um apartamento para alugar. Ela mal conseguia imaginar a si mesma tendo um bebê, e menos ainda abrindo mão de um. Na luz cinzenta e metálica da manhã, a noite anterior lhe pareceu uma fantasia infantil. Ela balançou a cabeça, largou o bilhete dentro da gaveta da cômoda e pegou o uniforme de trabalho.

Então, algumas semanas depois, Mia descobriu que sua bolsa de estudos seria suspensa. Pauline e Mal abriram a porta e, sem dizer nada, ela lhes entregou uma carta, o envelope com rasgos irregulares feitos pelo seu dedo.

> Cara Srta. Wright, esperamos que esteja tirando proveito do seu primeiro ano na Escola de Belas-Artes de Nova York. No entanto, sentimos informar que, por conta de restrições de financiamento, não poderemos dar continuidade ao seu auxílio financeiro para o ano acadêmico de 1981-1982. Esperamos, é claro, que prossiga com seus estudos em nossa instituição no ano que vem e…

— Que imbecis — disse Pauline, jogando a carta na mesinha de centro. — Eles não têm ideia do que estão perdendo.

— É o estado — acrescentou Mal. Ela pegou a carta e enfiou-a de volta no envelope. — Estão cortando gastos, de forma que a escola tem que pagar mais, e as bolsas é que sofrem com isso.

— Não é nada de mais — falou Mia. — Vou arranjar outro emprego. E economizar dinheiro durante o verão.

Porém, ao descer de elevador até o térreo naquele fim de tarde, ela apoiou a cabeça na lateral espelhada e conteve as lágrimas. Não podia trabalhar mais horas do que já estava trabalhando ou não teria tempo para as aulas, e, do jeito que as coisas estavam, mal conseguia pagar as contas. Se trabalhasse em tempo integral durante o verão… Fez cálculos mentais outra vez. A menos que encontrasse um emprego que pagasse o dobro do que ganhava atualmente, não poderia continuar estudando.

— A senhorita está bem?

As portas do elevador se abriram e lá estava ela, de volta ao saguão, enquanto o porteiro gentil a espiava por trás dos óculos. Atrás dele, um carpete vinho se estendia até as espessas portas de vidro que os separavam da Quinta Avenida. O saguão era tão silencioso quanto uma biblioteca, mas ela sabia que do outro lado daquelas portas havia as calçadas de concreto rachadas, a pressa, o tumulto e a impiedade da cidade.

— Estou — respondeu ela.

Eles já se conheciam um pouco agora, como as pessoas em Nova York costumam se conhecer: o nome dele era Martin, ele tinha crescido no Queens, torcia para os Mets — não para os Yankees, dissera-lhe, *nunca* para os Yankees — e tinha uma cadela Dachshund chamada Rosie. Martin, por sua vez, sabia o nome de Mia e que ela era a protegida das Senhoras Artistas lá de cima — como ele se referia carinhosamente a Pauline e Mal — e, embora Mia não tivesse lhe contado grande coisa sobre sua vida, seus olhos experientes podiam adivinhar bastante coisa com base na câmera pendurada em seu pescoço, no uniforme preto e branco que ela chegava usando certas vezes e nos potes de comida que levava para casa com frequência, por insistência de Mal. Ele resistiu ao ímpeto de dar tapinhas em seu ombro e abriu a porta da frente empurrando-a com a mão enluvada.

— Tenha uma boa noite — disse ele.

Mia saiu na Quinta Avenida, permitindo que a cidade a engolisse.

Quatorze

Mia não consultou os pais, as meninas com quem dividia apartamento, nem mesmo Pauline e Mal. Ao pensar nisso mais tarde, ela se daria conta de que era uma prova de que já havia se decidido. No dia seguinte ao recebimento da carta da faculdade, Mia abordou a possibilidade de um possível aumento com o gerente da lanchonete.

— Eu gostaria de poder ajudar, querida — disse ele —, mas não posso pagar vocês melhor sem aumentar os preços e perder clientes.

O gerente do Dick Blick falou a mesma coisa, e depois disso ela não se deu ao trabalho de perguntar ao dono do bar. Durante uma semana, evitou os convites insistentes de Pauline para que fosse jantar lá. Provavelmente Mal, e Pauline também, logo perceberiam sua preocupação. Mia deixou um recado na portaria do apartamento delas, em vez de fazer a visita costumeira aos domingos, dizendo que estava gripada e que tinha que ficar em casa. Durante uma semana, pensou apenas na mensalidade… e nos Ryan. Estragou um rolo inteiro de filme ao tirá-lo da embalagem com a luz acesa, algo que nunca tinha feito. Derrubou um prato de ovos na lanchonete, cortou o dedo na borda afiada e viu um fio de sangue escorrer pela porcelana branca. Muitas vezes, ao longo do dia, ela passou a mão na barriga lisa, como se fosse sentir algo lá dentro que pudesse esclarecer alguma coisa.

Certa tarde, durante o intervalo entre um trabalho e outro, ela pegou no bolso o cartão de visita de Joseph Ryan — o que ele lhe dera no primeiro dia — e foi até o metrô. Talvez ele fosse um vigarista. Como ela podia saber que os Ryan pagariam o que haviam prometido, ou que de fato se chamavam Ryan? Mas o endereço no cartão a levou ao lustroso prédio de vidro do escritório Dykman, Strauss & Tanner em Wall Street. Mia hesitou diante do saguão envidraçado por alguns minutos, observando o reflexo dos passantes na calçada deslizar sobre o vidro, cobrindo e depois ultrapassando as pessoas que estavam lá dentro. Então empurrou a porta giratória e avançou até a fileira de cabines telefônicas que ladeava o saguão. Enfiou uma moeda no buraco e discou o número do cartão. Um instante depois, uma voz feminina atendeu.

— Dykman, Strauss e Tanner — disse a mulher. — Escritório de Joseph Ryan. Como posso ajudar?

Mia desligou e colocou a lista telefônica no colo. Havia seis Joseph Ryan em Manhattan, porém nenhum em Riverside Drive. Ela pendurou a lista telefônica na corrente do telefone e pegou mais uma moeda no bolso. Desta vez, ligou para o Auxílio à Lista, que lhe deu um endereço. Já estava quase na hora do seu turno no bar, mas mesmo assim pegou o metrô em direção ao norte da cidade e foi parar diante de uma construção de tijolos vermelhos pré-guerra

com um toldo preto e um porteiro. Quem quer que morasse ali com certeza podia pagar dez mil dólares por um filho.

Na tarde seguinte, quando Madeline Ryan saiu do prédio, Mia a seguiu. Acompanhou-a por uma hora: até a 86ª rua, em torno do bairro e de volta para casa. Mia viu que, ao sair do edifício, Madeline Ryan acenara com a cabeça para o porteiro que abrira a porta para ela, então parou na calçada e deu meia-volta para dizer algo ao porteiro que o fez sorrir, tocando delicadamente o braço dele antes de seguir seu caminho. Reparou como Madeline desacelerava o ritmo ao passar por mulheres empurrando carrinhos de bebê, como sorria para os bebês lá dentro, quer estivessem rindo, chorando ou dormindo, como sorria e cumprimentava as mulheres, perguntava como estavam, comentava sobre o tempo, ainda que em seus olhos — Mia notou — houvesse um anseio profundo. Ela corria para abrir as portas para aquelas mulheres — até mesmo para as babás que empurravam crianças de pele clara nos carrinhos, evidentemente não suas —, segurando a porta até que mulher e criança estivessem dentro da bodega, do café ou da padaria antes de deixar a porta se fechar, com uma expressão melancólica, quase fúnebre. Quando uma mãe afobada, de salto alto, passou ao seu lado, Madeline Ryan pegou a chupeta que fora jogada do carrinho e correu para devolvê-la. Mia nunca tinha percebido quantos bebês existiam: estavam por toda parte, a cidade vivia abarrotada deles, as ruas fervilhavam com uma fecundidade despudorada, e ela sentiu uma pontada forte de dó por Madeline Ryan. Madeline parou diante de um florista, comprou um buquê de peônias envoltas em papel verde, os botões ainda redondos feito punhos bem cerrados. Então voltou para casa, e Mia a deixou.

No fim das contas, disse a si mesma que foi a matemática que a fez decidir. A oferta dos Ryan pagaria mais três semestres da faculdade. Com isso ela ganharia tempo o bastante para guardar dinheiro para o restante. Se fizesse aquilo, poderia continuar estudando. Caso contrário, não teria como. Vista dessa forma, a escolha parecia óbvia. E ela estaria fazendo uma boa ação em troca. Eram pessoas gentis e genuínas, dava para perceber isso. Deviam estar desesperados por um filho, pensou ela. Podia ajudá-los. Iria ajudá-los. Repetiu aquilo para si mesma várias vezes, então pegou o telefone e discou o número deles.

* * *

Três semanas depois, Mia saía do consultório de um obstetra com uma carta certificando sua boa condição de saúde, a ausência de doenças contagiosas e a configuração adequada de sua anatomia.

— Quadris perfeitos para parir — brincara o médico quando ela tirou os pés dos estribos. — Tudo aí dentro está ótimo. Se quer engravidar, não deve ter dificuldade.

Uma semana depois, ela entrava com o pedido para trancar a faculdade por um ano. Então, logo no início de abril, na época em que as aulas terminavam, ela foi parar no quarto de hóspedes do apartamento elegante dos Ryan. Madeline tinha comprado um lindo roupão cor-

de-rosa felpudo para ela.

— Algodão turco — dissera, deixando-o em cima da cama com um par de pantufas. — Queremos que você fique confortável.

A cama tinha sido arrumada com lençóis brancos impecáveis, como se ela fosse uma convidada querida. Lá fora, via o sol reluzindo sobre o rio Hudson. Na extremidade do corredor, ela sabia, Joseph estava ocupado no quarto dos Ryan se preparando.

Houve uma leve batida à porta e Mia fechou ainda mais o robe em torno de si. Suas roupas estavam dobradas com cuidado na poltrona do canto. Madeline bateu outra vez, então abriu a porta.

— Está pronta? — perguntou.

Em suas mãos havia uma bandeja de café da manhã de madeira, com uma xícara de chá tampada e uma ducha ginecológica com um pegador amarelo-ovo. Ela a colocou na mesa de cabeceira, então — desajeitadamente — se ajoelhou e envolveu Mia com os braços.

— Obrigada — sussurrou.

Quando Madeline saiu, Mia respirou fundo. Estava certa daquilo? Pegou a ducha ginecológica na bandeja: estava morna. Madeline devia ter passado água quente em cima para que não ficasse gelada, percebeu ela, e esse pequeno gesto generoso encheu seus olhos de lágrimas. Ela destampou a xícara, abriu a faixa do roupão e deitou-se na cama.

Meia hora depois ("Você tem que deixar as pernas para cima por pelo menos vinte minutos", explicara Madeline, "para aumentar as chances de concepção"), Mia saiu do quarto de hóspedes e encontrou Madeline e Joseph na sala, de mãos dadas. Tinha vestido suas roupas novamente, mas quando eles a olharam ao mesmo tempo — os olhos arregalados, feito crianças nervosas —, ela teve a súbita sensação de estar nua.

— Pronto — disse ela, dando tapinhas na cintura da calça jeans.

Madeline se levantou do sofá com um único movimento fluido e segurou as mãos de Mia.

— Não sabemos nem como agradecer — disse ela. — Espero que dê certo.

Cobriu a barriga de Mia com as mãos, como se oferecesse uma bênção, e os músculos de Mia se enrijeceram e se tensionaram.

— Vou pedir o carro, Joey pode levar você para casa — disse Madeline, e então acrescentou: — É claro que sabemos que algumas tentativas vão ser necessárias. Vai exigir persistência de todos nós. Vemos você de novo depois de amanhã?

Mia pensou na bandeja que deixara no quarto de hóspedes, pensou em Madeline lavando a ducha e a xícara na pia da cozinha, preparando-as para o próximo uso.

— Claro — respondeu. — Claro.

Ficou calada durante todo o percurso de carro até o Village, enquanto Joseph Ryan tagarelava sobre como ele e Madeline tinham se conhecido, onde ele havia crescido, as coisas que planejavam para o filho.

Aquilo se tornou sua rotina durante todo o verão. O obstetra lhe dera uma tabela para mapear seus períodos mais férteis, e durante aquela semana ela visitava os Ryan dia sim, dia não.

Então, na semana seguinte, ela esperava, examinando o corpo em busca de algum sinal. Toda vez sentia dores nas costas, dores de cabeça, cólicas, mas nada de bebê.

— Vai demorar um tempo — disse Madeline no fim de julho, quatro meses depois. — Sempre soubemos disso. Não acontece logo de cara.

Mas Mia estava preocupada. Segundo o contrato que tinham assinado, os Ryan podiam cancelar o acordo após seis meses se não houvesse gravidez. Ela continuava trabalhando na lanchonete, no bar e na loja de materiais de arte e evitava as perguntas dos colegas de faculdade, que retornavam das férias comprando materiais para o novo semestre e perguntando por que ela não tinha voltado.

— Vou tirar um ano para ganhar dinheiro — explicara.

O que era verdade, e fora também o que dissera a Pauline e Mal quando as duas, cheias de tato, tentaram oferecer um empréstimo que ela era orgulhosa demais para aceitar.

Mas Mia também sabia que, sem bebê, não ganharia dinheiro e teria largado a faculdade por um ano inteiro a troco de nada, e então provavelmente sua licença se tornaria permanente.

Em setembro, ela aguardou, aguardou e nada aconteceu. Nenhum sangue. Nenhuma cólica. Apenas uma sensação de enorme cansaço, uma vontade avassaladora de subir na cama e enfiar-se debaixo do edredom feito um gato. Madeline quase começou a dançar de alegria quando, dois dias depois, Mia chegou em seu apartamento sentindo-se assim. Envolveu Mia com seu casaco, como se ela fosse uma criança, e a guiou em direção ao elevador, depois para dentro de um táxi até uma farmácia na Broadway. Ela escolheu uma das inúmeras caixas com nomes confiantes — Predictor, Fact, Accu-Test — e a colocou nas mãos de Mia.

Descobriram que o teste era complicado. Envolvia um tubo de ensaio de vidro com um prendedor especial, suspenso acima de um espelho inclinado. Mia tinha que colocar várias gotas de urina lá dentro e esperar uma hora. Se um círculo escuro se formasse, significava que ela estava grávida. Ela e Madeline ficaram sentadas em silêncio durante quarenta e cinco minutos, uma do lado da outra na borda da banheira, então Madeline pegou de repente a mão de Mia.

— Olhe — sussurrou, debruçando-se na direção do lavabo.

Mia viu um alvo circular cor de ferro surgir lentamente no espelhinho.

* * *

A partir de então, as coisas mudaram depressa. As meninas que moravam com Mia não notaram nada, até que ela começou a vomitar no banheiro.

— Que belo negócio — disse uma delas.

— Eu não enfrentaria tudo isso nem por um milhão de dólares — opinou a outra.

Semanas se passaram. Os Ryan a fizeram se mudar para um pequeno apartamento que tinham em uma área tranquila perto da avenida West End.

— Costumamos alugar, mas os inquilinos acabaram de ir embora — disse Madeline a Mia.

— É mais calmo para você. Mais espaçoso. Menos pessoas entrando e saindo. E vai ficar muito mais perto de nós, para quando as coisas começarem a acontecer.

Mia largou o emprego na loja de materiais de arte — sua barriga estava ficando visível —, mas manteve os dois outros. Contudo, continuava passando a impressão para os Ryan que havia parado de trabalhar. Depois de cada consulta médica, ela ia até a casa deles para lhes dar as últimas notícias, e à medida que suas roupas ficavam justas demais, os Ryan a presenteavam com peças novas.

— Vi esse vestido — dizia Madeline, entregando a Mia uma sacola de compras forrada de papel de seda com um vestido para grávida florido dentro. — Achei que ficaria perfeito em você.

Mia percebeu que ela comprava as roupas de maternidade que teria escolhido para si mesma. Então em resposta apenas sorria e aceitava, usando o vestido na visita seguinte.

Não contou nada aos pais sobre aquilo; perto do Natal, disse apenas que não iria visitá-los. Era caro demais, alegou ela, sabendo que nunca fariam perguntas sobre a faculdade se ela não tocasse no assunto, e realmente não fizeram. Mas, no fim de janeiro, contou a verdade a Warren.

— Você nunca mais falou sobre as aulas — disse ele ao telefone certa noite.

Àquela altura ela estava grávida de cinco meses e, embora pudesse manter aquilo em segredo até o fim — como ele descobriria? —, a ideia de continuar escondendo algo dele não a agradava.

— Wren, prometa que não vai contar para mamãe e papai — pediu, respirando fundo.

Depois houve um longo silêncio na linha.

— Mia — disse ele, e ela soube que falava sério porque nunca a chamava pelo nome. — Não acredito que você faria uma coisa dessas.

— Eu pensei muito.

Ela levou a mão à barriga, onde recentemente começara a sentir leves vibrações. *A aceleração*, fora como Madeline chamara aquilo, colocando as mãos na pele de Mia. Mas aquilo era um eufemismo tão antiquado que a fazia pensar em um peixinho ágil se agitando dentro dela.

— São pessoas muito boas. Gentis. Estou ajudando esse casal, Wren. Eles querem muito esse bebê. E eles também estão me ajudando. Já fizeram muita coisa por mim.

— Mas não acha que vai ser difícil abrir mão do bebê? — indagou Warren. — Acho que eu não conseguiria.

— Bem, não é você que está fazendo isso, é?

— Não fique irritada comigo — disse Warren. — Se tivesse me perguntado, eu teria dito para não fazer isso.

— Só não conte para mamãe e papai — falou Mia outra vez.

— Não vou contar — garantiu Warren, por fim. — Mas vou dizer uma coisa para você: sou o tio desse bebê e não gosto nada disso.

Havia uma raiva em sua voz que ela nunca tinha escutado, pelo menos não direcionada a ela.

Depois disso, Mia e Warren ficaram sem se falar por um tempo. Toda semana, sempre que ela considerava ligar para ele, mudava de ideia. Por que ligar e discutir de novo?, pensava. Dali a alguns meses o bebê nasceria, ela voltaria para sua vida de antes e as coisas seriam normais outra vez.

— Não se apegue — disse ela para a própria barriga quando o bebê chutou.

Nunca ficou claro para ela, mesmo naquela época, se estava falando com o bebê, com a barriga ou consigo mesma.

Ela e Warren ainda estavam sem se falar quando sua mãe ligou certa manhã, bem cedo, para contar sobre o acidente.

* * *

Havia muita neve, isso ela sabia. Ele e Tommy Flaherty estavam voltando para casa tarde da noite — sua mãe não dissera aonde tinham ido — e haviam feito uma curva rápido demais, então o Buick de Tommy derrapara e capotara. Mia não se lembraria dos detalhes: que o teto do carro fora esmagado, que os socorristas haviam tido que abrir o Buick feito uma lata de alumínio, que nem Warren nem Tommy estavam usando cinto de segurança. Ela não se lembraria, pelo menos por um tempo, de Tommy Flaherty no leito de hospital, com um pulmão perfurado, uma concussão e sete ossos quebrados, por mais que o menino tivesse crescido na mesma rua que eles, por mais que fosse amigo de Warren havia anos, por mais que já tivesse tido uma quedinha por ela. Só lembraria que quem estava dirigindo era Warren e que agora ele estava morto.

A passagem de avião era cara, mas Mia não suportava a ideia de esperar, mesmo que apenas algumas horas a mais. Queria ser engolida pela casa onde ela e Warren tinham crescido, brincado, brigado e planejado, onde ele já não a aguardava mais, onde nunca mais colocaria os pés. Ela queria ajoelhar-se no local frio à beira da estrada onde ele tinha morrido. Queria ver seus pais e não ter que ficar sentada sozinha com a dormência terrível que ameaçava engoli-la.

Mas quando ela saiu do táxi que pegara no aeroporto e entrou pela porta da frente, seus pais ficaram paralisados, olhando fixamente para sua barriga redonda, grande demais para que ela conseguisse fechar o casaco. A mão de Mia desceu até sua cintura, como se uma palma aberta pudesse esconder o que crescia lá dentro.

— Mãe — disse ela. — Pai. Não é o que vocês estão pensando.

Um longo silêncio desenrolou-se na cozinha, feito uma fita cinzenta. Para Mia, pareceu durar horas e horas.

— Me diga — falou sua mãe finalmente. — Diga o que estamos pensando.

— Quer dizer… — Mia olhou para sua barriga como se ela mesma estivesse chocada ao vê-la ali. — O bebê não é meu.

Lá dentro, o bebê deu um chute potente.

— Como assim, não é *seu*? — perguntou a mãe. — Como pode não ser seu?

— Sou barriga de aluguel. Estou gestando o bebê para um casal.

Mia tentou explicar sobre os Ryan, sobre sua gentileza, sobre como eles desejavam um filho e como seriam felizes. Tentou concentrar-se no quanto ela os estava ajudando, como se aquilo fosse uma boa ação, uma caridade puramente altruísta: tipo fazer trabalho voluntário em uma cozinha pública ou adotar um cachorro resgatado. Mas sua mãe logo entendeu.

— Esses Ryan… — disse ela. — Por acaso está fazendo isso para eles por pura bondade?

— Não — admitiu Mia. — Eles vão me pagar. Quando o bebê nascer.

Ela se deu conta de repente de que ainda estava de cachecol e chapéu. Um estreito fio de lama cinzenta escorria das solas de suas botas e sujava o linóleo bege.

Sua mãe se virou de costas e avançou em direção à porta.

— Não posso lidar com isso agora — disse ela, sua voz sumindo assim que entrou na sala. — Não agora. — Ao pé da escada, ela parou e sibilou com um veneno que chocou Mia: — Seu irmão está morto… *morto*, entende? E você vem para casa nesse estado?

Seus passos martelaram os degraus.

Mia olhou para o pai. Sentia-se igual a quando era criança e quebrava ou estragava algo ou gastava com filme o dinheiro que sua mãe lhe dera para comprar roupas: naqueles momentos sua mãe ficava furiosa, gritava e subia para o quarto, largando Mia com o pai, que apertava sua mão e deixava o silêncio se derramar sobre eles feito leite, então dizia baixinho: "Compre outro" ou "Espere uma hora e peça desculpas" ou, simplesmente, "Dê um jeito". Sempre haviam brigado dessa forma. Porém, desta vez, seu pai não segurou sua mão. Não disse para ela dar um jeito. Em vez disso, olhou para sua barriga, como se não suportasse olhar para o seu rosto. Seus olhos estavam úmidos e o maxilar, travado.

— Pai? — disse ela, por fim.

Teria preferido gritos no lugar daquele silêncio prolongado e cortante feito faca.

— Não acredito que você é capaz de vender seu próprio filho — disse ele, e também deixou o cômodo.

* * *

Eles não a fizeram ir embora, mas mesmo depois que Mia pendurou o casaco no armário do hall e deixou a mala em seu antigo quarto, não falaram com ela. Durante o jantar, sentou-se em seu velho lugar à mesa e a mãe colocou um prato e um garfo diante dela, o pai passou o ensopado que um dos vizinhos trouxera, mas não lhe dirigiram a palavra, e assim que ela fez perguntas (Quando seria o enterro? Eles tinham visto Warren?), deram as respostas mais curtas que puderam. Mia acabou desistindo e enrolou o macarrão com atum no garfo. Havia uma pilha inteira de pratos na geladeira, uma torre inclinada de pirex cobertos de papel-alumínio. Era como se ninguém soubesse o que fazer diante de uma tragédia como aquela, a não ser preparar os pratos mais pesados, mais nutritivos e mais prosaicos que podiam, para dar aos enlutados algo

sólido a que se prender. Nenhum deles mencionou nem olhou para o lugar vazio de Warren perto da janela.

Eles decidiram tudo sem ela: as flores, a música, a cor do caixão em que Warren seria colocado (marrom-claro com forro de seda azul). Sugeriram, com tato, que Mia não saísse de casa, afinal devia estar cansada, disseram, e não queriam que escorregasse no gelo, mas ela entendeu: não queriam que os vizinhos a vissem. Quando Mia escolheu uma camisa e uma gravata para Warren — a que ele sempre usava quando era obrigado a se arrumar —, sua mãe optou por outra, a camisa branca com a gravata de listras vermelhas que comprara quando Warren entrara no ensino médio, mas que segundo ele o fazia parecer um corretor de ações, por isso nunca usava. Em momento algum mencionaram sua condição especial ou a situação complicada em que se metera. Mas quando disseram que seria melhor que ela não fosse ao enterro — "Só não queremos que as pessoas tenham a impressão errada", dissera sua mãe —, Mia cedeu. Na noite anterior ao funeral, ela arrumou as malas. Pegou uma velha bolsa de lona no fundo do armário, a colcha da cama e alguns cobertores velhos. Então avançou pelo corredor na ponta dos pés até o quarto de Warren.

A cama dele ainda estava bagunçada. Ela se perguntou se sua mãe a arrumaria algum dia, ou se simplesmente tiraria os lençóis, esvaziaria o quarto, o pintaria de branco e fingiria que nada nunca tinha acontecido ali. O que fariam com as coisas do filho? Iriam doá-las? Enfiá-las em caixas no sótão, deixando que ficassem emboloradas, desbotadas e velhas? No quadro de avisos de Warren ela viu a foto da sua candidatura para a escola de artes: a imagem entalhada dos dois, ainda crianças, subindo a montanha de lixo. Ela a soltou do quadro e a jogou na bolsa. Então, em cima da mesa dele, encontrou o que estava procurando: a chave do carro de Warren.

Seus pais estavam dormindo. Sua mãe vinha tomando remédios para dormir à noite, para acalmar os nervos, e a fresta debaixo da porta do quarto deles estava escura. O motor do Rabbit ganhou vida com um grunhido rouco.

"Um Porsche ronrona", dissera-lhe Warren certa vez. "Um Volkswagen meio que tosse."

Ela teve que puxar o banco para a frente de forma que pudesse alcançar a embreagem, afinal as pernas dele sempre foram mais compridas que as suas. Então empurrou a marcha com a mão e, após um instante de incerteza, encontrou a marcha a ré, e a casa escurecida foi desaparecendo sob a luz dos faróis conforme o carro se afastava.

Ela dirigiu a noite toda e chegou ao Upper West Side ao nascer do sol. Nunca tivera que estacionar em Manhattan e deu a volta no bairro por dez minutos até enfiar o carro em uma vaga estreita na 72ª rua. Em seu apartamento, afundou na cama emprestada e cobriu-se com a colcha. Ela sabia que passaria muito tempo sem ter a chance de dormir em uma cama tão confortável quanto aquela. Quando acordou, o sol do fim de tarde já mergulhava no rio Hudson e ela foi trabalhar. Apenas as coisas que trouxera consigo, que eram suas de verdade, entraram na mala: as roupas apertadas demais, os vestidos largos e estampados que comprara no brechó, algumas colchas velhas, lençóis desbotados, alguns talheres, uma caixa de negativos e suas máquinas fotográficas. Ela dobrou com cuidado os vestidos chiques de grávida que ganhara dos

Ryan e os colocou dentro de um saco de papel.

Ao terminar, sentou-se com uma caneta e uma folha de papel. Viera pensando no que escrever durante todo o longo trajeto de Pittsburgh até ali, e no fim das contas decidira mentir. "Não existe um jeito fácil de dizer isso", escreveu ela. "Perdi o bebê. Estou muito envergonhada e sinto muitíssimo. Vocês não me devem nada pelo nosso acordo, mas sinto que eu devo a vocês. Aqui está o dinheiro para ressarci-los pelas consultas médicas. Espero que seja o bastante. Foi tudo o que pude pagar." Ela colocou o bilhete sobre uma pilha de notas, os novecentos dólares que economizara dos seus salários. Então enfiou tudo dentro do saco com os vestidos de maternidade.

O porteiro de sempre estava de folga naquela noite, e como Mia estava de casaco, o porteiro noturno não pareceu notar sua barriga. Aceitou a sacola para os Ryan sem olhar para o rosto dela, e Mia seguiu para o Rabbit estacionado a vários quarteirões dali. Em sua barriga, o bebê chutou uma vez, depois se virou de lado, como que se preparando para dormir.

Ela dirigiu a noite toda, atravessando Nova Jersey e a Pensilvânia, os quilômetros de estrada passando velozes na escuridão. Quando o sol começou a nascer, ela saiu da autoestrada perto de Erie e dirigiu até encontrar uma rua tranquila do interior. Depois de estacionar bem longe do acostamento, trancou todas as portas, subiu no banco de trás e cobriu-se com a colcha velha. Achou que teria cheiro de sabão em pó, de casa, e se preparou para uma onda de nostalgia. Mas a colcha, tendo ficado intocada em sua cama durante o último ano, não tinha cheiro de nada — nem de limpeza nem de poeira, nenhum cheiro —, então, puxando-a por cima da cabeça para proteger seus olhos do sol, Mia dormiu.

Ela dirigiu febrilmente daquela forma durante uma semana inteira: dirigia até que a exaustão a obrigasse a parar, dormindo até se sentir descansada o bastante para voltar à direção, ignorando o relógio, a luz e a escuridão de cada dia. Parava de vez em quando ao passar por uma cidade para comprar pão, manteiga de amendoim, maçãs, e para encher o galão de água no banco do carona em um bebedouro. Em meio a seus pertences, ela havia escondido dois mil dólares guardados de suas gorjetas e salários desde que chegara a Nova York: na caixa de negativos, no porta-luvas, no lado direito do sutiã. Ohio, Illinois, Nebraska, Nevada. Então, de repente, o turbilhão populoso de São Francisco, o oceano Pacífico se agitando azul-acinzentado e branco diante dos seus olhos, e ela não conseguiu ir mais além.

* * *

O que mais havia para saber? Mia encontrou um apartamento, um quarto para alugar em Sunset em uma casa cujo gesso tinha cor de sal marinho, com uma proprietária séria e idosa que olhou para sua barriga e perguntou apenas:

— Vai aparecer algum marido furioso batendo na minha porta daqui a uma semana?

Nos três últimos meses de gravidez, Mia caminhou pela cidade: deu a volta na lagoa do

parque Golden Gate, subiu a torre Coit, certo dia atravessou a ponte Golden Gate em meio a uma névoa tão densa que ela escutava, apesar de não ver, os carros passando ao seu lado. A névoa espelhava seu estado de espírito com tanta perfeição que Mia sentia que estava caminhando dentro do próprio cérebro: um borrão de emoções informes e difusas, nada a que ela pudesse se agarrar, mas repleto de pensamentos iminentes que apareciam do nada, surpreendendo-a, e então sumiam na brancura, antes mesmo que ela tivesse certeza do que tinha visto. A Sra. Delaney, a proprietária, nunca sorria para ela quando as duas se encontravam no corredor ou quando se esbarravam por acaso na cozinha, mas conforme as semanas passavam, Mia começou a achar com frequência um prato dentro do forno com um bilhete na bancada dizendo: *Sobrou comida. Não quis desperdiçar.*

Quando Pearl nasceu — em uma tarde atipicamente quente de maio, no hospital, depois de quatorze horas de trabalho de parto —, Mia tirou o papel da certidão de nascimento da mão da enfermeira. Fazia meses que vinha pensando no nome que daria àquela criança, vasculhando mentalmente todas as pessoas que tinha conhecido, os livros que havia lido na escola. Nada lhe parecera adequado até que ela se lembrou de *A Letra Escarlate*, e o nome certo lhe veio à mente na mesma hora: *Pearl*. Era redondo, simples, completo feito o toque de um sino. E, é claro, a pérola também nascia em circunstâncias complicadas. Ao lado do nome da filha, na linha que dizia "Nome da mãe", ela escreveu com letras cuidadosas: *MIA WARREN*. Então aproximou os braços do bercinho perto da cama e pegou a filha no colo.

Na primeira noite de volta ao quarto alugado, Pearl chorou e chorou até que a própria Mia começou a chorar também. Ela se perguntou se os Ryan, lá em Nova York, ainda estavam acordados em seu apartamento chique e o que diriam se ela pegasse o telefone e confessasse a eles: eu menti. A bebê está aqui. Venham buscá-la. Ela sabia que pegariam o primeiro voo e apareceriam na sua porta, prontos para levar Pearl embora. Não sabia ao certo se a ideia era terrível, tentadora ou as duas coisas, e soluçou junto com Pearl. Então ouviu uma leve batida à porta, e a séria Sra. Delaney apareceu, estendendo os braços.

— Me dê ela aqui — disse, com tanta autoridade que Mia lhe entregou o pequeno embrulho sem pensar duas vezes. — Agora deite-se e descanse — acrescentou a Sra. Delaney fechando a porta.

No silêncio abrupto, Mia desabou na cama e adormeceu de imediato.

Ao acordar, foi até a cozinha, os olhos ainda sonolentos, e depois até a sala, onde encontrou a Sra. Delaney sob a luz do abajur, ninando Pearl adormecida.

— Descansou? — perguntou ela a Mia, e quando Mia fez que sim, ela falou: — Ótimo. — E devolveu a bebê para os braços da mãe. — Ela é sua. Cuide dela.

Mia passou as semanas seguintes no mesmo estado entorpecido, mas algo começara a mudar. A Sra. Delaney nunca mais apareceu para pegar a bebê, por mais que Pearl chorasse. Porém, à noite, batia na porta com uma tigela de sopa, um sanduíche de queijo, um pedaço de bolo de carne. Restos, dizia ela toda vez, mas Mia entendia que se tratavam de presentes, e entendia também, quando a Sra. Delaney acompanhava aquelas oferendas com um brusco "O aluguel

vence quinta-feira" ou "Não suje o corredor de lama", o que estava tentando dizer.

Pearl tinha três semanas — ainda parecia um velhinho com o rosto amassado —, e o estado entorpecido estava apenas começando a se dissipar quando Mal ligou.

Mia tinha mandado uma carta para Pauline e Mal ao se instalar, informando seu novo endereço e telefone. "Estou bem", escrevera, "mas não vou voltar para Nova York. Podem ligar para esse número se precisarem falar comigo." E então Mal precisara falar com ela. Algumas semanas antes, aparentemente, Pauline começara a ter dores de cabeça. Sintomas estranhos.

— Auras — falou Mal. — Ela disse que eu parecia um anjo, com um halo ao redor.

Um exame mostrara um tumor do tamanho de uma bola de golfe em seu cérebro.

— Eu acho — disse Mal após uma longa pausa — que se você quiser vê-la, talvez tenha que vir agora.

Naquela noite, Mia comprou uma passagem de avião, a segunda que já comprara. Gastou a maior parte de suas economias, mas um ônibus levaria dois dias para atravessar o país. Tempo demais. Chegou ao apartamento de Pauline e Mal com uma mochila pendurada no ombro e Pearl no colo. Pauline, dez quilos mais magra, parecia uma versão mais concentrada de si mesma: encolhida, reduzida a sua essência.

Passaram a tarde juntas, Mal e Pauline bajulando a bebê, e Mia dormiu, pela primeira e última vez, no quarto de hóspede delas, com Pearl ao seu lado. De manhã, acordou cedo para amamentar a bebê no sofá da sala, e Pauline entrou.

— Fique — disse ela.

Seus olhos estavam quase febrilmente acesos, e Mia quis se levantar e envolver Pauline com os braços. Mas Pauline fez um gesto para que ela se sentasse e ergueu sua câmera.

— Por favor — disse ela. — Quero pegar vocês duas.

Ela usou o rolo inteiro de filme, uma exposição seguida da outra, então Mal entrou com um bule de chá e um xale para os ombros de Pauline, que guardou a câmera. Quando Mia embarcou no avião de volta para São Francisco naquela noite, com Pearl no colo, já havia se esquecido daquele momento.

— Faça o que for necessário — dissera-lhe Pauline ao despedir-se dela com um abraço.

Pela primeira vez, ela beijara a bochecha de Mia.

— Espero grandes feitos de você.

Seu uso do presente — como se aquilo fosse uma despedida banal, como se ela, Pauline, tivesse grandes esperanças de ver a carreira de Mia deslanchar bem diante dos seus olhos por décadas — deixou a voz de Mia presa na garganta. Ela puxou Pauline para perto e sentiu seu cheiro, aquele aroma peculiar de lavanda e eucalipto, e virou-se de costas antes que a mentora a visse chorar.

Uma semana e meia depois, Mal ligou novamente, o telefonema que Mia sabia que estava por vir. Onze dias, pensou ela. Sabia que aconteceria rápido, mas não conseguia acreditar que apenas onze dias antes Pauline estava viva. Ainda fazia calor, ainda estavam em junho. A página do calendário nem havia mudado. Então, algumas semanas depois, recebeu uma entrega do correio.

"Ela escolheu estas fotos para lhe mandar", dizia o bilhete, com a letra angulosa de Mal. Dentro do envelope havia dez cópias, 8cm x 10cm, em preto e branco, cada uma brilhando como se estivesse iluminada por trás, daquele jeito peculiar que caracterizava o trabalho de Pauline. Mia ninando Pearl no colo. Mia erguendo Pearl acima de sua cabeça. Mia amamentando Pearl, a blusa mal cobrindo a aréola pálida do seu seio. Atrás de cada foto, a assinatura inconfundível de Pauline. E um bilhete preso em um cartão de visita: *Anita pode vender estas fotos quando você precisar de dinheiro. E mande seu trabalho para ela quando estiver pronta. Falei para ela ficar esperando. P.*

Depois disso, Mia voltou a tirar fotos com um fervor que pareceu quase um alívio. Voltou a passear pela cidade, durante horas a fio, com Pearl presa em suas costas por um sling que ela fizera com uma velha blusa de seda. Já tinha gastado a maior parte de suas economias àquela altura, e cada rolo de filme era precioso, por isso ela trabalhava com cautela, enquadrando diversas vezes cada imagem em sua mente antes de fotografar. A cada clique do obturador, ela pensava em Pauline. Quando chegou a primavera, tinha sete imagens que acreditava poderem conter *algo*, como Pauline sempre dizia.

Anita não concordou totalmente. *Promissoras*, escrevera ela em resposta às cópias que Mia enviara. *Mas ainda não chegou lá. Arrisque-se mais*. Então Mia lhe enviou uma das fotografias de Pauline. *Preciso de mais tempo*, escreveu. *Consiga o máximo de tempo possível para mim com isso. Não dê meu nome a ninguém*. Depois de um leilão disputado, Anita conseguiu dois anos para Mia, mesmo após a comissão de cinquenta por cento. (Ela faria essa quantia render. Só quinze anos depois, quando recebeu a conta do hospital em nome de Pearl, por causa de uma pneumonia, venderia outra.) Dali a um ano, Mia enviou mais uma série de fotografias para Anita — cada uma registrando o lento declínio de algo: um algodoeiro morto, uma casa em ruínas, um carro enferrujado —, que ela aceitou.

— Parabéns — disse ela a Mia quando ligou um mês depois. — Vendi uma, a do carro. Quatrocentos dólares. Não é muito, mas já é um começo.

Mia interpretou aquilo como um sinal. Fazia um tempo que vinha sonhando com desertos, cactos, céu aberto e avermelhado. Novas imagens começavam a se formar em sua mente.

— Ligo para você daqui a uma ou duas semanas — acrescentou ela — para dizer para onde transferir o dinheiro.

A Sra. Delaney observou pela janela da sala Mia colocar as coisas no carro, encaixar o bercinho de Pearl no espaço estreito diante do banco da frente. Para a surpresa de Mia, quando ela tirou a chave da casa do chaveiro e a devolveu, a Sra. Delaney puxou-a para um abraço inesperado.

— Eu nunca contei a você sobre minha filha, não é? — disse ela, com a voz grave.

E antes que Mia pudesse responder, pegou a chave e subiu correndo os degraus da entrada, o portão de metal fechando-se ruidosamente.

Mia pensou naquilo durante todo o longo percurso, até chegar a Provo, onde decidiu parar — a primeira de muitas paradas que ela e Pearl fariam ao longo dos anos. Durante o caminho, Pearl emitiu ruídos no bercinho ao lado da mãe, como se tivesse certeza, mesmo sendo tão

pequena, de que estavam destinadas a grandes e importantes feitos, como se de alguma forma conseguisse enxergar, através do país inteiro e do tempo, tudo o que as aguardava.

Quinze

A Sra. Richardson, é claro, não tinha como saber de tudo isso. Só sabia o básico, a história que os Wright lhe contaram: que Mia aparecera grávida, alegando ser barriga de aluguel para uma família de sobrenome Ryan. E os Wright não se lembravam dos nomes deles.

— Jamie, Johnny, alguma coisa assim — dissera o Sr. Wright. — Alguém de Wall Street, foi o que ela disse. Alguém com muito dinheiro.

— Eu não tinha certeza de que era verdade — admitiu a Sra. Wright. — Achei que talvez ela tivesse engravidado e estivesse mentindo para nós. Mas então o advogado ligou.

Algumas semanas depois de Mia ter ido embora, um advogado telefonara para os Wright perguntando se tinham algum jeito de entrar em contato com ela.

— Ele nos deu seu cartão de visitas — lembrou a Sra. Wright. — Para o caso de ela algum dia nos enviar seu endereço. Só que nunca mais tivemos notícias dela.

Secou de novo o canto do olho com um lenço de papel.

Após remexer um pouco seus pertences, a Sra. Wright encontrou o cartão do advogado, e a Sra. Richardson copiou o endereço. *Thomas Riley*, *Riley & Schwartz*, *Advogados Associados*. O código de área era 212, o endereço, na 53ª rua. Ela agradeceu aos Wright, e quando a Sra. Wright insistiu para que comesse mais um biscoito, recusou por culpa. Os Wright ofereceram emprestar as fotos de Warren com o uniforme do time de futebol americano também, caso o jornal quisesse publicá-las junto com a matéria, sugeriram.

— Contanto que nos devolvam as fotos — acrescentou a Sra. Wright. — São as únicas cópias que temos.

A culpa subiu pelo pescoço da Sra. Richardson feito uma aranha. Pareciam boas pessoas, aqueles Wright, já tinham enfrentado muita coisa, e bem que poderiam ser seus vizinhos em Shaker Heights.

— Se o jornal quiser fotos eu entro em contato — respondeu ela.

Isso pelo menos era verdade, disse a si mesma.

— Sinto muito por tudo o que passaram — disse ela na porta, com sinceridade. Então, hesitou. — Se por acaso tivessem como descobrir onde está sua filha, gostariam de entrar em contato com ela?

— Talvez — respondeu a Sra. Wright. — Pensamos em contratar um detetive para procurá-la, sabe, para ver se conseguiríamos alguma pista. Mas achamos que se ela quisesse ser encontrada, teria entrado em contato. Sabe onde moramos. Nosso número de telefone é o mesmo de sempre. Deve achar que ainda temos raiva dela.

— E têm? — perguntou a Sra. Richardson por impulso.

Mas nem o Sr. nem a Sra. Wright responderam.

* * *

O número de telefone do escritório de advocacia tinha mais de dezesseis anos, mas a Sra. Richardson decidiu que valia a pena tentar. De volta ao hotel, telefonou, e para seu imenso alívio, uma secretária atendeu quase de imediato.

— Riley, Schwartz e Henderson — disse a mulher.

— Olá — começou a Sra. Richardson. — Estou ligando a respeito de um caso no qual o Sr. Riley trabalhou muito tempo atrás. — Ela fez uma pausa, pensando rapidamente. — Tenho informações que meu cliente acha que podem ser relevantes. Mas antes de passar qualquer coisa adiante, quero ter certeza de que o Sr. Riley continua representando os Ryan. Como pode imaginar, as informações são bastante delicadas.

A secretária ficou quieta por um tempo.

— Em qual caso a senhora disse estar envolvida?

— O dos Ryan. A informação que tenho diz respeito a Mia Wright.

Ouviu-se o ruído de uma gaveta se abrindo e um farfalhar de papéis. A Sra. Richardson prendeu a respiração.

— Prontinho. Joseph e Madeline Ryan. Sim, o Sr. Riley ainda trabalha para eles, mas — ela fez uma pausa — o caso não está ativo há algum tempo. O Sr. Riley está no escritório agora e posso transferir a ligação para ele. Como disse que se chama?

A Sra. Richardson desligou o telefone. Seu coração estava acelerado. Então, depois de vários minutos de reflexão, abriu seu caderno de endereços e discou o número do seu amigo Michael, que trabalhava no *New York Times*. Os dois tinham se conhecido na faculdade, quando escreviam para o jornal *Denisonian*, e, embora ele tivesse ido de lá para o *Stamford Advocate* e logo em seguida para o departamento de notícias do *Times*, enquanto Elena tinha voltado para sua cidade-natal e trabalhado lá mesmo, eles haviam mantido contato. Tinha certeza de que ele já fora apaixonado por ela, mas nunca dissera nada, e ambos eram casados havia anos. Recentemente ele fora indicado ao Pulitzer, mas perdera para alguém da Associated Press que escreveu sobre as mortes em Ruanda.

— Michael — disse ela. — Pode me fazer um favor?

Uma semana depois, Michael retornaria sua ligação confirmando o que ela já suspeitava: com truques jornalísticos que só ele conhecia, conseguira encontrar contas de hospital em nome de Mia Warren em 1981, do St. Elizabeth's, no centro de Manhattan. Tinham sido pagas por Joseph Ryan e interrompidas em fevereiro de 1982, quando Mia devia estar com seis meses de gravidez, e se a Sra. Richardson tinha alguma dúvida sobre as origens de Pearl, deixou de ter. Teria que pensar no que fazer com aquela informação, se é que faria algo. Coitados dos Ryan:

queriam tanto um bebê que foram capazes de providenciar tudo aquilo para conseguir um. Sim, ela sabia um pouco sobre isso, concluiu, pensando em Linda e Mark McCullough. Mas também sentiu uma pontada de empatia por Mia, coisa que até então não tinha sentido e nem planejara sentir: como devia ter sido doloroso pensar em abrir mão da filha.

O que teria feito naquela situação?, perguntou a Sra. Richardson a si mesma inúmeras vezes, antes do telefonema de Michael, e semanas — meses — depois. Toda vez, diante daquela escolha impossível, ela chegava à mesma conclusão. *Eu nunca teria me metido numa situação como essa*, dizia a si mesma. *Teria feito escolhas melhores ao longo do caminho.*

Por enquanto, a Sra. Richardson guardou suas anotações na pasta, que marcara discretamente com um "M.W.". No dia seguinte, voltaria de carro para casa.

* * *

Na saída da clínica, Lexie teve dificuldade para assimilar o que tinha acabado de acontecer com ela e o que ainda acontecia. Suas pernas e seu corpo avançavam com confiança enquanto sua mente ficava para trás feito um balão lerdo. Esteve grávida e não estava mais. Houve algo vivo dentro dela e não havia mais. Sentiu uma leve cólica no fundo da barriga e um filete morno escorreu no absorvente que a enfermeira lhe dera. O resto do pacote estava dentro da sua bolsa, junto com um frasco de Advil.

"Vai precisar disso mais tarde, quando o efeito da anestesia passar", dissera-lhe a enfermeira.

Pearl segurou seu braço.

— Você está bem?

Lexie fez que sim, e o estacionamento girou, ficando de lado. Pearl a segurou quando ela começou a inclinar o corpo, caindo.

— Ok. Vamos lá. Está quase.

O plano original era levar Lexie para casa. Sua mãe só deveria chegar na tarde seguinte, e até lá Lexie imaginava que já estaria de volta ao normal, pronta para fingir que nada tinha acontecido. Mas ficou claro para Pearl, enquanto guiava Lexie até o banco do carona do Explorer, que ela não estava em condições de ir para casa. Estava tonta por causa da anestesia, e Pearl acabou tendo que colocar o cinto de segurança para ela.

— Certo. Vamos para a minha casa.

— E sua mãe? — perguntou Lexie.

Quando Pearl falou "Ela sabe guardar segredos", para Lexie aquilo foi a coisa mais triste que já escutara, e ela começou a chorar.

Era pouco depois do meio-dia quando as duas entraram na casa da rua Winslow, e Mia — cortando uma árvore de bordo de um anúncio de revista com um estilete — ergueu os olhos, assustada, quando elas entraram na cozinha. Ao ver o estilete na mão de Mia, Lexie — que tinha se acalmado no caminho — voltou a chorar. Para a surpresa de todas, até a sua, Mia puxou

Lexie para um abraço.

— Está tudo bem — disse ela. — Vai ficar tudo bem.

Lexie nunca soube ao certo se ela própria tinha contado a Mia o que acontecera, se Pearl o havia feito ou se Mia simplesmente adivinhara sozinha. Só se lembraria de Mia abraçando-a com força, tanta força que o mundo enfim parara de girar, e colocando-a em uma cama baixa e macia que, ela descobriu depois, era da própria Mia.

Na verdade, Mia já suspeitava da situação de Lexie. Por mais que Brian sempre jogasse as camisinhas na privada e desse descarga, algumas vezes, ao esvaziar o lixo do quarto de Lexie, Mia encontrava pacotes de camisinha amassados dentro de uma bola de lenços de papel. Certa tarde, ao voltar para a casa dos Richardson para buscar sua bolsa que tinha esquecido lá naquela manhã, ela tropeçara nos tênis tamanho 44 de Brian na entrada, bem ao lado das sandálias plataforma de Lexie. Não vira nenhum dos dois, mas pegara sua bolsa na bancada da cozinha e saíra depressa, com medo do que poderia ouvir vindo lá de cima, fechando delicadamente a porta e esperando que o barulho não chegasse a eles. Toda vez que via Lexie, ela lhe parecia assustadoramente jovem, e Mia não queria pensar no que Lexie andava fazendo, nem no que — consequentemente — Pearl também podia andar fazendo.

Então, quando Lexie apareceu na porta, meio apoiada no braço de Pearl, Mia viu seu rosto pálido, o formulário de alta hospitalar cor-de-rosa na mão, o saco plástico cheio de absorventes pendurado no pulso de Pearl, e entendeu imediatamente o que tinha acontecido. Se alguém tivesse lhe perguntado, um mês ou até uma semana antes, o que sentiria naquela situação, teria respondido com uma pontada de soberba, ou pelo menos com um instante de superioridade. Mas na hora sentiu apenas uma onda de empatia por Lexie, pela situação complicada em que se metera, pela dor — física e emocional — com a qual teria que lutar para deixar o episódio para trás.

Lexie acordou aninhada debaixo de um edredom branquíssimo. Já estava no meio da tarde. As cortinas estavam fechadas, mas um abajur fora deixado aceso no canto com uma toalha em volta da cúpula para amenizar o brilho, e a consideração daquele gesto a comoveu. Pela terceira vez naquele dia, começou a chorar. E então, lá estava Mia, sentada ao seu lado na cama, acariciando suas costas.

— Está tudo bem — disse ela a Lexie.

Embora não dissesse nada além de *está tudo bem, está tudo bem*, Lexie percebeu que respirava com mais facilidade.

Mia sentou-se de pernas cruzadas no chão e entregou um lenço de papel a Lexie, que percebeu então que a cama não era simplesmente baixa: era apenas um colchão no carpete. Ela assoou o nariz. Não havia lata de lixo por perto, mas Mia estendeu a mão, e, depois de um momento de constrangimento, Lexie lhe entregou o bolo de papel úmido.

— Você dormiu bastante. Isso é bom. Acha que consegue comer alguma coisa?

Na cozinha, Mia colocou uma tigela de sopa diante dela e Lexie levou uma colherada aos lábios: uma canja de galinha salgada e escaldante. Não havia sinal de Pearl, mas o relógio do

fogão marcava 15h15. As aulas tinham terminado havia pouco. Pearl devia ter contado tudo para a mãe, pensou Lexie.

— Não era para ter acontecido isso — falou ela de uma vez.

Sentia a forte necessidade de se explicar, de garantir que Mia não pensasse mal dela. Naquele instante, Pearl entrou no apartamento. Seu rosto estava corado e ela arfava um pouco.

— Peguei a bicicleta de Moody emprestada — contou. — Eu precisava voltar para casa para ver se você estava bem.

— Você não… — começou Lexie, e Pearl negou com a cabeça.

— Claro que não contei para ele — respondeu. — Falei que esqueci que tinha prometido a minha mãe que voltaria cedo para ajudar com uma coisa. — Ela ficou irritada porque mais uma vez foi muito fácil mentir para Moody, mas descartou aquele sentimento como se afastasse teias de aranha. — Como você está?

— Ela vai ficar bem — disse Mia, dando tapinhas na mão de Lexie. — Tenho certeza.

Dez minutos depois, enquanto Mia colocava a tigela de sopa de molho na pia, ouviram-se novos passos na escada, então Izzy chegou. Ela passava as tardes com Mia e a menina ficava ansiosa nas últimas aulas do dia para descobrir no que Mia estaria trabalhando, pensando em coisas para compartilhar com ela. Assim que viu Lexie, Izzy ficou paralisada na porta.

— O que *você* está fazendo aqui?

Lexie franziu o cenho.

— Vim passar um tempo com Pearl, ué — respondeu, irritada. — Tem algum problema com isso?

Izzy, muito desconfiada, olhou de Lexie para Pearl. Sua irmã nunca ia até a casa na rua Winslow, preferia mil vezes ficar no conforto da sala de jogos dos Richardson, onde havia cadeiras confortáveis, uma televisão grande, petiscos e Coca-Cola Diet em abundância. Ali não havia televisão, nem mesmo um sofá. Era muito atípico de Lexie. Por que ela e Pearl se encontrariam ali, e não lá? No entanto, ali estava Lexie, o rosto pálido, desconfiado, e talvez até com os olhos um pouco vermelhos. Tudo aquilo também era muito inusitado para ela.

— Estou ajudando Lexie com o trabalho de inglês — disse Pearl. — Achamos que seria mais fácil estudar aqui.

— Está tudo bem, Izzy — falou Mia. — Mas, quer saber, já que as meninas estão aqui, não vou trabalhar hoje. Amanhã, ok? — Diante da hesitação de Izzy, ela acrescentou: — Amanhã, prometo. Depois da escola. Como sempre.

Apertou de leve o cotovelo de Izzy, virando-a em direção à porta, e Izzy, fuzilando Lexie com o olhar, desceu a escada. Um instante depois, ouviram a porta se fechando.

— Ela ficou fula da vida comigo — murmurou Lexie. — Bem, isso não é novidade.

Depois que Izzy foi embora, ela se sentiu exausta, e recostou-se na cadeira, deixando o rabo de cavalo cair sobre o encosto.

Pearl a observou.

— Você não está com uma cara muito boa.

— Hora de voltar para a cama — falou Mia com calma. — Hoje foi um dia difícil para você.

No quarto, ela colocou Lexie deitada no colchão outra vez e cobriu-a com o edredom, dando tapinhas gentis em suas costas como se ela fosse criança. Era estranhamente reconfortante.

— Merda — disse Lexie. — A ligação automática. Meus pais vão saber que matei aula.

Shaker Heights levava a presença muito a sério: no início de cada aula, o professor preenchia um formulário marcando os ausentes. No escritório principal, uma secretária colocava os formulários dentro de uma máquina, e um telefonema gravado era feito para o número domiciliar dos pais, avisando-os sobre a ausência do filho.

— Eu liguei por você — disse Mia. — Depois que você e Pearl chegaram aqui. Avisei que não estava se sentindo bem e que não iria para a escola nem hoje nem amanhã.

Lexie teve a sensação de estar raciocinando com lerdeza.

— Mas eles exigem a liberação de um dos pais — murmurou, apoiando-se nos antebraços para erguer o corpo.

Ela sentiu que o quarto começou a girar.

— Eu disse que era sua mãe. Como poderiam saber a diferença?

Mia levou a mão ao ombro de Lexie e empurrou-a delicadamente para trás. Sua voz era tão calma, pensou Lexie. Como se ela soubesse escapar de qualquer situação. "Descanse", a menina a ouviu dizer, e dormiu quase imediatamente.

Quando acordou outra vez, era quase noite. Ficou deitada no escuro, observando o céu anoitecer, até que Mia bateu na porta trazendo uma xícara de chá fumegante.

— Achei que devia estar com sede — disse ela.

Lexie aceitou o chá, tomando um gole agradecido.

Menta. A xícara sob seus dedos era confortavelmente sólida, feito um ombro quente e forte.

— Liguei para o seu pai — disse Mia.

Lexie lembrou de repente que sua mãe deveria voltar para casa na tarde seguinte.

— Merda — sussurrou ela. — Contou para ele?

— Eu disse que você ia passar a noite aqui. Que Pearl tinha pedido para você dormir aqui.

Após um instante, Lexie falou:

— Obrigada.

— Pode ficar o tempo que for preciso. Mas aposto que vai estar pronta para voltar para casa amanhã.

Lexie girou lentamente a xícara entre as palmas da mão.

— E depois?

— Depois você é quem decide o que fazer. Para quem contar.

Mia se levantou para sair, mas Lexie, em pânico, agarrou sua mão.

— Espere — pediu. — Acha que cometi um grande erro? — Ela engoliu em seco. — Acha que sou uma pessoa horrível?

Ela nunca pensara muito em Mia, mas de repente lhe pareceu fundamental saber se Mia

desaprovava sua decisão. Diante da gentileza dela, não poderia suportar sua desaprovação.

— Ah, Lexie. — Mia voltou a se sentar, ainda segurando a mão da menina. — Você estava em uma situação muito difícil. Uma situação na qual ninguém quer estar.

— Mas e se eu tiver escolhido errado? — Lexie fez uma pausa e fechou os olhos, tentando sentir aquela fagulha de vida que tivera certeza de carregar dentro de si. — Talvez eu devesse ter ficado com o bebê. Talvez eu devesse ter contado ao Brian. A gente teria dado um jeito.

— Você estaria pronta para ser uma boa mãe? — perguntou Mia. — O tipo de mãe que gostaria de ser? O tipo de mãe que uma criança merece?

Elas ficaram ali sentadas em silêncio por alguns minutos, a mão morna de Mia em cima da de Lexie. A menina sentiu uma vontade irresistível de apoiar a cabeça no ombro de Mia, e, após um instante, o fez. Pela primeira vez, ficou imaginando como devia ter sido crescer como Pearl, ter Mia como mãe, levar aquela vida. O pensamento a deixou um pouco zonza.

— Você sempre vai ficar triste com isso — falou Mia baixinho. — Mas não significa que fez a escolha errada. É só algo que vai ter que carregar com você.

Gentilmente, ela colocou Lexie sentada e deu um tapinha em seu ombro, então se debruçou para pegar a xícara vazia.

— Mas você acha que eu fiz a escolha errada? — insistiu Lexie.

Tinha certeza de que Mia saberia.

Mia parou com a mão na maçaneta.

— Não sei, Lexie — respondeu. — Acho que só você pode saber isso.

A porta se fechou devagar atrás dela.

* * *

Quando Lexie abriu os olhos, já era de manhã. Não viu ninguém ali, mas alguém tinha desligado o abajur e colocado um copo d'água ao lado da cama.

Pearl estava na cozinha, comendo cereal.

— Você parece melhor — disse ela a Lexie. — Está bem?

— Melhorando. — Lexie se sentou com cuidado na cadeira descombinada na frente de Pearl. — Cadê sua mãe?

— Na sua casa. Foi fazer faxina mais cedo. Vai pegar o turno do almoço no restaurante hoje.

Pearl lembrou-se de repente da opinião de Lexie sobre o caso McCullough e decidiu não mencionar o motivo da mudança de horário: Bebe ia se encontrar com o advogado para se preparar para a audiência que começaria dali a menos de duas semanas, e tinha pedido a Mia que a substituísse no trabalho. Então empurrou a caixa de cereal na direção de Lexie, que a inclinou para perto do corpo e pegou um punhado de cereal com a mão.

— Ela dormiu no chão?

— Comigo.

— Desculpe.

Pearl deu de ombros.

— Tudo bem. Estamos acostumadas. Às vezes não temos espaço para duas camas. — Ela deslizou uma tigela pela mesa. — Não coma da caixa, sirva um pouco. Sua maluca.

De alguma forma, Lexie parecia muito mais jovem, e ela não sabia se era a luz fraca e amarelada da manhã, a própria Lexie — sem maquiagem, o cabelo solto em torno do rosto — ou a estranheza daquele momento: Lexie tomando café em sua cozinha, o que haviam vivenciado no dia anterior.

— Sua mãe foi muito legal comigo ontem à noite — disse Lexie, mexendo o cereal dentro da tigela.

— Minha mãe é legal — retrucou Pearl, com uma pontada de orgulho.

— Sempre achei que ela não gostasse de mim.

— Bem… — Pearl refletiu. Ela tivera a mesma impressão, mas agora percebia que algo havia mudado. — Acho que vocês só não se conheciam.

— Acha que ela gosta de mim agora? — perguntou Lexie por fim.

— Talvez.

Pearl sorriu e Lexie se levantou, envolvendo-a com o braço e beijando sua bochecha.

Na noite anterior, enquanto estavam deitadas lado a lado na pequena cama de solteiro de Pearl, Mia estendera o braço para acariciar as costas da filha, algo que não fazia havia anos. Quando Pearl era criança, as duas dividiam a cama com frequência: era mais fácil encontrar um colchão do que dois, claro, mas também havia uma profunda sensação de conforto que vinha com a proximidade, feito dois animais pequenos abrigados no fundo de uma toca. Conforme Pearl crescia, dividir a cama foi se tornando cada vez menos factível, e fazia muito tempo que elas não dormiam daquele jeito.

— Coitada da Lexie — murmurou Mia. — Que situação difícil. — Pressentia que precisava dizer algo, mas não sabia como, e depois de um instante falou de uma vez: — Você está… Você faz… — Ela se interrompeu. — Nós nunca chegamos a ter essa conversa.

Pearl se afastou e ficou de barriga para cima abruptamente.

— Ai, meu Deus, mãe. Não vamos fazer isso.

— Só quero ter certeza de que você sabe ser precavida. — Mia tocou no arranhão na unha do seu polegar. Tinha se arranhado na véspera, trabalhando. — Sei que você e Moody são muito próximos.

Ao seu lado, sentiu o corpo inteiro de Pearl ficar imóvel, então, de repente, relaxar outra vez.

— Mãe — começou ela. — Moody e eu somos só amigos.

— Mas talvez algum dia vocês queiram ser mais que isso. Sei como é…

Mia se interrompeu. Percebeu de repente que não sabia. Não sabia mesmo como era. Tivera muitos amigos na adolescência, alguns deles rapazes, mas nenhum tão próximo como a amizade de Moody e sua filha. Pareciam passar o tempo todo juntos, terminavam as frases um do outro,

usando um jargão de piadas particulares e compartilhando referências que às vezes ela não entendia. Mais de uma vez vira Pearl se inclinar para ajeitar a gola da camisa de Moody; outro dia, vira Moody esticar o braço para tirar uma folha que caíra no cabelo de Pearl com tanto carinho que ela só podia chamar aquilo de amor. Mas Mia nunca tinha sentido aquilo por ninguém, nem quando era adolescente, nem na escola de arte, nem desde então. Ela se deu conta de que, à exceção do irmão, quando eram crianças, nunca tinha visto um homem nu. Mais que isso: nunca havia tocado em alguém e sentido aquele calor, aquela tensão elétrica com a proximidade de outra pessoa. A única coisa que lhe dera aquela sensação tinha sido a arte — e depois, é claro, Pearl. Não tinha nada de útil a dizer sobre aquilo, pensou, e o silêncio aumentou entre elas.

— Mãe. — No escuro, Mia não soube dizer se Pearl estava séria ou se sorria. — Você não precisa se preocupar. Juro. Não há nada entre Moody e eu. — Ela se virou de lado, para longe de Mia, o travesseiro abafando sua voz. — E eu tirei dez na aula de educação sexual. Sei de todas essas coisas.

Era verdade, falou a si mesma. Nenhuma palavra do que dissera era mentira. Omitir não era o mesmo que mentir, concluiu Pearl. Sentiu que Mia voltara a acariciar suas costas, a mesma carícia delicada que, quando era criança, lhe garantia que não estava sozinha, que sua mãe estava ali, que estava tudo bem. Assim como na infância, aquilo a fez dormir imediatamente.

Depois que Pearl começou a roncar um pouco, Mia deixou a mão onde estava, como se fosse uma escultora moldando as escápulas de Pearl. Sentia o coração de Pearl batendo de leve na palma de sua mão. Fazia muito tempo que a filha não a deixava ficar tão próxima. Pais e mães, pensou ela, aprendem a sobreviver tocando cada vez menos os filhos. Quando era bebê, Pearl se agarrava a ela. Mia levava Pearl em um sling porque sempre que a soltava ela chorava. Eram raros os momentos do dia em que as duas não estavam grudadas uma na outra. Quando ficou mais velha, Pearl ainda se agarrava à perna da mãe, depois à cintura, depois à mão, como se houvesse algo na mãe que ela precisava absorver através da pele. Mesmo depois de ganhar a própria cama, muitas vezes Pearl ia para a de Mia no meio da noite e se aninhava sob a colcha de retalhos. De manhã, as duas acordavam emboladas, o braço de Mia preso debaixo da cabeça de Pearl, ou as pernas de Pearl em cima da barriga de Mia. Agora, na adolescência, os gestos carinhosos da menina haviam se tornado raros — um beijo na bochecha, um meio abraço sem convicção — e por isso mesmo ainda mais preciosos. Era o ciclo natural das coisas, pensou Mia, mas isso não significava que era fácil. Um abraço eventual, uma cabeça apoiada por apenas um instante no seu ombro, quando o que queria mais que tudo era agarrar e abraçar a filha com tanta força que ela acabasse se fundindo à mãe, de forma que nunca pudessem se separar. Era como treinar para sobreviver só com o cheiro de uma maçã, quando o que ela queria de verdade era devorá-la, fincar os dentes nela, consumi-la com os caroços, o miolo, tudo.

* * *

Depois que Pearl foi para a escola, Lexie passou a manhã inteira na casa da rua Winslow. Deitou-se na cama e dormiu. Ainda estava dormindo quando Mia voltou do restaurante com restos de macarrão em dois potes de isopor e uma ideia nova. O telefone tocou às duas da tarde, finalmente acordando Lexie, e Mia estava sentada à mesa desenhando a lápis em um pedaço de papel.

— Eu sei, Bebe — dizia Mia no aparelho quando Lexie entrou na sala. — Mas não pode deixar que isso afete você. A audiência vai ser pior ainda. Isso é só a ponta do iceberg. — Ela olhou para Lexie e depois voltou-se para o telefone. — Vai dar tudo certo. Respire fundo. Ligo para você mais tarde.

— Era a… mãe de Mirabelle? — perguntou Lexie quando Mia desligou o telefone.

Para o seu constrangimento, não conseguiu se lembrar nem do nome de Bebe nem do nome batismo da bebê.

— Ela é minha amiga. — Mia se sentou à mesa outra vez e Lexie puxou uma cadeira ao seu lado. — Saiu uma matéria no jornal hoje dizendo coisas desagradáveis sobre ela, insinuando que ela não está apta para ser mãe. — Mia olhou para Lexie. — Mas você já devia saber disso com seu pai representando os McCullough e tal.

Lexie corou. Seu pai estava muito ocupado ultimamente — ficando no escritório até tarde preparando-se para a audiência que se aproximava a passos largos —, mas ela andava muito distraída com Brian, com a faculdade, com a visita à clínica e tudo o que a levara até lá, para prestar atenção.

— Eu não fazia ideia — respondeu, rigidamente. Então, acrescentou: — Ela não é apta para ser mãe?

Mia pegou o lápis e voltou para o desenho. Uma rede, pensou Lexie. Não, talvez fosse uma jaula.

— Antes talvez não. Estava em uma situação ruim.

— Mas ela abandonou a bebê.

Era algo que Lexie tinha escutado a mãe falar várias vezes ao telefone para a Sra. McCullough, sempre que o caso era mencionado, de forma que ficara gravado em sua mente como um fato.

— Acho que ela estava tentando fazer o melhor para a bebê. Sabia que não podia lidar com aquilo. — Mia rabiscou uma anotação rápida no canto do desenho. — A pergunta é se as coisas continuam iguais. Se ela deve ter uma segunda chance.

— E você acha que ela deve?

Mia ficou sem responder por um instante. Então, falou:

— Acho que, na maioria das vezes, todo mundo merece mais de uma chance. Todos nós fazemos coisas de que nos arrependemos de vez em quando. Você só tem que carregá-las consigo.

Lexie ficou calada. Inconscientemente, levou a mão à barriga, onde uma dor começava a despontar.

— É melhor eu ir para casa — disse a menina, por fim. — As aulas estão quase acabando e minha mãe já deve ter voltado.

Mia varreu pedacinhos de borracha de cima da mesa e ficou em pé.

— Está pronta? — perguntou ela, com uma gentileza que doeu em Lexie.

— Não — respondeu Lexie, rindo de nervoso. — Mas será que algum dia vou estar? — Depois se levantou. — Obrigada por... Bem. Obrigada.

— Vai contar para ela? — indagou Mia, enquanto Lexie juntava suas coisas.

A menina ponderou.

— Não sei — falou, por fim. — Talvez. Não agora, mas talvez um dia.

Pegou a chave do carro no bolso e foi atrás da sua bolsa. Embaixo dela, viu o formulário de alta da clínica. Parou, amassou a folha e a jogou no lixo, indo embora em seguida.

Dezesseis

Mia tinha razão: quando a audiência pela guarda começou, uma série de matérias já havia saído — tanto no jornal impresso quanto na televisão — sobre Bebe Chow e sua aptidão para a maternidade. Algumas a retratavam como uma imigrante trabalhadora que viera em busca de oportunidades e fora vencida — temporariamente, insistiam os apoiadores — pelos obstáculos e pelas desigualdades. Outras foram menos gentis: ela era instável, nada confiável, um exemplo do pior tipo de mãe. Na última semana de março, quando a audiência começou, os degraus que levavam ao tribunal estavam lotados de jornalistas e repórteres de tabloides, todos loucos para conseguir migalhas de qualquer coisa que fosse dita nos depoimentos.

Como a audiência foi privada, assim como todos os procedimentos no tribunal de família, as notícias dos jornais puderam permanecer sensacionalistas e simplistas, com argumentos fáceis de um lado e do outro. Só os presentes na sala de audiência — os McCullough, seu advogado, o Sr. Richardson, Ed Lim, Bebe e o próprio juiz — ouviram tudo o que tinha acontecido, em toda sua profunda complexidade.

E era mesmo complicado o que tinha acontecido. Foi uma história terrivelmente constrangedora, agonizantemente lenta e dolorosamente íntima que se desenrolou ao longo daquela semana entre o Sr. Richardson e Ed Lim: um deles argumentava em prol do seu cliente, o outro dissecava o raciocínio com habilidade e, com cautela, o virava de cabeça para baixo.

A bebê fora encontrada subnutrida. Sua moleira estava funda, um sinal clássico de desidratação, e as costelas e os ossinhos da coluna estavam visíveis sob a pele, parecendo um colar de pérolas. Com dois meses de vida, ela pesava apenas 3,5 quilos.

(Mas a bebê tinha se recusado a pegar o peito. Bebe tentara sem parar até seus mamilos racharem e sangrarem. Ela chorava, os seios empedrados com leite que não conseguia dar de mamar para a filha, a bebê urrando em seu colo, virando furiosamente o rosto para o lado, e, ao som do choro da menina, um leite cor-de-rosa jorrava dos seus seios e escorria até suas pernas. Depois de duas semanas assim, o leite de Bebe secara. Ela gastou seus últimos sete dólares com leite em pó e então sua carteira ficou vazia, com exceção de uma nota falsa de um milhão de dólares que alguém lhe entregara no trabalho para dar sorte.)

Uma assadura grave na bebê indicava que ela havia ficado com a fralda suja durante horas, senão dias.

(Mas Bebe não tinha dinheiro para fraldas. Lembre-se de que tinha gastado seus últimos sete dólares com leite em pó. Havia feito o melhor que podia. Tinha tirado a fralda suja, limpado o máximo possível, e a recolocado em torno da cintura da filha. Passara vaselina — a única coisa

que tinha — nas manchas vermelhas raivosas no bumbum da menina.)

Vizinhos escutavam o bebê chorando durante horas, sem parar.

— O dia todo, a noite toda — dissera o vizinho do 3B. — Gritando quando eu saía para trabalhar de manhã. Gritando quando eu voltava para casa à noite. — Ele pensara em chamar a polícia, mas não quisera interferir. — Gosto de cuidar só da minha vida.

(Mas Bebe também tinha chorado. Sim, ela se deitara e chorara, às vezes com a bebê no colo, acariciando freneticamente suas costas e seu cabelo, às vezes sozinha, no chão, ao lado da gaveta da cômoda que usava como berço, enquanto a bebê chorava ao seu lado, as vozes das duas se erguendo até o teto numa harmonia dolorosa.)

Durante seu mês e meio de maternidade turbulenta, nenhuma vez Bebe buscara a ajuda de um psicólogo ou médico.

(Deveria ter buscado, é verdade. Mas não fazia ideia de a quem recorrer. Seu inglês era no máximo medíocre; compreendia muito pouco da língua escrita. Não sabia como encontrar os assistentes sociais que poderiam tê-la ajudado, aliás nem sabia que eles existiam. Não tinha ideia de como pedir ajuda financeira do governo. Não sabia que existia essa possibilidade. Quando olhava para baixo, não encontrava uma rede de segurança, apenas uma floresta de arranha-céus, feito agulhas apontando para cima, prestes a espetá-la. Quem poderia culpá-la por ter colocado a filha em um local seguro enquanto ela própria despencava?)

Bebe deixara sua bebê na madrugada do dia 5 de janeiro de 1997 no corpo de bombeiros da rua Kinsman. Naquela noite, a temperatura chegara a zero grau. Com o vento, menos oito. Às duas e meia da manhã, quando o bombeiro abriu a porta e encontrou a bebê dentro da caixa de papelão, a neve começava a cair, e tudo estava coberto de uma poeira prateada e cristalina.

(Por mais que realmente fizesse bastante frio quando Bebe deixou a bebê nos degraus do corpo de bombeiros, ela vestia três blusas e duas calças, e fora envolta em quatro cobertores — todos os itens de bebê que a mãe tinha. Suas mãozinhas haviam sido enfiadas lá dentro para que continuassem aquecidas e uma parte do cobertor fora puxada por cima de sua cabeça para protegê-la do vento. Nas melhores estimativas de todas, quando o chefe dos bombeiros abriu a porta ela estava do lado de fora havia vinte minutos, e na neve havia uns dois. Só um pouco de neve começara a grudar nos cobertores, dando a impressão de que a bebê fora coberta de açúcar ou mergulhada em diamantes.)

Quando a bebê nasceu, Bebe estava no país havia apenas dois anos e em Cleveland havia pouco mais de um. Morara em três apartamentos diferentes desde que chegara a Cleveland, quebrara o contrato de um e sempre atrasara o aluguel no outro ou ficara devendo uma parte. Nunca tivera um emprego que pagasse mais que um salário mínimo.

(Todo mês ela ficava constrangida por estar devendo. Certa vez, pagou o aluguel inteiro e não teve dinheiro para comprar comida e pagar a conta de luz: que coisa, ter que escolher entre a fome e a escuridão. Depois disso, decidiu pagar o que podia, e quando recebia gorjetas boas escrevia seu nome em um pedaço de papel, colocava lá dentro uma nota de vinte dobrada e enfiava debaixo da porta do proprietário. Ela registrava seus gastos em um velho envelope que

ficava sempre em cima da bancada da cozinha. A matemática era a seguinte:

Set. $100 a menos
8/9 paguei $20
13/9 paguei $20
18/9 paguei $20
Out. $80 a menos então agora devo $120
3/10 paguei $20
14/10 paguei $20
26/10 paguei $20
Nov. $70 a menos então agora devo $130

Uma vez que criara uma dívida, como poderia quitá-la? E que outro tipo de trabalho poderia arranjar, falando mal inglês, sem ter nem ao menos o equivalente de um diploma de ensino médio?)

Durante a gravidez e até pouco tempo antes de ter a bebê, Bebe trabalhara em um restaurante onde um dos cozinheiros fora preso por traficar heroína. Antes disso, vários funcionários suspeitavam de que os dois estivessem envolvidos. Eles flertavam. Em pelo menos uma ocasião, o tal cozinheiro dera uma carona para Bebe no fim da noite. Não seria provável que Bebe, com uma relação tão suspeita, também estivesse envolvida em algo ilícito?

(O cozinheiro, Vinny, de fato estava vendendo heroína. Não podiam negar isso. Mas seu interesse por Bebe era puramente platônico. Ele tinha pena dela, vendo sua barriga crescer, sabendo que o inútil do namorado dela fugira deixando-a sem nada. Dez meses antes, a irmã dele estivera na mesma situação, e toda noite, quando ele voltava para o apartamento que dividiam com a mãe, Teresa ficava cada vez mais pálida, o bebê aos berros em seu colo ou jogado sobre seu ombro feito um velhinho, os dois no sofá parecendo idosos e exaustos. Era de admirar que toda manhã, quando ele via Bebe, sentisse uma dor no coração? Era errado tentar fazê-la sorrir quando já não conseguia fazer a irmã sorrir, dar a ela uma carona para casa quando via seus pés inchando até quase arrebentarem o cadarço dos sapatos?

Quanto a Bebe: ela achava Vinny atraente, é verdade. Mas a atração vinha principalmente da gentileza dele e da ideia de um homem — qualquer homem — tocando-a, enquanto que a bebê chutando dentro de sua barriga a enchia de repulsa. Quando Vinny foi pego pelos policiais, Bebe sentiu uma tristeza profunda por ele, como se fosse um irmão que nunca mais veria.)

O emprego atual de Bebe como garçonete pagava o salário mínimo do estado para funcionários que recebiam gorjetas: $2,35 por hora. Ao trabalhar cinquenta horas por semana, com as gorjetas, seu pagamento médio semanal era de $317,50. Poderia sensatamente esperar criar uma filha, provendo todas as suas necessidades, com esse salário? Não seria obrigada a pedir auxílio financeiro ao governo, ajuda alimentícia, merendas escolares? Ela e a filha não se

tornariam um peso para os recursos da comunidade?

(Mas haveria amor também, muito amor. Com isso, era possível viver com muito pouco. Era o suficiente para o básico: aluguel, comida, roupas. Como é possível medir o amor de uma mãe a partir do custo de criar um filho?)

Mark e Linda McCullough tinham todos os recursos necessários para criar um filho, isso era evidente. O Sr. McCullough tinha um trabalho estável que pagava bem; a Sra. McCullough cuidava da bebê em tempo integral havia quatorze meses e planejava continuar assim por tempo indefinido. Eram proprietários da casa onde moravam, em um bairro seguro e rico. Estavam no nonagésimo sexto percentil financeiro. Desde que estava sob seus cuidados, a bebê fora bem-vestida, bem-alimentada, bem-cuidada. Tinha consultas médicas regulares, muita socialização e muito aprendizado: leituras infantis na biblioteca, natação, aulas de música para mamães e bebês. A casa dos McCullough fora rigorosamente inspecionada e certificada como livre de chumbo.

Além disso, os McCullough tinham se demonstrado excepcionalmente dedicados a criar um filho. Os registros comprovavam que tinham tentado conceber um filho por conta própria durante dez anos, e que esperavam para adotar havia quatro. Tinham buscado a ajuda de todos os especialistas médicos na área da grande Cleveland — incluindo os melhores médicos de fertilização na Clínica de Cleveland — e então contratado a agência de adoção mais respeitada do estado. Isso não indicava que cuidariam da bebê com o maior carinho possível, além de dar a ela todas as oportunidades?

(Mas a bebê já tinha mãe, cujo sangue corria em suas veias, que a havia carregado no ventre durante meses, que sentira seus chutes e movimentos, que passara vinte e uma horas em trabalho de parto, parindo-a de rosto para cima e gritando sob a luz forte da sala de parto, que caíra em prantos de alegria ao ouvir o choro da filha pela primeira vez, que — antes mesmo que as enfermeiras limpassem a bebê, antes mesmo que cortassem o cordão umbilical — tocara cada parte do corpo dela, as pequenas narinas arregaladas, as sombras claras das sobrancelhas, as solas sujas de útero dos seus pés, garantindo que estava inteira ali, aprendendo-a de cor.)

Se a guarda fosse devolvida a Bebe, ela criaria a filha como mãe solteira enquanto trabalhava. Quem cuidaria da menina enquanto ela estivesse no trabalho? A criança não ficaria melhor em uma casa com dois pais — um deles que não trabalhava e podia ficar cuidando dela em tempo integral — em vez de em uma creche durante a maior parte do dia? E a bebê não ficaria melhor em uma casa com uma mãe *e* um pai, afinal os estudos mostravam a importância de uma figura masculina presente na vida da criança?

(A questão se resumia sempre a isso: o que faz de alguém uma *mãe*? Apenas a biologia ou o amor?)

No tribunal, o Sr. Richardson ficou agradecido por ninguém de fora ter escutado o último dia, quando a Sra. McCullough foi chamada para depor. Ela fora lá para a frente — no tribunal de família, não havia tribuna para a testemunha, apenas uma cadeira ao lado do juiz — e sentara-se, e ele percebeu o nervosismo dela pela maneira como cruzava e descruzava os calcanhares, por não decidir onde colocar as mãos, nos braços da cadeira ou na rede macia formada pela saia.

Ele nunca tinha percebido que o lugar da testemunha no tribunal comum, apesar de toda a formalidade e imponência, escondia a pessoa da cintura para baixo: pelo menos o mundo não veria seus pés se remexendo, e por mais que você fosse julgado, suas pernas não seriam.

Ed Lim levantou-se demoradamente para questioná-la. Era um homem alto, sobretudo para um asiático: um metro e oitenta, magro e definido, com o físico de um jogador de basquete (na verdade, tinha jogado no time escolar de Shaker nos anos 1960). Ele e a Sra. McCullough eram separados por apenas três séries na escola, ambos moradores e estudantes de Shaker durante toda a vida, e antes daquele caso ele só se lembrava dela como uma aluna tímida do segundo ano, ligeiramente rechonchuda, com cabelo castanho-claro comprido. Ele era um dos dois únicos asiáticos da turma — a outra era Susie Chang. Os outros alunos costumavam provocá-los dizendo que os dois se casariam quando crescessem. Não tinham se casado, é claro. Susie fora para Oregon logo depois da formatura, mas no fim das contas Ed de fato se casara com uma moça chinesa gentil que conhecera na faculdade, uma filha da primeira geração de imigrantes como ele. Porém, a Sra. McCullough não se lembrava de nada disso, nem mesmo de Susie Chang, que fora animadora de torcida ao seu lado durante um ano.

— Bem, Sra. McCullough — disse Ed Lim, colocando a caneta em cima da mesa. — Passou a vida toda aqui em Shaker, certo?

Ela fez que sim.

— Escola Shaker Heights, turma de 1971. Sempre frequentou os colégios de Shaker?

— Desde o jardim de infância. A Boulevard, quando ia do jardim até o nono ano. E depois o ensino médio, é claro.

— E então foi para a Universidade de Ohio?

— Isso. Turma de 1975.

— E depois disso voltou para Shaker Heights. Direto?

— É, me ofereceram um emprego, e meu marido, meu noivo na época, e eu sabíamos que queríamos criar uma família aqui.

Ela deu uma olhada no Sr. Richardson em sua mesa, e ele acenou de forma discreta com a cabeça. Tinham conversado sobre aquilo durante a preparação: o foco era lembrar ao juiz, sempre que possível, o quanto ela e o Sr. McCullough queriam aquela bebê, como eram focados na família, como se dedicavam à pequena Mirabelle.

— Então realmente morou em Ohio a vida toda. — Ed Lim se sentou no braço da cadeira. — Os pais de May Ling, como todos já sabem, são de Guangdong. Ou talvez você conheça como Cantão. Já esteve lá?

A Sra. McCullough se remexeu na cadeira.

— É claro que temos a intenção de levar Mirabelle para uma viagem às suas origens. Quando ela for um pouco maior.

— Fala cantonês?

A Sra. McCullough negou com a cabeça.

— Mandarim? Xangaiês? Taiwanês? Algum dialeto chinês?

O Sr. Richardson fechou a caneta com irritação. Ed Lim estava apenas se gabando, pensou.

— Já estudou alguma coisa sobre a cultura chinesa? — perguntou ele. — História chinesa?

— É claro que vamos aprender tudo sobre isso — disse a Sra. McCullough. — Para nós é muito importante que Mirabelle tenha contato com sua cultura de origem. Mas achamos que o mais importante de tudo é que ela tenha um lar amoroso, com dois pais amorosos.

Olhou de novo para o Sr. Richardson, satisfeita por ter conseguido se virar naquela situação. Vocês são dois, dissera ele, isso pode ser uma grande vantagem em comparação com uma mãe solteira.

— Você e o Sr. McCullough são claramente muito amorosos. Acho que ninguém tem dúvidas quanto a isso.

Ed Lim sorriu para a Sra. McCullough e o Sr. Richardson se empertigou na cadeira. Ele conhecia advogados bem o bastante para saber quando estavam prestes a acionar uma armadilha.

— Então, o que exatamente pretendem fazer para manter May Ling "em contato com sua cultura de origem", como você mesma falou? — Houve uma longa pausa. — Talvez essa seja uma pergunta muito abrangente. Deixe-me voltar atrás. May Ling está com vocês há quatorze meses, certo? O que fizeram, desde que estão com ela, para conectá-la à cultura chinesa?

— Bem…

Outra pausa, muito longa desta vez. O Sr. Richardson desejou que a Sra. McCullough falasse algo, qualquer coisa.

— Pérola do Oriente é um dos nossos restaurantes favoritos. Tentamos ir com ela uma vez por mês. Acho que é bom para ela ouvir chinês, escutar a língua. Crescer achando isso natural. E tenho certeza de que vai gostar da comida quando crescer. — Um silêncio sonolento tomou o tribunal. A Sra. McCullough sentiu a necessidade de preenchê-lo. — Também poderemos fazer um curso de culinária chinesa no centro de recreação e aprender juntas. Quando ela for mais velha. — Ed Lim ficou quieto e a Sra. McCullough prosseguiu, nervosa: — Tentamos ser muito sensíveis a essas questões sempre que podemos. — Ela ficou inspirada. — Como no primeiro aniversário dela, por exemplo. Queríamos dar um ursinho de pelúcia de presente. Um que pudesse guardar como relíquia de família. Tinha um urso pardo, um urso polar e um panda, então pensamos bem e decidimos pelo panda. Achamos que talvez ela sentisse uma conexão maior com ele.

— May Ling tem alguma boneca? — perguntou Ed Lim.

— É claro. Tem várias bonecas. — A Sra. McCullough deu um risinho. — Ela adora bonecas. Como qualquer menina. Nós compramos bonecas para ela, minhas irmãs compram bonecas para ela, nossas amigas compram bonecas para ela… — Riu outra vez e o Sr. Richardson cerrou o maxilar. — Ela deve ter uma dúzia de bonecas ou mais.

— E como elas são, essas bonecas? — persistiu Ed Lim.

— Como elas são? — O cenho da Sra. McCullough se franziu. — São… são bonecas. Algumas são bebês, outras menininhas… — Estava claro que ela não tinha entendido a pergunta. — Algumas têm mamadeiras, outras têm vestidos que dá para trocar, uma delas fecha os olhos

quando você a coloca deitada, e a maioria tem cabelo e dá para pentear…

— E qual é a cor do cabelo delas?

A Sra. McCullough pensou por um instante.

— Bem… o da maioria é louro. Uma tem cabelo castanho. Talvez duas.

— E a boneca que fecha os olhos? De que cor são os olhos dela?

— Azuis. — A Sra. McCullough cruzou as pernas e as descruzou em seguida. — Mas isso não quer dizer nada. Quando você vai à loja de brinquedos… a maioria das bonecas é loura de olhos azuis. Quer dizer, é o padrão.

— O padrão — repetiu Ed Lim.

A Sra. McCullough teve a sensação de ter sido pega no flagra, embora não soubesse por quê.

— Não é nada racista — insistiu ela. — Eles só querem fazer uma menininha genérica. Você sabe, uma que agrade a todo mundo.

— Mas não se parece com todo mundo, não é? Não se parece com May Ling. — Ed Lim ficou de pé, sua altura subitamente imponente na sala de audiência. — May Ling tem alguma boneca asiática, ou seja, alguma boneca que se pareça com ela?

— Não… Mas quando ela ficar mais velha e estiver pronta, podemos comprar uma Barbie Chinesa para ela.

— Já viu uma Barbie Chinesa? — perguntou Ed Lim.

A Sra. McCullough corou.

— Bem… nunca procurei uma. Ainda. Mas deve existir.

— Não existe. A Mattel não fabrica.

A filha de Ed Lim, Monique, estava no terceiro ano do ensino médio, mas, durante sua infância, ele e a esposa haviam ficado assustados ao perceber que não existiam bonecas parecidas com ela. Aos dez anos, Monique começara a ler um catálogo de bonecas vendidas pelo correio como se fosse um livro — bonecas caras, com nomes, histórias e roupas históricas, exageradamente detalhadas e caras ao extremo.

"Jenny Cohen tem esta aqui", dissera ela aos pais, apontando para uma boneca loura que de fato se parecia com Jenny Cohen: o rosto meigo com uma franja grossa, o corpo ligeiramente atarracado. "E eles acabaram de criar uma nova com cabelo ruivo. A mãe vai comprar para a irmã dela, Sarah, de Hanucá."

Sarah Cohen tinha cabelo vermelho como fogo, da cor de uma moeda de um centavo sob o sol de verão. Mas não existiam bonecas de cabelo preto, muito menos com um rosto que se parecesse pelo menos um pouco com o de Monique. Ed Lim fora a quatro lojas de brinquedos em busca de uma boneca chinesa. Ele a teria comprado para a filha, independentemente do preço, mas elas não existiam.

Chegara até a escrever para a Mattel perguntando se existia uma Barbie Chinesa, e eles haviam respondido que sim, vendiam a "Barbie Oriental", e tinham enviado um panfleto. Ele passara muito tempo olhando para o panfleto, para a estranha e confusa fantasia que a Barbie usava, toda de cetim vermelho e dourado, diferente de tudo o que ele já vira em uma mulher

chinesa, japonesa ou coreana, o cabelo preto até a cintura e os olhos puxados. *Sou de Hong Kong*, dizia o panfleto. *Fica no Oriente ou Extremo Oriente. Em todo o Oriente, as pessoas fazem compras em mercados ao ar livre onde mercadorias como peixes, legumes, seda e temperos ficam expostos.* No ano anterior, ele e a esposa, Monique, tinham viajado para Hong Kong, cidade que lhe marcara antes de tudo pelos arranha-céus reluzentes. Em um gigantesco shopping center envidraçado, ele comprara um casaco de cashmere cinza-claro que usava por baixo do paletó em dias frios. *Venha visitar o Oriente. Sei que vai achar exótico e interessante.*

No fim das contas, ele jogara o panfleto no lixo. Ouvira de amigos seus com filhos mais novos que a linha onerosa de bonecas passara a vender uma asiática — e algumas negras também —, mas nunca a tinha visto. Monique já estava com dezessete anos, e havia muito tempo não brincava de boneca.

Então, no tribunal, Ed Lim deu alguns passos para a frente.

— E livros? Que tipo de livros você lê com May Ling?

— Bem. — A Sra. McCullough começou a pensar. — Lemos muitos clássicos para ela. *Goodnight Moon*, é claro. E *Pat the Bunny*, que ela adora. *Madeline. Eloise. Blueberries for Sal.* Guardei todos os meus favoritos da infância, e é muito especial poder compartilhá-los com Mirabelle.

— Algum livro com personagens chineses?

A Sra. McCullough já estava preparada para a pergunta.

— Na verdade, temos, sim. Temos *The Five Chinese Brothers*, que é uma linda versão de uma famosa lenda popular chinesa.

— Conheço o livro.

Ed Lim voltou a sorrir e os ombros do Sr. Richardson se tensionaram. Ele estava descobrindo que sempre que Ed Lim sorria era preciso tomar cuidado. *Não dá para saber o que ele está tramando*, pensou o Sr. Richardson. Depois, imediatamente mortificado: *Que coisa horrível de se pensar*. Corou.

— Como são os cinco irmãos desse livro? — perguntava Ed Lim.

— São... são desenhos. São todos parecidos... Quero dizer, parecidos uns com os outros, afinal são irmãos, isso faz parte da história, ninguém consegue distingui-los... — atrapalhou-se a Sra. McCullough.

— Eles usam trança, não é? E chapéus cônicos de palha? Têm olhos puxados?

Ed Lim não esperou que a Sra. McCullough respondesse. Sua filha tinha visto aquele livro na biblioteca da escola no segundo ano e voltado para casa profundamente perturbada. *Papai, meus olhos são assim?*

— Não é exatamente a imagem do povo chinês que eu gostaria que May Ling tivesse em 1998. O que você acha?

— É uma história muito antiga — insistiu a Sra. McCullough. — Estão usando trajes tradicionais.

— E quanto a outros livros, Sra. McCullough? Tem algum outro livro com personagens chineses?

Ela mordeu o lábio.

— Não cheguei a procurar por outros — admitiu. — Não tinha pensado nisso.

— Não perca seu tempo — disse Ed Lim. — Não existem muitos. Então May Ling não tem nenhuma boneca que se pareça com ela e não tem livros com figuras de pessoas que se pareçam com ela.

Ed Lim deu mais alguns passos a esmo. Quase duas décadas depois, outros levantariam aquela questão, falariam sobre livros como *espelhos* e *janelas*, e Ed Lim, já cansado àquela altura, ficaria frustrado e ao mesmo tempo grato. *Nós sempre soubemos*, pensaria. *Por que demoraram tanto?*

Então, no tribunal, Ed Lim parou diante da cadeira da Sra. McCullough.

— Você e seu marido não falam chinês, nem sabem muito sobre a cultura e a história chinesas. Segundo seu próprio depoimento, nem pensaram em todo esse aspecto da identidade de May Ling. Não acha justo dizer que, se May Ling ficar com você e o Sr. McCullough, ela vai efetivamente ser separada da sua cultura de origem?

Naquele momento, a Sra. McCullough desatou a chorar. Nas primeiras semanas, ela havia alimentado Mirabelle de quatro em quatro horas, a havia pegado no colo sempre que chorava e observado a menina crescer até que seus calcanhares quase rasgassem os pijamas de recém-nascido. Era ela quem verificava o peso de Mirabelle regularmente, quem cozinhava ervilhas, batatas doces e espinafre fresco no vapor, batia tudo e dava para Mirabelle comer com pequenas colheradas. Quando Mirabelle tinha febre, era ela quem colocava um paninho úmido e frio em sua testa, quem levava os lábios à cabecinha da menina para conferir a temperatura. E quando descobriu-se que a culpa era de uma infecção de ouvido, fora ela quem dera antibiótico em xarope para Mirabelle, pingando gota por gota em sua boquinha cor-de-rosa, deixando que ela lambesse o líquido feito um gatinho. Não poderia, pensava ela ao debruçar-se para beijar a bochecha corada da bebê, amar mais aquela criança, nem se fosse sangue do seu sangue. A noite inteira — já que com febre Mirabelle não conseguia dormir a não ser em movimento —, ela segurava a bebê no colo e perambulava pelo quarto. De manhã, já tinha caminhado quase sete quilômetros. Era ela quem, depois do café da manhã, antes do banho e na hora de dormir, acariciava a barriguinha macia de Mirabelle até que a bebê desse risadinhas. Fora ela quem segurara Mirabelle nos braços quando ela aprendera aos tropeços a ficar de pé. Era para ela que Mirabelle estendia os braços quando estava com dor, com medo, ou se sentindo sozinha. Ela reconheceria Mirabelle na escuridão total pelo som de sua voz; não, pelo toque de sua mão; não, pelo seu simples cheiro.

— Não é uma exigência — insistia ela. — Não é uma exigência que a gente seja especialista em cultura chinesa. A única exigência é amar Mirabelle. A gente ama e quer dar uma vida melhor para ela.

A Sra. McCullough continuava chorando e o juiz a dispensou.

— Tudo bem — disse o Sr. Richardson quando ela ocupou a cadeira ao seu lado. — Você se saiu bem.

Mas no fundo ele começava a sentir o discreto tremor de uma dúvida. É claro que Mirabelle

teria uma vida boa com Mark e Linda. Não havia dúvidas quanto a isso. Mas será que algo — *algo* — faltaria em sua vida se ela crescesse com eles? O Sr. Richardson tomou consciência, súbita e intensamente, de Mirabelle, do peso imenso de um mundo complexo naquele serzinho vulnerável.

Nos degraus do tribunal, quando os repórteres o detiveram, ele fez uma breve declaração paliativa sobre a confiança que tinha no processo.

— Tenho total confiança no juiz Rheinbeck, de que ele vai ponderar todas as questões e tomar uma decisão justa — afirmou.

Os McCullough pareceram não notar a sutil mudança em seu tom de voz: nas declarações anteriores, falara com veemência sobre como era claro que eles deveriam ficar com a guarda da menina, como era óbvio que a criariam melhor, como era evidente que o lugar de Mirabelle era com os McCullough (ela é uma McCullough, ele insistira). Os jornais também não notaram, publicando matérias com a manchete ADVOGADO DE PAIS ADOTIVOS TEM CERTEZA DA VITÓRIA. No entanto, o Sr. Richardson estava muito menos seguro do que a impressão passada pelas notícias.

Durante o jantar daquela noite, quando a Sra. Richardson perguntou como havia sido a audiência do dia, ele falou pouco.

— Linda testemunhou hoje — contou. — Ed Lim foi bem duro com ela. Não foi bom.

Ele quisera completar com *para a Sra. McCullough*, mas assim que as palavras saíram de sua boca, teve uma ideia, uma forma de manipular aquilo, e mais tarde naquela mesma noite ligou para seus contatos no jornal. Na manhã seguinte, o *Plain Dealer* publicaria uma matéria mencionando as táticas "agressivas" de Ed Lim, como ele atormentara a pobre Sra. McCullough até fazê-la chorar. Homens como ele, insinuaria o artigo, não deveriam perder a calma — mas não especificaram se "como ele" se referia a advogados ou outra coisa bem diferente. Mas a verdade — como reconheceu o próprio Sr. Richardson — era que um homem asiático raivoso não correspondia às expectativas do público e, portanto, era algo preocupante. Homens asiáticos podiam ser socialmente atrapalhados, incompetentes e ridículos, como Long Duk Dong, ou no máximo inofensivos e um pouco aparvalhados, como Jackie Chan. Não podiam ser raivosos, loquazes, poderosos e possivelmente ter razão, pensou o Sr. Richardson, incomodado. Depois que a matéria foi publicada, várias pessoas que antes estavam neutras passaram a apoiar os McCullough, e algumas que estavam do lado de Bebe ficaram menos fervorosas.

Naquele instante, enquanto a ideia ainda se formava em sua mente, ele disse apenas:

— Vamos ver como as coisas evoluem.

— Tenho pena dela — falou Lexie abruptamente na outra extremidade da mesa. — De Bebe, quero dizer. Ela deve estar se sentindo péssima.

— Espere aí — disse Izzy —, está falando da mesma Bebe que no mês passado chamou de mãe negligente?

Lexie corou.

— Ela deveria ter cuidado melhor da bebê — admitiu. — Mas sei lá. Será que não foi

demais para ela? Será que não sabia no que estava se metendo?

— E é por isso que gravidez é algo que deve ser levado a sério — interrompeu a Sra. McCullough. — Está me ouvindo, Alexandra Grace? Isabelle Marie? — Ela pegou o prato de vagens com lascas de amêndoa e se serviu de uma colherada. — É claro que ter um bebê é difícil. Muda a sua vida. Obviamente Bebe não estava pronta para isso, nem de forma prática nem emocional. E este talvez seja o melhor argumento para dar a bebê a Linda e Mark.

— Então a pessoa comete um único erro e acabou? — questionou Lexie. — Não estou pronta para ter um bebê. Mas se eu… — Ela hesitou. — Se eu engravidasse, você também me obrigaria a abrir mão da criança?

— Lexie, isso nunca aconteceria. Ensinamos você a ser mais sensata que isso.

Sua mãe devolveu o prato ao centro da mesa e espetou uma vagem com o garfo.

— Vejam só, o coração de alguém triplicou de tamanho hoje — disse Izzy para Lexie. — O que houve com você?

— Nada — respondeu a menina. — Estou falando que é uma situação complicada, só isso. — Ela pigarreou. — Brian estava dizendo que nem os pais dele concordam sobre esse assunto.

Moody revirou os olhos.

— O caso que dividiu famílias por toda Cleveland — disse ele.

— John e Deborah têm o direito de ter as próprias opiniões — falou o Sr. Richardson. — Assim como todo mundo nesta mesa. — Seu olhar percorreu o cômodo. — Trip, que história é essa de você ter marcado três gols no jogo de ontem?

Porém, depois do jantar, os pensamentos do Sr. Richardson continuavam confusos.

— Você acha — perguntou ele à Sra. Richardson enquanto tiravam a mesa — que Mark e Linda realmente sabem como criar uma criança chinesa?

A Sra. Richardson o encarou.

— É igual a criar qualquer outra criança, imagino — disse ela rigidamente, arrumando os pratos no lava-louça. — Por que seria diferente?

O Sr. Richardson jogou no lixo os restos de macarrão do prato seguinte e o entregou para ela.

— É claro que tudo o que é importante é igual — concedeu ele. — Mas, digo, quando a menina crescer, vai ter muitas perguntas. Sobre quem ela é, de onde veio. Vai querer saber sobre suas origens. Eles vão conseguir ensinar isso a ela?

— Existem recursos. — Ela fez um gesto de desdém com a mão, deixando pingar sem querer algumas gotas de estrogonofe na bancada. — Não vejo por que eles não podem aprender com ela. Aprender juntos sobre cultura chinesa não os deixaria ainda mais unidos?

A Sra. Richardson tinha vívidas memórias de infância de Linda envolvendo sua boneca Raggedy Ann com um guardanapo e colocando-a delicadamente na cama. Mais do que qualquer um, ela sabia da vontade feroz para ter um bebê, da ansiedade profunda pela maternidade — esse papel mágico, maravilhoso e aterrorizante — de sua amiga. Mia, pensou ela, devia entender melhor que ninguém: não tinha visto aquilo nos Ryan? Será que ela própria não teria sentido o

mesmo e por isso fugira com Pearl?

Ela esfregou a bancada com o polegar, sujando o granito, e disse:

— Sinceramente, acho que é uma coisa incrível para Mirabelle. Vai ser criada em um lar onde não se vê raça, onde não se importam, nem por um infinitésimo, com a sua aparência. O que pode ser melhor que isso? Às vezes eu acho — disse ela com ferocidade — que todos nós ficaríamos melhor assim. Talvez todo mundo, ao nascer, devesse ser dado a uma família de outra cultura. Quem sabe isso resolveria o racismo de uma vez por todas.

Ela fechou o lava-louça de forma brusca e saiu da cozinha, os pratos chacoalhando dentro da máquina. O Sr. Richardson pegou uma esponja e limpou a bancada grudenta. Percebeu que não deveria ter tocado naquele assunto: era pessoal demais para ela; não via a situação com clareza; estava tão próxima que não conseguia perceber a confusão. Para ela, era simples: Bebe Chow fora uma mãe ruim; Linda McCullough fora uma mãe boa. A primeira havia seguido as regras, a segunda, não. Mas o problema das regras, refletiu ele, era que subentendiam um jeito errado e um jeito certo de fazer as coisas, quando, na verdade, na maior parte do tempo havia apenas *jeitos*, sendo que nenhum deles era exatamente certo ou errado e nada podia indicar com certeza de que lado da linha você estava. Ele sempre admirara o idealismo da esposa, sua crença de que o mundo podia se tornar melhor, mais organizado e talvez até perfeito. Pela primeira vez, ele se perguntou se tinha a mesma opinião.

Dezessete

Porém, rapidamente ficou claro que o Sr. Richardson não era o único que estava em conflito. O juiz também parecia hesitante. Uma semana se passou da audiência, depois duas, sem que qualquer decisão fosse tomada. Em meados de abril, Lexie tinha uma consulta de acompanhamento na clínica, e para a surpresa tanto de Pearl quanto de Mia, pediu que Mia a acompanhasse.

— Você não precisa *fazer* nada — prometeu ela a Mia. — É só que eu me sentiria melhor com você lá.

O fervor em sua voz foi persuasivo, e na tarde da consulta, após o décimo tempo de aula, Lexie estacionou o Explorer diante da casa na rua Winslow. Mia ligou o motor do Rabbit e Lexie se sentou no banco do carona, então as duas seguiram juntas, como se ela realmente fosse Pearl, e como se Mia realmente fosse sua mãe, levando-a para a mais íntima das tarefas.

Na realidade, desde a visita à clínica, Pearl tinha um estranho sentimento de inversão: era como se, enquanto ela e Lexie dormiam sob o mesmo teto, Lexie tivesse de alguma forma ocupado seu lugar e ela tivesse ocupado o de Lexie, e isso não tivesse sido desfeito. Lexie voltara para casa vestindo uma camiseta emprestada, e Pearl, ao observá-la sair pela porta com uma roupa sua, tivera a estranha sensação de ver a si mesma se afastando. Na manhã seguinte, tinha encontrado a camisa de Lexie em sua cama: lavada e dobrada por Mia, provavelmente para que ela a devolvesse na escola. Porém, em vez de enfiá-la na bolsa, Pearl a vestira e sentira-se mais bonita, mais esperta naquela pele emprestada, chegara até a ser um pouco atrevida na aula de inglês para o divertimento dos colegas e da professora. Quando o sinal tocou, algumas pessoas a olharam, impressionadas, como se a vissem pela primeira vez. Então aquela era a sensação de ser Lexie, pensou. A própria Lexie estava de volta à escola, abatida e um pouco desanimada, com olheiras escuras, mas de cabeça erguida.

— Você roubou minha blusa, sua vaca — disse ela a Pearl, mas com carinho. Então acrescentou: — Ficou bem em você.

Dias depois, tendo devolvido a blusa de Lexie e recuperado a sua, Pearl ainda sentia a confiança da amiga correndo por suas veias. Então, diante da raridade de ter a casa vazia, decidiu aproveitar ao máximo. Deixou um bilhete no armário de Trip e disse a Moody que tinha prometido ajudar a mãe em casa durante a tarde toda. Mia, enquanto isso, dissera a Izzy que ia trabalhar no restaurante — "Vá fazer algo divertido", dissera ela, "vejo você amanhã, ok?" — de forma que não tinha ninguém em casa quando Trip e Pearl chegaram na rua Winslow depois da escola e subiram até o quarto da menina. Era a primeira vez que Trip ia à casa dela, e foi

marcante para Pearl poder deitar-se ao lado dele em um lugar de sua escolha, não no velho sofá usado do porão de Tim Michaels, cercados pelo PlayStation, pela mesa de hóquei e pelos velhos troféus de futebol de Tim, toda a parafernália da vida de outra pessoa. Desta vez seria no seu próprio espaço, em sua própria cama, que ela arrumara com cuidado de manhã, sentindo uma ardência na garganta ao imaginar Trip deitado em seu travesseiro.

Moody, livre de compromissos, tinha acabado de fechar seu armário na escola e seguia para casa quando ouviu alguém chamar seu nome. Era Tim Michaels, com uma bolsa de ginástica no ombro. Tim era alto, forte e nunca tinha sido muito gentil com Moody: anos antes, quando Tim e Trip eram mais próximos e ele ia até a casa dos Richardson de vez em quando para jogar video game, havia apelidado Moody de *Jake* — "Jake, pegue outra Coca-Cola para mim", "Jake, tire essa cabeça enorme da frente, não estou conseguindo ver." Moody se atrevera a acreditar que era um sinal de afeto, até que ouvira a palavra na escola e entendera seu significado na gíria de Shaker. Dave Matthews Band era irado, Bryan Adams era *jake*. Apalpar uma garota era irado, ficar de castigo era *jake*. Depois disso, ele ficava no andar de cima sempre que Tim ia até sua casa, e ficou mesquinhamente feliz quando ele e Trip começaram a se distanciar. Agora, lá estava Tim chamando Moody — pelo seu nome verdadeiro — e correndo pela ala de teatro em sua direção.

— Cara — disse Tim ao alcançar Moody —, você sabe alguma coisa sobre a garota misteriosa do seu irmão?

Moody levou um instante para analisar a pergunta.

— Garota misteriosa?

— Ele tem levado uma menina para minha casa à tarde quando estou no treino. E não quer me dizer quem é. — Tim trocou a bolsa de ombro. — Trip não é um cara misterioso, saca? Acho que ou a menina é totalmente esquisita ou ele está muito a fim dela.

Moody ficou quieto. Tim era um idiota, mas não era criativo. Não era do tipo que inventa coisas. Moody começou a ficar desconfiado.

— Você não sabe nada sobre ela? — perguntou.

— Nada. Faz, tipo, dois meses já. Estou com vontade de ir lá uma tarde e pegar os dois no flagra. Ele não disse nada para você?

— Ele nunca me conta nada — falou Moody, e empurrou a porta, saindo no gramado da frente. Ainda estava agitado quando chegou em casa e encontrou Izzy lendo no sofá. — O que está fazendo em casa tão cedo? — perguntou.

— Mia teve que trabalhar hoje — respondeu Izzy, virando uma página. — Cadê todo mundo? Pearl não está com você?

Moody não respondeu. Sua suspeita se intensificava de maneira incômoda.

"Um projeto novo da minha mãe", dissera-lhe Pearl. "Ela só precisa de uma ajudante."

No entanto, lá estava Izzy — uma ajudante perfeitamente adequada — em casa, dizendo a ele que Mia tinha saído. Sem responder à pergunta da irmã, ele largou a mochila na mesa de centro e foi até a garagem pegar sua bicicleta.

Durante todo o caminho até a casa na rua Winslow, ele disse a si mesmo que estava imaginando coisas. Que não havia nada acontecendo, que tudo aquilo não passava de uma coincidência. Mas chegando lá, viu o carro de Trip estacionado diante da casa, exatamente como tinha imaginado. Ficou parado ali, olhando para a janela do quarto de Pearl durante o que lhe pareceram horas, tentando não pensar no que acontecia lá dentro, mas sem conseguir desviar os olhos de lá. Aquela casinha modesta de tijolos parecia tão inocente, com a porta branca e limpa e o pessegueiro no jardim repleto de botões de flor rosados.

Quando Trip e Pearl saíram, estavam de mãos dadas, mas não foi isso que o incomodou. Havia uma tranquilidade entre eles que, Moody tinha certeza, só podia vir de uma familiaridade muito íntima com o corpo um do outro. A forma como seus ombros se tocavam enquanto andavam. A maneira como Pearl se debruçou para fechar o zíper da mochila de Trip, o jeito como ele se abaixou para afastar um cacho rebelde do rosto dela. Então os dois ergueram os olhos, depararam com Moody montado em sua bicicleta na calçada e ficaram paralisados. Antes que qualquer um deles pudesse reagir, Moody fincou o pé no pedal e afastou-se depressa.

Nunca passou pela sua cabeça confrontar o irmão, afinal aquilo era exatamente o que esperava de Trip. Toda a sua fúria foi direcionada para Pearl, e naquela tarde, quando ela subiu a escada na ponta dos pés e bateu em sua porta, ele não estava a fim de ouvir suas desculpas.

— Aconteceu — justificou ela, depois de fechar a porta.

Moody soube pelo tom de sua voz que ela dizia a verdade, mas isso não lhe trouxe nenhum consolo. Revirou os olhos ao perceber como ela falava feito uma personagem de um drama adolescente ruim e voltou a afinar o violão.

— Dane-se — disse ele. — Quer dizer, se você quer transar com o idiota do meu irmão…

Pearl se encolheu. Contra a própria vontade, Moody fez uma pausa.

— Sabe que ele só está usando você, não é? — perguntou depois de um instante. — É o que ele faz. Nunca leva ninguém a sério. Fica entediado e parte para outra.

Pearl o desafiou com seu silêncio. Desta vez, tinha certeza de que era diferente. Ambos tinham razão: Trip se entediava com facilidade e raramente pensava nas garotas depois que elas saíam de perto. Mas ele nunca havia encontrado uma garota como Pearl, que não tinha vergonha de ser inteligente, que não se encaixava muito bem no mundo ordenado de Shaker Heights, por mais que talvez não soubesse disso. Nos últimos dois meses, ela havia se infiltrado na mente dele em todas as horas do dia: no laboratório de química, durante o treino, à noite, quando ele costumava dormir rápido e ter sonhos banais. As garotas com quem ele crescera em Shaker — e os garotos também, aliás — pareciam cheias de propósito: eram ambiciosas, muito seguras de si, cheias de certeza de tudo. Elas eram um pouco como suas irmãs e sua mãe, pensava ele: tinham muita convicção de que havia um certo e um errado para todas as coisas, e certeza absoluta de que sabiam distinguir um do outro. Pearl era mais inteligente do que todas elas, no entanto parecia à vontade com tudo o que desconhecia: demorava-se tranquilamente nas incertezas. Ele descobriu que ela pensava em coisas grandiosas; e nas tardes que passavam juntos, era sobre coisas grandiosas que acabavam falando: como ele se sentia mal pelo fato de não se dar bem com

Moody ("Somos irmãos", dizia, "não deveríamos ser amigos?"), como ele não sabia ao certo, mesmo aos dezessete anos, o que queria fazer da vida. Todos perguntavam, ele já deveria estar pensando na faculdade, já deveria *saber* àquela altura, mas não sabia, nem um pouco. Você ainda tem tempo, tranquilizara-o Pearl, sempre tem mais tempo. Estar com Pearl fazia o mundo parecer maior, ao mesmo tempo que estar com ele fazia Pearl se sentir mais ancorada, menos abstrata, mais real.

— Você está errado em relação a ele — disse ela finalmente.

— Tudo bem — falou Moody. — Se você não se importa de ser a conquista mais recente dele. Eu é que achei que você se dava mais ao respeito.

Ele sabia que se erguesse a cabeça veria o sofrimento nos olhos de Pearl, por isso ficou de cabeça baixa, olhando para o violão no colo.

— Achei que você fosse mais inteligente do que as vadias que costumam transar com ele. — Dedilhou uma das cordas, girando a cravelha para cima. — Mas pelo visto não é.

— Pelo menos alguém me quer. Pelo menos não vou passar todo o ensino médio como uma virgem frustrada. — Pearl conteve a vontade de atravessar o quarto e arrancar o violão das mãos de Moody, jogando-o em cima da mesa. — E para sua informação, não sou uma conquista. Quer saber? Eu é que fui atrás dele.

Moody nunca tinha visto Pearl com raiva e, para seu constrangimento, sua primeira reação foi começar a chorar. Ele não sabia exatamente o que queria dizer — *desculpe, não tive a intenção* —, só sabia do arrependimento crescente sobre o modo como as coisas estavam se desenrolando entre eles, do seu desejo desesperado e impossível de que as coisas voltassem a ser como eram antes. Mas contentou-se em morder o interior da bochecha para conter o choro, até que o gosto ácido e salgado de sangue se espalhou por sua língua.

— Dane-se — disse ele por fim. — Só… me faça um favor: não fale comigo sobre isso, ok?

No fim das contas, depois daquilo eles pararam de vez de se falar. Na manhã seguinte, pela primeira vez foram andando sozinhos até a escola, sentaram-se em lados opostos da sala de aula no primeiro tempo e em todos os seguintes.

Mais do que tudo, disse Moody a si mesmo, ele estava decepcionado com Pearl, com o fato de ela ter sido superficial o bastante para escolher Trip, logo Trip. Não tivera esperanças de que ela *o* escolhesse. Claro que não. Moody não era o tipo de garoto por quem as meninas se apaixonavam. Mas Trip… Isso era imperdoável. Tinha a sensação de ter mergulhado em um lago fundo e transparente, e então de ter descoberto que na verdade era uma lagoa rasa, que batia no seu joelho. O que podia fazer? Bem, tinha que se levantar, limpar os joelhos sujos, tirar os pés da lama. E tomar mais cuidado. Ele saberia, dali em diante, que o mundo era um lugar menor do que imaginara.

No meio da aula de álgebra, enquanto Pearl estava no banheiro e não tinha ninguém olhando, ele abriu a mochila dela e pegou o caderninho Moleskine preto que tinha dado a ela de presente alguns meses antes. Como suspeitara, a lombada não mostrava sinais de uso. Aquela noite, na privacidade do seu quarto, ele rasgou as páginas aos montes, amassando-as e jogando-as na

lixeira. Quando a lata ficou cheia de papel amassado, ele jogou a capa de couro — vazia e mole feito uma casca de milho arrancada da espiga — por cima e chutou o lixo para debaixo da mesa. Pearl nunca notou que o caderno havia sumido, e de alguma forma aquilo o magoou mais que tudo.

* * *

Enquanto isso, Lexie tinha seus próprios problemas amorosos. Desde que voltara da clínica, sentia-se compreensivelmente reticente em transar com Brian outra vez, e a tensão estava visível. Ela não dissera nada para ele sobre o aborto, e aquilo se instalara entre os dois feito uma cortina, deixando tudo turvo. A paciência de Brian estava cada vez mais chegando ao fim.

— O que houve com você? — resmungou ele certa tarde, depois de se debruçar para beijar Lexie e ela, mais uma vez, virar o rosto, oferecendo a bochecha. — Está de TPM de novo?

Lexie corou.

— Vocês, garotos, acham que tudo tem a ver com hormônios. Hormônios e menstruação. Se os homens menstruassem, pode ter certeza de que ficariam encolhidos no chão quando tivessem cólica.

— Olha, se está brava comigo, me diga o que acha que eu fiz. Não sou vidente, Lex. Não vou pedir desculpas aleatórias.

— Quem disse que eu quero um pedido de desculpas? — Lexie olhou para as próprias mãos, como se fosse encontrar uma anotação em suas palmas, feito uma cola para guiá-la. — Quem disse que estou brava com você?

— Se não está brava, por que está agindo assim?

— Quero um pouco de espaço, só isso. Você não precisa ficar tocando em mim o tempo todo.

— Espaço. — Brian bateu as mãos no volante. — No mês passado eu dei todo o espaço do mundo para você. Faz uma semana que não me beija. De quanto espaço mais precisa?

— Talvez de todo. — As palavras saíram da boca de Lexie como pedras. — Estou indo para Yale e você, para Princeton… Talvez seja melhor assim.

Um silêncio perplexo preencheu o carro enquanto Lexie e Brian refletiam sobre o que ela dissera.

— É isso que você quer? — perguntou Brian finalmente. — Ok. Estamos terminados, então. — Ele apertou o botão para destrancar a porta do carro. — Vejo você por aí.

Lexie colocou a mochila nos ombros e saiu do carro. Estavam estacionados em uma rua tranquila, um lugar que usavam com frequência quando queriam um tempo a sós. *Ele não vai embora*, pensou consigo mesma. *Não pode acabar assim.* Mas logo que ela fechou a porta, o motor do carro roncou e Brian se afastou. Não olhou para trás, mas Lexie teve a impressão de ter visto seus olhos no retrovisor por um instante, só uma vez, antes que ele virasse a esquina.

Sem pensar aonde ia, ela saiu andando pela calçada, virando a esquina, chegando à rua principal: caminhos que já tinha feito muitas vezes de carro, mas por onde raramente andara. Ela e Brian eram amigos desde o nono ano e estavam namorando havia quase dois anos. Pensou em tudo o que tinham feito juntos: gritado do alto das arquibancadas nos jogos do Indians; assistido do estacionamento da escola aos fogos de artifício no céu noturno da cidade no Dia da Independência; a volta às aulas; Brian colocando um enfeite de rosas em seu pulso; um jantar italiano no Giovanni's, que nenhum dos dois sabia pronunciar; a dança na sala de ginástica ao som de Fugees até ficarem suados, então abraçadinhos durante "I Don't Want to Miss a Thing", tão colados um ao outro que seus suores se misturavam. Agora tudo isso acabara. Ela caminhou por muito tempo, seguindo a curva da rua, parando de vez em quando para deixar os carros passarem, até que percebeu que seus pés a tinham levado a um lugar inesperado, mas que parecia ser o único no mundo onde queria estar: não em casa, mas na casinha da rua Winslow. Pela janela do segundo andar, ela viu Mia trabalhando em algo. Lexie se deu conta de que Mia saberia exatamente o que dizer, que lhe daria o espaço necessário para pensar sobre aquilo, para assimilar o que acabara de acontecer, o que aconteceria em seguida, o porquê de ela ter largado o que considerava um namorado perfeito, uma relação perfeita, de tudo ter desabado de repente.

Quando Lexie subiu a escada e abriu a porta que dava para a cozinha, Izzy também estava lá, sentada à mesa ao lado de Mia, fazendo origami de pássaros com pedaços de papel. A mesa já estava repleta deles, de todos os tamanhos, espalhados feito confete. A menina lançou um olhar hostil para Lexie, mas antes que pudesse abrir a boca, Mia falou:

— Lexie. Que bom que você veio.

Ela puxou uma cadeira e Lexie se sentou, o rosto tão imóvel que até mesmo Izzy percebeu que havia algo errado. Lexie parecia prestes a vomitar. Izzy nunca tinha visto a irmã daquele jeito.

— Você está bem? — perguntou.

— Estou — respondeu Lexie com os lábios secos. — Estou bem.

— Você está bem — disse Mia, apertando o ombro de Lexie. — Vai ficar bem.

Mia pegou mais uma xícara no armário e botou a chaleira no fogo.

Sem olhar para Izzy, Lexie falou:

— Antes que perguntem, Brian e eu terminamos.

— Sinto muito — disse Izzy, e se deu conta de que estava sendo sincera.

Brian sempre tinha sido gentil com ela, deixando que os acompanhasse uma ou duas vezes para tomar milk-shake na Yours Truly quando ele e Lexie começaram a namorar e ela ainda estava no ensino fundamental; dando-lhe caronas até em casa algumas vezes quando passava por ela de carro. Olhou para Lexie, depois para Mia.

— Querem que eu… saia?

Perto do fogão, Mia fingiu que estava ocupada abrindo um saquinho de chá. Lexie fez que não com a cabeça.

— Fique — pediu ela. — Tudo bem. Eu estou bem. Só… fique.

Depois de um instante, Izzy empurrou um papel quadrado pela mesa, e Lexie o pegou, começando a manuseá-lo, seguindo os movimentos da irmã: dobrando ao meio, para trás, para o centro, para fora, até que finalmente pegou os cantos, puxou-os e um pássaro surgiu feito uma flor pálida em suas mãos.

* * *

— O juiz Rheinbeck disse que ainda não está pronto para tomar uma decisão — falou o Sr. Richardson à esposa na última semana de abril.

Harold Rheinbeck tinha sessenta e nove anos, cabelo grisalho, havia muito tempo era um grande fã de boxe e um caçador entusiasta nas horas vagas, mas também era um homem sensível e sabia muito bem das complexidades emocionais do caso. No último mês, desde o fim da audiência, chegara a passar várias noites em claro pensando na pequena May Ling-Mirabelle, como se referia a ela: tentando ser escrupulosamente justo, todas as vezes que ouvia um dos nomes, acrescentava o outro em sua mente, e para ele os dois haviam se fundido com firmeza em um só. Como a bebê estava sob os cuidados de uma babá, e não presente — já que bebês tinham a fama de não gostarem de audiências demoradas —, Ed Lim, de forma inteligente, havia ampliado uma foto dela e a colocara em sua mesa, de forma que todo mundo no tribunal passasse os dias olhando para ela. Como consequência, o juiz imaginava o rostinho da bebê enquanto pensava nos depoimentos do dia, e quanto mais pensava, mais impossível se tornava a decisão. Ele sentiu uma intensa e repentina simpatia pelo Rei Salomão, e, a cada manhã, sonolento e mentalmente perturbado, maltratava os funcionários e a secretária sem ao menos saber por quê.

— É uma tortura — disse a Sra. McCullough à Sra. Richardson enquanto tomavam um café para se lamentar. Estavam, como sempre, na casa da Sra. McCullough, para evitar escrutínio. — O que mais ele quer? Como isso pode ser uma decisão difícil?

A babá eletrônica na mesa ao lado delas chiou e a Sra. McCullough aumentou um pouco o volume. As duas mulheres ficaram quietas, e então a respiração suave de Mirabelle dormindo invadiu a cozinha.

— Consegue pensar em mais alguma coisa que poderia dizer ao juiz? — perguntou a Sra. Richardson. — Coisas que deem mais contexto? Outros fatores para ele pesar? — Ela se inclinou para a frente. — Consegue pensar em algo que você e Brian não mencionaram? Motivos para vocês serem a escolha certa para ficar com a guarda? Ou… — Ela hesitou, depois prosseguiu mesmo assim: — Ou motivos pelos quais Bebe não é? Qualquer coisa mesmo.

A Sra. McCullough roeu uma unha. Era o tique nervoso que tinha na infância, e a Sra. Richardson percebeu que ela voltara ao vício recentemente.

— Bem — começou ela, então se interrompeu. — Não deve ser verdade.

— Esta pode ser sua última chance, Linda — falou a Sra. Richardson com gentileza. — Qualquer informação que tenha, é melhor dar a eles.

— É só uma suspeita. Não tenho nenhuma prova. — A Sra. McCullough suspirou. — Há uns três meses, percebi que Bebe estava um pouco mais… cheinha. O rosto dela foi ficando cada vez mais redondo. Notei isso quando ela veio buscar Mirabelle. E… os peitos dela. A assistente social me contou uma coisa estranha também. Disse que durante uma das visitas naquela época, Bebe teve que correr até o banheiro de repente. Estavam na biblioteca e ela entregou o bebê para Adrienne do nada e saiu correndo. Adrienne disse que ouviu Bebe vomitando. — A Sra. McCullough olhou para a Sra. Richardson. — Comecei a desconfiar de que ela estava grávida. Parecia terrivelmente exausta também. Foi uma intuição que eu tive. As mulheres ficam… dá para ver, se prestar atenção. Durante todos aqueles anos, todo o tempo que passamos tentando, quando minhas amigas engravidavam, uma depois da outra… eu soube todas as vezes, antes de elas me contarem. Eu soube todas as vezes que você ficou grávida. Não foi, Elena?

— Foi mesmo — disse a Sra. Richardson. — Você adivinhou todas as vezes. Antes que eu dissesse uma palavra.

— Então, há mais ou menos um mês, ela voltou ao normal de repente. O rosto dela ficou fino de novo. Ela ficou magra e ereta feito uma vassoura. Será que… — A Sra. McCullough respirou fundo. — Será que ela ficou grávida e tirou o bebê?

— Um aborto. — A Sra. Richardson recostou-se na cadeira. — É uma acusação e tanto.

— Não estou acusando — insistiu a Sra. McCullough. — Eu disse que não tenho provas. É só uma suspeita. Você pediu *qualquer coisa*. — Ela bebericou o café já frio. — Se ela *tivesse* abortado, isso mudaria alguma coisa?

— Talvez. — A Sra. Richardson refletiu. — Fazer um aborto não a torna uma mãe ruim, é claro. Mas provavelmente faria o público se voltar contra ela, se a notícia se espalhasse. As pessoas não gostam de ouvir falar em aborto. E um aborto enquanto tenta recuperar um bebê que abandonou? — Ela tamborilou os dedos na mesa. — No mínimo, indicaria que foi descuidada a ponto de engravidar de novo. — Ela pegou a mão da Sra. McCullough e a apertou. — Vou me informar, ver se encontro alguma coisa que possa ajudar. Se encontrar, podemos levar isso até o juiz.

— Elena — disse a Sra. McCullough, suspirando. — Você sempre sabe o que fazer. O que seria de mim sem você?

— Não diga nada ao Mark nem ao Bill — falou a Sra. Richardson, pegando sua bolsa. — Não vamos enchê-los de esperança por enquanto. Confie em mim. Vou cuidar de tudo.

Bebe, na realidade, não tinha engravidado. Com o estresse da audiência que se aproximava, com as equipes de filmagem do lado de fora do restaurante num dia e uma jornalista parando-a na rua para colocar o microfone na sua cara no outro, com uma matéria sobre o caso saindo dia sim, dia não, pelo que parecia, e seu patrão reclamando do período em que ela teria de se ausentar para a audiência, Bebe passara a comer porcarias: Oreo, batatas fritas, certa vez um saco inteiro de torresmo, e engordara sete quilos em um mês. Fizera horas extras para

compensar o tempo que passaria ausente, trabalhando até duas ou três da manhã nas noites em que ficava até o restaurante fechar, e chegando no dia seguinte às nove da manhã para abrir. Aquela época não passava de um borrão em sua memória. Então, ela tivera uma intoxicação alimentar com uma caixa de restos de comida que havia ficado tempo demais fora da geladeira e vomitara logo na biblioteca, na presença da assistente social. Não conseguira comer nos dias que se seguiram e quando se recuperou percebeu que, a poucas semanas da audiência, estava nervosa demais para se alimentar. Quando a audiência começou, tinha perdido os sete quilos que ganhara e mais quatro.

Mas a Sra. Richardson não sabia de tudo isso. Sem ter como provar os indícios negativos, ela começou, é claro, a buscar os positivos. Era capaz de descobrir qualquer coisa, lembrou a si mesma. Mesmo que ela própria não soubesse, tinha contatos. Na manhã seguinte, pegou sua agenda e abriu na letra M: *Manwill*, *Elizabeth*.

Ela e Elizabeth Manwill haviam dividido um apartamento no primeiro ano da faculdade, e, por mais que tivessem morado com outras pessoas nos anos seguintes, mantiveram contato até a formatura e mesmo depois. Haviam se reconectado quando Elizabeth se mudara para Cleveland e se tornara diretora de uma clínica médica bem ao leste de Shaker Heights — por acaso, a única clínica do East Side que fazia abortos.

A Sra. Richardson queria pedir só uma coisinha: uma coisinha ilícita, ligeiramente ilegal. Será que poderia dar uma olhada nos registros da clínica e conferir se o nome de Bebe Chow aparecia na lista de abortos recentes?

— Extraoficialmente, de maneira confidencial — assegurara a Sra. Richardson, segurando o telefone com o ombro e verificando se a porta do escritório estava fechada.

— Elena — disse Elizabeth Manwill, fechando a porta do seu próprio escritório —, você sabe que não posso fazer isso.

— Não precisamos fazer alarde. Ninguém precisa saber.

— É confidencial. Sabe quanto custam as multas por isso? Sem contar a questão ética.

Elizabeth Manwill era amiga da Sra. Richardson havia anos e devia muito a ela, embora detestasse colocar as coisas desta forma. Tinha surgido na Universidade de Denison como Betsy, uma garota de Dayton dolorosamente tímida, aliviada por escapar das provocações constantes dos seus anos de ensino médio, morrendo de medo de que a faculdade acabasse sendo igual. Aos dezoito anos, Elizabeth Manwill era um alvo fácil de zombaria: seus óculos estavam sempre escorregando pelo nariz, sua testa era cheia de acne, suas roupas eram desleixadas e não lhe caíam bem. Sua nova colega de apartamento, Elena, tinha exatamente a mesma aparência das meninas que haviam tornado seus anos de ensino médio terríveis: bonita, muito bem-vestida e à vontade com o mundo. Naquela primeira noite, Elizabeth fora dormir chorando.

Mas Elena a havia colocado debaixo de sua asa e a tinha transformado. Emprestara seu batom a Elizabeth, seu creme para o rosto, a levara para fazer compras, a ensinara como fazer novos penteados no cabelo. Elizabeth também havia ganhado uma nova confiança andando com Elena até a sala de aula e sentando-se ao seu lado no refeitório. Passou a falar igual a Elena — como se

as pessoas quisessem ouvir suas opiniões — e a melhorar a postura, como uma dançarina. Quando se formaram, Elizabeth era outra pessoa, Liz Manwill. Vestia terninhos, calçava salto alto, usava óculos de arquiteto que a faziam parecer quase tão inteligente quanto era de fato, uma pessoa que no futuro gerenciaria uma clínica com graciosidade. Nos anos seguintes, Elena — agora Sra. Richardson — continuara oferecendo sua assistência. Como tinha muitos contatos na cidade, manifestara sua simpatia por Elizabeth quando ela se candidatara para gerenciar a clínica, e, depois que Elizabeth conseguiu o emprego e se mudou para Cleveland, a apresentara para todo tipo de gente, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Inclusive Elizabeth havia conhecido seu marido em um coquetel organizado pelos Richardson anos antes. Ele era colega do Sr. Richardson. A amiga nunca havia pedido ou mesmo insinuado uma retribuição, e as duas sabiam muito bem disso.

— Como está Derrick, aliás? — perguntou a Sra. Richardson de repente. — E Mackenzie?

— Estão bem. Derrick está trabalhando muito, é claro.

— Nem acredito que Mackenzie já tem dez anos — comentou a Sra. Richardson. — Como está a adaptação dela na Laurel?

— Ela está adorando. Parece muito mais confiante agora. Acho que faz uma grande diferença estar em uma escola só de meninas, sabe? — Elizabeth Manwill fez uma pausa. — Obrigada mais uma vez por ter ajudado com isso.

— Betsy! Não seja ridícula. Foi um prazer. — A Sra. Richardson batucou a caneta na mesa. — Para que servem as amigas?

— Você sabe, Elena, eu adoraria poder ajudar. Mas é que se alguém descobrir…

— É claro que você não pode me *mostrar* nada. É claro que não. Mas, digo, se eu levar você para almoçar e por acaso olhar por cima do seu ombro e ver a lista dos últimos meses, ninguém vai poder dizer que você me mostrou de propósito, não é?

— E se o nome da mulher estiver na lista? — perguntou Elizabeth. — De que adianta? Bill não vai poder usar isso no tribunal.

— Se estiver, ele vai procurar outra prova. Sei que é um favor enorme, Betsy. Ele só precisa saber se vale a pena insistir nisso. E se o nome dela não estiver na lista, encerramos o assunto por aqui.

Elizabeth Manwill suspirou.

— Está bem — falou, por fim. — Estou sem tempo nos próximos dias, mas que tal quinta-feira?

As duas marcaram o almoço e a Sra. Richardson desligou o telefone. Em breve esclareceria aquilo. Pobre mulher, pensou, enxergando Bebe com uma nova generosidade. Se tivesse feito um aborto, quem poderia culpá-la? No meio daquela disputa pela guarda da filha, com um trabalho sem futuro algum, e depois do que tinha passado com a primeira bebê… Ninguém fazia um aborto sem arrependimento, pensou. Abortos eram uma atitude de último caso, quando não havia opção melhor. Não, a Sra. Richardson não poderia culpar Bebe, mesmo que esperasse que os McCullough ficassem com a criança. *Mas pelo menos ela pode ter outro*, pensou a Sra.

Richardson, *quando der um jeito na própria vida*. E voltou a abrir a porta do escritório.

Dezoito

O humor benevolente da Sra. Richardson em relação a Bebe durou até seu almoço com Elizabeth Manwill.

— Betsy — disse ela, quando abriu a porta do escritório na quinta-feira. — Quanto tempo! Quando foi a última vez que nos vimos?

— Não lembro. Na festa de fim de ano do ano passado, talvez. Como vão as crianças?

A Sra. Richardson parou um momento para se gabar: os planos de Lexie para Yale, o último jogo de lacrosse de Trip, as notas boas de Moody. Como sempre, não comentou sobre Izzy, mas Elizabeth não notou. Até aquele exato instante, tivera a intenção de ajudar Elena, que havia feito tanto por ela, afinal de contas. E de qualquer forma Elena Richardson só parava quando conseguia o que queria. Chegara a acessar os registros que Elena pedira — uma lista com todos os pacientes que nos últimos meses haviam feito um procedimento na clínica — e os deixara abertos em uma janela separada na tela, atrás de uma planilha de custos. Mas então, enquanto Elena tagarelava sobre seus filhos maravilhosos, o caso importante do marido, o novo projeto de paisagismo que tinham feito para o jardim quando chegasse o verão, Elizabeth mudou de ideia. Tinha esquecido, até estar frente a frente com a amiga, como Elena se dirigia a ela tantas vezes como se fosse uma criança, como se Elena fosse especialista em todas as coisas, e Elizabeth devesse fazer anotações. Bem, ela não era uma criança. Aquele era seu escritório, sua clínica. Por força do hábito, tinha pegado uma caneta ao ver Elena, mas depois a largou.

— Vai ser estranho ter só os três em casa no ano que vem — dizia a Sra. Richardson. — E é claro que Bill está muito desgastado com esse caso. Você se lembra de Linda e Mark, deve tê-los visto em algumas de nossas festas, não? Linda recomendou aquela cuidadora de cães para você alguns anos atrás. Estamos torcendo para que isso acabe logo e eles consigam ficar com a criança de vez.

Elizabeth se levantou.

— Está pronta para o almoço? — perguntou, pegando sua bolsa, mas a Sra. Richardson não saiu da cadeira.

— Ainda preciso do seu conselho sobre aquele assunto, Betsy — falou. — Lembra?

Ela fechou a porta com uma das mãos.

Elizabeth voltou a se sentar e suspirou. É claro que Elena não tinha esquecido o que queria.

— Elena — começou. — Sinto muito, mas não posso.

— Betsy — falou a Sra. Richardson baixinho —, só uma olhada rápida. Só isso. Para saber se há algo para descobrir.

— Não é que eu não queira ajudar você…

— Eu nunca colocaria você em risco. Nunca *usaria* essa informação. Só quero saber se precisamos continuar investigando.

— Eu adoraria ajudar, Elena. Mas andei pensando e…

— Betsy, quantas vezes arriscamos a própria pele uma pela outra? Quanto já fizemos uma pela outra?

Betsy Manwill sempre fora tímida, pensou a Sra. Richardson. Sempre precisara de um empurrãozinho para fazer algo, até mesmo o que queria fazer. Era preciso lhe dar permissão para tudo: usar batom, comprar um vestido novo, levantar a mão na sala de aula. Ela era indecisa. Precisava de uma mão firme.

— Essas informações são confidenciais — falou Elizabeth, empertigando-se na cadeira. — Sinto muito.

— Betsy. Devo admitir que estou magoada. Depois de todos esses anos de amizade, você não confia em mim.

— Não é uma questão de confiança — começou Elizabeth, mas a Sra. Richardson continuou como se não tivesse sido interrompida.

Depois de tudo o que havia feito por Betsy, pensou. Cuidara dela como uma mãe, a retirara da sua concha… E agora lá estava Betsy numa grande escrivaninha em seu escritório requintado, no trabalho que Elena a ajudara a conseguir, e não queria nem ao menos lhe fazer um favorzinho.

A Sra. Richardson abriu a bolsa e pegou um batom de embalagem dourada e um espelhinho.

— Bem, você confiou nos meus conselhos durante a faculdade toda, não foi? E depois quando eu disse que você devia ir à nossa festa de Natal, tantos anos atrás? Você confiou em mim quando eu disse que devia ligar para Derrick em vez de esperar que ele telefonasse. E ficou noiva, o quê, já no dia dos namorados? — Com gestos precisos, ela cobriu os contornos da boca e fechou o batom. — Você conseguiu um marido e uma filha confiando em mim, então eu diria que confiar no meu bom senso funcionou todas as vezes até então.

Aquilo confirmava algo que Elizabeth suspeitava há muito tempo: durante todos aqueles anos, Elena estava acumulando crédito. Talvez quisesse realmente ajudar, talvez sua motivação fosse a bondade. Mas, ainda assim, também mantinha um registro de tudo o que já fizera por Elizabeth, cada pequeno apoio que lhe dera, e agora esperava sua recompensa. Elena percebeu de repente que acreditava que Elizabeth lhe devia isso, achava que era uma questão de justiça, de conseguir o que merecia de acordo com as regras.

— Espero que você não esteja querendo levar o crédito por todo o meu casamento também — disse ela.

A Sra. Richardson ficou surpresa com a aspereza em sua voz.

— Claro que não foi isso que eu quis dizer… — começou.

— Sabe que sempre vou ajudá-la como puder. Mas há leis. E ética, Elena. Fico decepcionada por me pedir uma coisa dessas. Logo você, que sempre se preocupou tanto com o que é certo ou errado.

Seus olhares se cruzaram acima da mesa. A Sra. Richardson nunca tinha visto o olhar de Betsy tão brilhante, firme e feroz. Nenhuma das duas falou mais nada, e nesse intervalo de silêncio, o telefone tocou. Elizabeth manteve o olhar fixo por mais um instante, então tirou o aparelho do gancho.

— Elizabeth Manwill. — Um murmúrio baixo do outro lado da linha. — Você deu sorte. Eu estava saindo para almoçar. — Mais murmúrios. Aos ouvidos da Sra. Richardson, lembravam vagamente uma pessoa se desculpando. — Eric, não preciso de desculpas… Preciso que isso seja feito. Não, estou esperando há mais de uma semana, não quero esperar nem mais um minuto. Olhe, estou descendo aí. — Elizabeth desligou e voltou-se para a Sra. Richardson. — Tenho que ir lá embaixo rapidinho… Estou esperando um relatório e tive que acompanhar cada etapa. Uma das partes muito agradáveis de ser diretora. — Ela ficou de pé. — Serão só alguns minutos. Assim que eu voltar, vamos almoçar. Estou morrendo de fome e tenho uma reunião à uma e meia.

Quando ela saiu, a Sra. Richardson ficou sentada, em choque. Fora mesmo Betsy Manwill quem falara com ela daquele jeito? Insinuando que ela era antiética! E aquele último comentário sobre *ser diretora*, como se Betsy a estivesse lembrando de sua importância, como se dissesse *Sou mais importante que você agora*. E pensar que ela havia ajudado Betsy a conseguir aquele emprego. A Sra. Richardson comprimiu os lábios. A porta do escritório estava encostada, ninguém podia ver lá dentro. Ela rapidamente deu a volta na mesa e se aproximou da cadeira de Elizabeth, empurrou o mouse fazendo a tela escura tremular e ganhar vida: uma planilha mostrava os gastos desde o início do ano. A Sra. Richardson fez uma pausa. A clínica com certeza tinha alguma base de dados com os registros dos pacientes. Com um clique, ela minimizou a planilha e, como num passe de mágica, lá estava: uma janela com a lista dos pacientes no período que ela queria. Então Betsy mudara de ideia no último minuto, pensou ela com uma pontada de soberba. O que sempre dizia? Era indecisa.

A Sra. Richardson se debruçou sobre a mesa e percorreu rapidamente a lista. Não havia nenhuma Bebe Chow. Mas um nome no final da lista, no início de março, chamou sua atenção: *Pearl Warren*.

Seis minutos depois, Elizabeth Manwill voltou e encontrou a Sra. Richardson em seu assento, calma e serena, a não ser por uma das mãos que agarrava o braço da cadeira. Tinha reaberto a planilha de custos e deixado o monitor em modo de espera. Dessa forma, quando Elizabeth se sentasse de novo à sua mesa naquela tarde, não veria nada fora do lugar. Fecharia a lista, aliviada e orgulhosa por ter finalmente enfrentado a amiga.

— Pronta para almoçar, Elena?

Enquanto comiam *saag paneer* e frango *tikka masala*, a Sra. Richardson levou a mão ao braço de Elizabeth.

— Somos amigas há muito tempo, Betsy. Eu não gostaria que algo assim nos afastasse. Espero que fique claro que eu entendo perfeitamente sua posição e nunca usaria isso contra você.

— É claro — disse Elizabeth, espetando um pedaço de frango com o garfo.

Desde que as duas haviam saído do escritório, Elena estava tensa e um pouco fria. Elena Richardson sempre fora desse jeito, pensou Elizabeth, charmosa, generosa, sempre dizendo gentilezas, e então, quando queria algo, tinha certeza de que a pessoa não negaria. Bem, ela havia feito o impossível: dissera não.

— Lexie ainda está fazendo teatro? — perguntou.

E, pelo resto da refeição, elas conversaram superficialmente sobre os denominadores comuns de suas vidas: filhos, trânsito, clima.

Na realidade, aquele seria o último almoço que as duas mulheres teriam juntas, embora fossem continuar cordiais uma com a outra pelo resto da vida.

Então a pequena e inocente Pearl não era tão inocente assim, no fim das contas, pensou a Sra. Richardson no trajeto de volta ao seu escritório. Claro que ela não tinha dúvida alguma sobre quem era o pai. Há muito tempo suspeitava que a relação entre Moody e Pearl era mais do que uma simples amizade — um menino e uma menina não passavam tanto tempo juntos na idade deles sem que *algo* acontecesse — e estava chocada. Como podiam ter sido tão descuidados? Sabia a ênfase que Shaker dava à educação sexual. Ela fizera parte do comitê do conselho escolar dois anos antes, quando um pai havia reclamado que a filha fora instruída a colocar uma camisinha em uma banana durante a aula, para treinar. Adolescentes transam, dissera a Sra. Richardson na época. É a idade, são os hormônios, não podemos impedir. O melhor que podemos fazer é ensiná-los a se proteger.

Naquele instante, porém, aquela opinião lhe pareceu absurdamente ingênua. Como os dois podiam ter sido tão irresponsáveis?, perguntou-se. Mais urgente ainda: como tinham conseguido esconder aquilo dela? Como podia ter acontecido bem debaixo do seu nariz?

Por um instante, ela cogitou ir até a escola, tirar os dois da sala de aula, exigir que explicassem como podiam ter sido tão estúpidos. Mas decidiu que era melhor não chamar atenção. Ou todos ficariam sabendo. Tinha certeza de que as meninas de Shaker deviam abortar de vez em quando — afinal, eram adolescentes —, mas é claro que tudo era mantido em sigilo. Ninguém queria alardear sua falta de responsabilidade. Todo mundo comentaria, e ela sabia que rumores se espalhariam. Esse era o tipo de coisa que marcava para sempre uma garota, que a manchava pelo resto da vida. Ela conversaria com Moody naquela noite, assim que chegasse em casa.

De volta ao escritório, tinha acabado de tirar o casaco quando o telefone tocou.

— Bill — disse ela. — O que houve?

A voz do Sr. Richardson estava abafada e havia uma grande comoção ao fundo.

— O juiz Rheinbeck acabou de anunciar a decisão. Nos chamou uma hora atrás. Ninguém estava esperando. — Ele pigarreou. — Ela vai ficar com Mark e Linda. Ganhamos.

A Sra. Richardson afundou na cadeira. Linda devia estar tão feliz, pensou. Ao mesmo tempo, uma leve camada de decepção abriu caminho em seu peito. Ela estivera ansiosa para investigar o passado de Bebe, para conseguir a arma secreta que encerraria as coisas de uma vez por todas.

— Que maravilha.

— Eles estão exultantes. Mas foi um baque para Bebe Chow. Ela começou a gritar. O oficial de justiça teve que acompanhá-la até a saída. — Ele fez uma pausa. — Coitada. Não consigo deixar de sentir pena dela.

— Foi ela quem abriu mão da bebê — argumentou a Sra. Richardson. — Era exatamente o que vinha dizendo havia seis meses, mas desta vez soou menos convincente. Ela pigarreou. — Onde estão Mark e Linda?

— Estão se preparando para uma coletiva de imprensa. As equipes de notícias ficaram sabendo e não param de aparecer por aqui, então dissemos que eles dariam uma declaração às três horas. Preciso ir. — O Sr. Richardson suspirou fundo. — Mas acabou. Ela é deles agora. Só têm que esperar a poeira baixar e vão poder voltar à vida normal.

— Que maravilha — repetiu a Sra. Richardson.

A notícia sobre Pearl e Moody instalou-se em seus ombros feito uma sacola pesada, e ela quis muito contar ao marido, dividir parte do peso, mas a afastou de sua mente. Aquele não era o momento, disse a si mesma, e empurrou Moody com firmeza para longe dos seus pensamentos. Aquele era o momento de comemorar com Linda.

— Vou até o tribunal — disse ela. — Três horas, é isso?

Do outro lado da cidade, na casinha da rua Winslow, Bebe chorava à mesa da cozinha de Mia. Assim que a sentença fora anunciada, ela ouvira um lamento terrível, tão agudo que teve de tapar as orelhas com as mãos e se encolher. Só quando o oficial de justiça tocou seu braço para acompanhá-la até o lado de fora ela percebeu que o gemido vinha da sua própria boca. O oficial, que tinha uma filha mais ou menos da idade de Bebe, levou-a até uma antessala e colocou um copo de café morno em suas mãos. Bebe engoliu o café, um trago aguado por vez, cravando os dentes na borda de isopor toda vez que sentia um grito subir por sua garganta, e quando o café acabou, o copo foi praticamente despedaçado. Ela não tinha palavras, apenas uma sensação, uma terrível sensação de vazio, como se tudo o que havia dentro dela tivesse sido arrancado, deixando-a em carne viva.

Quando terminou o café e se acalmou, o oficial tirou o copo estraçalhado de suas mãos com delicadeza e o jogou fora. Então levou-a até a porta dos fundos, onde um táxi aguardava.

— Leve-a aonde ela quiser — disse ao motorista, entregando a ele duas notas de vinte dólares da própria carteira. Para Bebe, falou: — Você vai ficar bem, querida. Vai ficar bem. Os desígnios de Deus são misteriosos. Mantenha a cabeça erguida.

Ele fechou a porta do táxi e voltou para dentro, balançando a cabeça. Dessa forma, Bebe evitou todas as equipes de filmagem que se amontoavam diante da entrada principal, a coletiva de imprensa que os McCullough preparavam para aquela tarde, os repórteres que esperavam para perguntar se, diante daquela decisão, ela tentaria ter outro filho. Em vez disso, Ed Lim desviou das perguntas e o táxi se afastou pelo bulevar Stokes em direção a Shaker Heights. Bebe, curvada junto da janela com a cabeça entre as mãos, também perdeu o último vislumbre da filha, levada pelo corredor da sala de espera por uma assistente social e entregue nos braços

ansiosos da Sra. McCullough.

Quarenta e cinco minutos depois — o trânsito estava ruim —, o táxi estacionou diante da casinha na rua Winslow. Mia estava em casa, tentando terminar o trabalho que vinha fazendo, e, ao ver Bebe, entendeu na mesma hora o que havia acontecido. Teria os detalhes mais tarde — alguns viriam da própria Bebe, quando ela se acalmasse; outros das notícias do jornal que iria ao ar naquela noite e das matérias que seriam impressas no dia seguinte. Guarda total para o estado, com a recomendação de que a adoção dos McCullough fosse agilizada. Fim dos direitos de visita. Uma ordem judicial proibindo qualquer contato entre Bebe e a filha sem o improvável consentimento dos McCullough. Naquele momento, ela apenas envolveu Bebe em seus braços, levou-a até a cozinha, colocou uma xícara de chá quente diante dela, e a deixou chorar.

A notícia estava apenas começando a se espalhar pela escola quando o último sinal tocou. Monique Lim recebeu uma mensagem do pai, Sara Hendricks também — seu pai trabalhava no Canal 5 —, e assim começou. Izzy, no entanto, não sabia de nada até chegar à casa de Mia depois da aula, quando entrou pela porta lateral destrancada como sempre fazia e subiu a escada, encontrando Bebe curvada sobre a mesa da cozinha.

— O que aconteceu? — sussurrou ela, embora já soubesse.

Nunca tinha visto um adulto chorar daquele jeito, com um som tão selvagem. Imprudentemente. Como se não houvesse mais nada a perder. Anos depois, ela acordaria no meio da noite algumas vezes, com o coração a mil e a impressão de ter ouvido aquele choro agonizante outra vez.

Mia se levantou com um pulo e guiou Izzy para fora, fechando a porta da cozinha.

— Ela está… morrendo? — sussurrou a menina.

Era uma pergunta ridícula, mas naquele instante estava genuinamente apavorada que este fosse o caso. Se a alma pudesse deixar o corpo, pensou ela, faria aquele som: como o rangido de um prego sendo arrancado de uma madeira velha. Por instinto, ela abraçou Mia e aninhou a cabeça em sua barriga.

— Ela não está morrendo — falou Mia, envolvendo Izzy com os braços e a segurando junto de si.

— Mas vai ficar bem?

— Ela vai sobreviver, se é isso que quer saber.

Mia alisou o cabelo de Izzy, que se erguia sob seus dedos feito colunas de fumaça. Era como o cabelo de Pearl, como o seu próprio na infância: quanto mais tentava alisá-lo, mais insistia em se libertar.

— Ela vai superar isso. Porque tem que superar.

— Mas como?

Izzy não acreditava que alguém podia sentir aquele tipo de dor e sobreviver.

— Sinceramente, não sei. Mas vai. Às vezes, quando você acha que tudo está perdido, encontra uma saída. — Mia vasculhou a mente em busca de uma explicação. — É como um incêndio florestal. Eu vi um, anos atrás, em Nebraska. Parece o fim do mundo. A terra fica toda

queimada e preta, e todo o verde some. Mas, depois de queimar, o solo fica mais rico e coisas novas podem crescer ali. — Ela afastou Izzy, secou seu rosto com o dedo e alisou seu cabelo uma última vez. — As pessoas também são assim, sabe? Elas recomeçam. Dão um jeito.

Izzy assentiu e virou-se para ir embora, então deu meia-volta.

— Diga a ela que eu sinto muito — falou.

Mia balançou a cabeça.

— Vejo você amanhã, está bem?

* * *

Enquanto isso, Lexie e Moody voltaram para casa e ouviram um recado na secretária eletrônica informando a eles que o caso estava encerrado. *Peçam uma pizza*, dizia a voz de sua mãe com um chiado. *Tem dinheiro na gaveta debaixo da lista telefônica. Vou para casa depois que entregar minha matéria. O papai vai chegar tarde. Está cuidando da papelada agora que a audiência acabou.* Moody se perguntou se Pearl já sabia, mas os dois mal se falavam desde que se desentenderam, e ele foi para o seu quarto, procurando ao máximo não pensar no que Pearl estaria fazendo. Como ele adivinhara, Pearl estava com Trip aquela tarde e só soube da notícia quando chegou em casa, algumas horas depois, e encontrou Bebe — em silêncio agora — ainda sentada à mesa da cozinha.

— Acabou — falou Mia para ela baixinho, e não precisou dizer mais nada.

— Eu sinto muito, Bebe — disse Pearl. — Sinto… muito mesmo.

Bebe nem sequer ergueu a cabeça, e Pearl desapareceu para dentro do seu quarto, fechando a porta.

Mia e Bebe ficaram sentadas em silêncio por algum tempo, até que ficou escuro lá fora e Bebe finalmente se levantou para ir embora.

— Ela sempre será sua filha — disse Mia a Bebe, segurando sua mão. — Você sempre será a mãe dela. Isso nunca vai mudar.

Deu um beijo na bochecha de Bebe e a soltou. Bebe ficou calada, assim como ficara durante todo aquele tempo, e Mia teve dúvidas se devia perguntar no que ela estava pensando, se devia insistir para que não fosse embora, se Bebe ficaria bem. Se estivesse no lugar dela, pensou, preferiria não ser obrigada a falar, e seu tato venceu. Mais tarde, ela entenderia que Bebe devia ter interpretado aquilo de outra forma; que devia ter ouvido, naquelas palavras, uma permissão. Mia se perguntaria se Bebe teria lhe contado o que planejava fazer caso ela tivesse insistido, se ela própria teria tentado impedir Bebe, ou se a teria ajudado se soubesse. Mesmo anos mais tarde, ela nunca seria capaz de responder àquela pergunta de maneira satisfatória.

* * *

A coletiva de imprensa demorou mais do que o previsto. Quase todos os canais de notícias tinham perguntas a fazer aos McCullough, que, por sinal, estavam maravilhados com sua conquista e ficaram lá respondendo a todas elas. Estavam aliviados com o fim daquele momento difícil? Sim, é claro que estavam. Quais eram seus planos para os próximos dias? Tirariam um tempo só para eles, agora que Mirabelle estava em casa de vez. Aguardavam ansiosamente sua vida juntos, como uma família. O que iriam preparar para a primeira refeição de Mirabelle quando ela voltasse para casa? A Sra. McCullough respondeu: macarrão com queijo, o prato preferido dela. Quando o processo de adoção seria finalizado? Muito em breve, esperavam eles.

Uma repórter do Canal 19, no fundo na multidão, ergueu o braço. Sentiam alguma empatia por Bebe Chow, que nunca mais veria a filha?

A Sra. McCullough ficou tensa.

— Vamos lembrar — disse ela, severamente — que Bebe Chow foi incapaz de cuidar de Mirabelle, que a abandonou, abriu mão das suas responsabilidades como mãe. É claro que me entristece pensar que alguém tenha passado por uma coisa dessas. Mas o importante é lembrar que a justiça decidiu que Mark e eu somos os pais mais adequados para Mirabelle, e que agora ela vai ter um lar estável e permanente. Acho que isso diz muito, não é?

Quando a coletiva terminou e os McCullough levaram Mirabelle para casa de uma vez por todas, já eram quase cinco e meia. Por causa do envolvimento do seu marido no caso, a Sra. Richardson não podia escrever a matéria para o *Sun Press* sobre a decisão, de forma que Sam Levi ficou encarregado disso. No lugar dele, a Sra. Richardson devia cobrir o assunto habitual de Sam: política municipal. Eram quase nove horas quando ela finalmente entregou os artigos e chegou em casa. Seus filhos estavam dispersos, ocupados com as próprias coisas. Os carros de Lexie e Trip não estavam lá, e a Sra. Richardson achou um bilhete na bancada: *Mãe, fui para a casa da Serena, volto às 11 L.* Não havia nenhum bilhete de Trip, mas isto era típico: Trip nunca se lembrava de deixar um. Isso costumava irritá-la, porém desta vez a Sra. Richardson sentiu um alívio: com tantas pessoas em casa, sempre havia espectadores, e naquela noite ela não queria espectadores.

No andar de cima, encontrou a porta do quarto de Izzy fechada e música tocando lá dentro. A menina havia subido antes mesmo que a pizza chegasse e desde então estava em seu quarto, pensando em Bebe, em como ela parecera totalmente devastada. Por um lado, tinha vontade de gritar, então colocou um CD de Tori Amos no aparelho de som e aumentou o volume, deixando que gritasse por ela. Por outro lado, tinha vontade de chorar — embora ela nunca chorasse, não chorava havia anos. Ficou deitada no meio da cama e, para conter as lágrimas, cravou as unhas nas palmas das mãos com tanta força que deixou marcas em forma de meias-luas. Quando sua mãe passou diante do seu quarto no corredor, seguindo em direção ao quarto de Moody, já tinha ouvido o álbum quatro vezes e começava a quinta.

Em um dia qualquer, a Sra. Richardson teria aberto a porta, mandado Izzy abaixar o volume, feito alguns comentários depreciativos sobre como suas músicas eram deprimentes e raivosas. Hoje, no entanto, tinha coisas mais importantes em mente. Seguiu pelo corredor até o quarto

de Moody e bateu na porta.

— Preciso falar com você — disse ela.

Moody estava esparramado na cama, o violão ao seu lado, rabiscando algo no caderno.

— O que foi? — perguntou ele sem erguer a cabeça.

Não se deu ao trabalho de se sentar quando a mãe entrou, o que a irritou ainda mais. Ela fechou a porta e marchou até a cama, arrancando o caderno das mãos dele.

— Olhe para mim quando falo com você — exigiu ela. — Eu descobri, sabia? Achou que eu não fosse descobrir?

Moody a encarou.

— Descobriu o quê?

— Achou que eu era cega? Achou que eu não ia perceber? — A Sra. Richardson fechou o caderno com violência. — Vocês dois juntinhos por aí o tempo todo. Não sou idiota, Moody. É claro que eu sabia que estavam aprontando. Mas achei que você seria um pouco mais responsável.

A música parou de tocar no quarto de Izzy, mas nem Moody nem a mãe perceberam.

Moody ergueu o corpo lentamente até se sentar.

— Do *que* você está falando?

— Eu sei — disse a Sra. Richardson. — Sobre Pearl. Sobre o bebê.

A expressão de choque no rosto de Moody e seu silêncio abismado disseram tudo. Ela notou que ele não sabia.

— Pearl não contou para você?

O olhar de Moody foi se desfocando aos poucos do seu rosto, feito um barco à deriva.

— Pearl não contou? — continuou a Sra. Richardson, afundando na cama ao lado dele. — Ela fez um aborto.

Então sentiu uma pontada de culpa. Será que as coisas teriam sido diferentes se Moody tivesse sabido? Como ele permaneceu calado, a Sra. Richardson debruçou-se para pegar sua mão.

— Achei que você soubesse — falou. — Achei que tinham conversado sobre o assunto e decidido fazer um aborto.

Moody afastou a mão, lenta e friamente.

— Acho que você errou de filho — disse ele.

Desta vez, foi a Sra. Richardson que ficou surpresa.

— Não há nada entre mim e Pearl. Não era meu. — Ele deu uma risada que mais pareceu uma tosse seca e amarga. — Por que não pergunta para o Trip? Ele é quem está trepando com ela.

Moody pegou o caderno no colo da mãe com uma das mãos e o abriu outra vez, concentrando a atenção em sua letra na página para impedir que as lágrimas escorressem. Agora tudo se tornara real para ele de uma maneira que não havia acontecido ainda. Pearl tinha ficado com Trip, deixara que ele fizesse amor com ela e aquilo acontecera. A Sra. Richardson, porém,

não percebeu. Ficou de pé e, confusa, saiu no corredor e seguiu para o próprio quarto para pensar. Trip? Seria possível? Nem ela nem Moody notaram o silêncio repentino no quarto de Izzy, o fato de que a porta dela estava entreaberta agora, e que Izzy também estava sentada em um silêncio perplexo, assimilando o que escutara.

* * *

A Sra. Richardson foi trabalhar mais cedo na sexta-feira de manhã, saindo de casa meia hora antes para não ter que lidar com os filhos. Na noite anterior, Lexie tinha voltado para casa perto da meia-noite, Trip ainda depois, e, por mais que normalmente brigasse com eles por terem ficado fora de casa até tarde da noite durante a semana, desta vez ficou em seu quarto, ignorando as tentativas dos dois de subirem a escada em silêncio. Estava tentando entender tudo aquilo. Graças ao estresse, permitiu-se tomar uma segunda taça de vinho, que já estava quente. Trip e Pearl? Ela entendia que Pearl tivesse se apaixonado por Trip — as meninas costumavam se apaixonar por ele —, mas o que Trip vira em Pearl era outro assunto. Dormiu pensando na pergunta e, quando acordou, ainda não tinha esclarecido a dúvida. Ele não era, refletiu ela ao dar ré para sair da garagem, o tipo de rapaz que se apaixonava por garotas sérias e intelectuais como Pearl. Era capaz de admitir aquilo, por mais que fosse mãe dele e o amasse. Ele sempre se interessara pelo exterior, seu lindo menino alegre e superficial. Mas, superficialmente, ela não conseguia ver o que o atraía em Pearl. Então, o que será que Pearl tinha de secreto dentro de si? E Trip? Aquilo a preocupou durante todo o trajeto até o escritório.

Passou a manhã inteira pensando no que fazer. Confrontar Trip? Confrontar Pearl? Confrontar os dois juntos? Elena e o marido não conversavam com os filhos sobre suas vidas amorosas. Ela só tinha abordado Lexie e Izzy quando as duas haviam menstruado pela primeira vez para falar sobre suas responsabilidades. ("Vulnerabilidades", corrigira Izzy, saindo do quarto.) Mas, em geral, preferia acreditar que seus filhos eram inteligentes o bastante para tomar as próprias decisões, que a escola os tinha preparado bem com todo o conhecimento necessário. Se estavam *aprontando* — como pensava naquilo com eufemismo —, ela não precisava e nem queria saber. Ficar diante de Trip e daquela menina e dizer que sabe o que eles têm feito parecia algo tão mortificante quanto despir os dois.

Por fim, no meio da manhã, ela entrou no carro e dirigiu até a casinha da rua Winslow. Ela sabia que Mia estaria lá trabalhando em suas fotografias. A Sra. Richardson abriu a porta lateral compartilhada e entrou sem bater. Era sua casa, afinal, não de Mia. Como proprietária, tinha o direito. O apartamento de baixo estava em silêncio. Eram onze horas da manhã e o Sr. Yang estava no trabalho. Lá em cima, porém, dava para ouvir Mia na cozinha: o chiar de uma chaleira começando a ferver, o apito ganhando vida e depois se dissipando quando alguém tirou a chaleira do fogão. A Sra. Richardson subiu os degraus até o segundo andar, notando que o linóleo começava a descascar nos cantos dos degraus. Aquilo teria que ser consertado, pensou.

Mandaria reformar a escada, não o apartamento inteiro.

A porta do apartamento de cima estava destrancada, e Mia ergueu a cabeça, assustada, quando a Sra. Richardson entrou na cozinha.

— Eu não estava esperando ninguém — disse ela. A chaleira emitiu um gemido discreto quando ela a colocou de volta na boca quente do fogão. — Está precisando de alguma coisa?

O olhar da Sra. Richardson percorreu o apartamento: a pia ainda com os pratos do café da manhã de Pearl empilhados em cima do ralo, as diversas almofadas que serviam de sofá, a porta entreaberta do quarto de Mia, com um colchão no carpete. Era uma vida tão patética, tinham tão pouco, pensou ela. Então viu um objeto conhecido cobrindo o encosto de uma das cadeiras aleatórias da cozinha: o casaco de Izzy. A menina o deixara ali em sua última visita, e o descuido relaxado daquele gesto foi uma afronta para a Sra. Richardson. Era como se Izzy morasse ali, como se aquela fosse sua casa, como se ela fosse filha de Mia e não da própria mãe.

— Eu sempre soube que havia algo de errado com você — disse ela.

— Como?

A Sra. Richardson não respondeu imediatamente. *Nem mesmo uma cama de verdade*, pensou. *Nem mesmo um sofá de verdade. Que tipo de mulher adulta se senta no chão, dorme no chão? Que tipo de vida era aquela?*

— Aposto que achou que podia se esconder — disse ela, olhando para a mesa da cozinha, onde Mia estivera colando cuidadosamente a foto de um cachorro e um homem juntos. — Aposto que achou que ninguém nunca ia descobrir.

— Não sei do que está falando — começou Mia.

Sua mão se fechou com força em torno da alça da caneca.

— Ah, não? Tenho certeza de que Joseph e Madeline Ryan sabem.

Mia ficou quieta.

— Tenho certeza — continuou a Sra. Richardson — de que gostariam de saber onde você está, assim como seus pais. Tenho certeza de que também gostariam de saber onde Pearl está. — Lançou um olhar na direção de Mia. — Não tente mentir. Você mente muito bem, mas já sei tudo. Sei tudo sobre você.

— O que você quer?

— Quase não falei nada. O passado ficou para trás, foi o que pensei. Talvez ela tenha construído uma vida nova. Mas pelo visto criou sua filha para ser tão amoral quanto você.

— Pearl? — perguntou Mia, arregalando os olhos. — Do que está falando?

— Como é hipócrita! Roubou a filha daquele casal e depois tentou tirar a bebê dos McCullough.

— Pearl é *minha* filha.

— Mas você teve uma ajudinha para gerá-la, não foi? — provocou a Sra. Richardson, erguendo uma sobrancelha. — Linda McCullough é minha amiga há quarenta anos. É como uma irmã para mim. E ninguém merece um filho mais do que ela.

— Não é uma questão de merecimento. Acho que a mãe tem o direito de criar a própria

filha.

— Acha, é? Ou isso é o que diz a si mesma para conseguir dormir à noite?

Mia corou.

— Se May Ling pudesse escolher, não acha que ela escolheria ficar com sua mãe de verdade? A mãe que a pariu?

— Talvez — concedeu a Sra. Richardson, observando Mia com atenção. — Os Ryan são ricos. Queriam desesperadamente um bebê. Teriam dado uma vida maravilhosa para ela. Se Pearl tivesse podido escolher, acha que teria preferido ficar com você? Viver como uma mendiga?

— Isso incomoda muito você, não é? — perguntou Mia subitamente. — Acho que não consegue imaginar por que alguém escolheria uma vida diferente da que você tem. Por que alguém ia querer algo que não um casarão com um gramado grande, um carro chique, um trabalho no escritório? Por que alguém escolheria uma coisa diferente da que você escolheu? — Era sua vez de examinar a Sra. Richardson, como se a chave para compreendê-la estivesse codificada em seu rosto. — Você fica apavorada por ter deixado passar algo, por ter aberto mão de algo que nem sabia que queria. — Um sorriso afiado e piedoso ergueu os cantos dos seus lábios. — O que foi? Um rapaz? Uma vocação? Ou uma vida inteira?

A Sra. Richardson mexeu nos recortes das fotografias de Mia em cima da mesa. Sob suas mãos, pedaços de cachorro e de homem se separaram, se misturaram e se reuniram.

— Acho que está na hora de você seguir em frente — disse ela. Com uma das mãos, pegou o casaco de Izzy no encosto da cadeira e o espanou, como se estivesse sujo. — Tem até amanhã. — Deixou uma nota de cem dólares dobrada na bancada. — Isso deve cobrir o aluguel deste mês. Estamos quites.

— Por que está fazendo isso?

A Sra. Richardson foi até a porta.

— Pergunte à sua filha — respondeu, e a porta se fechou atrás dela.

Dezenove

Na sexta-feira à tarde, quando o sinal tocou pouco depois de uma hora, Pearl se instalou na sala, no sétimo tempo do dia, e colocou a bolsa ao lado da cadeira. Iria encontrar Trip em seu carro depois da escola (ele havia deixado um bilhete no armário dela de manhã). Lexie deixara outro, depois do almoço: *Filme hoje à noite? Impacto Profundo?* Aquilo quase bastava para fazê-la esquecer que ela e Moody não eram mais amigos. Ainda se viam todos os dias na aula, mas na maioria das vezes ele se levantava assim que o sinal tocava e saía rápido pela porta antes que conseguisse fechar o fichário. Agora, lá estava ele, na fileira ao lado, debruçado sobre seu exemplar de *Otelo*. Ela se perguntou se algum dia voltariam ao normal, se as coisas entre eles voltariam a ser como eram antes. O sexo mudava as coisas, ela percebeu, não só entre você e a outra pessoa, mas entre você e todo mundo.

Ainda estava refletindo sobre isso quando o telefone da sala de aula tocou. Em geral, era a diretoria fazendo alguma pergunta — uma lista de presença perdida, a justificativa do atraso de algum aluno —, então ela não prestou atenção, até que a Sra. Thomas desligou e se agachou ao lado da sua mesa.

— Pearl — falou ela baixinho —, a diretoria avisou que sua mãe está aqui para buscar você. Mandaram você levar suas coisas.

Ela voltou ao quadro, onde estava resumindo o terceiro ato da peça, e Pearl ficou intrigada enquanto guardava os livros. Tinha se esquecido de algum compromisso? Havia alguma emergência? Por instinto, deu uma olhada em Moody na cadeira ao lado — era o mais perto que chegavam de uma conversa em semanas. Mas Moody pareceu tão desnorteado quanto ela, e a última coisa de que ela se lembrou ao sair da sala foi da expressão dele, daquele momento de confusão compartilhada.

Saiu da ala científica e viu o carro da mãe estacionado junto ao meio-fio. Ela estava apoiada no Rabbit marrom-claro, esperando pela filha.

— Aí está você — disse Mia.

— Mãe. O que está fazendo aqui?

Pearl olhou por cima do ombro, a reação universal de todos os adolescentes que encontram os pais em um lugar público.

— Tem alguma coisa importante no seu armário? — perguntou Mia, abrindo a bolsa de Pearl e espiando lá dentro. — Sua carteira? Algum documento? Certo, vamos embora.

Ela se virou para o carro e Pearl se soltou.

— Mãe. Não posso. Tenho prova de biologia no próximo tempo. E vou encontrar... Tenho

que encontrar uma pessoa depois da escola. Vejo você em casa, está bem?

— Não foi isso que eu quis dizer — falou Mia, e Pearl notou a ruga entre as sobrancelhas da mãe, o que significava que ela estava muito preocupada. — Quis dizer que temos que ir embora. Hoje.

— O quê?

Pearl olhou ao redor.

O pátio da escola estava tranquilo e verdejante diante delas. Todo mundo estava lá dentro, tendo aula, com exceção de alguns alunos amontoados — fora da propriedade escolar — perto da placa de trânsito triangular, fumando. Tudo parecia tão normal…

— Não quero ir embora.

— Eu sei, querida. Mas temos que ir.

Todas as vezes anteriores, quando sua mãe decidira ir embora, Pearl sentira, no máximo, uma pontada de nostalgia sempre com relação a coisas sem importância: um menino que ela admirava de longe, um banco do parque, um canto silencioso ou um livro da biblioteca que ela odiava deixar para trás. Mais do que tudo, porém, sentira alívio: por poder deixar aquela vida e recomeçar, feito uma cobra trocando de pele. Mas desta vez tudo que brotou dentro dela foi uma mistura de dor e raiva.

— Você prometeu que a gente ia ficar — disse ela, com a voz falhando. — Mãe. Eu tenho amigos aqui. Tenho…

Ela olhou ao redor, como se algum dos filhos da família Richardson pudesse estar por perto. Mas Lexie estava no refeitório terminando o almoço. Moody estava na aula de inglês, discutindo *Otelo*. E Trip… Trip estaria esperando por ela depois da aula do outro lado do pátio. Ao notar que não apareceria, ele iria embora de carro. Pearl teve uma ideia maluca: se pudesse correr até a casa dos Richardson estaria a salvo. A Sra. Richardson a ajudaria, tinha certeza disso. Os Richardson a acolheriam. Os Richardson nunca a deixariam ir embora.

— Por favor. Mãe. Por favor. Por favor, não faça a gente ir embora.

— Eu não quero. Mas temos que ir.

Mia estendeu a mão. Pearl, por um instante, imaginou-se virando árvore, enraizando-se tão profundamente que nada seria capaz de tirá-la dali.

— Pearl, querida — falou sua mãe. — Sinto muito. Está na hora de ir.

Ela pegou a mão da filha, e a menina, desenraizada, libertou-se e seguiu a mãe até o carro.

* * *

Quando chegaram à casa na rua Winslow, alguns pertences já haviam sido guardados: o sofá estava sem cobertor, desmontado; as almofadas, empilhadas; e as várias fotos que Mia havia prendido nas paredes tinham sido encaixotadas. Mia sabia arrumar as malas com muita rapidez e era boa em enfiar uma quantidade absurdamente grande de coisas em um espaço restrito.

Porém, durante o ano que passaram em Shaker, as duas haviam adquirido mais coisas do que nunca, e desta vez muito mais teria que ser deixado para trás.

— Achei que eu já teria terminado a esta altura — admitiu Mia, largando as chaves na mesa. — Mas eu tinha que finalizar uma coisa. Dobre suas roupas. Tudo o que for enfiar na sua bolsa de lona.

— Você prometeu — disse Pearl.

No abrigo seguro da casa — seu verdadeiro lar, como ela passara a acreditar —, as lágrimas começaram a escorrer e foram acompanhadas por uma onda sufocante de fúria.

— Você disse que a gente ia ficar aqui. Você disse que era *definitivo*.

Mia parou e envolveu Pearl com um braço.

— Sei que eu disse isso — falou. — Eu prometi. E sinto muito. Aconteceu uma coisa…

— Eu não vou.

Pearl tirou os sapatos e os chutou para longe, marchando pela sala. Mia ouviu a porta do quarto da filha bater. Suspirando, pegou os tênis de Pearl pelas solas e seguiu pelo corredor. Pearl estava jogada na cama, com um livro de matemática aberto na sua frente, e tirava um caderno da mochila. Uma farsa enfurecida.

— Está na hora.

— Tenho que fazer o dever de casa.

— Temos que fazer as malas. — Mia fechou delicadamente o livro. — E depois precisamos ir embora.

Pearl arrancou o livro das mãos da mãe e o jogou do outro lado do quarto, deixando uma mancha preta na parede. Em seguida, jogou seu caderno, sua caneta, seu livro de História, uma pilha de fichas, até que sua mochila ficou vazia e encolhida no chão feito uma pele enrugada, e tudo o que havia lá dentro se espalhara pelo quarto. Mia permaneceu sentada em silêncio ao lado da filha, esperando. Pearl não estava mais chorando. Suas lágrimas haviam sido substituídas por uma expressão fria e vazia e pelo maxilar travado.

— Também achei que a gente poderia ficar — falou Mia finalmente.

— Por quê? — Pearl puxou os joelhos para perto do corpo e abraçou as pernas, fuzilando a mãe com o olhar. — Não vou embora até você me dizer por quê.

— Justo.

Mia suspirou. Sentada na cama ao lado de Pearl, ela alisou a colcha. Estava de tarde. Fazia sol. Lá fora, uma rola-carpideira piou, o ruído baixo de um cortador de grama aumentou, uma nuvem passageira projetou uma sombra sobre elas por um instante e depois se afastou, como se aquele fosse um dia qualquer.

— Venho pensando em como contar isso para você há muito tempo. Mais tempo do que pode imaginar.

Pearl ficou muito imóvel de repente, os olhos fixos na mãe, aguardando com paciência, sabendo que estava prestes a descobrir algo muito importante. Mia pensou em Joseph Ryan, sentado diante dela à mesa de jantar aquela noite, esperando para ouvir sua resposta.

— Primeiro vou contar — disse ela, respirando fundo — sobre seu tio Warren.

* * *

Quando Mia terminou, Pearl ficou sentada em silêncio, passando o dedo pelas linhas espiraladas dos retalhos na colcha. Ela havia contado um resumo geral das coisas para Pearl, embora as duas soubessem que todos os detalhes demorariam muito a surgir. Eles pingariam feito gotinhas aqui e ali, quando lembranças viessem subitamente à tona, evocadas pelos acontecimentos mais sutis, como acontece com frequência com a memória. Durante anos, dali em diante, quando Mia visse uma casinha amarela enquanto viajavam de carro, ou um reboque danificado, ou quando visse duas crianças subindo uma encosta, ela diria:

— Já contei sobre…

E Pearl prestaria atenção, pronta para colher mais um caquinho reluzente da sua história. Acabara entendendo que *tudo* era como o infinito. Talvez elas nunca chegassem perto, mas podiam se aproximar de um ponto em que, para todos os efeitos, ela soubesse tudo de que precisava. Só levaria tempo e exigiria paciência. Por enquanto, sabia o bastante.

— Por que está me contando isso? — perguntou à mãe. — Quer dizer, por que está me contando isso *agora*?

Mia respirou fundo. Como explicar a uma menina — uma menina que você amava — que alguém que ela venerava não era digna de confiança? Ela tentou. Fez o possível para explicar, e primeiro viu a confusão tomar conta do rosto de Pearl, depois o sofrimento. A garota não conseguia entender: a Sra. Richardson, que sempre fora tão gentil com ela, que sempre dissera tantas coisas gentis sobre ela, que tinha uma aparência reluzente e educada a ponto de arrebatar Pearl.

— Mas ela está certa — falou Mia, por fim. — Os Ryan teriam dado uma vida maravilhosa para você. Teriam amado você. E o Sr. Ryan é seu pai. — Ela nunca tinha dito aquelas palavras em voz alta, nunca nem sequer se permitira pensá-las, e sentiu um gosto estranho na boca. Falou novamente: — Seu pai. — Viu de soslaio Pearl falando aquelas palavras baixinho para si mesma, como se as experimentasse. — Quer conhecê-los? — perguntou Mia. — Podemos ir de carro até Nova York. Não vai ser difícil encontrá-los.

Pearl refletiu por bastante tempo.

— Agora não — respondeu ela. — Talvez um dia. Mas agora não. — Ela se aproximou do colo da mãe, como fazia quando era criança, encaixando-se perfeitamente debaixo do seu queixo. — E os seus pais? — perguntou depois de um instante.

— Meus pais?

— Ainda estão vivos? Sabe onde estão?

Mia hesitou.

— Sei — respondeu —, acho que sei. Quer conhecê-los?

Pearl inclinou a cabeça, um gesto que fez Mia se lembrar tão intensamente de Warren que ela teve que prender a respiração.

— Um dia — falou Pearl. — Talvez um dia a gente possa ir lá juntas.

Mia a abraçou, enfiando o nariz no cabelo de Pearl. Todas as vezes que fazia isso, ficava mais tranquila ao sentir que o cheiro de Pearl era exatamente o mesmo. Tinha cheiro de casa, pensou Mia de repente, como se *casa* não fosse um lugar, e sim aquela pessoinha que ela carregava para todo lado.

— E agora é melhor fazermos as malas — disse ela.

Eram três e meia. As aulas já tinham terminado, pensou Pearl enquanto começava a enrolar suas roupas. Moody devia estar chegando em casa. Trip já devia ter desistido dela àquela altura… Ou ainda estaria esperando? Ao perceber que não apareceria, será que ele iria procurá-la? Ainda não havia contado para a mãe sobre Trip. Ainda não sabia se contaria algum dia.

Alguém bateu à porta lateral. Para Pearl, foi como se tivesse convocado Trip com sua mente, e ela se virou para a mãe, com os olhos arregalados.

— Vou ver quem é — disse Mia. — Fique aqui. Continue arrumando suas coisas.

Se fosse a Sra. Richardson, pensou ela… Mas não, era Izzy, parada e perplexa na entrada.

— Por que a porta está trancada? — perguntou.

Fazia meses que ia até a casa de Mia toda tarde e nunca encontrara a porta lateral trancada. Estava sempre aberta para ela — para todos os filhos da família Richardson, percebeu de repente —, a qualquer momento do dia, em qualquer circunstância.

— Eu… estava cuidando de uma coisa.

Mia tinha se esquecido completamente de Izzy, e tentou pensar em uma desculpa plausível.

— Bebe ainda está aqui?

Era a única coisa que Izzy podia imaginar que faria Mia trancá-la do lado de fora e mandá-la embora.

— Não, ela foi para casa. Eu só… estava ocupada.

— Ok.

Izzy deu meio passo para trás e a porta que ela segurava com o pé rangeu baixinho.

— Bom, Pearl está aí? Eu… queria contar uma coisa para ela.

Passara o dia todo tentando falar com Pearl. Na verdade, tinha tentado ligar para ela na noite anterior, mas só dera ocupado: enquanto consolava Bebe, Mia havia tirado o telefone do gancho e se esquecera de colocá-lo de volta. Izzy tentara várias vezes, até depois da meia-noite, decidindo, por fim, que encontraria Pearl na escola na manhã seguinte. Sentia que Pearl precisava saber o que Moody tinha dito sobre ela, que sua mãe descobrira sobre Trip. Mas não sabia o trajeto que Pearl fazia entre uma aula e outra. Usava a escada principal, abarrotada de alunos, ou a de trás, que levava até a ala de inglês? Comeria no refeitório, na saída lá embaixo ou quem sabe no gramado lá fora? Izzy adivinhou errado toda vez e ficou frustrada por não achar Pearl, e mais ainda pelo pouco que parecia conhecê-la. Prometeu a si mesma que assim que as aulas terminassem a encontraria e lhe contaria tudo.

Agora, frente a frente com Mia, percebeu que havia algo errado, mas não sabia bem o quê. Mia já estava sabendo? Pearl estava em apuros? Mia estava, por algum motivo, brava com *ela* também?

Mia baixou os olhos na direção do rosto ansioso de Izzy e não soube o que a magoaria mais, se mentisse ou se falasse a verdade. Decidiu não fazer nem uma coisa nem outra.

— Vou dizer a ela que você passou por aqui, está bem? — falou.

— Está bem — disse Izzy.

Com uma das mãos na maçaneta da porta, a menina ergueu os olhos e espiou Mia por trás do cabelo. Tinha feito alguma coisa errada?, perguntou-se. Deixou Mia brava? Lexie sempre dizia que Izzy não sabia fingir, e era verdade: ela nunca se dava ao trabalho de esconder seus sentimentos, nem sabia como. Parecia tão pequena naquele instante, tão confusa, vulnerável e sozinha, e isso, mais do que tudo, fez Mia achar que a havia decepcionado.

— Lembra o que eu disse aquele dia? — perguntou. — Sobre os incêndios florestais? Sobre como às vezes é preciso queimar tudo e recomeçar?

Izzy assentiu.

— Bem — falou Mia. Um longo instante se desdobrou entre elas. Mia não conseguia pensar em um modo de se despedir. — Lembre-se disso — pediu ela. — Às vezes é preciso recomeçar do zero. Entendeu?

Izzy não sabia se tinha entendido direito, mas fez que sim outra vez.

— Vejo você amanhã? — perguntou.

O coração de Mia se partiu. Em vez de responder, ela puxou Izzy para um abraço e beijou o topo da sua cabeça, no mesmo lugar em que beijava Pearl.

— Vejo você em breve — respondeu.

Pearl ouviu a porta se fechar, mas alguns minutos depois Mia surgiu lá em cima, os passos lentos e pesados nos degraus.

— Quem era? — perguntou Pearl, embora já tivesse uma ideia àquela altura.

— Izzy — respondeu Mia —, mas ela já foi.

E entrou em seu quarto para arrumar as coisas.

Já haviam feito aquilo muitas vezes: dois copos empilhados, alguns talheres dentro, os copos aninhados em tigelas, as tigelas aninhadas dentro de uma panela, a panela aninhada em uma frigideira, tudo envolto em uma sacola de papel e acolchoado com qualquer comida que não fossem jogar fora: um pacote de biscoitos salgados, um pote de manteiga de amendoim, parte de um pão. Outra sacola continha xampu, uma barra de sabonete, um tubo de pasta de dente. Mia enfiou as bolsas de lona no espaço para os pés no carro e cobriu-as com uma pilha de cobertores. Suas câmeras e seus materiais foram para o porta-malas, junto com os pratos e os itens de higiene pessoal. Todo o resto — a mesa extensível que tinham pintado de azul, as cadeiras que não combinavam, a cama de Pearl, o colchão de Mia e o conjunto de almofadas que chamavam de sofá — seria deixado para trás.

Estava quase escuro quando terminaram, e Pearl não parava de pensar em Trip, Lexie,

Moody e Izzy. Deviam estar em casa agora, em sua linda casa. Trip devia estar se perguntando por que ela não fora encontrá-lo. Ela nunca mais o veria, pensou, e sua garganta ardeu. Lexie devia estar sentada na bancada, enrolando uma mecha de cabelo no dedo, se perguntando onde Pearl estava. E Moody… eles nunca teriam a oportunidade de fazer as pazes.

— Não é justo — disse ela enquanto a mãe guardava as últimas coisas dentro de uma sacola do mercado.

— Não — concordou Mia. — Não é.

Pearl aguardou que ela dissesse alguma frase clichê típica das mães: *A vida não é justa* ou *Justo nem sempre quer dizer certo*. Em vez disso, Mia a abraçou por um instante, beijou a lateral da sua cabeça, depois lhe entregou a sacola.

— Coloque isso no carro.

Quando Pearl voltou, encontrou a mãe na cozinha, deixando um envelope pardo na bancada.

— O que é isso? — perguntou, involuntariamente interessada.

— Uma coisa para os Richardson — respondeu Mia. — Uma despedida, eu diria.

— Uma carta? Posso ler?

— Não. Só algumas fotos.

— Vai deixar aqui?

Pearl nunca tinha visto a mãe deixar qualquer parte do seu trabalho para trás. Sempre que saíam de um apartamento, levavam tudo o que era verdadeiramente seu, e as fotos de Mia eram o mais importante. Certa vez, quando faltou lugar no porta-malas do Rabbit, Mia abandonou metade de suas roupas para abrir espaço.

— Não são minhas.

Mia pegou as chaves na bancada.

— De quem mais poderiam ser? — insistiu Pearl.

— Algumas fotos — explicou Mia — pertencem à pessoa que as tirou, outras são da pessoa que aparece. Está pronta?

Ela apagou as luzes.

* * *

Do outro lado da cidade, Bebe estava no meio-fio, à sombra de um BMW estacionado, observando a casa dos McCullough do outro lado da rua. Estava sentada ali havia algum tempo. Já eram sete e meia e, lá dentro, sua filha devia estar tomando banho. Ela sabia que Linda McCullough gostava de seguir uma rotina.

"Acho que hábitos regulares tornam a vida mais calma", dissera ela a Bebe em mais de uma ocasião, principalmente nos dias em que Bebe se atrasava para a visita.

Como se, pensou Bebe, estivesse apenas dando sua opinião sobre o assunto, livre de julgamentos, como se dissesse que preferia peras a maçãs.

A luz do banheiro se acendeu no andar de cima e Bebe imaginou a cena: May Ling segurando a borda de porcelana branca da banheira, uma das mãos estendida para tocar a água que caía da torneira. A rua estava silenciosa agora, luzes brilhavam tenuamente nas salas de estar, e volta e meia uma luz azul piscava numa TV, mas quando ela fechava os olhos quase ouvia sua filha rindo quando a água salpicava seu rosto. May Ling sempre adorara água, até mesmo nos dias de fome ela se acalmava quando Bebe a colocava na pia da cozinha para tomar banho, e, quando Bebe não tinha energia para aquilo — com medo de que a bebê escorregasse de suas mãos, com medo de simplesmente se deitar no chão de linóleo arranhado e deixar a menina afundar —, May Ling chorava ainda mais. Tinha certeza de que a Sra. McCullough devia ter à sua disposição uma grande variedade de produtos para o banho: todos aqueles hidratantes, sabonetes e cremes feitos especialmente para bebês, repletos de manteiga de karité, óleo de amêndoa e lavanda. Deviam ficar enfileirados na borda da banheira — não, em uma elegante prateleira de vidro, em segurança, fora do alcance de mãozinhas inquisitivas — e haveria brinquedos também, caixas repletas de brinquedos, não apenas um copo de iogurte para lavar o cabelo, mas patos e sapos de corda. Golfinhos. Barcos e aviões. Versões em miniatura da vida maravilhosa que May Ling teria com os McCullough.

Depois do banho, a Sra. McCullough envolveria May Ling em uma toalha branca e macia, tão felpuda que, quando a tirasse, o corpo de uma menininha estaria impresso nela, até seu umbigo minúsculo. Ela escovaria o cabelo de May Ling — que era liso quando seco e ondulado quando molhado, como o da mãe — e enfiaria seu corpinho úmido dentro do pijama. Então daria mamadeira a May Ling e a colocaria para dormir. Bebe observou a luz do banheiro se apagar e, um instante depois, viu a luz nos fundos da casa — o quarto da menina — se acender. May Ling iria dormir, saciada de leite e agasalhada, em um berço aconchegante, confortável sob uma manta feita à mão, com uma fileira de almofadas de berço protegendo-a das barras rígidas das laterais. Ela dormiria e a Sra. McCullough acenderia a luz noturna, fecharia a porta e, quando ela própria fosse se deitar, já estaria ansiosa pela manhã seguinte, para entrar no quarto e encontrar a filha de Bebe esperando por ela.

Bebe apoiou a cabeça no BMW e esperou a luz do quarto da filha se apagar.

* * *

Izzy voltou da casa de Mia e encontrou a própria casa vazia. Seus pais, é claro, ainda estavam no trabalho, mas algum dos seus irmãos costumava estar em casa. Onde estava Lexie?, ela se perguntou. Onde estava Moody? Trip devia estar com Pearl, concluiu ela. Esperava conseguir falar com Pearl antes que sua mãe chegasse em casa.

Na verdade, Trip e Moody tinham chegado em casa mais cedo — Moody, logo após a aula, e Trip, inesperadamente, pouco depois. Trip parecia mal-humorado e irritadiço, e Moody suspeitou — com razão — que ele havia planejado se encontrar com Pearl e algo dera errado.

— Dia ruim?

Trip grunhiu.

— Ela deu um bolo em você — continuou Moody, estalando a língua. — Que droga, cara. Mas, bem, o que você esperava?

— Do que está falando? — perguntou Trip, virando-se finalmente para Moody, que sentiu uma onda de empolgação maldosa percorrer seu corpo.

— Você achou que era o único? — falou. — Acha que alguém é burra o suficiente para se guardar para *você*? Não acredito que não percebeu antes.

Moody riu, e então Trip se jogou em cima dele. Não brigavam daquele jeito havia anos, desde que eram crianças. Com uma súbita sensação de alívio, Moody riu outra vez, mesmo quando Trip o socou na barriga e os dois caíram no chão. Debateram-se por alguns instantes, seus sapatos deixando marcas nas portas do armário, até que Trip o imobilizou ao passar o braço em torno do seu pescoço, e a briga terminou.

— Cale a boca — sibilou Trip. — Cale a merda da sua boca.

Desde a primeira vez que beijara Pearl, Trip se perguntava o que ela via nele, perguntava-se se algum dia — mais cedo ou mais tarde — decidiria que tinha cometido um erro ao escolhê-lo. Era como se Moody de alguma forma tivesse espiado dentro do seu cérebro e dito seus maiores temores em voz alta.

Moody respirou com dificuldade e puxou o braço de Trip, que finalmente o soltou e foi embora. Depois de meia hora dirigindo a esmo, foi até a casa de Dan Simon. Antes de namorar Pearl, ele, Dan e alguns amigos do time de hóquei passavam horas debruçados diante do Nintendo de Dan jogando GoldenEye. Ele esperava que naquela tarde o video game o distraísse do que Moody dissera, fizesse ele parar de se perguntar se era verdade. Moody, enquanto isso, foi até o lago Horseshoe, onde pensou em todas as coisas que gostaria de ter dito ao irmão, naquele dia e ao longo dos anos.

Izzy, sozinha em casa, revirou as palavras de Mia em sua mente. Às vezes é preciso recomeçar do zero. Às cinco da tarde, Mia ainda não tinha chegado para preparar o jantar, e uma sensação desagradável surgiu na boca do estômago da menina. O que só se intensificou quando sua mãe ligou às cinco e meia.

— Mia não vai poder ir hoje — disse ela. — Vou pegar comida chinesa no caminho para casa.

Quando enfim Moody voltou, pouco depois das seis, ela desceu a escada correndo.

— Onde está todo mundo? — perguntou.

Moody tirou a camisa de flanela e a jogou no sofá. Passara horas sentado à beira do lago, jogando pedras na água, pensando em Pearl e no irmão. *Olhe só o que você fez com ela*, pensou, furioso. *Como pôde fazê-la passar por isso?* Ele jogara todas as pedras que encontrara, e ainda assim não fora suficiente.

— Eu que sei? — disse ele a Izzy. — Lexie deve estar na casa da Serena. Vai saber onde aquele merda do Trip está. — Ele fez uma pausa. — Por que quer saber? Achei que gostasse de

ficar sozinha.

— Estou procurando Pearl. Você a viu?

— Vi na aula de inglês. — Moody foi até a cozinha pegar um refrigerante e Izzy o seguiu. — Depois não a vi mais. Ela saiu da aula mais cedo.

Ele tomou um gole.

— Será que está com Trip? — sugeriu Izzy.

Moody engoliu e ficou quieto. Ao perceber que ele não a contradizia, Izzy seguiu em frente, tirando vantagem:

— É verdade? O que você falou ontem sobre Pearl e Trip?

— Parece que é.

— Por que contou para a mamãe?

— Achei que não fosse segredo. — Moody largou a latinha na bancada. — Até parece que eles são discretos… E não é meu trabalho mentir por eles.

— Mamãe disse… — falou Izzy, hesitando. — Mamãe disse que Pearl fez um aborto?

— Foi o que ela disse.

— Pearl não fez um aborto.

— Como você sabe?

— Sabendo.

Izzy não podia explicar, mas tinha certeza de que estava certa sobre aquilo. Trip e Pearl… nisso ela acreditava. Tinha visto Pearl observar Trip durante meses feito um ratinho olhando para um gato e implorando para ser devorado. Mas Pearl grávida? Ela tentou lembrar. Pearl estava minimamente diferente?

Izzy ficou paralisada. Lembrou-se do dia em que fora até a casa de Mia e encontrara Lexie lá. O que Lexie tinha dito? Que fora até lá para ver Pearl, porque ela a estava ajudando com um trabalho. Lexie, geralmente sempre tão arrumada, estava descabelada e pálida, o cabelo preso em um rabo de cavalo frouxo, e Mia tinha expulsado Izzy com bastante pressa. Ela se esforçou mais para lembrar. No dia seguinte, Lexie voltara para casa com a camiseta verde favorita de Pearl, a que tinha uma imagem de John Lennon estampada na frente. Segurava um saco plástico em uma das mãos com algo dentro. Passara a noite toda no quarto, sem jantar — mais uma vez, nada do feitio de Lexie, que tinha apetite — e ficara mal-humorada por semanas depois daquilo. Mesmo agora, pensou Izzy, sua irmã parecia menos animada, menos sociável, como se tivesse desacelerado. E ela e Brian tinham terminado.

— Onde está Lexie? — perguntou ela outra vez.

— Já falei. Deve estar na casa da Serena. — Moody segurou o braço de Izzy. — Fique de boca fechada sobre Trip e Pearl, está bem? Acho que ela não sabe.

— Você é idiota para cacete. — Izzy soltou seu braço de uma vez. — Pearl não estava grávida. Tem noção de que nossa mãe e a mãe dela vão querer matá-la, e você a entregou sem motivo?

Moody ficou pálido, mas só por um instante. Então fez que não com a cabeça.

— Não ligo. Ela mereceu.

— Ela *mereceu*? — repetiu Izzy, incrédula.

— Estava saindo às escondidas com Trip. Logo *Trip*, Izzy. Ela nem ligou para… — Ele se interrompeu, como se tivesse pressionado com muita força um hematoma recente. — Olhe, ela decidiu dormir com um cara qualquer. Merece o que for.

— Não acredito que está falando isso.

Izzy nunca tinha visto o irmão agindo daquela maneira. Moody, que sempre fora a pessoa mais atenciosa da família; Moody, que sempre ficara do lado dela mesmo quando a irmã não seguia seu conselho; Moody, a pessoa da família com quem ela sempre contava para ver as coisas com mais clareza.

— Você tem noção — disse ela — que mamãe provavelmente vai culpar Mia por tudo isso?

Moody se remexeu.

— Bem — disse ele —, talvez devesse ter ficado de olho na filha. Talvez devesse ter dado educação para ela ser mais responsável.

Ele estendeu o braço para pegar a latinha de refrigerante, mas Izzy a alcançou primeiro. O metal frio se chocou na bochecha de Moody e um jorro de espuma gasosa atingiu seu rosto em cheio. Quando ele conseguiu enxergar de novo, Izzy já tinha ido embora, e Moody estava sozinho, a não ser pela lata que rolava lentamente pelo piso molhado da cozinha.

* * *

A casa de Serena ficava no Bulevar Shaker, perto da escola de ensino fundamental, a quase três quilômetros e meio de distância. Quarenta minutos depois, Serena abriu a porta quando a campainha tocou e encontrou Izzy, sem fôlego, nos degraus da entrada.

— O que está fazendo aqui, maluca? — perguntou Lexie, descendo a escada atrás de Serena.

— Preciso perguntar uma coisa para você — disse Izzy.

— Já ouviu falar em telefone?

— Cale a boca. É importante.

Izzy puxou a irmã pelo braço até a sala de estar. Serena, acostumada com a dinâmica da família Richardson, foi até a cozinha para dar um pouco de privacidade a elas.

— O que foi? — perguntou Lexie quando ficaram sozinhas.

— Você fez um aborto? — disparou Izzy.

— O quê?

A voz de Izzy tornou-se um sussurro:

— Quando mamãe estava viajando. Fez?

— Não é da sua conta, cacete.

Lexie se virou para ir embora, mas Izzy continuou:

— Você fez, não foi? Naquela vez em que dormiu na casa de Pearl.

— Não é crime, Izzy. Muitas pessoas fazem.

— Pearl foi com você?

Lexie suspirou.

— Ela me levou de carro. E antes que você comece a ficar toda moralista e superior…

— Não estou nem aí para os seus princípios, Lex. — Izzy afastou o cabelo do rosto, impaciente. — Mamãe acha que foi Pearl quem fez um aborto.

— Pearl? — disse Lexie, rindo. — Mas isso é hilário! A inocente e virginal Pearl.

— Ela deve ter motivos para achar isso.

— Marquei a consulta no nome de Pearl — explicou Lexie. — E daí? Ela não se importou. — Virou-se para sair, então deu meia-volta. — Não ouse contar isso para ninguém. Nem para Moody, nem para mamãe, para ninguém. Entendeu?

— Você é egoísta para cacete — disse Izzy.

Sem se despedir, ela passou por Lexie e foi até o corredor, onde quase derrubou Serena a caminho da porta.

Levou mais quarenta minutos para alcançar a casinha na rua Winslow, e assim que chegou lá percebeu que tinha algo errado. Todas as luzes do andar de cima estavam apagadas e não havia sinal do Rabbit na entrada da garagem. Hesitou por um instante na calçada, espiando o pessegueiro, onde as flores murchavam e tornavam-se marrons. Então foi até a lateral da casa e tocou a campainha até que o Sr. Yang atendeu.

— Mia está aqui? — perguntou ela. — Ou Pearl?

Ele negou com a cabeça.

— Elas saiu há cinco ou dez minutos.

O coração de Izzy ficou pesado e frio.

— Por acaso disseram aonde iam? — indagou ela, embora já soubesse a verdade: chegara tarde demais e elas tinham ido embora.

O Sr. Yang fez que não outra vez.

— Elas não me disse.

Ele havia espiado por trás das cortinas a tempo de ver Mia e Pearl dando ré cuidadosamente para fora da entrada da garagem, o Rabbit abarrotado de sacolas e caixas, e dirigindo rumo à escuridão crescente. Eram boas pessoas, pensou ele com tristeza, e desejou-lhes uma viagem segura, aonde quer que fossem.

Um bilhete, pensou Izzy, desesperada. Devia haver um bilhete. Mia não teria ido embora sem se despedir.

— Posso ir lá em cima procurar uma coisa no apartamento? — perguntou. — Prometo que não vou fazer bagunça.

— Tem chave? — O Sr. Yang abriu a porta e deixou Izzy subir ruidosamente a escada. — Talvez porta trancada?

Estava mesmo fechada, e Izzy bateu várias vezes, sacodindo a maçaneta, antes de desistir e descer outra vez.

— Não tenho chave — disse o Sr. Yang. Ele segurou a porta aberta enquanto Izzy corria para fora. — Pede sua mamãe, ela tem chave.

Izzy demorou vinte e cinco minutos para chegar em casa, onde — embora nunca fosse saber — Mia e Pearl haviam deixado as chaves pouco antes. Levou mais meia hora para encontrar a cópia reserva da mãe para a casa da rua Winslow, na gaveta de tralhas da cozinha. Não fez barulho, ignorou o recipiente semivazio de *lo mein* e frango com laranja deixado sobre a bancada para ela, tomando cuidado para não perturbar seus irmãos ou seus pais, que àquela altura tinham se dispersado pelos cantos da casa. Quando ela voltou à rua Winslow, eram nove e meia, e o Sr. Yang — que acordava às 4h15 nos dias de semana para dirigir o ônibus escolar e gostava de manter uma rotina certinha — já tinha ido se deitar. Portanto, ninguém ouviu Izzy entrar pela porta lateral, destrancar o apartamento de Mia e Pearl e finalmente entrar, no fundo sabendo que era tarde demais, que as duas haviam ido embora de vez.

* * *

Às nove horas da manhã seguinte, a casa dos Richardson também estava praticamente vazia. O Sr. Richardson tinha ido ao escritório para adiantar algumas coisas, como costumava fazer nas manhãs de sábado. Os recentes desdobramentos do caso McCullough haviam feito com que ele deixasse todo o resto de lado. Lexie estava dormindo na cama *queen size* de Serena, do outro lado da cidade. Trip e Moody tinham saído: Trip quis se distrair com um jogo improvisado no centro comunitário; Moody pegou a bicicleta e foi até a casa de Pearl, onde tinha a intenção de se desculpar, mas em vez disso — para sua consternação — encontrou a porta trancada e nem sinal do Volkswagen. E Izzy sabia que aos sábados de manhã a mãe sempre ia ao centro de recreação para nadar na piscina. Era tão fiel a seus hábitos que Izzy nem se deu ao trabalho de dar uma olhada no quarto dela. Tinha certeza de que a casa era só sua.

Tudo aquilo era injusto, profundamente injusto: este foi o único pensamento que pulsou na mente de Izzy a noite inteira. Que Mia e Pearl tivessem sido obrigadas a ir embora, quando enfim tinham encontrado um lar, sendo expulsas dele. Eram as pessoas mais gentis que ela conhecia, as mais atenciosas, as mais sinceras, e haviam sido afugentadas pela sua família. Ela catalogou mentalmente as diversas traições. Lexie tinha mentido e usado Pearl. Trip havia se aproveitado dela. Moody a traíra de propósito. Seu pai era um ladrão de bebê. E sua mãe: bom, sua mãe estava na raiz de tudo.

Pensou na casa de Mia envolta em uma luz dourada e acolhedora. Durante toda a vida, Izzy se sentira má e raivosa; sua mãe sempre a criticando, Lexie e Trip sempre zombando dela. Mia não era assim. Com Mia, ela havia sido diferente, de uma forma que não sabia que podia ser: na presença tolerante de Mia, ela se tornara curiosa, gentil e aberta, como que sob um feitiço. Finalmente tivera a sensação de que podia falar sem dar de cara com a carapaça rígida da sua vida fortificada, como se de repente visse que os muros sólidos que a mantinham lá dentro eram

na verdade barras, com espaços grandes o bastante entre elas para escapar. Agora Izzy tentava se imaginar voltando para a vida que tinha antes: em sua casa linda, perfeitamente ordenada, com móveis abundantes, a grama sempre cortada, as folhas secas sempre recolhidas e nunca, nunca mesmo, lixo à vista; em seu bairro lindo e perfeitamente ordenado, onde em cada gramado havia uma árvore e as ruas se curvavam de forma que ninguém avançasse rápido demais, cada casa harmonizada com a do lado; em sua cidade linda e perfeitamente ordenada, onde todos se entendiam bem e todos seguiam as regras, e tudo tinha que ser lindo e perfeito por fora, independentemente do caos que fosse por dentro. Ela não podia fingir que nada tinha acontecido. Mia abrira uma porta dentro dela que já não podia ser fechada.

Então Izzy pensou no dia em que conhecera Mia e no que ela lhe perguntara: *O que vai fazer em relação a isso?* Foi a primeira vez que Izzy teve a sensação de que havia *algo* que ela podia fazer a respeito de qualquer coisa. Lembrou-se então do que Mia dissera a ela na última vez em que as duas tinham se visto, das palavras que ecoavam em sua mente desde então: como às vezes era preciso recomeçar do zero. Terra queimada, dissera ela, e naquele instante Izzy decidiu o que ia fazer.

Passara a noite inteira planejando e, quando a hora chegou, mal precisou pensar. Era como se estivesse fora do seu corpo, observando outra pessoa fazer aquelas coisas. Seu pai guardava uma lata de gasolina na garagem, para encher o soprador de neve e para usar no gerador caso acabasse a luz durante uma tempestade. Com a lata, Izzy desenhou um círculo perfeito na cama da irmã, depois fez o mesmo na cama dos irmãos. A gasolina formou uma mancha escura e oleosa no edredom florido de Lexie, no travesseiro de Trip, no lençol xadrez de Moody. Quando terminou no quarto de Moody, a lata estava vazia, então ela se contentou em deixá-la diante da porta fechada do quarto dos pais. Por fim, devolveu as chaves da casa na rua Winslow à gaveta de tralhas e pegou uma caixinha de fósforos.

Lembre-se, dissera Mia, às vezes é preciso queimar tudo e recomeçar. Depois de queimar, o solo fica mais rico e coisas novas podem crescer ali. As pessoas também são assim, sabe? Elas recomeçam. Dão um jeito. Pensou em Mia e seus olhos começaram a arder, então Izzy riscou o primeiro fósforo na lateral da caixa. Estava com a mochila no ombro, algumas roupas e todo o dinheiro que tinha. Elas não podiam estar longe, pensou. Ainda daria tempo de encontrá-las. A lixa arranhou a cabeça do fósforo feito unhas em um quadro-negro, então subiu um cheiro de enxofre e a ponta chamejou vividamente. Em seguida, Izzy jogou o fósforo em cima do edredom florido da irmã e saiu correndo pela porta.

Vinte

Depois que os caminhões de bombeiro foram embora, com os restos da casa dos Richardson escancarados, enegrecidos e fumegando de leve, a Sra. Richardson ajustou o roupão de banho ao redor do corpo e avaliou a situação. Lá estava o Sr. Richardson no que antes era a entrada da casa, deliberando com o chefe dos bombeiros e dois policiais. Lá estavam Lexie, Trip e Moody, em cima do carro de Lexie, do outro lado da rua, observando os pais e aguardando instruções. A Sra. Richardson não deixara de notar que Izzy havia sumido e com certeza era sobre isso que seu marido estava falando com os policiais. Devia estar fazendo uma descrição dela, pedindo que ajudassem a encontrá-la. *Isabelle Marie Richardson*, pensou ela com uma mistura de fúria e vergonha. *O que foi que você fez?* Repetiu a mesma coisa para os policiais, os bombeiros, seus filhos e seu marido constrangido.

— Irresponsável — disse ela. — Como pôde fazer isso?

Atrás dela, um dos bombeiros colocou os resquícios queimados da lata de gasolina no caminhão, para enviar à seguradora, sem dúvidas.

— Quando Izzy voltar — murmurou Lexie para Trip —, mamãe vai *acabar* com ela.

Só quando o chefe dos bombeiros perguntou aonde eles se hospedariam que a Sra. Richardson pensou na solução óbvia.

— Na casa que alugamos — respondeu ela. — Na rua Winslow, perto de Lynnfield. Ao marido e aos filhos, confusos, disse apenas: — Foi desocupada ontem.

Precisaram fazer algumas manobras para encaixar os três carros na estreita entrada da garagem na rua Winslow, e quando Lexie enfim estacionou seu Explorer no meio-fio, a Sra. Richardson teve um medo súbito de que o apartamento não estivesse vazio no fim das contas, de que talvez eles subissem, abrissem a porta e encontrassem Mia e Pearl ainda lá, almoçando placidamente à mesa, recusando-se a sair. Ou quem sabe Mia tivesse deixado alguma manifestação para trás: uma bagunça para limparem, janelas ou paredes quebradas, um último dedo do meio erguido para os proprietários. Mas quando a família Richardson deu um jeito de estacionar os quatro carros e subir os degraus, enfileirada — deixando o Sr. Yang muito confuso —, não encontraram ninguém lá em cima, apenas alguns móveis deixados para trás. A Sra. Richardson assentiu em aprovação, aliviada.

— Está tão diferente — murmurou Lexie.

E estava mesmo. Os três filhos restantes da família Richardson se amontoaram na soleira da porta, entre a sala e a cozinha, tão próximos uns dos outros que seus ombros quase se tocavam. Os armários da cozinha estavam vazios, as duas cadeiras diferentes tinham sido cuidadosamente

encaixadas sob a mesa bamba. Moody pensou em quantas vezes tinha se sentado àquela mesa ao lado de Pearl, fazendo o dever de casa, comendo uma tigela de cereal. Lexie percorreu a sala com o olhar: apenas algumas almofadas empilhadas no carpete, as paredes vazias a não ser por alguns buracos de tachinhas aqui e ali no reboco. Trip se virou para o quarto, onde viu pela fresta da porta aberta a cama de Pearl, sem lençóis ou cobertores, reduzida a um colchão vazio e um estrado.

Perfeitamente aproveitável, pensou a Sra. Richardson. Dois quartos, um para os adultos e um para os meninos. As meninas — ela ainda tinha certeza de que Izzy voltaria em breve — poderiam dormir na varanda envidraçada. Um banheiro e meio… Bom, teriam que dividir. Seria só por um tempinho, até encontrarem algo mais adequado, até poderem consertar a casa.

— Mãe — chamou Lexie da cozinha. — Mãe, olhe só isso.

Na bancada havia um grande envelope pardo cheio de papéis. Poderia ter sido deixado para trás por engano — documentos de Mia ou trabalhos de Pearl para a escola, talvez, esquecidos durante a partida afobada. Mas antes mesmo de tocar no envelope, a Sra. Richardson sabia que não era o caso. O papel pareceu cetim sob seus dedos, a aba cuidadosamente fechada, mas não colada. Quando puxou o fecho com a unha e abriu o envelope, o restante dos Richardson se agrupou em torno dela para ver o que tinha ali.

Havia uma para cada. Mia as empilhara meticulosamente lá dentro: metade retratos, metade desejos, capturados no papel. Quando a Sra. Richardson distribuiu as fotos de forma meticulosa sobre a mesa, enfileiradas, cada um dos Richardson soube qual era a sua, reconhecendo-a de imediato, como teriam reconhecido seus próprios rostos. Para qualquer outra pessoa era só uma foto, mas para eles era insuportavelmente íntimo, como ver o próprio corpo nu no espelho.

Uma folha de papel cortada em tiras finas feito palitos e entrelaçadas para formar uma rede. Suspensa na malha, uma pedra redonda e pesada. O texto fora recortado em pedaços ilegíveis, mas Lexie reconheceu o rosa-claro no mesmo instante: seu formulário de alta da clínica. Em uma das tiras estava a metade inferior da sua assinatura — não, da sua assinatura forjada: o nome de Pearl com a sua letra. Havia deixado o formulário na casa de Mia, que o transformara para ela. Ao tocar a foto, Lexie viu que, sob o peso da pedra, a rede intrincada se curvava, mas não cedia. Era algo que ela teria que levar consigo, dissera-lhe Mia, e, pela primeira vez, achou que talvez fosse capaz de fazer isso.

Um protetor de tórax para jogar hóquei largado na terra, com uma rachadura no meio, repleto de buracos. Mia tinha usado um martelo e alguns pregos, enfiando cada um no espesso plástico branco feito flechas e depois arrancando-os. Ser vulnerável não é ruim, pensara ela ao fazer cada buraco. Não tem problema esperar para ver o que cresce. Enchera o protetor de tórax de Trip com terra e espalhara sementes lá dentro, regando pacientemente durante uma semana até que, em cada um dos buracos, crescendo pela rachadura, surgiram vislumbres verdes: gavinhas finas, folhinhas encaracoladas escapando feito minhocas em direção à luz. Uma vida suave e frágil saindo da carapaça rígida.

Um bando de pássaros de origami em miniatura decolando, o maior deles do tamanho de

uma palma da mão aberta, o menor do tamanho de uma unha, todos discretamente pautados com linhas de caderno. Moody os reconheceu de imediato, antes mesmo de ver os vincos que davam textura a cada um: eram as páginas do caderninho de Pearl, que ele dera para ela e depois pegara de volta, que ele destruíra, amassara e jogara fora. Embora Mia tivesse achatado as folhas, os vincos continuavam visíveis nas asas dos pássaros, como se o vento eriçasse suas penas. Os pássaros tinham sido colocados sobre uma fotografia do céu, como uma dispersão de pétalas afastando-se do chão de cascalho e indo em direção a coisas maiores e melhores. *Você também vai*, pensou Mia ao posicionar os pássaros, um por um, no céu de papel.

A fotografia seguinte começara quando Mia, varrendo, encontrara um dos colarinhos do Sr. Richardson debaixo da cômoda. Ela o guardara: ele tinha vários outros, uma caixa inteira sobre a cômoda, e enfiava um novo a cada dia nas extremidades da gola para mantê-la rígida. Revirando a pequena tira de metal entre os dedos, ela se lembrou de um experimento que tinha feito na aula de ciências quando criança. Esfregou-o com um imã, então o colocou boiando em um prato com água, deixando-o girar para lá e para cá até parar lentamente com a ponta indicando o norte. A foto de longa exposição que resultou daquilo capturou um borrão em forma de laço, feito as asas fantasmagóricas de uma borboleta, então a linha luminosa do colarinho encontrava sua posição e ficava imóvel. Olhando a flecha prateada e brilhante, alinhada e segura na água turva, o Sr. Richardson tocou a gola da camisa, perguntando-se em que direção estava naquele instante.

E, finalmente, a foto mais surpreendente de todas ficou para a Sra. Richardson: uma gaiola de passarinho recortada em papel, quebrada como se algo muito poderoso tivesse se libertado lá de dentro. Ao olhar com mais atenção, ela percebeu que a gaiola era feita de jornal. Mia cortara cuidadosamente cada palavra com uma lâmina de barbear para abrir os espaços entre as barras. A Sra. Richardson tinha certeza de que era um dos seus artigos, mas com todas aquelas palavras cortadas não havia como saber qual: o elogio da arrecadação de fundos do Centro da Natureza, o relatório sobre a nova colunata da comunidade, o progresso do projeto "Patrulha Cidadã", qualquer uma daquelas matérias que ela havia produzido religiosamente ao longo dos anos, qualquer uma daquelas histórias que haviam, contrariando suas intenções, construído a maior parte da sua carreira. Cada barra quebrada curvava-se graciosamente para fora, como a pétala de um crisântemo, e no meio da gaiola repousava uma pequena pena dourada. Algo tinha escapado dali de dentro. Algo havia descoberto suas asas. Ao montar aquela fotografia, este foi o melhor desejo de Mia para a Sra. Richardson.

Eles só perceberam que faltava uma foto quando a Sra. Richardson pegou a última e encontrou uma série de negativos. A mensagem era clara: Mia não ia tentar vendê-las, não iria divulgá-las ou guardá-las para ter alguma vantagem no futuro. *São suas*, parecia dizer, *são vocês. Façam o que quiserem com elas.* Lá dentro estavam seus retratos, invertidos e revertidos, toda a escuridão transformada em luz e a luz transformada em escuridão. Mas um dos negativos não correspondia a nenhuma das cópias: Izzy a havia retirado na noite anterior, quando entrara no apartamento vazio e não encontrara Pearl e Mia, apenas o envelope com fotos deixado para trás

como uma despedida. Soube na mesma hora que a foto era sua: uma rosa preta caída em um pedaço rachado da calçada, as pétalas feitas com o couro preto de botas — suas botas adoradas, que a faziam se sentir poderosa, que sua mãe jogara fora —, as pétalas externas feitas com a ponta gasta; as internas, mais escuras, com a lingueta. Um cadarço com a extremidade desfiada esticado para formar o caule. Pedaços de costura amarelos, arrancados da sola, formavam os filamentos delicados do miolo. A dureza tornada delicada, até mesmo bela. Izzy enfiara a fotografia na bolsa, depois fechara o envelope e apagara as luzes, trancando a porta ao sair. Sua família, que ficara apenas com o negativo, só veria seu minúsculo inverso: uma flor pálida, branca feito a lua, uma placa cinza-escura ao fundo como o céu noturno coberto de nuvens.

Só no fim daquela tarde, quando checou a caixa-postal no celular, o Sr. Richardson soube da notícia. Na gravação cheia de ruídos, Mark McCullough chorava tanto que o Sr. Richardson mal conseguiu entender o que dizia. Na noite anterior, ele e Linda, exaustos depois da sentença, da coletiva de imprensa e do desafio de todo o processo, tinham dormido como havia muitos meses não faziam: um sono profundo, sem sonhos, sem interrupções. De manhã, estavam sonolentos, embriagados de tanto descanso, e a Sra. McCullough olhara para o relógio na mesa de cabeceira e descobrira que já eram dez e meia. Mirabelle costumava acordá-los ao raiar do dia, chorando para pedir seu café da manhã ou uma fralda nova, e ela soube assim que viu os números vermelhos no relógio que havia alguma coisa errada. Levantara-se da cama num sobressalto e correra até o quarto de Mirabelle sem ao menos calçar as pantufas ou vestir o robe. Mark McCullough — ainda despertando sob a luz forte da manhã — ouvira seu grito no quarto ao lado. O berço estava vazio. Mirabelle não estava mais lá.

Um dia inteiro se passaria até que a polícia conseguisse reunir as pistas e descobrir o que havia acontecido: a porta de correr destrancada na varanda de trás. Era um bairro muito seguro, não era o tipo de lugar onde essas coisas acontecem. A tranca do lado de dentro e de fora estava coberta de impressões digitais. A ausência de Bebe no trabalho; o apartamento vazio dela; e, finalmente, uma passagem de avião comprada em seu nome, um voo para Cantão às 11h20 da noite anterior. Disseram aos McCullough que, depois disso, não havia chance de conseguirem rastreá-la. A China era um país muito grande, dissera o inspetor sem qualquer rastro de ironia. Bebe já devia ter chegado em Cantão àquela altura, e quem sabia aonde poderia ir? Era uma agulha em um palheiro. Eles poderiam torrar todo o dinheiro que tinham, dissera o inspetor, tentando encontrá-las.

Quase um ano depois — quando a casa dos Richardson estava quase pronta, quando os McCullough tinham gastado não todo o seu dinheiro, mas dezenas de milhares de dólares com detetives e disputas diplomáticas sem grandes resultados —, a Sra. McCullough e a Sra. Richardson se encontraram para almoçar no restaurante Saffron Patch. Tinham se visto ao longo dos últimos meses tumultuosos da mesma forma que ao longo de décadas de altos e baixos, como continuariam se vendo ao longo das diversas colinas e vales que ainda teriam pela frente.

— Mark e eu nos candidatamos para adotar um bebê da China — disse a Sra. McCullough à Sra. Richardson, colocando o frango *tikka masala* em cima de uma colherada de arroz.

— Que ótimo — disse a Sra. Richardson.

— A moça da agência disse que somos candidatos ideais. Acha que em seis meses vão conseguir encontrar um bebê para nós.

A Sra. McCullough bebeu um gole de água.

— Ela disse que, vindo da China, as chances de a família do bebê tentar recuperar a guarda são quase nulas.

A Sra. Richardson debruçou-se sobre a mesa para apertar a mão de sua velha amiga.

— Vai ser um bebê de muita sorte — disse ela.

O que mais assombraria a Sra. McCullough seria o fato de Mirabelle não ter chorado quando Bebe enfiara os braços no berço, a pegara e a levara embora. Apesar de tudo — da comida caseira, dos brinquedos, das madrugadas e do amor, tanto amor, mais amor do que a Sra. McCullough poderia ter imaginado que era possível —, ela ainda sentira que o colo de Bebe era um lugar seguro, um lugar ao qual pertencia. O próximo bebê, dizia ela a si mesma, viria de um orfanato e nunca teria conhecido outra mãe. Seria inquestionavelmente deles. A Sra. McCullough já se sentia zonza de amor pela criança que ainda não conhecia. Tentava não pensar em Mirabelle, a filha que tinham perdido, levando em algum lugar uma outra vida, uma vida estrangeira.

* * *

Naquela última noite, antes de saírem da casa dos Richardson, Pearl colocara ruidosamente as chaves na caixa de correio e voltara para o carro. Enfim fizera a pergunta que estava na ponta da sua língua.

— E se aquelas fossem as fotos que iam deixar você famosa?

Não seriam. Aquilo seria apenas a ideia começando a despontar na mente de Mia enquanto ela acendia o farol. Um fragmento de ideia, ainda não amalgamado em imagem, muito menos em palavras. Na realidade, os Richardson nunca venderiam aquelas fotos. Eles as guardariam e elas acabariam se tornando incômodas heranças de família, algo que provocaria curiosidade nas gerações futuras quando a última caixa empoeirada no sótão fosse encontrada e aberta: de onde tinham vindo aquelas fotos, quem as tirara, o que significavam?

Naquele instante, Mia passou a primeira marcha.

— Então vou dever muito, muito mais a eles do que o preço das fotos.

Ela guiou o Rabbit, passando pelo lago dos patos, pela avenida Van Aken e pelas faixas expressas rumo à rua Warrensville, que as levaria até a autoestrada, a saída de Cleveland e dali em diante.

— Eu queria ter tido a chance de me despedir.

Pearl pensou em Moody, em Lexie e em Trip, nos laços que ainda a ligavam a eles de maneiras diferentes. Ela tentaria muitas vezes, ao longo dos anos, ao longo da vida, desembolar

aqueles laços, e descobriria toda vez que não era possível.

— E Izzy. Queria ter visto Izzy pela última vez.

Mia ficou calada, pensando na menina também.

— Pobre Izzy — falou finalmente. — Ela quer tanto ir embora daquele lugar.

Uma ideia começou a se formar na mente de Pearl, girando loucamente em círculos dourados.

— Podemos voltar e buscá-la. Posso escalar a varanda de trás, bater na janela dela e…

— Minha querida — disse Mia —, Izzy só tem quinze anos. Existem regras sobre essas coisas.

Mas enquanto o carro acelerava pela rua Warrensville em direção à autoestrada I-480, Mia se permitiu um breve devaneio. Estariam em uma estrada de duas pistas, alguma rodovia secundária, o tipo preferido de Mia: que serpenteava através de vilarejos com uma lojinha, um café e uma bomba de gasolina. A poeira se ergueria no ar quando passassem, feito nuvens douradas. Elas fariam uma curva e, naquela névoa dourada, veriam um vulto sombrio no acostamento, o braço estendido, um polegar para cima. Mia desaceleraria e, quando a poeira baixasse, veriam primeiro seu cabelo, um volume amarelo no fundo amarelo, reconhecendo aquele cabelo selvagem, aquela impetuosidade dourada, antes mesmo de verem seu rosto, antes mesmo de pararem e escancararem a porta, deixando-a entrar.

* * *

No sábado de manhã, enquanto Mia e Pearl atravessavam Illinois, Izzy — ainda com um leve cheiro de fumaça no cabelo — pegou um ônibus Greyhound rumo a Pittsburgh. Do outro lado da cidade, só agora sua família se reunia à margem do lago, vendo os bombeiros molharem a casa, apagando chama por chama. Em seu bolso traseiro, ela levava o endereço encontrado nos arquivos da mãe, que vasculhara até tarde na noite anterior, depois de fazer sua mala. *George e Regina Wright. Bethel Park, Pensilvânia.* Havia um número de telefone também, mas Izzy sabia que um telefonema não lhe traria as respostas de que precisava. A pasta na escrivaninha da mãe — cuidadosamente rotulada M.W. com sua letra delicada — estava cheia, e ela leu tudo, sentada à luz do abajur na cadeira do escritório, enquanto todos dormiam em silêncio lá em cima. Debaixo do endereço dos Wright, ela copiara outro: *Anita Rees, Galeria Rees*. Era em alguma região de Nova York. Izzy sabia que Mia tinha começado lá quando era um pouco mais velha que ela. Ficou imaginando como seria o lugar.

Talvez uma daquelas pessoas a ajudasse a encontrar Mia, aonde quer que ela tenha ido. Talvez a mandassem de volta para seus pais. E se fizessem isso? Ela iria embora outra vez. Iria embora quantas vezes fossem necessárias, até ter idade suficiente para que ninguém a mandasse de volta. Continuaria procurando até encontrar o que buscava. Pittsburgh a chamava, e depois Nova York: o passado de Mia, mas o futuro de Izzy. Aquilo a levaria até Mia de alguma forma.

Então, sentando-se no banco e apoiando a cabeça na janela, ela imaginou como seria. Primeiro veria Mia por trás, mas claro que a reconheceria imediatamente. Izzy conhecia seus contornos feito um formato que havia traçado muitas vezes até decorar. Encontraria Mia e, quando ela se virasse, abriria os braços, acolheria Izzy e a levaria aonde quer que fosse em seguida.

Naquela última noite, enquanto se preparava para dormir na casa da rua Winslow pela primeira vez, a Sra. Richardson começou a pensar, como faria por muito tempo dali em diante, em sua filha mais nova. Ela desconhecia os ruídos da casa: o zumbido da geladeira, o ronco discreto do aquecedor lá embaixo, o rangido de um galho arranhando o telhado de ardósia. Ela se levantou e saiu, sentando-se nos degraus da entrada da pequena casa, o roupão de banho amarrado no corpo. Sob seus pés, o degrau de cimento estava frio e ligeiramente úmido, como se uma névoa tivesse acabado de se dissipar.

Passara o dia todo enfurecida com Izzy, tanto internamente quanto em voz alta. Criança ingrata, dissera ela. Como podia ter feito aquilo? Ah, o que ela faria quando a encontrassem. Deixaria a menina de castigo pelo resto da vida. Eles a mandariam para um colégio interno, um colégio militar, um convento. Quase cogitava deixar que a polícia a levasse, para que ela aprendesse sobre consequências na cadeia. Seu marido e seus filhos, acostumados com suas explosões de fúria direcionadas a Izzy, assentiriam em silêncio, deixando-a falar. Mas era diferente das outras vezes. Izzy ultrapassara todos os limites, e — como cada membro da família foi entendendo aos poucos — talvez nunca mais voltasse.

A polícia estava procurando por Izzy, é claro. Haviam emitido um alerta em seu nome, uma jovem fugida e possivelmente em perigo, e nos dias seguintes a Sra. Richardson lhes daria fotos para os boletins e cartazes, iria atrás dos amigos e colegas de Izzy, um por um, buscando pistas sobre seu paradeiro. Mas as pessoas que poderiam saber, percebeu ela, já haviam ido embora. Ao longo de toda a rua, as casas eram iguais a quaisquer outras, mas lá dentro havia pessoas que podiam estar felizes, refugiando-se ou se preparando para sair pelo mundo, em busca de algo melhor. Tantas vidas sobre as quais ela nunca saberia desdobravam-se atrás daquelas portas.

Já era quase meia-noite e um carro passou rapidamente pela rua Winslow, os faróis altos, como se tivesse algum lugar importante onde estar, depois desapareceu na escuridão. Ela devia parecer maluca para os vizinhos, pensou, sentada nos degraus lá fora, no escuro, mas pela primeira vez não se importou. A raiva que alimentara o dia todo se apagara, feito o calor da tarde se esvaindo à medida que a noite caía, deixando-a com um único pensamento, frio, cristalino e penetrante como uma estrela: Izzy se fora. Tudo o que a enfurecia em Izzy, antes mesmo que a menina tivesse nascido, estava enraizado naquele medo, no medo de perdê-la. E agora isso tinha acontecido. Um lamento agudo brotou em sua garganta, afiado feito a lâmina de uma faca.

Pela primeira vez, seu coração começou a se partir, pensando em sua filha solta pelo mundo. Izzy: aquela criança que lhe causara tantos problemas, que tanto a preocupara, que nunca parara

de preocupá-la e de se preocupar, cuja energia inquieta finalmente a levara a alçar voo. Aquela criança que ela achava ter sido seu oposto mas que, no fundo, herdara, carregara e alimentara a fagulha que sua mãe havia muito contivera, a mesma certeza ardente de que sabia distinguir entre o certo e o errado. Ela pensou, como faria com frequência por muitos anos, na fotografia daquela manhã, com a pena dourada lá dentro: Seria um retrato dela ou da filha? Ela própria era o pássaro tentando se libertar ou era a gaiola?

A polícia ia encontrar Izzy, disse a si mesma. Eles a encontrariam e ela poderia se redimir. Não sabia como, mas tinha certeza de que poderia. E se a polícia não conseguisse encontrá-la? Então ela mesma procuraria por Izzy. Pelo tempo que fosse, para sempre, se necessário. Anos poderiam se passar e ambas poderiam mudar, mas tinha certeza de que ainda reconheceria a própria filha, assim como reconheceria a si mesma, independentemente de quanto tempo passasse. Estava certa disso. Passaria meses, anos, o resto da vida procurando a filha, buscando seu rosto em cada moça que conhecesse pelo tempo que fosse, buscando uma faísca de familiaridade nos rostos de desconhecidos.

Agradecimentos

Quando eu estava em turnê com *Tudo o que nunca contei*, alguém na plateia me perguntou: "Eu contei, e você agradeceu a sessenta e cinco pessoas… Por que tanta gente?" Eu expliquei que, apesar do meu ser o único nome na capa, muitas, muitas pessoas tinham me ajudado ao longo do caminho, e o livro não existiria sem elas. Isso é ainda mais verdadeiro da segunda vez.

Agradeço como sempre à minha superagente Julie Barer e a todos no Book Group. Sou muito grata por fazer parte da Barer Nation. Minha editora imperturbável, Virginia Smith Younce, tornou este livro melhor e mais rico com sua sábia orientação, e Jane Cavolina consertou minha cronologia e os itálicos com uma paciência suprema. Juliana Kiyan, Anne Badman, Sarah Hutson, Matthew Boyd, Scott Moyers, Ann Godoff, Kathryn Court, Patrick Nolan, Madeline McIntosh e a equipe inteira da Penguin Press e da Penguin Books fizeram um trabalho fantástico lançando este livro no mundo inteiro. Agradeço por terem me apoiado mais uma vez.

Meu fiel grupo de escrita, os Chunky Monkeys (Chip Cheek, Calvin Hennick, Jennifer De Leon, Sonya Larson, Alexandria Marzano-Lesnevich, Whitney Scharer, Adam Stumacher, Grace Talusan e Becky Tuch) foram os primeiros leitores deste livro. Sua torcida me ajudou a terminar e nossas correntes de e-mail foram uma salvação. Ayelet Amittay, Anne Stameshkin e meu grupo do mestrado: como sempre, vocês mostram o caminho. Jes Häberli e Danielle Lazarin, vou mandar uma van de donuts para vocês. Meus amigos não escritores me mantiveram sã e equilibrada ao longo deste trajeto louco; especificamente, não entendo como Katie Campbell, Samantha Chin e Annie Xu ainda me aguentam.

Agradeço imensamente aos meus leitores tanto deste romance quanto do primeiro. Àqueles que me enviaram e-mails, me escreveram cartas, me entregaram bilhetes durante as leituras ou conversaram comigo junto à mesa de autógrafos: obrigada. Não sou capaz de expressar minha gratidão. Muito obrigada aos meus amigos do Twitter também: vocês me lembram todos os dias de como as pessoas podem ser inteligentes, engraçadas e bondosas.

E, finalmente, o último e maior agradecimento à minha família. Lily e Yvonne Ng encorajaram meu hábito de escrever desde cedo. Eu não estaria aqui se não fosse por vocês — no sentido figurado e no literal. Meu marido, Matt, acreditou que meu trabalho era a escrita muito antes de mim, e me disse isso várias vezes. Obrigada por tudo o que você faz. E meu filho, até hoje minha melhor criação: posso estar sendo repetitiva, mas estou fazendo meu melhor.

Sobre a autora



© Kevin Day

Celeste Ng nasceu nos Estados Unidos e já morou em Shaker Heights. Formou-se em Harvard e fez mestrado em belas-artes na Universidade de Michigan, onde ganhou o Hopwood Award. Seu romance de estreia, *Tudo o que nunca contei*, ganhou o Massachusetts Book Award, o Asian/Pacific American Award for Literature e o ALA's Alex Award. Celeste mora em Cambridge, no estado americano de Massachusetts, com o marido e o filho.

Conheça outro título da autora

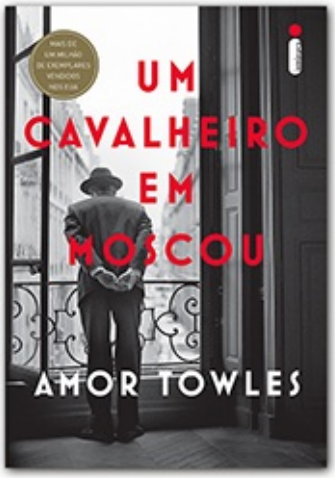


Tudo o que nunca contei

Leia também



Me chame pelo seu nome
André Aciman



Um cavalheiro em Moscou
Amor Towles



Mulheres sem nome
Martha Hall Kelly